



# 24º Colóquio da Lusofonia

## 24-27 setembro 2015

Entrada Livre - Hotel Graciosa Resort



# XXIV COLÓQUIO DA LUSOFONIA

## SANTA CRUZ DA GRACIOSA 24-27 setembro 2015

# ATAS/ANAIS



ISBN 978-989-8607-06-5



1. **HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE**

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental, Açores (ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza continua a tentar negociar idas a outros países: Itália, EUA, Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, Polónia, Roménia, França e outros países.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, *“I had a dream...”* para explicar como já realizámos vinte e quatro Colóquios da Lusofonia.

Criados em 2001, passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 2010 e, cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos/as de longa data se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado/a - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos axíónimos, ou títulos apensos aos nomes. Esta pequena revolução tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação mais abrangente), e daí termos realizado o 21º Colóquio numa praia...

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia.

Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

#### **NO 1º COLÓQUIO 2002 AFIRMOU-SE**

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.

Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

*“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.*

*Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.*

*A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”*

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora.

Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal.



A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

*“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto, é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês.*

*De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem.*

*Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.*

*Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.*

*Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.*

*É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.*

*Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002, patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidi dependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas/Anais em DVD/CD no ato de acreditação dos participantes.

### **NO 2º COLÓQUIO [2003] DISSE-SE**

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão.

Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização.

Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

### **NO 3º COLÓQUIO [2004], CUJO TEMA ERA A LÍNGUA MIRANDESA, DIZIA-SE**

*Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.*

*Este Colóquio como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos.*

*Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.*

EM 2004, **LANÇAMOS**

A campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

NO 4º COLÓQUIO [EM 2005] SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE, **ESCREVIA-SE**

*“O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa “tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas” e é tanto mais plausível porque “o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli”, afirma Hull. “A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender” a língua portuguesa”.*

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral.

As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o Tétum e vários dialetos. O objetivo destas iniciativas é “aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades”. De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que “foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor”, e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor.

*“O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o Tétum”.*

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que “de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”. Por isso “não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado e a crescer nos restantes países”.

**EM 2006, NO 6º COLÓQUIO**

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele

mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcançá-lo ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do Colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

**EM 2007, NO 8º COLÓQUIO BUSCOU-SE UM TEMA AINDA MAIS POLÉMICO E A NECESSITAR DE DEBATE:**

“O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... a própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação

da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer.

Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios [Anuais] da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, Seia em 2013, Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011), Maia (2013) na praia, nos Moinhos de Porto Formoso em 2014 e, de novo, em Seia 2014.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade. De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

#### **EM 2007 NO 8º COLÓQUIO**

Atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

#### **EM 2008 NO 10º COLÓQUIO**

Inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”.

Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores). A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.



**EM 2009 NOS 11º E 12º,**

Definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

**EM JANEIRO DE 2010**

Lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar online para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

**TAMBÉM EM 2010,**

O 13º Colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a essa décima ilha açoriana que é Santa Catarina e Florianópolis.

**EM 2010, BRAGANÇA, NO 14º COLÓQUIO,**

Na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquios, o qual já está no portal, disponível apenas para os associados.

**EM 2011, NO 15º COLÓQUIO,**

Uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora ainda não tenham trazido resultados práticos.

Ali se lançou o segundo volume do livro Crónicas Açores de Chrys Chrystello

**NESSE ANO DE 2011, NO 16º COLÓQUIO,**

Fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além de se apresentar a **Antologia bilingue de autores açorianos**, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

**EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA,**

Reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

**EM OUTUBRO 2012, NO 18º COLÓQUIO,**

Levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público.

**NA LAGOA E NA GALIZA (2012)**

Difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino.

Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, **a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores



(2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil**

#### **NA MAIA (2013) NO 19º COLÓQUIO,**

Lançaram-se vários novos projetos, a Antologia no feminino (9 Ilhas 9 escritoras), um cancionero, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP

#### **EM SEIA (2013) NO 20º COLÓQUIO,**

Criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Doutora Zilda Zapparoli, que será composto por textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos. Esta proposta foi feita a José Lopes Moreira Filho durante a sua comunicação ao 20º Colóquio, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.. Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão *pop*, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel, Açores, com vista ao lançamento de um CD. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

#### **2014, O 21º COLÓQUIO**

Teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a Praia dos Moinhos, Porto Formoso. Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia em honra de Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º Colóquio além de tentarmos criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI, e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato. Lançamos no 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”** incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho

#### **EM 2014, NO 22º COLÓQUIO EM SEIA,**

Tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos igualmente trazer um grupo de dançarinos/as de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, tentando fazer uma aproximação entre culturas lusófonas bem distantes. Anunciaram-se inovações interativas para o preenchimento das fichas de inscrição e a preparação de pequeno volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas. Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil. Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma? Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa. -“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)” - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, Professor Visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos. A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado em casos como o do Egito, com mais de 5.000 anos, e é pobre.

Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a

segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, como cofre-forte do mundo. Na comparação entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, demonstra-se que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...

A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética.

### **SOLUÇÃO-SÍNTESE:**

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um micro Estado.

As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas. Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King: “ *O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...*”

**LEIA O MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO, [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/AICL/AICL-MANIFESTO-2012.HTML](https://www.lusofonias.net/aicl/aicl-manifesto-2012.html)**

## **2. TEMAS 2015 GRACIOSA**

### **TEMA 1 AUTORES E TEMAS DA ILHA GRACIOSA**

- 1.1. **AUTORES E OBRAS LOCAIS**
- 1.2. **FALARES DA GRACIOSA**
- 1.3. **DA HISTÓRIA DO POVOAMENTO AOS NOSSOS DIAS, UMA IDENTIDADE GRACIOSENSE**

### **TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo
- 2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.3. Língua Portuguesa Língua de Identidade e Criação
- 2.3. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 2.4. Língua Portuguesa, Lusofonia e diásporas
- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências

2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia

2.9. Outros temas lusófonos

**TEMA 3 AÇORIANIDADES**

**3.1 ARQUIPÉLAGO DA ESCRITA (AÇORES) - LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA**

3.2. AÇORIANOS EM MACAU E EM TIMOR – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, (Bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado

3.3. Revisitar a Literatura de Autores Estrangeiros sobre os Açores:

· Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

· Bullar, Joseph / Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

· Henriques, Borges de F. (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

· Orrico, Maria "Terra de Lídia",

· Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à Ilha",

· Tabucchi, António, "Mulher de Porto Pim"

· Twain Mark (1899): *The Innocents Abroad, Volume I*, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI

· Updike, John. "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp. 11-37

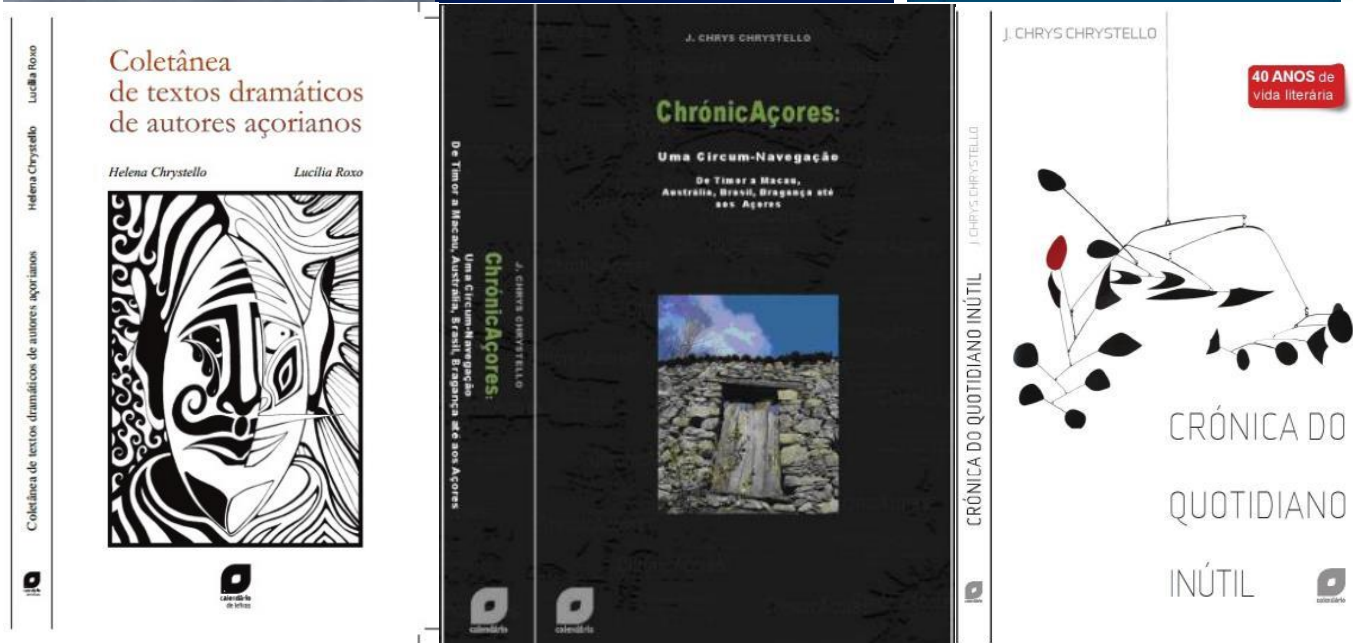
**TEMA 4 TRADUTOLOGIA**

4.1. Tradução de Literatura lusófona

4.2. tradução de e para português

---

**3. MOSTRA DE LIVROS AICL/CALENDÁRIO DE LETRAS**



4. RECITAIS MÚSICA CLÁSSICA, CANCIONEIRO AÇORIANO E POETAS MUSICADOS\_- ANA PAULA ANDRADE (PIANO), PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO,



**CONSERVATÓRIO REGIONAL, PONTA DELGADA, AÇORES / AICL, E CAROLINA CONSTÂNCIA AO VIOLINO**

5. **RECITAL DE MÚSICA TENOR FRANCISCO LOBÃO DO TEATRO DE SÃO CARLOS, Lisboa) COM ANA PAULA ANDRADE NO Piano**

6. **MÚSICA FOLCLÓRICA (GRUPO DE FOLCLORE GUADALUPE)**

7. **SESSÕES DE TEATRO -GIRA TEATRO DE FLORIANÓPOLIS, STA CATARINA, BRASIL E A SEMENTE, ILHA GRACIOSA**

8. **APRESENTAÇÃO LITERÁRIA SAHAR A RAPARIGA DO VÉU DE SUSANA TELES MARGARIDO ED LETRAS LAVADAS**

9. **APRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA OBRA DE D. M<sup>a</sup> LUÍSA LOBÃO: OS CHEIROS DA NOITE - A MEMÓRIA DA ILHA\_ POR\_ BRITES ARAÚJO**

**10. SESSÕES DE POESIA**

- ÁLAMO OLIVEIRA,
- BRITES ARAÚJO,
- CONCHA ROUSIA,
- CHRYS CHRYSTELLO,
- SUSANA MARGARIDO (poesia de outrem),
- LUCIANO PEREIRA

**11. PASSEIOS CULTURAIS**

- Visita guiada ao Museu da Graciosa,
- Passeio à Praia (S. Mateus), / [Termas do Carapacho](#); / Guadalupe;
- Parque Natural Da Graciosa [http://lusofonias.net/images/pdf/FurnaEnxofre-JL-Gaspar\\_x264.mp4](http://lusofonias.net/images/pdf/FurnaEnxofre-JL-Gaspar_x264.mp4)

**12. COMISSÕES**

**COMISSÃO EXECUTIVA DO 24º COLÓQUIO**

*PRESIDENTE*, Chrys Chrystello, M.A. (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL

*VICE-PRESIDENTE*, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

*VOGAIS*:

- Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, Manuel Avelar
- Vice-Presidente da Câmara Municipal, M<sup>a</sup> Conceição de Sousa da Luz Cordeiro
- Brites Araújo, escritora
- Jorge Cunha, Diretor do Museu da Graciosa

**SECRETARIADO EXECUTIVO**

*PRESIDENTE*: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

*ADJUNTOS*:

Rolf Kemmler, Universidade do Alto Douro

Perpétua Santos Silva, Instituto Politécnico de Santarém

José Soares, Jornalista AÇOR-CANADIANO

**COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL - ASSOCIAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA 2013-15**

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro, Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara, UDI Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Chrys Chrystello, M.A., jornalista/escritor, Presidente da Direção da AICL
4. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, Vice-Presidente da AICL, Açores,

Atas 24º colóquio da lusofonia –

5. Prof.<sup>a</sup> Doutora M<sup>a</sup> do Rosário Girão (Dept<sup>o</sup> Estudos Românicos) Univ. Minho Braga,
6. Professor Doutor Rolf Kemmler, (CEL) Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) Vila Real,
7. Prof. Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Inst<sup>o</sup> Polit<sup>o</sup> Setúbal,
8. Prof.<sup>a</sup> Doutora Anabela Naia Sardo, ESTH, UDI, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
9. Eduardo Bettencourt Pinto, escritor, Vancouver, Canadá
10. Prof. Doutor Manuel J Silva, Universidade do Minho,
11. Concha Rousia, MSc, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
12. Prof.<sup>a</sup> Doutora M<sup>a</sup> Zélia Borges, jubilada Universidade Mackenzie, S. Paulo, Brasil
13. Prof.<sup>a</sup> Doutora Anabela Freitas (Mimoso), Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Porto,
14. Dr. Ângelo Cristóvão, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
15. Dr J H Álamo Oliveira, escritor, ex- DRC, Terceira, Açores
16. Dr Norberto Ávila, escritor, Lisboa, Portugal

**ORADORES / PRESENCIAIS / CONVIDADOS / ORG GRACIOSA 24-27 setembro 2015**

NOME	INSTITUIÇÃO	TEMA E TÍTULO
1. AFONSO TEIXEIRA FILHO	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO BRASIL, AICL	3.1. O ANFITRIÃO, DE NORBERTO ÁVILA
2. ÁLAMO OLIVEIRA	ESCRITOR AÇORIANO, TERCEIRA, AÇORES, AICL	3.1. MANUEL MACHADO, ESCRITOR AÇORIANO <b>SESSÃO DE POESIA</b>
3. ALEXANDRE BANHOS	FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, AICL	2.1. A CONSTRUÇÃO DUM MODELO DE LÍNGUA NA GALIZA, NÃO CONFLITUOSO COM CASTELA/ESPANHA; UM SONHO POSSÍVEL OU UM PESADELO? SESSÃO DA AGLP
4. ANABELA SARDO	ESTH /UDI – INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, AICL	3.1. ENTRE A QUIMERA E A REALIDADE: O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES EM MULHER DE PORTO PIM DE ANTÓNIO TABUCCHI
5. ANTÓNIO CALLIXTO	TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO	PRESENCIAL
6. BRITES ARAÚJO	CONVIDADA, ESCRITORA, GRACIOSA AÇORES, AICL	3.1. O TRAÇO INSULAR EM CECÍLIA MEIRELES <b>SESSÃO DE POESIA</b> ORG
7. CHRYS CHRYSTELLO	AUSTRÁLIA/AÇORES, AICL AGLP	3.1. POESIA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA <b>SESSÃO POESIA</b> ORG
8. CÍCERO V SANTOS	BRASIL, AICL	PRESENCIAL
9. CONCHA ROUSIA	AGLP, GALIZA, AICL	2.1. SESSÃO DAS ACADEMIAS SESSÃO DE POESIA SESSÃO DA AGLP TEMA 2.7 LÍNGUA MATERNA E PSICOTERAPIA
10. FÁTIMA MADRUGA	MÉDICA, HOSPITAL DE V. N GAIA, PORTUGAL	PRESENCIAL
11. FRANCISCO MADRUGA	EDITORA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N GAIA, AICL	PRESENCIAL/MOSTRA DE LIVROS
12. HELENA CHRYSTELLO	EBI MAIA, AÇORES, AICL	ORG
13. JOÃO MALACA CASTELEIRO	ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AICL, AGLP	SESSÃO DAS ACADEMIAS RIQUEZA CULTURAL E SOBRIEDADE ESTILÍSTICA NOS ADÁGIOS POPULARES E NAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
14. JOÃO MARTA	BRASIL, AICL	PRESENCIAL
15. JOÃO PAULO ANDRADE	INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA, AÇORES	PRESENCIAL
16. JOHN BAKER	UNIVERSIDADE PITTSBURGH PENSILVÂNIA, EUA	PRESENCIAL
17. JOSÉ PAZ	AGLP, GALIZA	3.1. CECÍLIA MEIRELES, ADMIRADORA DE ROBINDRONATH TAGORE SESSÃO DA AGLP
18. JOSÉ SOARES	S MIGUEL, AÇORES, CANADÁ, AICL	PRESENCIAL

Atas 24º colóquio da lusofonia –

		ORG
19. KATHARINE F BAKER	UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH PENSILVÂNIA, EUA	4. A GRACIOSA ILHA” (“GRACIOSA, THE GRACIOUS ISLAND”) DE VICTOR RUI DORES
20. LUCIANO PEREIRA	E.S.E.- IP SETÚBAL, AICL	3.1.1. VITORINO NEMÉSIO: POËME DRAMATIQUE AU SOLDAT PORTUGAIS INCONNU MORT À LA GUERRE. CONTRIBUTOS PARA A SUA TRADUÇÃO <b>SESSÃO POESIA</b>
21. LUÍS M. GAIVÃO	UNIVERSIDADE DE COIMBRA, AICL	2.1. O “OUTRO” E A IDENTIDADE ANGOLANA: INCORPORAÇÕES E TRANSCULTURALIDADES NO SUL, SEGUNDO MANUEL RUI
22. Mª DA CONCEIÇÃO CASTELEIRO	LISBOA, PORTUGAL AICL	PRESENCIAL
23. Mª DO SOCORRO PESSOA	BRASIL, LEIP – UNIVERSIDADE DE AVEIRO, AICL	2.5. POLÍTICAS DIDÁTICO-LINGUÍSTICAS PARA DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA
24. Mª HELENA ANÇÃ	UNIVERSIDADE DE AVEIRO, AICL	2.5. A DISCIPLINA DE PORTUGUÊS NO ÂMBITO DO NOVO CURRÍCULO DO ENSINO SECUNDÁRIO GERAL EM TIMOR-LESTE
25. Mª ZÉLIA BORGES	UNIVERSIDADE MACKENZIE S PAULO, BRASIL, AICL	2.7. INHOTIM – ESPAÇO LUSÓFONO, MAS TAMBÉM BILÍNGUE.
26. MARISA MENDONÇA	DIRETORA EXECUTIVA DO IILP CPLP	ILP: POR UMA VISÃO E GESTÃO PLURICÊNTRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA - SESSÃO DAS ACADEMIAS
27. MIGUEL JUBÉ	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, UFG/CNPQ, BRASIL	PRESENCIAL PREMIADO AICL 2014 POEMAS DE MINIMEMÓRIAS 3.1 RECOLHIMENTO DA MATÉRIA E RESTAURAÇÃO DA MEMÓRIA NA POESIA DE EMANUEL FÉLIX
28. MIGUEL LOPES	EB 2,3 MAIA S MIGUEL AÇORES	PRESENCIAL
29. NORBERTO ÁVILA	ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES, AICL	PRESENCIAL
30. OLINDA G KONRAD	PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL	PRESENCIAL
31. PERPÉTUA SANTOS SILVA	CIES/ISCTE-IUL, IP SANTARÉM, AICL	2.1. A LÍNGUA PORTUGUESA COMO MARCADOR NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO CONTEXTO MULTICULTURAL DE MACAU ORG
32. ROLF KEMMLER	UTAD VILA REAL, ALEMANHA, AICL	3.3 OS AÇORES VISTOS POR UM AÇORIANO NA DIÁSPORA: A TRIP TO THE AZORES OR WESTERN ISLANDS (1867) DE MANUEL BORGES DE FREITAS HENRIQUES (1827-1873) ORG
33. SANDRA PROSDÓCIMO	GIRA TEATRO, SANTA CATARINA, BRASIL	PRESENCIAL <b>SESSÕES DE TEATRO</b>
34. SANTA INÊZE SOARES	AICL, INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE, RS, BRASIL,	PRESENCIAL
35. SUSANA TELES MARGARIDO	ESCRITORA S MIGUEL, AÇORES / AICL	3.1. SAHAR, A RAPARIGA DO VÉU <b>SESSÃO DE POESIA</b>
<del>VALTER HUGO MÃE</del>	<del>ANGOLA, CONVIDADO AICL,</del>	<del>TEMA LIVRE</del>
36. VICTOR RUI DORES	CONVIDADO AICL, ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA, HORTA, AÇORES	1.1. DA MINHA GRACIOSENSIDADE
37. D. XIMENES BELO	TIMOR-LESTE, CONVIDADO AICL,	3.2. BISPOS AÇORIANOS NO ORIENTE

**PARTICIPANTES NAS SESSÕES CULTURAIS**

38. ACIOLINDA ESPÍNOLA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
39. ANA FÉLIX	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
40. ANA PAULA ANDRADE	CONSERVATÓRIO REG. PONTA DELGADA, S MIGUEL AÇORES, AICL	RECITAIS MÚSICA
41. BIANCA SILVA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
42. BRUNO SILVEIRA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO

Atas 24º colóquio da lusofonia –

43. CAROLINA CONSTÂNCIA	CONSERVATÓRIO REG. PONTA DELGADA, S MIGUEL AÇORES	RECITAIS
44. DANIELA BETTENCOURT	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
45. EULÁLIA FREITAS	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
46. FÁBIO MENDES	EBS GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA ORG LOCAL
47. FÁTIMA ÁVILA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
48. FERNANDO RUI AGUIAR	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
49. FILIPE FÉLIX	ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
50. FRANCISCO LOBÃO	TEATRO NACIONAL S. CARLOS, LISBOA GRACIOSA	RECITAIS MÚSICA
51. GRUPO FOLCLÓRICO GUADALUPE	GUADALUPE, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
52. JOÃO NATAL BETTENCOURT	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
53. JOANA MELO	ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
54. JORGE CUNHA	DIRETOR MUSEU GRACIOSA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	ORG SESSÕES DE TEATRO
55. JOSÉ GABRIEL MARTINS	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
56. LURDES CUNHA	EBS GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO E PASSEIOS
57. LÚCIA AGUIAR	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
58. MANUEL OSVALDO	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
59. MARINA SILVA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
60. PAULA SANTOS	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
61. SUSANA SILVA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
62. TATIANA SILVA	<b>CORO DE CÂMARA MUS&amp;CANTO GRACIOSA</b>	SESSÕES DE MÚSICA
63. TONI SILVEIRA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO

**NÃO INSCRITOS A ASSISTIREM**

64. ANTÓNIO MAGALHÃES	GRACIOSA	ASSISTENTE
65. LÍBIA SILVA	GRACIOSA	ASSISTENTE
66. LUÍSA LOBÃO	GRACIOSA	ASSISTENTE
67. LURDES MAGALHÃES	GRACIOSA	ASSISTENTE
68. MANUEL JORGE LOBÃO	GRACIOSA	ASSISTENTE
69. M <sup>o</sup> ALICE SÁ	S MIGUEL AÇORES	ASSISTENTE
70. MERCÊS COELHO	GRACIOSA	ASSISTENTE
71. ZILDA MORAIS	GRACIOSA	ASSISTENTE

**MODERADORES**

ÁLAMO OLIVEIRA, CHRYS CHRYSTELLO, CONCHA ROUSIA, HELENA CHRYSTELLO, LUCIANO PEREIRA, NORBERTO ÁVILA, PERPÉTUA SANTOS SILVA, ROLF KEMMLER

**13. HORÁRIO DAS SESSÕES**

Entrada gratuita. Sessões abertas ao público. A participação nos passeios, almoços e jantares está reservada aos pré-inscritos até 1 de setembro

[Ver horário aqui](#)

**14. DISCURSO DA SESSÃO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL**

Apresento os meus cumprimentos ao Sr Presidente da Câmara Manuel Avelar, à senhora diretora executiva do IILP Instituto Internacional da Língua Portuguesa/CPLP, Dra. Marisa Mendonça, a Dom Ximenes Belo Prémio Nobel da Paz 1996 e ao escritor Valter Hugo Mãe convidados de honra deste 24º Colóquio, assim como às demais entidades e individualidades, políticas, públicas, locais e regionais, nacionais e internacionais, congressistas, colegas, senhores e senhoras



## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Antes de mais aqui presto o meu preito à Câmara Municipal e ao seu prestimoso Presidente, Manuel Avelar, ao Hotel Graciosa Resort e Adão Torres seu diretor executivo, pelo patrocínio prestado, bem como à SATA e ao Governo Regional, Direção Regional das Comunidades, Direção Regional da Cultura, Direção Regional do Turismo, Direção Regional do Ambiente, ao Dr Jorge Cunha, diretor do Museu da Graciosa, ao Conselho Executivo da EBS Graciosa, à colega Brites Araújo, ao Fábio Mendes e a todos os outros que nos ajudaram, ao longo dos últimos doze meses, a descentralizar mais os colóquios e trazê-los a esta bela e sempre tão esquecida ilha.

Como de costume nesta sessão de abertura vamos falar de História.

*O problema do descobrimento.*

O descobrimento dos Açores está envolto nas brumas que turvam os céus do arquipélago. Há três teses sobre o tema:

1. As que sustentam que o descobrimento se terá verificado no segundo quartel do século XIV, no reinado de D. Afonso IV<sup>1</sup>
2. As que afirmam que terá ocorrido na primeira metade do século XV, por parte de marinheiros do Infante, designadamente por Fr. Gonçalo Velho<sup>2</sup>; e
3. As que conciliam as duas correntes de opinião<sup>3</sup>.

As primeiras fundamentam-se em mapas genoveses após 1351, onde aparecem ilhas que muitos identificam com os Açores, pela sua localização e nomes. Os mapas indicam um conhecimento das ilhas por marinheiros genoveses ao serviço de Portugal aquando do regresso das expedições às Canárias, no reinado de D. Afonso IV,

As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra de Frei Gonçalo Velho e marinheiros do infante D. Henrique cerca de 1431, baseiam-se na tradição oral que o cronista micalense Gaspar Frutuoso recolheu na segunda metade do séc. XVI, mas escritores como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citam o nome de Gonçalo Velho.

As teses ecléticas consideram que o descobrimento data de D. Afonso IV e que as viagens por ordem do infante D. Henrique foram de simples reconhecimento. O mapa de Beccario datado de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como *“insule de nuovo reperte”*.

O Prof. Damião Peres, lendo atentamente a inscrição da Carta de Valsequa (de 1439), defende que *“estas ilhas foram achadas por Diogo de Sunis (ou de Silves), piloto de el-rei de Portugal no ano de 1427”*.

Gonçalo Velho, depois, primeiro capitão donatário das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria assume o papel de lançador de gado e de colonizador. Pela Carta Régia de 2 de julho de 1439, passada pelo infante D. Pedro, regente na menoridade de D. Afonso V, apenas sete ilhas eram conhecidas pois só em 1452 as Flores e Corvo seriam reconhecidas por Diogo de Teive.

### POVOAMENTO E COLONIZAÇÃO.

O primeiro documento oficial sobre o povoamento é a citada Carta Régia que diz que o infante D. Henrique já havia mandado lançar ovelhas “nas sete ilhas” e providenciara para o seu povoamento. Seguem-se documentos semelhantes, concedendo regalias especiais aos primeiros povoadores.

As primeiras ilhas povoadas foram as de Santa Maria e de S. Miguel, com famílias da Estremadura, Alto Alentejo e Algarve. Quando Gonçalo Velho faleceu, a capitania passou para um sobrinho, João Soares de Albergaria, o qual, se viu forçado a “vender” a capitania a Rui Gonçalves da Câmara que em 1474 que trouxe para S. Miguel muitas famílias madeirenses e um apreciável desenvolvimento social e económico.

O povoamento da ilha Terceira teria começado em 1460, com o flamengo Jácome de Bruges, que levava consigo muitas famílias portuguesas. O Faial e o Pico, foram doados, cerca de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Com ele viriam flamengos, como Wilhelm Van der Hagen (Guilherme da Silveira), que passou às Flores e daqui para a Terceira e S. Jorge, promovendo o povoamento das ilhas das Flores e de S. Jorge.

O povoamento da Graciosa data de cerca de 1450<sup>4</sup> e o da pequena Ilha do Corvo ocorreu por simples extensão do das Flores.

Sabe-se que houve flamengos e portugueses de várias províncias, o que se explica pela intervenção de D. Isabel, condessa da Flandres e mulher de Filipe de Borgonha, junto de seu irmão o infante D. Henrique, primeiro donatário dos Açores. Nesses tempos imigraram mouros e judeus e a população seria revigorada com italianos, castelhanos, franceses, ingleses, escoceses, norte-americanos, etc.<sup>5</sup>. Não obstante o seu grande número, o elemento flamengo acabaria absorvido.

### EXPLORAÇÃO ECONÓMICA.

<sup>1</sup> (H. Major, Ferreira de Serpa, etc.);

<sup>2</sup> (cardeal Saraiva, Aires de Sá, etc.)

<sup>3</sup> (Jordão de Freitas, Velho Arruda, etc.)

<sup>4</sup> Pedro Correia e Vasco Gil Sodré e suas famílias

<sup>5</sup> (cf. Frutuoso, Luís Ribeiro, etc.)

As ilhas estavam cobertas de denso arvoredo, usado para exportação e, construção naval, com muitos estaleiros no litoral. As queimadas e os arroteamentos começaram cedo, sendo a cultura do trigo a primeira em larga escala, com grandes exportações no séc. XV para o Reino e praças de África.

Então começa a era do pastel, cujo produto final, era uma anilina exportada para a Flandres, grande fonte de rendimento bem como a exploração e exportação da urzela<sup>6</sup> e o início da cultura da cana-de-açúcar.

No séc. XVI há um grande desenvolvimento social e económico. Várias povoações são elevadas a vilas e Angra do Heroísmo e Ponta Delgada elevadas a cidades. A exploração do pastel e da urzela atinge então o seu apogeu; a do trigo e da cana-de-açúcar declinam mas as vinhas de castas europeias multiplicam-se; introduzem-se o inhame e a batata-doce; fazem-se as primeiras viragens das terras e as primeiras siderações com tremço; plantam-se os primeiros pinheiros e formam-se as primeiras “quintas”, com a introdução de fruteiras, especialmente citrinos.

No séc. XVII há quebra na cultura do pastel, introduz-se o milho e predominam as culturas do linho e da laranjeira. Depois, registam-se vários cataclismos vulcânicos, que, originam as primeiras emigrações para o Brasil.

No séc. XVIII inicia-se a era da laranja, intensificam-se as plantações de pinheiro, introduz-se a batata e o linho e começa a caça à baleia. No séc. XIX a laranja conhece o seu apogeu e o seu declínio; as vinhas arruinadas de castas europeias são substituídas por castas americanas; introduzem-se novas espécies bovinas e melhoram-se as pastagens, introduzem-se espécies silvícolas de grande rendimento e começa a era do chá, da espadana<sup>7</sup>, do tabaco e do ananás.

O armentio<sup>8</sup> melhora e começa a indústria dos laticínios; industrializa-se a batata-doce (fábricas de álcool); ensaia-se a cultura da beterraba sacarina e observa-se grande movimento emigratório para o Brasil, EUA, Hawai, etc.

Na primeira metade do séc. XX há grandes oscilações da cultura do ananás, fabrica-se açúcar de beterraba, introduz-se a chicória, intensificam-se culturas cerealíferas e a pesca e entra-se na era dos mas há uma acentuada emigração para o estrangeiro.

#### PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS LIGADOS À HISTÓRIA PÁTRIA.

Logo após o povoamento, os Açorianos estiveram na conquista e na defesa de praças portuguesas do norte de África, conforme conta Gaspar Frutuoso. Nos finais do séc. XV e seguinte as ilhas desempenharam papel de relevo nas viagens de exploração. Daqui partiram os irmãos Corte-Real, João Fernandes Labrador e outros. No regresso da sua primeira viagem, Colombo demorou-se na ilha de Santa Maria.

Graças à sua geolocalização os Açores tiveram enorme relevo nas viagens de retorno da Índia. Daí a frequência nos seus mares de corsários argelinos, franceses e ingleses, que atacavam não só os navios portugueses da Índia e do Brasil, como as populações indefesas do litoral das ilhas.

Em 1580 Angra foi o último ponto de resistência a Filipe II sendo capital do Reino. Para ali se dirigiu D. António, prior do Crato, apoiado por uma armada francesa derrotada numa famosa batalha naval em frente de Vila Franca do Campo<sup>9</sup>. Os Castelhanos criaram um governo-geral, com sede em Angra. Findo o domínio filipino, os Açores aderiram ao movimento restaurador. Em 1589 e 1597 as armadas inglesas dos condes de Cumberland e de Essex fariam as maiores depredações nalgumas ilhas, especialmente no Faial. Em 1669 na fortaleza de Angra foi preso o infeliz rei D. Afonso VI<sup>10</sup> desterrado e forçado a abdicar pela mulher que casou com seu irmão D. Pedro.

As reformas pombalinas chegaram aos Açores com carácter económico e religioso. Em 1766 passaram a ser governados por um capitão-general em Angra. A revolução de 1820 teve repercussões, sobretudo na ilha Terceira.

<sup>6</sup> Espécie de líquen tintorial de que se extrai uma bela cor violácea. "urzela", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/urzela> [consultado em 28-07-2015].

<sup>7</sup> Planta tifácea ou esparganiácea com folha em forma de espada. "espadana" in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/espadana> [consultado em 28-07-2015].

<sup>8</sup> Rebanho de gado grande, geralmente de vacas ou cavalos. "armentio", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/armentio> [consultado em 28-07-2015].

<sup>9</sup> (27-7-1582)

<sup>10</sup> Filho de Dom João IV e de Luísa de Gusmão foi Rei da Quarta Dinastia e 22º de Portugal. Subiu ao trono de 1656 a 1668. Sofria de uma grave doença desconhecida e que o diminuiu física e intelectualmente. O reino não lhe estava reservado, porque não era o filho mais velho, mas a prematura morte prematura do irmão Dom Teodósio criou um grave problema para resolver. A rainha, viúva, Dona Luísa de Gusmão, assumiu a Regência do reino quando Afonso VI treze anos e uma total incapacidade para governar. A Guerra da Restauração consumia vidas e dinheiro. O rei casou em 1666 com Dona Maria Francisca sem deixar descendência. A mãe fez jurar herdeiro do trono Dom Pedro. Dona Maria Francisca aliou-se a Dom Pedro e os dois organizaram uma conjura para obrigar o rei a abdicar do trono como aconteceu em 1667. Dona Maria Francisca pediu, então, a anulação do seu casamento com Dom Afonso VI e casou com o cunhado em 1668. Entretanto, as forças portuguesas foram consolidando a independência nacional, ameaçada por Espanha, com as vitórias do Ameixial, Castelo Rodrigo e Montes Claros e a paz assinada em 1668. Dom Afonso VI ficou defido em Sintra e foi enviado para Angra para evitar que voltasse ao poder. Aí permaneceu até 1674, ano em que voltou a Sintra, tendo sido encerrado no palácio da vila, onde morreu nove anos depois

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Na Vila da Praia, em 1829, travou-se uma grande batalha entre miguelistas e liberais, com a vitória destes. Em 1830 criou-se na Terceira um conselho de regência e em princípios de 1832 chegou D. Pedro IV, que formou governo sob a presidência do marquês de Palmela e de que fazia parte Mouzinho da Silveira, coadjuvado por Almeida Garrett. As grandes e discutidas reformas deste último foram todas promulgadas nos Açores, que passaram a província.

Nos fins do séc. XIX os Açores passam a ter um regime especial de administração. Durante as duas guerras mundiais o arquipélago desempenhou papel de relevo a favor dos aliados. Alguns grandes vultos portugueses, como Ávila e Bolama, Sena Freitas, Antero de Quental, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, nasceram nos Açores, bem como bispos, missionários e guerreiros que, no Oriente, tiveram ações da maior importância como temos ouvido do nosso investigador Raul Gaião e do Dom Ximenes Belo aqui presente.

Chegamos, por fim a esta bela ilha oval de altitude máxima 398 metros, cerca de 5 mil habitantes em 61,66 km<sup>2</sup> cuja sede do concelho é Santa Cruz. Sendo incerta a data do descobrimento, o povoamento ocorre com Vasco Gil Sodrê, natural de Montemor-o-Velho, que, veio da ilha Terceira cerca do ano 1451 com a família e os seus criados e diligenciou sem sucesso, para lhe darem a capitania da ilha. Esta seria dividida em duas capitânicas: a norte, entregue a Pedro Correia da Cunha que veio em 1475 com a sua família e criados; e a sul, para Duarte Barreto que foi assassinado por piratas espanhóis em 1485. Pedro Correia da Cunha foi então designado capitão donatário de toda a ilha.

Pensa-se que a primeira povoação foi o Carapacho, onde edificaram a alfândega, mas outras fontes indicam a Praia que foi Vila de 1546 a 1867. Hoje há um concelho e quatro freguesias: Santa Cruz, Praia, Luz e Guadalupe.

Santa Cruz da Graciosa foi elevada a Vila e sede de Concelho em 1486, quando teve início a construção da Igreja Matriz, aberta ao culto já em 1500. Sobrevivem a abóbada do batistério e o retábulo de talha dourada barroca da capela-mor. A Santa Casa da Misericórdia já existia em 1512. Houve a Igreja e Convento de Franciscanos fundado em 1609, mas apenas resta uma torre.

Hoje sobressaem belas casas solarengas com cantarias de pedra, de finais do séc. XVIII, que enobrecem o centro da vila em volta de um rossio com árvores centenárias de grande porte, pavimentado com calçada portuguesa, e com dois pauis de água doce onde se reflete o seu casario. Sobranceiro, um vulcãozinho deu origem ao Monte de Nossa Senhora da Ajuda onde se implantaram três capelinhas da devoção dos ilhéus e um miradouro natural<sup>11</sup>.

Durante muitos anos, considerou-se que a Vila de Santa Cruz tinha recebido o seu foral em 1500. Todavia, nas Crónicas da Província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores, de Frei Agostinho Monte Alverne, as opiniões inclinam-se para a data de 1486 como a data da descoberta e do povoamento. A partir daí, foram surgindo habitações, algumas das quais de grande porte e por isso, mereceu a honra de foral, ficando centro administrativo.

O porto, que no passado alternava com o da Praia para servir os navios da carreira foi ampliado há anos e serve de apoio à pesca, após a construção do cais acostável na Praia. Dignos de menção o Forte da Ponta do Freire e o da Barra, a azulejaria da Matriz com painéis seiscentistas atribuídos a um pintor da escola de Mestre Cristóvão de Figueiredo.

Amanhã iremos ver a ilha, com visita guiada ao Museu, passeio pela vila, visita à caldeira e fumaça do enxofre revivendo a riqueza histórica da ilha na Praia e Termas do Carapacho.

Quinhentos anos se passaram de ilusões, tristezas e esperanças que foram o pão nosso de cada dia, das gentes da ilha. Há mesmo um local aqui chamado ESPERANÇA VELHA. Os tempos mudam, mas a vontade firme de lutar, continua a estar na alma deste povo que soube, pela nobreza de ideias, fazer desta terra, tantas vezes isolada e esquecida, uma terra de paz.

Como a Graciosa é muitas vezes injustamente esquecida pelo poder central a AICL decidiu trazer até cá os nossos colóquios nesta sua 24ª edição, esperando que a partir de agora os presentes sirvam de embaixadores desta singular e graciosa ilha. Que aprendam algo da sua rica história, dos seus burros recentemente reconhecidos como raça autóctone a aguardarem o aproveitamento das suas potencialidades turísticas e terapêuticas, dos inúmeros moinhos de vento que servem de ex-líbris, das suas afamadas queijadas da Praia que dantes se chamavam covilhetes de leite, do facto de a Graciosa pertencer à Rede Mundial das Reservas da Biosfera da UNESCO, do seu apego à música que dantes ecoava em todas as ruas.

Esqueçam as dietas e depois de uma boa caldeirada de peixe, de marisco ou de peixe assado, provem os Pastéis de Arroz, as Capuchas, Lavadores, Freirinhas, as queijadas de coco, os encharcados de ovos e as Amélias da Graciosa acompanhadas do típico branco proveniente da casta de verdeiro local, da sua aguardente ou vinho aperitivo.

Agradecemos uma vez mais aos nossos parceiros neste colóquio, a Câmara Municipal e o seu prestimoso Presidente Manuel Avelar e ao Hotel Resort e a Adão Torres seu diretor executivo o patrocínio que nos permitiu estar aqui.

### *Bibliografia:*

**AIRES DE SÁ. FREI GONÇALO VELHO LISBOA (2 VOLS).**  
**ANTÓNIO CORDEIRO, PE. HISTÓRIA INSULANA, LISBOA, 1717.**  
**A. FERREIRA DE SERPA. O DESCOBRIMENTO DOS AÇORES, PORTO, 1925.**  
**ARQUIVO DOS AÇORES, “COLEÇÃO PTA. DELGADA” (15 VOLS.).**

<sup>11</sup> In Folheto de “Apresentação Pública dos Símbolos Heráldicos da Freguesia de Santa Cruz da Graciosa” por Oriolando Silva

BOLETIM C. R. C. A. A. " COLEÇÃO PTA. DELGADA" (28 TORNOS).  
CARDEAL SARAIVA. ÍNDICE CRONOLÓGICO DAS NAVEGAÇÕES, ETC. LISBOA. 1841.  
DAMIÃO PERES. HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES, P. DELGADA, 1890.  
ERNESTO DO CANTO, BIBLIOTECA AÇORIANA, PTA. DELGADA, 1890.  
F. FERREIRA DRUMOND. ANAIS DA ILHA TERCEIRA, ANGRA (4 VOLS.).  
GASPAR FRUTUOSO. SAUDADES DA TERRA, VOLS III E IV.  
HENRY MAJOR. VIDA DO INFANTE D. HENRIQUE, LISBOA, 1876.  
JOEL SERRÃO, DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL – DIREÇÃO DE JOEL SERRÃO.  
JORDÃO DE FREITAS. AS ILHAS DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES NA HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA, LISBOA.  
LUÍS DA SILVA RIBEIRO. FORMAÇÃO HISTÓRICA DO POVO DOS AÇORES, IN ACORIANA, ANGRA, 1941.  
MANUEL MONTEIRO VELHO ARRUDA. COLEÇÃO DE DOCUMENTOS RELATIVOS AO DESCOBRIMENTO E POVOAMENTO DOS AÇORES, PONTA DELGADA, 1932.  
NORBERTO PACHECO, PE., GRACIOSA - AS TRADIÇÕES E AS PAISAGENS DE UMA ILHA".

**15. TEXTOS FINAIS COM BIODADOS - ORADORES, PRESENCIAIS, CONVIDADOS.**

**1. ACIOLINDA ESPÍNOLA, GRACIOSA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA. PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**2. AFONSO TEIXEIRA FILHO, USP, BRASIL**



**AFONSO TEIXEIRA FILHO**, Brasileiro, casado, 54 anos.

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e pós-doutorando em Teoria da Tradução pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Defendeu Tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce. É tradutor profissional, tendo exercido até há pouco, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven (Lovaina), Bélgica.

Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico, com atenção especial para

É SÓCIO DA AICL. **JÁ PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO, GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO, 22º SEIA 2014**

TEMA 3.1 O Anfitrião de Norberto Ávila, AFONSO TEIXEIRA FILHO

Resumo

Um dos temas mais recorrentes da literatura universal é o *Amphitruo* de Plauto. Ainda que Jean Giradoux tenha dado à sua versão da comédia plautina o título de *Amphitryon* 38, aludindo ao número de vezes que a comédia fora reescrita, é bem provável que contasse ela com um número maior de versões. As mais conhecidas são as de Camões, Molière e Von Kleist.



Em português temos, além do *Auto dos Enfatriões* de Camões (1587), *Júpiter e Alcmena*, de António José da Silva, o Judeu (1736), *Um deus dormiu lá em casa*, do brasileiro Guilherme de Figueiredo (1949) e *Anfitrião outra vez*, de Augusto Abelaira (1980).

Há, contudo, uma versão mais recente, escrita pelo açoriano Norberto Ávila, *Uma nuvem sobre a cama* (1990), atenta mais ao texto de Plauto do que as outras versões em português. Se estas se concentravam mais na comicidade das circunstâncias, a comédia de Ávila envolve-se mais com o cômico das personagens.

Para este XXIV Colóquio da Lusofonia, pretendemos mostrar os aspectos que diferenciam o Anfitrião de Norberto Ávila dos outros Anfitriões e a relevância dessa nova versão para o teatro cômico contemporâneo em língua portuguesa.

#### Introdução

O *Amphitruo* de Plauto é um dos temas mais recorrentes da literatura. Quando Jean Giraudoux<sup>12</sup> escreveu sua versão, denominou-a *Amphitryon 38* (1929), pois acreditava já haver 37 versões do Anfitrião antes da dele.<sup>13</sup>

É provável que existissem mais. Houve versões do *Amphitruo* na Idade Média (Vital de Blois)<sup>14</sup>, no Renascimento (Camões, Pérez de Oliva, Villalobos, Timoneda)<sup>15</sup>, no Período Augusto da literatura inglesa (Dryden)<sup>16</sup>, no Classicismo Francês (Rotrou, Molière)<sup>17</sup>, no pré-romantismo alemão (Von Kleist)<sup>18</sup>, etc.

As comédias de Plauto<sup>19</sup> derivam de uma tradição conhecida como Comédia Nova, que contemplam as peças escritas entre 336 e 250 a. C. A Comédia Nova faz parte do período de decadência da civilização grega e teve como representantes Menandro, Dífilo e Filémon.

A comédia romana, representada, sobretudo, por Plauto e Terêncio imitava a Comédia Nova e adotava temas e personagens gregos.

O *Amphitruo*, de Plauto, é, como todas as outras, uma comédia de tema grego; no entanto, tem uma característica peculiar: é a única a tratar de um tema mitológico.

Nela, Júpiter, o deus supremo, apaixonado por uma mortal, Alcmena, planeja passar uma noite com ela. Para tanto, aproveita-se da ausência de Anfitrião, marido de Alcmena, o qual vai à guerra, levando consigo seu escravo Sósia. Enquanto Anfitrião e Sósia estão fora, Júpiter disfarça-se de Anfitrião e Mercúrio, de Sósia, e dirigem-se para a casa de Anfitrião.

Alcmena surpreende-se com a volta repentina do marido, sem perceber tratar-se de Júpiter. Enquanto Júpiter desfruta dos amores de Alcmena, Mercúrio monta guarda. Entretanto, a batalha termina e Anfitrião manda Sósia entregar a Alcmena um dos despojos da batalha.

A peça começa com um diálogo grotesco em que Mercúrio, feito Sósia, impede o próprio Sósia de entrar em casa, provocando neste uma espécie de crise de identidade. Ao retornar ao campo de batalha e narrar o caso para Anfitrião, é dado como louco. Anfitrião, então, volta ao lar e desencadeia uma enorme confusão em todos.

A confusão só será resolvida com a aparição de Júpiter *ex-machina* para explicar o que sucedera e informar que Alcmena dará à luz um filho de Anfitrião e outro de Júpiter. O filho de Júpiter chamar-se-á Hércules e trará muitas glórias à família de Anfitrião. Anfitrião resigna-se aceitando a traição, por ter sido traído não por um homem, mas por um deus.

A versão de Molière contribuiu para que o mito de Anfitrião se tornasse ainda mais conhecido e difundido. As versões escritas depois de Molière serão, em sua maioria, imitações de Molière e não de Plauto, como o foram as de Dryden, António José da Silva e Von Kleist.

#### O ANFITRIÃO EM PORTUGAL

O *Amphitryon* de Molière foi representado pela primeira vez no teatro do Palais-Royal a 13 de janeiro de 1668. Foi escrito em versos livres, contendo alguns alexandrinos em certas passagens. A peça logo se tornou conhecida na Europa e passou a ser imitada por vários autores. O grande mérito da versão de Molière foi ter feito de Sósia uma personagem tão importante na peça quanto o próprio Anfitrião. O sucesso da peça foi tão grande que legou a diversas línguas, inclusive o português, duas palavras que viraram substantivos comuns: anfitrião e sósia.

O termo “anfitrião” refere-se àquela pessoa que recebe os convidados; sósia, aquele que parece idêntico a outra pessoa. Eram, simplesmente, nomes dos personagens de Plauto; com Molière, viraram substantivos.

<sup>12</sup> Jean Giraudoux (1882-1944). Escritor e diplomata francês, autor de romances, novelas, teatro e cinema.

<sup>13</sup> Posteriormente, Giraudoux escreveu uma sequência intitulada *Amphitryon 39*.

<sup>14</sup> Século XII. Escreveu uma imitação do *Amphitruo*, intitulada *Geta*.

<sup>15</sup> Luís de Camões (c. 1524-1580); Fernán Pérez de Oliva (c.1494-c.1531); Francisco López de Villalobos (c. 1474-c. 1549) Juan de Timoneda (1490-1583); Francisco López de Villalobos (c. 1474-c. 1549)

<sup>16</sup> John Dryden (1631-1700).

<sup>17</sup> Jean Rotrou (1609-1650); Jean Baptiste-Poquelin, dit Molière (1622-1673).

<sup>18</sup> Heinrich von Kleis (1777-1811).

<sup>19</sup> Comediógrafo romano (c. 254-c. 184 a. C.).

A língua portuguesa conta, hoje, com cinco versões de *Anfitrião*:  
*Auto dos Enfatriões*, de Luís de Camões (1587);  
*Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*, de António José da Silva, o Judeu (1736);  
*Um deus dormiu lá em casa*, do brasileiro Guilherme de Figueiredo (1949);  
*Anfitrião outra vez*, de Augusto Abelaira (1980);  
*Uma nuvem sobre a cama*, de Norberto Ávila (1990).

### 2.1. LUÍS DE CAMÕES

O *Auto dos Enfatriões* é uma das três peças de teatro escritas por Luís de Camões.<sup>20</sup> Foi escrita em versos (redondilhas maiores) seguindo o modelo do teatro vicentino. No entanto, Camões não utiliza a mesma temática utilizada por Gil Vicente, e inspira-se no mito clássico e procura desenvolver uma trama envolta pela dialética do amor.

Mas usa, como Gil Vicente, o bilinguismo como traço de diferenciação social. O homem culto fala português, como a corte. O vulgo fala o castelhano. Sósia, o escravo de Anfitrião, na versão camonianiana, usa sempre o castelhano. Na versão de António José da Silva, falará um português conceptista, entremeado por um latim macarrônico.

Quanto ao enredo, a versão de Camões segue a de Plauto, modificando as entradas e a importância de algumas personagens, mas mantendo, em essência o roteiro de Plauto. Fica claro, nesse caso, a intenção de Camões. Como poeta renascentista, interessava-lhe o renascimento da literatura greco-romana. Mas, como artista moderno, não lhe bastava uma mera tradução, mas a imitação, que lhe dava liberdade ao verso e à criação.

Camões, como todos os outros imitadores de Plauto – e como o próprio Plauto o fez – introduz elementos anacrônicos. Esses elementos eram facilmente identificados pelos contemporâneos e ressaltavam sempre um aspecto da sociedade a ser ridicularizado pelo autor.

### 2.2. ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU

As óperas de António José da Silva<sup>21</sup>, o Judeu, eram representadas no bairro alto de Lisboa, local de gente pobre. Eram chamadas de óperas devido às partes cantadas. Nelas não havia atores, mas bonecos denominados bonifrates.

O interessante dessas óperas era o uso de linguagem chula e trocadilhos, lembrando, de certa forma, as peças de Shakespeare. O Judeu, como era chamado pelo público, foi um poeta barroco, perseguido pela Santa Inquisição. Devido à sua origem religiosa, esteve sempre envolvido em problemas com a Igreja e terminou por ser queimado vivo em um auto de fé.

O *Anfitrião* do Judeu vem da comédia de Molière, mas isso não é totalmente verdadeiro. Quando o Conde de Ericeira recomendou a António José que imitasse Molière, o judeu respondeu-lhe que “Molière escrevia para franceses e ele não”.<sup>22</sup> A intenção do Judeu era escrever algo para seu público, daí a linguagem, as piadas e um ou outro motivo, facilmente reconhecíveis pelos espectadores.

Mas António José toma, provavelmente, de Molière a ideia de fazer de Sósia uma personagem de importância tão grande quanto a de Anfitrião. O próprio Molière representava Sósia nas apresentações de suas peças. E, na ópera de António José, seu Sósia – que ali se chama Saramago – tem muito do próprio António José, o que fica evidente na cena da prisão, em que Saramago reclama da injustiça que lhe fizeram: ouvimos aí reclamos do próprio Judeu sobre os interrogatórios do Santo Ofício.

### 2.3 GUILHERME FIGUEIREDO

Apenas em 1949 surgiria um outro *Anfitrião* em português. Guilherme Figueiredo<sup>23</sup> é o único brasileiro a adaptar a peça de Plauto. *Um deus dormiu lá em casa* é uma peça curta, na qual o mistério não existe. Não são Júpiter e Mercúrio a se disfarçarem de Anfitrião e Sósia, mas Anfitrião e Sósia que se disfarçam como deuses para terem a certeza de que suas esposas não os trairiam enquanto eles estivessem na guerra.

Não há deuses na casa, e o motivo do erro, característico de Plauto, fica muito apagado na trama da peça de Figueiredo. Para encenar-se essa peça, é preciso que os atores se empenhem para fazer o público rir, pois o texto quase não tem graça. O momento mais cômico fica bem ao final da peça, mas é mais irônico do que engraçado.

Anfitrião deixa o campo de batalha e volta, oculto à noite, disfarçado de Júpiter, para ver se ela o trairia enquanto ele estivesse fora. A esposa o recebe como Júpiter e eles dormem juntos. No dia seguinte, os vigias avisam ao povo que um homem dormiu na casa de Anfitrião, enquanto Anfitrião se encontrava em batalha. Anfitrião terá, então de admitir uma destas três coisas: que deixou os soldados à própria sorte durante a batalha; aceitar que outro homem esteve em sua casa e, nesse caso, sua esposa, Alcmena, seria apedrejada

<sup>20</sup> As outras são: *El-Rey Seleuco* (1654); *Filodemo* (1644-45). Ver discussão acerca da datação das peças de Camões em Camões, *Obra completa*, vol. III, pp. vii-xxiv.

<sup>21</sup> António José da Silva Coutinho (1705-1739).

<sup>22</sup> Machado de Assis. “Antônio José e Molière”.

<sup>23</sup> Guilherme de Oliveira Figueiredo (1915-1997) foi um dramaturgo brasileiro e irmão do último presidente militar do Brasil, João Figueiredo. Guilherme escreveu, ainda *Lady Godiva*, *A Raposa e as Uvas* e diversas outras peças.

até a morte devido ao adultério; ou, então terá de revelar ao público que foi um deus quem dormiu em casa. Ao aceitar essa terceira possibilidade, terá a fama de corno, mas não perderá a de herói.

#### 2.4. AUGUSTO ABELAIRA

De todas as versões do *Amphitruo* em português, a de Abelaira, *Anfitrião outra vez – Telecomédia* (1980), talvez seja a mais original. A cena se passa em um futuro próximo ao do ano da publicação, numa sociedade em que o relacionamento humano e as coisas naturais estão sendo abolidas. O autor imaginou um aparelho, a que denominou “dialogador”, como substituto do diálogo direto entre as pessoas. Esse aparelho assemelha-se aos nossos telemóveis e ao serviço de mensagens.

Nessa comédia de Abelaira, Sósia é um empresário, sócio de Mercúrio. Júpiter se faz de Anfitrião, enquanto Juno, esposa de Júpiter, passa-se por Alcmena. Abelaira deve ter tirado de António José da Silva a ideia de introduzir Juno no texto para aumentar a confusão provocada pelos duplos, mas isso deixou o texto tão confuso que o próprio autor se perdeu.

Essa comédia pouco tem de cômica; é, antes de tudo, uma tragédia humana, que transforma os relacionamentos em enganos. Em determinado momento, percebemos que temos pela frente um grande tema teatral. No entanto, os temas vão se proliferando de tal forma que, em determinado momento, não sabemos mais que direção tomará o texto. É uma comédia tão confusa para quem a lê ou a ela assiste, como para quem se atreve a encená-la. Diremos que, antes de ser uma comédia de erros, é um erro de comédia. O autor tinha em mente uma grande ideia e dispunha de um grande talento, mas errou no desenvolvimento do mito.

No desfecho, ele próprio reconhece que a peça não faz sentido.

#### 2.5. NORBERTO ÁVILA

Por fim, chegamos à última versão do *Anfitrião* em língua portuguesa. A peça de Norberto Ávila, *Uma nuvem sobre a cama*, retoma o mito no ponto em que Plauto o deixou. Trataremos dela em seguida.

#### 3.0 ANFITRIÃO DE NORBERTO ÁVILA

Norberto Ávila<sup>24</sup> nasceu em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, Açores, Portugal. É autor de 30 peças de teatro, 3 romances, um livro de poesia, um livro de fotografias e texto e diversas traduções e algumas adaptações. Suas peças foram traduzidas para diversas línguas e apresentadas em vários teatros de Portugal e do mundo. Em 2009, a Imprensa Nacional – Casa da Moeda publicou uma coletânea das peças de Ávila, em quatro volumes, contendo 20 obras de teatro.

Norberto Ávila é um dos mais importantes autores do teatro português contemporâneo.

Como em todas as regiões dos Açores, a Ilha Terceira, de onde provém o autor, tem diversos falares. A variante de Angra do Heroísmo, caracterizada, entre outras coisas, pela supressão de vogais, será reproduzida por Norberto Ávila em sua peça *A paixão segundo João Mateus*.

Dessa *Paixão*, nascerá um romance, *A paixão segundo João Mateus (Romance quase de cordel)*, que forma, com a peça, um conjunto metalinguístico.

Da mesma forma que se pode observar essa relação do autor com suas obras, pode-se, também, observar a relação de algumas delas com obras de outros autores, como em: *O marido ausente*, que faz referência à *Odisseia*; *A donzela das cinzas (Cinderela)*; *Arlequim nas ruínas de Lisboa* (Commedia dell'Arte); *O bobo* (adaptação do romance de Alexandre Herculano); *Salomé* (Oscar Wilde?). É também o caso da comédia *Uma nuvem sobre a cama*, uma das cinco versões do *Amphitruo* de Plauto para o português.

Norberto Ávila aproveita todos os motivos da peça de Plauto e acrescenta outros motivos retirados de outras versões, e motivos dele próprio.

A versão de Plauto tem um prólogo, narrado por Mercúrio. Nele, Mercúrio faz uma sinopse do enredo e, logo em seguida, anuncia a presença de Sósia. Esse será o ponto alto da peça, em todas as versões. É nele que Sósia se reconhece na figura de Mercúrio, pois Mercúrio transfigurou-se para parecer-se com Sósia. E Sósia terá, ao fim do diálogo, uma crise de identidade. Mas, em *Uma nuvem sobre a cama*, essa cena ocorrerá quase ao final.

O autor procurou concentrar o início da trama nos aposentos de Anfitrião. Ali, parece que nada vai acontecer. Anfitrião é um sujeito banal, recém-casado e só interessado em deitar-se com a esposa. O interesse do casal é mútuo. Paralelamente, o mesmo acontece com o criado de Anfitrião, Sósia, que em outra coisa não pensa a não ser deitar-se com Calipsandra, sua esposa. Não há guerras nem feitos heroicos, apenas a vida prosaica de dois casais. O sexo, a organização da casa, as oferendas religiosas. Será preciso que os deuses intervenham para que alguma coisa aconteça.

Diferentemente das outras versões do *Anfitrião*, os deuses terão, aqui, nomes gregos e não romanos. Zeus, em vez de Júpiter; Hermes, em vez de Mercúrio.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Norberto Ávila (1936- ). Dramaturgo, romancista, poeta e ensaísta português, nascido nos Açores. **Teatro:** A descida aos infernos (1959); O homem que caminhava sobre as ondas (1960), O servidor da humanidade (1962), O labirinto (1962), A pulga (1965), A ilha do rei do sono (1965), Magnífico I (1965), As histórias de Hakim (1966), A paixão segundo João Mateus (1967 e 1978), As cadeiras celestes (1975), O rosto levantado (1977 e 78), O pavilhão dos sonhos (1979), Do desencanto à revolta (1982), Os desertados da pátria (1988), Florânia ou A perfeita felicidade (1983), D. João no Jardim das Delícias (1985), Magalona, Princesa de Nápoles (1986), O marido ausente (1988), As viagens de Henrique Lusitano (1989), A donzela das cinzas (1990), Uma nuvem sobre a cama (1990), Arlequim nas ruínas de Lisboa (1992), Os doze mandamentos (1993), Fortunato e TV Glória (1995), O Café Centauro (1996), O bobo (1997), Salomé ou A cabeça do profeta (2000), Para além do Caso Maddie (2007), Memórias de Petrônio Malabar (2008). **Romance:** No mais profundo das águas (1993 e 94), Frente à cortina de enganos (2003 e 2004), A paixão segundo João Mateus (Romance quase de cordel) (2004-2006). **Poesia:** Percurso de Poeta (1999). **Fotografia e texto:** As Fajãs de São Jorge (1992).

<sup>25</sup> Não obstante, o autor usará Vênus em vez de Afrodite.

Então, Zeus (Júpiter) faz com que os irmãos de Alcmena sejam mortos para que Anfitrião arme uma campanha de retaliação contra os assassinos, sicários a mando do rei Pterelas.

E, enquanto Anfitrião e Sósia estão em batalha, Zeus determina que a Noite alongue seu curso para que ele possa, transfigurado em Anfitrião, desfrutar de uma longa noite de amor com Alcmena. A partir daí tudo ocorre como em Plauto. Hermes (Mercúrio) impede a entrada de Sósia; Sósia retorna ao acampamento e começam a multiplicar-se as cenas de erro provocado pelos duplos.

Afora o enredo, a comédia de Norberto Ávila tem duas características que devem ser levadas em conta, e que fazem dessa comédia uma comédia excepcional. São elas a relação entre o tempo e a palavra e o erotismo da priapeia.

Na peça de Ávila, temos uma Alcmena devota e um Anfitrião blasfemo, como ocorre na versão de Figueiredo. O Anfitrião de Ávila tem um *leitmotiv*: “Pelo pirilau de Zeus!” E esse *leitmotiv* é menos uma ofensa a Zeus do que uma homenagem a outro deus: Priapo.

O fato de existir uma relação fonética entre “pirilau” e “Priapo” é algo que pode ter ocorrido ao autor ou não. Mas se considerarmos que uma das representações de Priapo é o próprio Hércules, que será o fruto das relações proibidas de Alcmena, e considerarmos também que o autor trata a sua peça como uma “comédia erótica”, teremos que considerá-la também como uma priapeia.

A Priapeia é uma coleção de poemas eróticos dedicados ao deus Priapo, um deus fálico que era protetor dos jardins e promotor da fertilidade. Uma imagem do deus, esculpida na madeira, era colocada nos jardins e representava um homem como um pênis enorme. E era no jardim que Alcmena ia colher as ervas aromáticas para os sacrifícios a Zeus.

Diz Anfitrião:

***Alcmena saiu também, ao jardim, a colher ervas aromáticas para o sacrifício. Vamos ficar fumadinhos que nem presuntos da Ilíria.***

Nessa passagem, podemos perceber que Anfitrião também é objeto dos sacrifícios de Alcmena, pois tem o marido como grande amante.

A comédia de Norberto Ávila parece mais um torneio amoroso entre Zeus e Anfitrião; não tanto uma disputa pelos favores de Alcmena, mas uma disputa entre o deus e o marido para decidirem quem é melhor amante. Se Anfitrião repete sempre “Pelo pirilau de Zeus!”, Zeus reage também com imprecações: “Pela greta de Vênus!” Anfitrião e Zeus são, nessa peça, entidades dionisiacas, amantes vulgares que não se dão bem com os galanteios.

Zeus e Hermes, antes de se metamorfosearem em Anfitrião e Sósia, estudam-lhe o comportamento, as falas, os gestos. Mas não o fazem como atores de teatro, mas como alcoviteiros, mais interessados em zombar dos costumes mortais do que em imitá-los, ainda que se comportem de maneira semelhante. E para lograrem uma noite de amor com as mortais, armam o estratagema de matar os dois irmãos de Alcmena, Troqueu e Espondeu, para que Anfitrião parta em retaliação e deixe a casa livre para o ingresso dos deuses.

Os deuses são obrigados a intervir, pois os casais prezam a paz; os recém-casados querem desfrutar apenas do amor, e a guerra significaria distância do lar. Há, nessa passagem, como em outras, uma referência às comédias de Aristófanos.

***Alcmena: Mas escuta, meu bom Anfitrião. É mesmo necessário que sejas tu a vingar a morte de meus irmãos, Espondeu e Troqueu? Não poderias delegar em alguém mais disponível, casado há mais tempo, o desempenho dessa missão?***

Troqueu e Espondeu são termos relativos à metrificacão poética greco-latina. Troqueu deriva de *trokhaios pous*, que significa “pé ligeiro” (Hermes); Espondeu, por sua vez, vem de *spodé*, “libação”. Ambos os termos estão ligados aos sacrifícios rituais, o que indica que os irmãos de Alcmena fazem parte dos sacrifícios amorosos. E, de fato, o eram. Pois auxiliavam Alcmena nos sacrifícios, indo, em lugar dela, ao jardim, apanhar “mancheias de medronhos, amoras e camarinhas”.

Mas esse acontecimento provoca uma mudança de rumo na comédia. A paz dará lugar à guerra; as confusões passarão a suceder-se e a peça a ficar mais interessante. O prosaísmo dará lugar à epopeia. Eis por que Troqueu e Espondeu são invocados.

***Alcmena: (Ai que temos epopeia!)***

Alcmena diz isso quando Zeus trata de contar a ela a respeito da vitória sobre o rei Pterelas. Ela, porém, quer que a história seja breve, pois tem pressa de ir para o leito nupcial.

O encontro nupcial de Zeus com Alcmena dar-se-á apenas na segunda parte da peça. E, depois de consumado, ambos, juntos, exclamarão: “Pelo pirilau de Zeus!” Está, dessa forma consumada a homenagem a Priapo.

Quando a peça de Ávila começa a tomar rumo semelhante ao da peça de Plauto, vemos Hermes impedindo a entrada de Sósia. Mas Hermes já surgira antes, para avisar Alcmena de que ela daria à luz um filho divino (Hércules). É o papel do deus: o arauto.

E se Hermes anuncia o que lhe determina o pai, Zeus, é o próprio Zeus quem faz as previsões. E anuncia que o filho divino que Alcmena dará à luz trará glória a Anfitrião.

Anfitrião, por sua vez, dirá que seu nome ficará conhecido como o de alguém que sabe receber os amigos. E Hermes emendará: “Oxalá não fique famoso por outra coisa”.

Se o termo Anfitrião entrou para as línguas como alguém que sabe receber os amigos, o termo tinha, também, na acepção de Plauto, a conotação de “cornos”. No entanto, a antropologia nos informa que, em algumas culturas, como, por exemplo, entre os Inuítas, era comum oferecer a esposa aos convidados.



Mas Alcmena apenas finge ser virtuosa, esposa fiel. Em sonhos, sente-se tentada pelo rei Creonte, e cede muito facilmente às investidas de Zeus. E, em determinada parte da peça, irrita-se com as oliveiras que atrapalham o deslocamento dela pelo jardim, e avisa que qualquer dia mandará cortá-las. Nós sabemos, pela literatura clássica, que as oliveiras representam a fidelidade. Ulisses tinha uma cama de oliveira. Metáfora inventada por Homero para representar o amor duradouro.

Ao final do *Amphitruo*, Júpiter aparece para esclarecer o ocorrido e anunciar o nascimento de Hércules. Anfitrião agradece. Mas Camões e António José da Silva ocultam essa fala, indicando que um herói, como Anfitrião, não deveria alegrar-se com o fato. Havia em Plauto uma resignação à vontade dos deuses; e uma insinuação de que Anfitrião era, na verdade, um corno. Assim também ocorre em *Uma nuvem sobre a cama*: Anfitrião e Sósia se mostram conformados e justificam a traição das esposas com a seguinte sentença, cantada em uníssono:

**Pensando bem... apenas uma traição involuntária.**

O filho divino que Zeus dá a Anfitrião é Hércules, antes anunciado por Hermes. A palavra de Hermes é a palavra do deus, o *logos*, e se manifestará sempre de duas formas: pela anunciação e pela realização. Sendo os deuses eternos e a palavra uma das formas de manifestação desses deuses, ela é, também, eterna. E para que tenha validade eterna terá de suprimir o tempo.

É o que Zeus faz com a noite, estendendo-a.

**Anfitrião: Se eu fosse dado a orações, invocaria a Noite, a deusa dos negros véus, para que se demorasse duas ou três vezes mais sobre esta parte da Terra, em benefício dos mais necessitados.**

**Zeus: Embora não recorrendo a orações, terás o que desejas. A próxima noite será realmente longa. E eu estarei...**

**Hermes: ... estaremos...**

**Zeus: ... por tua vontade expressa, Anfitrião, entre os mais beneficiados.**

Outra forma de suprimir o tempo é dada, também, pelas profecias e pelos anacronismos. Anacronismos esses que ocorrem em todas as versões do *Amphitruo*.<sup>26</sup> No início da segunda parte da peça de Ávila, temos o seguinte diálogo:

**Anfitrião: Não desfazendo na gloriosa memória dos celebrados heróis de Ilíadas e Odisseias, ousa afirmar, meu caro Sósia, que minha vitória é sem precedentes.**

**Sósia: Sem precedentes, dizeis muito bem. Pela própria força das circunstâncias... se pela primeira vez enfrentastes os Teléboas e o seu rei de baralho de cartas.**

**Anfitrião: Neste tempo ainda não há cartas de jogar.**

**Sósia: Ai não? E Ilíadas e Odisseias?**

As próprias personagens reconhecem o erro de mencionarem coisas que ainda não existiam.<sup>27</sup> Os seres humanos não se dão bem com as coisas do tempo. Apenas os deuses têm domínio sobre elas. Temos aqui um exemplo, retirado de uma das falas de Sósia. Nele, Sósia tem de dar a trágica notícia da morte dos irmãos a Alcmena. Ele não sabe como fazê-lo, e pondera.

Não consegue dominar a palavra nem os tempos verbais:

**Sósia: O que tem de ser.... tem de ser. Pensando bem as palavras, diz ela [Calipsandra]! Minha Sr<sup>a</sup>. Alcmena. Oiço dizer que “tínheis” dois irmãos. “Tínheis?” Demasiado pesada. — Se “tínheis”... é porque já não “tendes”. — O peso do passado. Fora. Oiço dizer que “tendes” dois irmãos. Isso mesmo: falo-lhe no presente, e já ela fica mais descansada. — E agora, meu Zeus, como é que eu passo do presente para o futuro? Não, que isso tomaria um tom profético, e não me quadra o ofício de pitonisa. — Portanto, retomemos o fio da meada. Oiço dizer, Sr<sup>a</sup>. Alcmena, que “tendes”... Eu disse “tendes”. E repito: “tendes” dois irmãos. (E agora? Agora sigo noutra direção. Sigo na pista dos assassinos. E como isto ganho tempo.) — Sabeis certamente que o rei Pterelas... “tinha”...? Não: “tem”. (Pois claro. Tinha, tem e vai continuar a ter.) O rei Pterelas, esse perverso monarca, “tem” ao seu serviço alguns sicários. Como? Não sabeis o que são sicários? (...) acontece que, não sei quando exatamente — um destes dias —, cavalgavam os ditos sicários no dorso verdejante de uma montanha... as águas cristalinas saltavam nos ribeiros, gorjeavam e chilreavam os passarinhos nos ciprestes... (Nos ciprestes, não.) Nas oliveiras.**

Pois o domínio do tempo é sempre executado pela palavra. É por uma ordem sua que Zeus detém a Noite. E todos os oráculos e profecias provêm das palavras. Para os deuses, palavras são fatos concretos; para os homens, expressões de incertezas. Assim, temos, no diálogo entre Hermes e Sósia, a seguinte passagem, em que Hermes consegue convencer Sósia de que Sósia não é Sósia:

**Sósia: Ai, que sinto fugir-me o chão debaixo dos pés.**

**Hermes: Agarra-te a outros argumentos de maior solidez.**

E quando Sósia tenta explicar a Anfitrião a confusão de identidade por que passava:

<sup>26</sup> Plauto fala do barrete do escravo (coisa que não havia na Grécia); Camões menciona Petrarca; António José da Silva, em vez de falar de flechas, fala de balas; Figueiredo mostra uma escrava doméstica que queria ser liberta; e a peça de Abelaira é, toda ela, anacrônica.

<sup>27</sup> A história de Anfitrião seria, cronologicamente, posterior à de Édipo e anterior à guerra de Troia.

**Anfitrião: ... tens a coragem (...) de confessar que estiveste em Tebas (...) e não chegaste a falar com Alcmena? ...**

**Sósia: Eu bem tento explicar... eu bem tento agarrar-me aos destroços dos meus argumentos...**

Há esses jogos verbais no decorrer de toda a peça. Não apenas nessa peça, mas também em Plauto e nas demais versões. O propósito deles é acentuar o engano, a confusão. E bem fez Plauto ao terminar sua comédia com um *deus ex-machina*, pois só os deuses para esclarecer os enganos e colocar as coisas no lugar, pelo uso da palavra.

Todavia, quando os deuses se atrevem a ser humanos, são obrigados a abrir mão de parte de sua divindade e de parte de seu poder. Zeus, depois de entreter-se com Alcmena, confessa:

**Zeus: Confesso que esta comovedora manifestação popular me enfraqueceu consideravelmente a potência narrativa.**

Fica claro que existe aí um duplo sentido. Zeus referia-se ao clamor popular pela vitória sobre o rei Pterelas e à noite de amor (por isso, usar o termo “potência”).

E Alcmena responderá:

**Alcmena: Pelo pirilau de Zeus! É o que me apetece dizer. Amanhã porei freio na língua, que isto não é linguagem própria de mulher virtuosa. Mas hoje estou tão feliz...**

Na comédia de Plauto, vemos que a felicidade se realiza, para o homem e para os deuses, na cama. A glória que Anfitrião terá é um filho e Zeus. Ninguém se lembrará da vitória sobre Pterelas, mas todos se lembrarão dos feitos de Hércules.

Na versão de Norberto Ávila, tudo é realizado pela palavra. A palavra dos deuses que controla o mundo e o tempo. Mas há um momento em se perde o controle da palavra: é o momento da homenagem ao falo. Amanhã, poremos freio na língua.

#### BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. “Antônio José e Molière”, in *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, 15.7.1879.

ABELAIRA, Augusto. *Anfitrião outra vez*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

CAMÕES, Luís de. “Auto dos Enfatriões” in *Obras completas*, vol. III. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

ÁVILA, Norberto. “Uma nuvem sobre a cama”, in *Algum teatro*, vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.

BETTINI, Maurizio. “As reescritas do mito” in Cavallo, G, et all. *O espaço literário na Roma antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

BERTINI, Ferruccio. *Sosia e il doppio nel teatro moderno*. Génova: Il Melangolo, 2010.

CARDOSO, Zélia de Almeida. “O Anfitrião de Plauto: uma tragicomédia?” In *Itinerários*, nº 26. Araraquara, 2008.

FERRY, Ariane. *Amphitryon, um mithe théâtral*. Grenoble: ELLUG, 2011.

FIGUEIREDO, Guilherme. *Um Deus Dormiu lá em Casa; A Raposa e as Uvas; Os Fantasmas; A Muito Curiosa História da Virtuosa Matrona de Éfeso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

LINDBERGER, Örjan. *The Transformations of Amphitryon*. Stockholm: Almqvist & Wiksel, 1956.

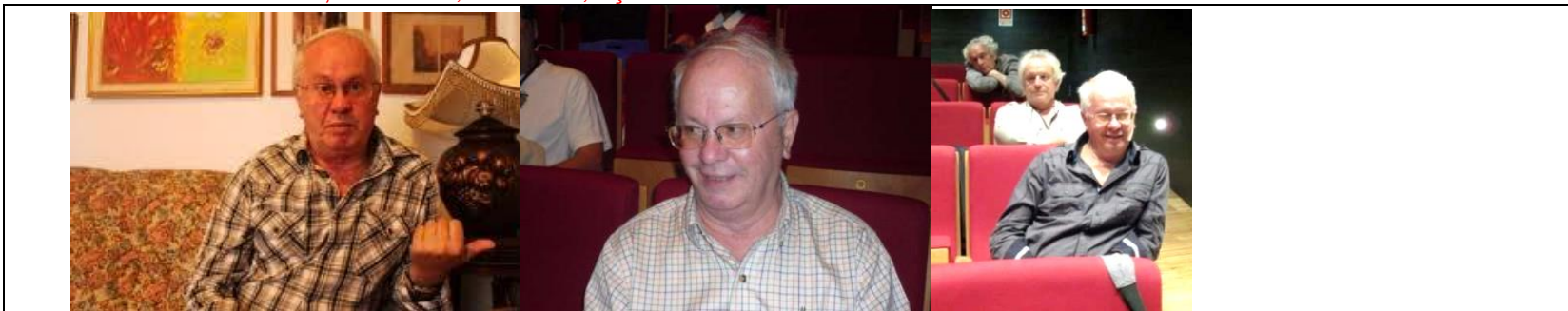
MOLIÈRE. *Oeuvres*. Paris: Firmin Didot Frères et C<sup>ie</sup>, 1837.

PLAUTO. *Anfitrião*. Trad. De Carlos Alberto Louro Fonseca. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

SCHELEDER, Livia Lindoia Paes Barreto. *O Anfitrião de Vital de Blois: Uma comédia latina no século XII*. Tese de doutoramento. Univ. Federal do Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, António José da (o Judeus). “Anfitrião ou Júpiter e Alcmena” in *Obras completas*, vol. II. Lisboa: Sá da Costa, 1958.

### 3. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES



**ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do)** ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão. *Até Hoje, memórias de cão* (3ª edição) recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985; *Solidão da Casa do Regalo* (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autonómica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

**POESIA**

A Minha Mão Aberta (opúsculo), 1968

Pão Verde, 1971 (esgotado)

Poemas de(s)Amor, 1973 (esgotado)

Fábulas, 1974 (esgotado)

Os Quinze Misteriosos Mistérios, 1976 (esgotado)

Cantar o Corpo, 1979 (esgotado)

Eu Fui ao Pico Piquei-me, 1980 (esgotado)

Itinerário das Gaivotas, 1982 – ed. DRAC (esgotado)

Nem Mais Amor que Fogo (em parceria com Emanuel Jorge Botelho), 1983

Triste Vida Leva a Garça (Antologia 1967/81), 1984 – ed. Ulmeiro

Textos Inocentes, 1986 (esgotado)

Erva-Azeda, 1987 (esgotado)

Impressões de Boca, 1992 – ed. DRAC (esgotado)

António, Porta-te como uma Flor, 1998 – ed. Salamandra

Memórias de Ilha em Sonhos de História (poemas sobre aquarelas de Álvaro Mendes), 2000

Cantigas do Fogo e da Água (quadras sobre aquarelas de Álvaro Mendes), 2001

Andanças de Pedra e Cal 2010

**TEATRO**

Um Quixote – 2ª edição, 1974 (esgotado)

Morte ou Vida do Poeta, 1974 (esgotado)

Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti, 2ª edição, 1994 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Uma Hortênsia para Brianda, 1981 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Sabeis quem É este João? 1984 – Sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Missa Terra Lavrada, 1984 – ed. DRAC (esgotado)

Os Sonhos do Infante, 2ª edição, 1995 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Morte que Mataste Lira (musical com Carlos Alberto Moniz) – ed. CD, 1999

A Solidão da Casa do Regalo e Almeida Garrett - Ninguém, 2000 – ed. Salamandra

Quatro Prisões Debaixo de Armas e o Quadrado, 2012. Ed. Autor.

Romance

Burra Preta com uma Lágrima – 2ª edição, 1995 – ed. Salamandra

Até Hoje Memórias de Cão, 1986 – ed. Ulmeiro; 1988 – ed. Signo; 2003 – ed. Salamandra

Pátio d'Alfândega Meia-Noite, 1992 – ed. Vega  
Já não Gosto de Chocolates, 1999 – ed. Salamandra;  
Já não Gosto de Chocolates, versão inglesa, 2006, ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc.  
Já não Gosto de Chocolates, Versão japonesa, 2008 – ed. Random House Kodansha

#### **CONTO**

Contos com Desconto, 1991 – ed. Instituto Açoriano de Cultura (esgotado)  
Com Perfume e com Veneno, 1997 – ed. Salamandra  
Caneta de Tinta Permanente na Poesia Popular" 2012, homenagem ao cantador popular terceirense Manuel Caetano Dias, mais conhecido por "caneta".

#### **ENSAIO**

Almeida Firmino / Poeta dos Açores, 1978 – ed. DRAC (esgotado)  
Olá, Pobreza! 1996 – Ed. Jornal de Cultura (esgotado)

#### **ANTOLOGIAS (MAIS RECENTES)**

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011  
In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2012.

#### **VÍDEOS DO AUTOR**

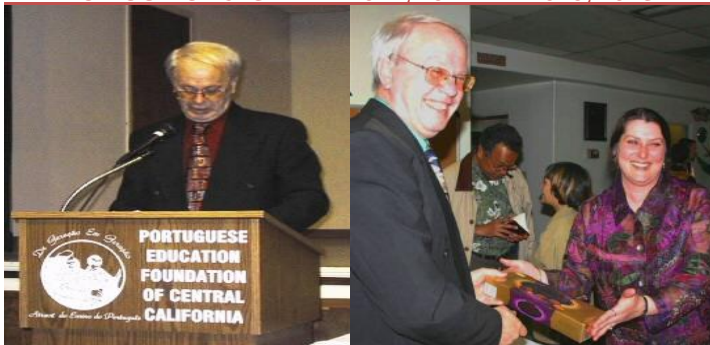
<http://www.youtube.com/watch?v=yg5KN9d0IX4>

Ver *CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 5* em <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

VER VIDEO HOMENAGEM AICL AO AUTOR <https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

#### **É SÓCIO DA AICL**

**PARTICIPOU NO 18º GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS 2014. TOMA PARTE NA SESSÃO DE POESIA**



TEMA 3.1. MANUEL MACHADO, ESCRITOR AÇORIANO

«Lembrar Manuel Machado» é a sinopse do breve texto que vai ser apresentado no 24º Colóquio da lusofonia.

LEMBRAR MANUEL MACHADO

Escolhi falar de Manuel Machado por vários motivos: foi escritor singular dentro do naipe de escritores açorianos da sua geração; é natural dos Açores; faleceu recentemente e começou já a entrar no limbo do nosso esquecimento. No entanto, foi escritor profissional segundo as leis da Noruega, tendo justificado, junto do Governo norueguês, o dinheiro que lhe pagava e que ele merecia.



Foi nos Açores que Manuel Machado publicou os seus livros escritos em português. A sua estranheza, perante a indiferença da informação sobre o que publicou nos Açores, levou-o ao estado da conformação à medida que foi entendendo que os seus companheiros de escrita residentes tinham o mesmo tratamento. Conformou-se. Mas, de uma vez por todas, escolheu escrever, definitivamente na Noruega.

Manuel Machado foi-me apresentado, por escrito, pelo Poeta Emanuel Félix, apresentação essa que veio acompanhada por um pequeno texto titulado de «O seio ausente». Era o ano de 1976. O Poeta Emanuel Félix apresentou-o assim: «*Nasceu na freguesia das Lajes. É pouco mais velho do que eu. Foi funcionário civil na Base Aérea 4. Deixou a Terceira por volta de 1960, com destino a Lisboa. Aí, pela mão de José Carlos González, que conheceu em Angra, aproximou-se do então chamado grupo dos surrealistas portugueses. Mas os tempos eram difíceis... E preferiu partir para o estrangeiro. Viveu (como lhe possível) em Londres, Paris, Copenhaga. Frequentou a Sorbonne durante três anos. Parou em Oslo, onde vive com a Aud.*»

Apesar da curta apresentação, passei, desde então, a ser amigo e admirador de Manuel Machado. É que havia muitos outros aspetos a admirar neste nosso escritor das Lajes: escrevia bem em francês, em português e norueguês e cito-o: «*em Inglês nunca escrevo, nem uma linha, apesar de ter estado em Inglaterra cerca de três anos. Só o facto de a rainha ganhar um milhão de libras, enquanto eu apenas 8, a lavar pratos, me impediria de aprender a língua convenientemente.*»

Em 1970, uma editora francesa interessou-se pelos seus textos de teatro, mas não se entenderam comercialmente. Dez anos depois, a mesma editora interessou-se pelos seus textos poéticos, mas o acordo falhou mais uma vez.

Numa entrevista ao suplemento literário «Quarto Crescente», do Jornal «A União», em novembro de 1981, Manuel Machado fala do seu primeiro livro escrito em português, com o título *Enquanto os Coveiros Dormem*. Foi inserido na coleção «Gaivota» e constituiu uma lufada de ar fresco no panorama editorial florescente nos Açores. O livro é enformado por pequenas estórias, estruturadas em «non-sense» bem-humorado.

Na referida entrevista, Manuel Machado disse:

«*É difícil dizer o que é o meu livro, mas também reconheço que não deve ser fácil para o leitor. Por isso, talvez seja melhor arriscar algumas sugestões: não é um livro surrealista no sentido total, mas muitos dos textos nele incluídos são surrealizantes e alguns mesmo um pouco surrealistas. Há também um pouco de simbolismo aqui e ali, não sei dizer. Uma coisa, porém, é fácil de ver: são textos inquietos, desiguais, com bastante sonho, muito pontapé vivido e uma certa dose de humor negro para equilibrar o lado ferrugento do sonho.*» (Fim de citação).

*Enquanto os Coveiros Dormem* surpreendeu leitores e até livreiros. O facto de haver um texto introdutório publicado de pernas para o ar não foi fácil de aceitar, mesmo com várias explicações. De qualquer forma, o livro esgotou e, alguns anos mais tarde, a Blu Edições reeditou-o com cuidado aparato gráfico.

O Instituto Açoriano de Cultura publicou um outro livro de contos de Manuel Machado, com o título *Virtudes, Reis, Moscas & outras Hortaliças*. Mais uma vez, voltou a surpreender o leitor com a sua habitual dose de «non-sense», com algum surrealismo à mistura, em contos tão ousados como o «No Reino do Christmas Cake», onde a rainha de Inglaterra é vista a comprar batatas num mercadinho de bairro. Este conto foi escrito muitos anos antes de Sue Townsend publicar o romance *Eu e a rainha*, onde a falência da coroa coloca Sua Majestade a viver num bairro social.

Em 2009, outra vez através do Instituto Açoriano de Cultura, Manuel Machado publica mais um conjunto de contos. Seguiu a mesma linha do livro anterior. Deu-lhe o nome de *Quebra-cabeças e nozes*. Ele quis oferecer a edição, na sua quase totalidade, às escolas da região. Desconheço se essa entrega aconteceu.

Em 2012, através da VerAçor, publicou *Três Olhares*. São três pequenas novelas ou, se se quiser, três contos maiores. Novamente a imaginação de Manuel Machado é explosiva. E volta-se a poder falar da originalidade da sua escrita, refinada e polida por um humor cru e cáustico que capta o ridículo das sociedades de hoje (nomeadamente das que se comportam como se fossem de ontem) e que se alimenta também de um «non-sense» que tem muito a ver com o surrealismo clássico. (Não esquecer que Manuel Machado teve uma preferência muito assumida pelo surrealismo francês).

Neste livro, nada se repete. O poder encantatório da sua escrita é exposto com outro refinamento humorístico, humor que é tratado como um ajuste de contas com falsos comportamentos sociais e a ridicularização das hipocrisias sustentadas com a seriedade leviana dos filhos de pais incógnitos, onde sangue azul aos borbotões, derramado de forma generosa e licenciosa proveniente dos cinco continentes. Nas estórias de Manuel Machado até parece fácil ser filho de algo e ladear figuras tão importantes como os generais da revolução francesa.

Ler Manuel Machado é uma necessidade e é um prazer, até porque é também um reencontro com um escritor que, apesar da sua vagamundagem, teve pelos Açores, nomeadamente pela Terceira, um indelével amor de raiz.



Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é Licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid.

É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega.

Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.

É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única Fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses. Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural.

Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC.

Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.

*É SÓCIO DA AICL. PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014*

*TEMA 2.1. A construção dum modelo social de língua na Galiza, não conflituoso com Castela/espanha, é um sonho possível ou um pesadelo? Alexandre Banhos da Fundação Meendinho, - SESSÃO DA AGLP*

A construção dum modelo de língua na Galiza, não conflituoso com Castela/Espanha; um sonho possível ou um pesadelo? Que é um idioma e que são falas?  
As falas e o fraturamento linguístico do espaço. Fazer das falas línguas

Castela/Espanha gosta das falas na construção do seu projeto nacional.  
Construir idiomas não conflituosos com o projeto nacional de Castela/Espanha é um beco sem saída

1. *Que é uma língua, um idioma, e que são falas?*

As línguas são sistemas de comunicação complexos, interiorizados por grupos humanos. A língua é o instrumento privilegiado de comunicação entre esse grupo. A língua é possuída pelo grupo e a vez pode-se dizer que é a língua a que tem a posse do grupo humano, pois condiciona-o, e determina-o frente aos outros. Ela estabelece seu particular jeito de se olharem como coletividade e de olharem o mundo, já que logo as línguas funcionam como verdadeira alma coletiva dos grupos humanos que a possuem (ou que são possuídos).

A língua é o resultado da criação coletiva do grupo humano ao longo do tempo, do jeito como ele vai designando as cousas, e sobre todo fala-nos do espaço de esse grupo, pois na medida em que o grupo interaciona num espaço mais ou menos alargado, determina o alcance espacial da língua, que ao ser língua, supõe ruptura com o contínuo linguístico natural das falas; contínuo linguístico que a vez vai marcando o afastamento, entre as falas.

Quanto mais alargado é o espaço da língua, mas esta nos fala da existência de uma comunidade de utentes que interacionam entre si e mais nos fala da existência de padrões linguísticos que são percebidos pelos falantes como modelares, é dizer dignos de imitação, pois eles vão unidos ao sucesso e ao progresso dos indivíduos.

As línguas são criação coletiva dos grupos de pessoas ao longo do tempo, é dizer, do jeito comum, como num determinado espaço, são percebidas as cousas e são coletivamente designadas com estruturas gramaticais em todos interiorizadas. **28**

As línguas nascem de falas contínuas no espaço, que geram um padrão de alargada extensão coletiva, e na sua gênese -e nas suas palavras e gramática- rastreiam-se as pegadas históricas dos seres humanos que antes viveram nesse território e todas as influências que receberam, dos que os presentes falantes são herdeiros.

Língua normal ou normalizada é aquela que num espaço determinado é o instrumento privilegiado ou único de comunicação e de reprodução social.

Idioma, é o nome que recebem as línguas quando elas respondem a um espaço organizado e funcionam como a primeira das condições homogeneizadoras de esse espaço, sendo uma espécie de alma da coletividade de utentes, pois ela, mais que nenhuma outra coisa, é quem os identifica. Os espaços privilegiados dos idiomas, são conhecidos modernamente por estados, entendendo por estados, entidades políticas que estabelecem fronteiras<sup>29</sup>.

Um estado vem determinado pelas seguintes características: Território, população e idioma(s), todo isso sob uma estrutura organizativa do coletivo, que é a estrutura política da governança ou do gerimento coletivo.

Fala é a forma local das línguas, são os idioletos locais que existem em toda língua. Também são falas os modos locais de grupos, de profissões, e as gírias.

As falas podem conviver perfeitamente com uma língua bem padronizada, aí é quando se produz a diglossia natural de todos os falantes, que usam um registo da língua ou outro dependendo do contexto ou situação.

As línguas quando não tem o status de idioma, e sobre elas se colocam modelos impostos de idioma, pelo estado que abrange e submete o seu território; com modelos que ocupam um role privilegiado e até exclusivo em muitas das esferas da comunicação, com modelos que a escola interioriza e naturaliza na população, tendem a se converter em falas e a divergir localmente ainda partindo de modelos de língua muito estáveis e extensos espacialmente, pois reduz-se a interação entre os falantes, às suas falas locais e no espaço local.

*Um apontamento breve sobre a origem da língua portuguesa*

A língua portuguesa, tem pegadas das falas célticas, que eram as que se falavam em todo o território ibérico da língua há mais de dois mil anos. Sobre elas uma estrutura de poder e dominação, o império romano colocou uma língua muito achegada na sua estrutura e vocabulário às falas célticas, que era o latim. Este Latim “unificado” foi a koiné comunicativa na diversidade de falas existentes previamente, e a proximidade do latim e as línguas célticas é tão grande que há autores que colocam nas famílias linguísticas do indo-europeu, ao latim entre as línguas célticas. Se for considerado o latim, uma família indo-europeia distinta, ele é com muita diferencia a mais próxima às línguas célticas.

De facto a naturalização do latim no espaço de governança romano, foi muito fluente no espaço das línguas célticas, e muito mais fraco fora de esse espaço<sup>30</sup>.

Sobre o espaço originário da nossa língua, vieram logo influências germânicas e árabes que deixaram as suas pegadas no vocabulário. Há mais influências, mas estas são as mais visíveis.

<sup>28</sup> Após a existência das modernas escolas nacionais nos estados, e a sua mídia nacional, são a escola e a mídia o elemento privilegiado de extensão do padrão socialmente aceite da língua.

<sup>29</sup> Estão as línguas internacionais que a vez são próprias de muitos estados, o que é um fenómeno muito recente. Que nada tem a ver com idiomas como o latino como língua da ciência, igreja e diplomacia, quando ela já não era mais falado.

<sup>30</sup> [http://www.continuitas.org/texts/alinei\\_benozzo\\_alguns-aspectos.pdf](http://www.continuitas.org/texts/alinei_benozzo_alguns-aspectos.pdf).

[http://www.continuitas.org/texts/morais\\_genetica.pdf](http://www.continuitas.org/texts/morais_genetica.pdf)

O desenvolvimento cultural, científico e técnico levaram a criação de muita terminologia. Hoje a nossa língua sendo a mesma de há oitocentos, pois sem muitas dificuldades textos primigênicos da língua escritos entre os séculos 12 e 15 são facilmente apreensíveis pelos leitores cultos modernos, porém Camões teria muita dificuldade para entender artigos da imprensa atual, inseridos de palavras que correspondem a realidades inexistentes na sua altura.

A língua portuguesa nasceu na Galaecia, na faixa ocidental que vai desde o Rio Eume a Aveiro, com os seus centros difusores e criadores de um modelo, no espaço entre Compostela e Porto.

Quando esta começou a ser escrita substituindo o latim, incluso nos textos acadêmicos e palatinos, estamos ante uma língua assombrosamente bem estruturada, muito unificada, ainda existindo um certo caos ortográfico; e além disso tinha ganho espaços que se alargavam muito além da pequena faixa que foi a sua forja originária.

O espaço originário da língua, o da Galiza, era em termos europeus daquela altura, um espaço que não podia ser definido como pequeno.

A fratura do espaço territorial originário da língua deu lugar ao nascimento de um estado que adota o nome de Portugal<sup>31</sup>, pois a parte mais pequena da Galiza, a situada ao norte, vai continuar usufruindo o nome. Isso também podia ter sucedido a contrário, é dizer, que fosse o sul o que usufruísse o nome.

O norte acabou perdendo a sua personalidade política independente, ao ser submetido por Castela.

**A continuação do galego medieval, é o português atual**, e é-o, em muito mais grande medida, que a que se dá entre ele, e as falas chamadas galegas que permaneceram nesse território do norte. Há muita menor continuação entre o galego ao norte e o galego medieval, que entre o galego medieval e o português atual, ao que o facto de ter perdido alguns rasgos regionais minhotos e beirões, não apaga nada essa continuidade.

As palavras têm um grande poder taumatúrgico e fazem magia, e o facto de ter havido um descontinuo no nome, agacha esta realidade a muitos pouco apercebidos, não reparam, ainda que uma linguista como Carolina de Michaëlis, criando o termo de galaico-português, viera a deixar clara a continuidade, pois quando Portugal-reino nasceu, o português já existia, pois o nome não indica nenhuma variação de língua.

## 2. O fraturamento do espaço, ou como português ao norte passa de língua a falas

Não vou comentar aqui o que já foi desenvolvido noutras comunicações minhas, alguma das quais feita nos Colóquios, simplesmente lembrar que a Galiza foi submetida a sangue e fogo. Substituídas as suas elites dominantes por elites estrangeiras castelhanas. Retirada a validade a qualquer documento que não estiver escrito em língua castelhana, língua que passou a ser a de cultura e a do progresso social, e das elites urbanas.

A Galiza tradicional e as suas gentes viveram de costas a isso na medida em que estavam de costas aos que os exploravam, e mantiveram a sua língua bem viva, mas a cada passo que se ia andando ficava um pouco erodida. No século XVIII escrevia Sarmiento: *um falante galego resulta indistinguível de um falante português para os castelhanos*. O outro vulto galego do século XVIII Feijó, afirmava a identidade linguística das falas galegas com o português.

Não vai ser até as invasões napoleónicas, que vão aparecer panfletos no que se tenta representar as falas galegas, segundo o modelo castelhano, -o único que se conhecia, o único que se podia conhecer-.

A escola nacional castelhano/espanhola, fez muito para naturalizar a sua língua na Galiza, garantindo de forma crescente à medida que se passa o tempo, o perfeito domínio pelos galegos de um castelhano síplex.

A língua do século XIX, está muito marcada localmente, cada texto é da sua zona. A velha língua portuguesa na Galiza deixara de ser língua para passar a ser falas, onde os seus utentes marcam a sua cor local. Foi a emigração maciça de galegos ao norte do Minho para o reino de Portugal, a que ajudou a manter a fluidez comunicativa com esse reino, e não só isso, se não, que como ressaltai na minha comunicação de Bragança (acho que 2005), integrou nas falas a norte do Minho vocabulário criado pelo gênio da língua portuguesa na sua expansão pelo mundo, mas que era desconhecido a norte do Minho, onde o processo de enculturação castelhana, blocou a atualização e crescimento que é normal nas línguas em todo lugar, pois todo o que chegava de novo, chegava na única denominação que era possível na Galiza, em castelhano.

A mediados do século XIX, começa um movimento que como exprime o professor Fernando Corredoira no seu prefácio a versão do *padronizada* do *Sempre em Galiza*:

*“Em meados do século XIX renasce para a literatura uma língua socialmente estigmatizada, funcionalmente minorizada, banida das instituições oficiais e hostilizada pelo Estado. Popular e realmente falada, a língua galega começará a ser posta ao serviço dum movimento cultural e político que irá perfilando uma vocação que (com cautela, porém) poderíamos chamar nacional. Desde inícios do século XX, contra tudo e apesar de tudo, sectores da comunidade linguística galega transgredirão normas imemoriais, abrirão brechas em altos muros e sondarão novos caminhos, passando a fazerem servir o galego como instrumento do discurso público e da ação política. Três décadas*

---

31 Que é Portugal, o nome da cidade mais galeguíssima da Galiza, o Porto, a velha PortuScale romana, e mais tarde Portucale (Portugal), a que foi reduzido o nome para que pudesse usufruir dele o estado inteiro? E quem eram os calecos, a tribo celta achada por Decimo Junio Bruto morando ali onde o Douro se mistura com o oceano, (em Cale) "em Portugal", esses calecos do Douro deram o nome a todo o noroeste peninsular? Há algo mais português que o ser galego? E galego por antonomásia só o podem ser os habitantes do Porto. Aí estão as raízes. E eles, por serem do Portucale (Porto), são os mais verdadeiros portugueses.



*animosas e febris, férteis, protagonizadas por uma geração, a do nosso Autor, que o levantamento militar de 18 de julho de 1936 e a alongada repressão subsequente deceparam com feroz eficácia.*

*Como previsível, o recurso ao modelo ortográfico castelhano foi inevitável. O ágrafo galego passou a escrever-se conforme a feição gráfica da língua oficial e única língua verdadeira – tal como ortografada desde finais do século XVIII. Este modelo tinha no mínimo duas vantagens invencíveis: era tecnicamente prestadio e era o único conhecido, o único aliás que podia conhecer-se. De maneira que não havia necessidade de irmos procurar alhures o que já achámos aqui, nem de se inventar o que já estava inventado. Acresça-se, em ordem a perceber as intenções do programa linguístico dos primeiros promotores da língua regional, que, entre estas, de nenhum modo se encontrava a de concorrer com a língua nacional, cuja hegemonia estava fora de causa. Correlato visual da minorização linguística, a ortografia perfilhada servia ainda para ratificar que as notabilidades escreventes do galego eram e queriam ser um subconjunto regional do conjunto espanhol. Houve, sim, e desde cedo, quem propusesse adoptar a ortografia portuguesa. A sugestão não prosperou e talvez a frondosa exuberância de letras ociosas que exibia na altura a orthographia lusitana tenha contribuído para tanto. Seja como for, haverá que completar a panorâmica ortográfica, recordando que, em paralelo à medrança da influência social e política do movimento nacional galego, a questão da ortografia tornará a ser objeto de debate nas três primeiras décadas do século passado. Jovens inquietos anunciavam novos rumos, que a desfeita de 36 debelou.”*

Quem começava a usar a língua escrita, desconhecia todo da sua história, desconhecia a documentação medieval, desconhecia Portugal e a sua história, e em nenhum caso queriam pôr em questão ou “concorrer” com a língua *nacional* -a de todas as elites-.

Cada pessoa que escrevia era um defensor da beleza da sua fala, do seu idioleto local, e não sentiam isso como incompatível com um orgulho e patriotismo da sua pertença a Espanha.

A língua na Galiza era uma diversidade de falas muito próximas e intercompreensíveis, mas com muita variação local, dando-se as maiores diferenças naquelas mais afastadas geograficamente, por exemplos as falas eu-naviegas.

A língua como tal, e na definição que eu fazia de língua, deixara de existir. Não só isso, a denominação que era normalmente usada era a do *nosso dialeto*<sup>32</sup>, exprimindo com isso o superior patamar em que se achava o castelhano, que em nenhum caso era vontade remover, tão só restaurar a dignidade e o respeito às nossas particularidades tão desprezadas pelos castelhanos.

Na Galiza isso tudo estava começando a se modificar nos anos 30 do século passado, mas Castela/espanha com a sua tradicional *bonomia* banuiu tudo, com sangue e fogo, as valetas das estradas voltaram a estar semeadas de cadáveres<sup>33</sup>, não era a primeira guerra contra a diferença, mas sim a mais brutal<sup>34</sup>

**O Franquismo não perseguiu as línguas**, nem os seus falantes eram presos, simplesmente banuiu-as do espaço público, reduziu-as ao espaço privado, apoiou a visão folclorista, apoiando as diferenças bem entendidas, o carinho pelo local, pelas falas locais, a divisão interna das línguas não castelhanas, como contraste frente ao castelhano “uno y universal” A língua galega na recuperação da democracia pactuada, não chegou nas melhores condições<sup>35</sup>, Ao que se somava o acervo histórico de Castela/espanha, acrescido agora com os ganhos do franquismo. *Isso era intocável e não julgável*. Eis a frase que pode resumir a transição a democracia espanhola, e de aí partem as lamas nas que andamos enlameados

### 3. Que é normalização linguística

A democracia, impulsionada por catalães e bascos, com ecoamento na Galiza, na recuperação da autonomia, abriu processos normalizadores das línguas.

Uma língua é normal quando ocupa o espaço social com normalidade, e dão-se nela toda classe de níveis da língua, e não se confunde o nível padronizado culto com a diversidade de falas populares. E todo o mundo pode usar todos os registos com normalidade, incluídas gírias... pois todos em todas as línguas somos diglóticos no sentido Fergusoniano.

A normalização significa a ocupação pela língua minorada de espaços que foram ocupados *manu militare* pela língua imposta.

A normalização tem que significar necessariamente a recolocação do castelhano no espaço social, e a criação de um modelo de língua culto e urbano, e que não pode ser outro, que o que tem como espelho, essa mesma língua, num estado bem pertinho e com a nossa língua oficial -Portugal-.

<sup>32</sup> E afirmando sempre os falantes, o de ser o seu dialeto, de muito má qualidade

<sup>33</sup> Segundo o relatório do juiz Garzón, que não pode completá-lo, mais de 260.000 pessoas foram executadas pelas forças franquistas, na retaguarda (contraste-se com os mortos nas frentes de batalha que não ultrapassaram os 200.000), sem poupar nenhuma *condição*. Na parte republicana os assassinados na retaguarda não alcançaram os 60.000, que também não são poucos.

<sup>34</sup> Há uma expressão dos franquistas muito esclarecedora “Espanha antes roja que rota”

<sup>35</sup> Eis minha comunicação no XVIII Colóquio:

[http://www.pglingua.org/opiniom/index.php?option=com\\_content&view=article&catid=3&id=5288&Itemid=81](http://www.pglingua.org/opiniom/index.php?option=com_content&view=article&catid=3&id=5288&Itemid=81)

Porquê o sucesso da normalização catalã<sup>36</sup>

Todavia que a inserção da coroa de Aragão em Castela é muito distinto do processo vivido na Galiza, o catalão não deixou de retroceder, dialetalizar-se e perder o seu gênio. Estamos no 300º aniversário da perda das liberdades na coroa de Aragão, concretamente Catalunha foi submetida militarmente em 1715. Mas se compararmos o catalão escrito naquela altura, por exemplo o que gastava a *generalitat* da Catalunha, com o catalão atual, o primeiro que chama a repararmos, e a imensidade da penetração castelhana no catalão, a escrita despadronizada e afastada do modelo medieval substitui por uma tendência a usarem o modelo castelhano, um pouco o que apontava Corredoira<sup>37</sup> para a Galiza (Como previsível, o recurso ao modelo ortográfico castelhano foi inevitável. O ágrafo galego passou a escrever-se conforme a feição gráfica da língua oficial e única língua verdadeira – tal como ortografada desde finais do século XVIII. Este modelo tinha no mínimo duas vantagens invencíveis: era tecnicamente prestadio e era o único conhecido, o único aliás que podia conhecer-se. De maneira que não havia).

Pois bem, esse modelo -o de base ortográfica do castelhano-, funcionava também na Catalunha. (Algo que se desconhece na Galiza). E o modelo de língua que se gastava, não questionava o superior patamar no que se achava o castelhano. Que coisa passou que modificou de jeito determinante isso.

Na Catalunha foi a pessoa e o trabalho individual e infatigável de Pompeu Fabra.

Pompeu Fabra não era linguista, (era engenheiro). Ele era um apaixonado da sua língua, e o seu trabalho foi

- a) reconstruir a ortografia histórica do catalão.
- b) depurá-lo de castelhanismos.
- c) fazer um dicionário que respondesse ao seu modelo de língua concebendo o catalão como uma língua que tem que ser NORMAL e GENUÍNA para ocupar todo o espaço social, que não pode ser reduzida ao subalternizada a nenhuma outra.

O seu sucesso, foi o da boa acolhida que as suas propostas tiveram entre as elites de todos os países catalães. Hoje o modelo do catalão, o modelo da sua normalização seria incompreensível sem Pompeu Fabra.

Não é por acaso que os ataques ao catalão desde Castela/espanha, vão contra o cerne das propostas de Pompeu Fabra, vão por defender a variedade das falas, por criação de modelos de língua ad hoc em cada um dos espaços territoriais da língua e ainda mais se poderem, fraturando internamente esses espaços em diversidade de falas (divide et impera)<sup>38</sup>

Na Galiza não tivemos nenhum vulto(s) que tomasse sobre si próprio essa tarefa, nem sequer o saudoso Ricardo Carvalho Calero, quem foi muito mais recente no tempo com os seus trabalhos de criar um modelo de língua, mas ele nunca teve as cousas tão claras como Pompeu Fabra ao longo de toda a sua vida, pois era filho da nossa particular *história clínica*<sup>39</sup> e deu muitas reviravoltas, além de querer ganhar o consenso<sup>40</sup> e somar às vezes lírios e troianos.

No campo lexicográfico na Galiza temos a Isaac Alonso Estraviz e o seu dicionário<sup>41</sup>, mas como sempre chegamos quase um século tarde demais<sup>42</sup>.

#### 4. Fazer das falas línguas

Castela/espanha gosta das falas na construção do seu projeto nacional. Sobre todo quando essas falas, esses *patois*, não põem em questão a superioridade, e o patamar que ocupa a língua castelhana. Não é incompatível amar as falas sem questionar o role do castelhano.

Eu sei que é sincero o amor polo particular de muitos vultos galegos que tem contribuído a expansão e domínio de Castela/espanha. Eu não duvido do amor de Fraga<sup>43</sup> para sua terra, e como ele poderia citar a outros muitos.

<sup>36</sup> Por Catalunha entendo todo o espaço da língua catalã tal e como Joan Fuster no livro "Nossaltres els Valencians" vai exprimir. O modelo do euscara batua (unificado) da Academia Basca, segue os mesmos princípios,

<sup>37</sup> *A construção da língua portuguesa frente ao castelhano: o galego como exemplo 'acontrário'*. Santiago de Compostela: Laiovento. (1998)

<sup>38</sup> Eis o modelo que o PP queria impor nas ilhas Baleares <http://www.sacademi.com/> Ou o modelo anticatalão e dialetal que defende esta Academia gémea estatutariamente e por origem da galega RAG, <http://www.racv.es/>. Os exemplos são inúmeros

<sup>39</sup> A expressão *história clínica* nossa, é da autoria de Carvalho Calero

<sup>40</sup> O consenso é um vírus inoculado na Galiza, que serve para que o inimigo te tenha paralisado.

<sup>41</sup> O dicionário académico e normativo da nossa língua na Galiza, sob a chancela da Academia Galega. (Essa joia da nossa coroa que se forjou nestes Colóquios)

<sup>42</sup> <http://www.pglingua.org/opiniom/4999-na-galiza-sempre-se-joaa-a-perder>

<sup>43</sup> Há na Galiza quem acredita que Fraga elaborou um plano perfeito de extermínio das falas da Galiza com um modelo estupefaciente. Eu acredito que realizou o que ele pensava era o melhor de acordo às suas concepções: Espanha é o importante, o cultivo do regional deve ser limitado e para as cousas "regionais" pois é de doidos competir com a bela e amada língua castelhana. Ele criou o centro Ramón Pinheiro, dando certo no achado.

A recuperação da nossa língua na Galiza, era fazer um canto a terra, ao pequeno beco onde um nasceu e se amamentou. Isso pouco a pouco foi mudando, mas recuperar a nossa língua com o seu fato histórico, o que senhoreia em Portugal, resultava trabalhoso, pois o estado a única ortografia da que garantia o seu aprendizado era a do castelhano, como diz o professor Corredoira e repito de novo, polo sucinto e preciso que é.

*Como previsível, o recurso ao modelo ortográfico castelhano foi inevitável. O ágrafo galego passou a escrever-se conforme a feição gráfica da língua oficial e única língua verdadeira – tal como ortografada desde finais do século XVIII. Este modelo tinha no mínimo duas vantagens invencíveis: era tecnicamente prestadio e era o único conhecido, o único aliás que podia conhecer-se. De maneira que não havia necessidade de irmos procurar alhures o que já acháramos aqui.*

Além disso, não estava no programa questionar o patamar ocupado pelo castelhano.

Isso parecia mudar no primeiro terço do século XX, quando um dos impulsionadores da primeira estrutura política na Galiza, de caráter nacional “as Irmandades da Fala<sup>44</sup>”, Antão Vilar Ponte, exprimia-o com estas palavras “Quanto mais cuidado e melhor é o galego, mais português ele é”.

Mas a isso sempre se achava resposta por algum, no sentido *de que todos valem para a causa da língua tanto os que tiverem uma visão nacional dela, como os que amem o terrunho local. Temos na nossa prática que abranger a todos sendo o menos conflitivos com a língua, sem importar como se usar, tudo vale.*

Resultado o modelo de língua que se projetava era absolutamente dependente do castelhano, era esta última língua o modelo de correção da língua galega<sup>45</sup>.

Nos anos 30 o papel e o modelo de língua para a recuperação nacional da Galiza e a normalização da sua língua, estavam no cerne dos debates e por fim podia-se dizer que estes entravam pelo carreiro certo. Mas, e volto a citar Corredoira: “Jovens inquietos anunciavam novos rumos, que a *desfeita* de 36 debelou.”

O Franquismo não perseguiu aos falantes, simplesmente voltou-os ao espaço do local, familiar e folclórico, na grandeza de uma Espanha UNA e diversa.

O nacionalismo existente na clandestinidade, renunciou a manter as estruturas e a construir um futuro para os tempos em que a ditadura havia de finir<sup>46</sup>

Na Galiza triunfa o que se deu em chamar pinheirismo, sendo o ideólogo desta concepção o galeguista Ramon Pinheiro. Em resumo esta concepção concebe a língua da Galiza como uma realidade estritamente limitada a Espanha (estado espanhol), pois é consciente que outra concepção poderia ser causa de sentir-se - como um atentado as essências de castela/espanha -. A intervenção deve se limitar ao âmbito cultural, pois o galeguismo é património de todos independentemente das forças políticas a que pertencerem.

Para eles o importante não era construir uma força que impulsionara isso socialmente, se não o não fazer inimigos e levarmo-nos bem todos, pois isso havia de dar resultados. O pinheirismo marcou todas as forças políticas na Galiza incluídas aquelas marxistas e comunistas nascidas nos anos sessenta, que em nenhum momento se afastaram do cerne destas formulações

5. *Construir idiomas não conflituosos com o projeto nacional de Castela/espanha é um beco sem saída.*

Quando um luta contra algo e tenta afirmar-se, só tem um jeito de avançar, **não há outro**: Dividir ao contrário e compactar os próprios. Repito DIVIDIR AO CONTRÁRIO E COMPACTAR OS PRÓPRIOS. Isto passa na guerra, na política, na normalização linguística, ou no avanço empresarial<sup>47</sup>.

Normalizar e ganhar espaços para a língua submetida<sup>48</sup> entre os que estão instalados no castelhano.

Isso só é possível se no grupo de falantes incidem processos que os dividem, e racham as suas solidariedades de grupo. Para isso é fundamental que o projeto for bem compactado, plural, porém firme, como são os exércitos que tem diversidade de armas e tropas especializadas, mas todas somam a um fim, todas são importantes ao resultado.

Na Galiza o pinheirismo institucionalizou, e bem seguido que é por todo o lado, o modelo de não fazer muito esforço com “os nossos” para levá-los na direção de avançar, mas sobre todo não fazer nada que incomodar ao contrário aos nossos caríssimos castelhanos/espanhóis que nos submetem e exploram<sup>49</sup>. O resultado estamos sempre dividindo as nossas próprias forças e compactando as do inimigo.

44 Das que o próximo ano se celebra o centenário

45 Eis um exemplo meu de há muitos anos. Eu sempre ouvira dos idosos aguentar, mais corrigia, porque se no castelhano e aguantar, deveria ser aguantar

46 Isto é muito contrastivo com o caso catalão e basco. Modernos partidos aparecidos nos anos 60 na Galiza, careciam de formação e base para esses empreendimentos, não tinham os alicerces lá aonde se chegara já na república; sendo mais contra o regime, que a prol de construir o futuro da Galiza e do seu povo.

47 O que nos caracteriza aos seres humanos e marca-nos o como somos, e a nossa capacidade de coacionar. Isso é algo que fazemos sempre até quando somos brandos e amáveis como gatinho recém-nado. Sem a coação não existiriam estruturas políticas, não haveria religiões “universais”, não funcionaria o mundo. Estando Lenine na Suíça teve um debate sobre as suas teorias com Sigmund Freud. Lenine explicava que desaparecida a propriedade nasceria o homem novo e cada um seria o dono do seu futuro e das suas decisões. Freud respondia-lhe, que isso ia contra da real natureza humana, pois o que caracteriza a humanidade é a imensidade das pessoas para quererem obedecer, é são sempre minoria a parte que leva em sim o de ser líder, e além disso o que nos conforma como humanos e o sermos coacionadores sempre... isso do homem novo da sociedade sem classes, dizia o Freud são patranhas que não se correspondem com o que descobre a cada dia a psicologia, ainda que dizia Freud as miragens podem ser muito mobilizadoras, sempre que houver liderança, e um grupo capaz de conduzi-la

48 Como diria [Celso Alvarez Cáccamo](#), criar capital social para a língua.

49 <http://blog.lusofonias.net/?p=1155> / <http://www.pglingua.org/opiniom/5054-na-galiza-sempre-nos-dividimos>

Em pleno processo de obter uma autonomia outorgada, para a parte da Galiza espanhola que está formando quatro províncias (distritos) do estado, houve um momento que parecia que se podia avançar algo<sup>50</sup>, quando as ideias de Carvalho Calero permeabilizaram duras rochas, e a ideia de uma língua de *mínimos* (de reintegração) que iria caminhando para o padrão vigorante em Portugal, podia ser uma realidade.

A reação dos elementos castelhano/espanhóis e seus mídia, foi brutal, e além disso não estavam as forças galeguistas e a prol da língua nacional, compactadas, não só isso, a ideia era fazerem consensos, item mais, - consensualizarem com esses da reação brutal-, o modelo de língua na Galiza.

Em 1982 é conselheiro de cultura e com competências nisso da “normatiiva” Filgueira Valverde, vai aprovar o Decreto 173/82 de normatização do galego.

A proposta de modelo de língua era um verdadeiro retrocesso, a respeito do modelo de língua que usava o pessoal “mais retrasado”.

Filgueira Valverde é entrevistado no jornal La Voz de Galicia<sup>51</sup>, sendo inquirido sobre as razões para aprovação de esse Decreto e desse modelo de língua, e dum jeito muito breve, resumidamente eis o que ele diz:

- a) na escola tem que seguir havendo o castelhano, a língua fundamental do ensino. Não se pode introduzir outra língua com um código distinto, pois isso não faria mais que gerar problemas nos alunos, que teriam que apreender um novo código e isso gera confusão.
- b) o modelo de língua parte do modelo falado, partindo do mais extenso possível e que ele seja inteligível para todos, se o é também para os castelhanos, pois melhor, isso que saímos ganhando.
- c) penso que a língua da Galiza é bem diferente da portuguesa, nós temos a nossa própria. Eu fui o primeiro catedrático de português na Espanha. <sup>52</sup> Em português diz-se pássaro e nós dizemos páxaro, como se vai escrever de um jeito e falar de outro.
- d) os lusistas-reintegracionistas são gente que só querem desfazer o que está feito. Afortunadamente não se lhes vai permitir o seu agir por meios legais.

#### *A normalização na Galiza*

O processo da normalização da língua na Galiza foi o processo violento e muito coactivo de banir lusistas do ensino, das publicações, dos meios e gerir os dinheiros para compara vontades. E isso sim, sem fazer nada de normalização social, pois a língua passava a ser uma questão ritual por cima de qualquer outra coisa.

O modelo de língua<sup>53</sup> meteu ao português da Galiza num beco sem saída.

Com grande habilidade, levado ao seu cume sob comando Fraga, as instituições converteram o processo social de *normalização* num processo de controle de desvios da norma e combate ao lusismo.

Criaram equipas de normalização e contratados para isso por todo lado, incluído em partidos, sindicatos e instituições pretensamente nacionalistas galegas. Mas não é função nunca de eles o impulsionamento social da língua, só o de regular esta, corrigindo textos, com um modelo dependente do castelhano e garantindo que não se passe pela peneira nenhum reintegrante.

Na Galiza o processo normalizar gerou socialmente e entre todo tipo de camadas sociais uma enorme confusão, da que só sai limpo de pó e palha o castelhano, pois o processo marca de jeito tático que a sua situação, e status do castelhano é intocável e inabalável.

Se na Galiza se criaram equipas de normalizar do castelhano com o mesmo processo de trabalho das que se criam para o português da Galiza, o castelhano já estava retrocedendo em vez de seguir avançando e ganhar cada dia novo espaço socialmente.

Na Galiza a devoção pelo soft, pelo soft linguístico, social e político...o sucesso sempre assegurado

---

#### **5. ANA FÉLIX, *TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS***

---

<sup>50</sup>[http://www.pglingua.org/images/stories/pdfs/2009/131209\\_abanhos.pdf](http://www.pglingua.org/images/stories/pdfs/2009/131209_abanhos.pdf)

<sup>51</sup> La Voz de Galicia 19 de novembro de 1982

<sup>52</sup> Isto fala-nos do valor das intitulações no estado espanhol, onde a existência de diploma não acredita em conhecimento. A Meendinho publicou a correspondência de Santos Júnior com galeguistas, entre eles está Filgueira Valverde, ele sempre usa só o castelhano e assim em toda a correspondência que manteve com vultos portugueses. Em realidade ele não estava capacitado para usá-la -além de ter a intitulação- e usava não o sermos rustico (para ele desprezível) e sim o castelhano.

<sup>53</sup> Há linguistas bem formados como o professor Fernando Venâncio, que nos vem a descobrir o Mediterrâneo quando ele diz que a sua língua se escreve também no código instituído na Galiza, daí ele tira um projeto que não é capaz de entender os processos de banimento da língua que se vivem na Galiza. Ele além dos seus artigos é muito ativo nos comentários no PGL.GAL

<http://pgl.gal/?s=fernando+venancio>. Como diz o sociolinguista [Lluís Aracil](#) sobre o futuro do português na Galiza, numa celebre entrevista no La Voz de Galicia: *O futuro da língua própria e nacional na Galiza é o mesmo que o do analfabetismo, desaparecer, e vocês trabalham todos os dias para que isso venha a ser assim, com tal de que fique o remorso ritual e podre.*



6. ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO, CONSERVATÓRIO REGIONAL, PONTA DELGADA, AÇORES /AICL



BRAGANÇA 2009 BRAGANÇA 2010

**ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA]** (1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.



**IPM (MACAU) 2011**



**2011 STA Mª**



**2012 LAGOA**

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando desde 2004 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC. No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º COLÓQUIO na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



**2012 GALIZA**



**2013 MAIA**



**2013 SEIA**

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álam Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.

*Desde 2008 nos colóquios, liderou as performances musicais em BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015*

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL / É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL**

**Dará dois recitais com Carolina Constância no violino e com Carlos Lobão do teatro nacional de São Carlos**

7. ANABELA NAIÁ SARDO, ESTH/IPG, UDI, GUARDA, PORTUGAL



**ANABELA OLIVEIRA DA NAIÁ SARDO** é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG).

Foi, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até janeiro de 2015.

Faz parte do Conselho Técnico-científico desta Escola desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, Presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012.

É, neste momento, Presidente do Conselho Pedagógico da ESTH/IPG. É membro integrado da UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR (UDI) e faz parte da equipa coordenadora e investigadora do projeto do IPG “Observatório de Turismo da Serra da Estrela”, com sede na ESTH/IPG.

É sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia. Faz parte da Comissão Científica Permanente desta Associação Internacional desde 2013 (triénio 2013 – 15 e 15 – 17).

Para além da investigação que tem vindo a realizar na área da Literatura Portuguesa, especificamente acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural.

**É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.**

**TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014 E 22º SEIA 2014**

**TEMA 3.1 ENTRE A QUIMERA E A REALIDADE: O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES EM MULHER DE PORTO PIM E OUTRAS HISTÓRIAS DE ANTÓNIO TABUCCHI. ANABELA NAIÁ SARDO, ESTH, UDI, IPG, GUARDA, PORTUGAL**

**INTRODUÇÃO**

No contorno do tema 3. Açorianidades, subtema 3.3. Revisitar a Literatura de Autores Estrangeiros sobre os Açores, trazemos à memória o escritor italiano Antonio Tabucchi cuja vida foi literalmente transformada após o “encontro” com a obra de Fernando Pessoa. Deste facto, nasceu o seu interesse pela cultura e pela literatura portuguesas e uma imensa paixão pelo país no qual passou a viver parte da sua vida. Autor de uma vasta obra, conseguiu evitar a repetição dos motivos e técnicas narrativas, fazendo de cada novo livro um produto diferente, único e memorável.

Iremos centrar a nossa atenção em *Mulher de Porto Pim*, obra publicada em 1983, cujo tema unificador é o Arquipélago dos Açores. Do mesmo modo, as baleias têm neste “livro de fronteira”, como lhe chamou Enrique Vilas-Matas, um lugar fulcral, desvelando-se nos textos a admiração do escritor por estes mamíferos e a ligação e as analogias dos mesmos com os homens.



Ler *Mulher de Porto Pim* é (re)visitar o Arquipélago dos Açores. Na obra, está presente a geomorfologia das ilhas e sente-se o tempo que determina a vida das populações locais. Vislumbram-se as atividades, as festas e as procissões, manifestações religiosas e culturais, visceralmente arreigadas à alma da gente açoriana. De forma intensa, perpassam as limitações da vida nas ilhas, a ligação das populações ao mar e o dominante sentimento de insularidade.

Em cerca de cem páginas, num conjunto de aprazíveis textos fragmentários nos quais a realidade convive com a metáfora, a verdade com a alusão e a imaginação e tudo, por fim, se transforma em ficção pura, Tabucchi conduz-nos, através de escritos em forma de sonhos (ou serão antes sonhos em forma de escritos?), ao “*horizonte quimérico*”<sup>54</sup> dos Açores.

ANTÓNIO TABUCCHI: O ESCRITOR E A PAIXÃO POR PORTUGAL

“*E a partir daquele dia, depois de inteirar-me de que ele se considerava a sombra de Pessoa, decidi converter-me na sombra de Tabucchi e assim ser a sombra da sombra de uma sombra.*”

Enrique Vila-Matas, *Los Tabucchi*, 2003.

Sobre a vida de Antonio Tabucchi (Itália, 1943 – Portugal, 2012) não iremos deter-nos longamente uma vez não ser esse o propósito deste breve texto e também porque o próprio autor não gostava que alguém tentasse reconstituir a sua vida, como um dia revelou a Enrique Vila-Matas e o premiado autor catalão e estudioso da obra tabucchiana registou num interessante texto no qual conta também o momento em que decidiu tornar-se a “sombra” de Tabucchi: “*Y retuve esa idea de Tabucchi de desorientar a quienes quieren reconstruir nuestras vidas. Y a partir de aquel día, tras enterarme de que él se consideraba la sombra de Pessoa, decidí convertirme en la sombra de Tabucchi y así ser la sombra de la sombra de una sombra*” (Vila-Matas, 2003). Este mesmo pensamento aparece logo no prólogo de *Mulher de Porto Pim*, quando Tabucchi escreve “*Devo à sugestão de Octavio Paz de que os poetas não têm biografia, e que a sua obra é a sua biografia (...)*” (2013: 8). Deste modo, traremos ao nosso texto apenas algumas breves pinceladas sobre a biografia e bibliografia de Tabucchi, em particular aspetos que deixam transparecer a sua paixão por Portugal.

Considerado como um dos grandes escritores italianos contemporâneos e um dos nomes marcantes da literatura europeia, autor cujas obras, amplamente traduzidas<sup>55</sup>, eram aguardadas com expectativa, Tabucchi fez de Portugal uma segunda casa, lugar onde passou a viver parte da sua vida. Nasceu na província de Pisa, cidade onde fez os seus primeiros estudos. Estudou línguas e filosofia, ensinou em diversas universidades europeias (Bolonha, Roma, Génova e Siena) e foi *Visiting Professor* no Bard College de Nova Iorque, na École de Hautes Études de Paris e no Collège de France, empreendendo, igualmente, a aventura de viajar pela Europa.

Em Paris, descobriu, um dia em 1962, traduzida para francês, a obra que viria a marcar a sua existência, uma coletânea de poemas de Fernando Pessoa, que incluía a poesia de Álvaro de Campos “*Tabacaria*”, como se pode ler no artigo “*Antonio Tabucchi, traduttore di Fernando Pessoa è il simbolo della difesa dei diritti civili*”:

*Al ritorno da uno di questi viaggi a Parigi, trova su una bancarella nei pressi della Gare de Lyon, firmato con il nome di Alvaro de Campos, uno degli eteronimi del poeta portoghese Fernando Pessoa (1888-1935) il poema Tabacaria, nella traduzione francese di Pierre Hourcade. Dalle pagine di questo libricolo ricava l'intuizione di quello che sarà per più vent'anni l'interesse principale della sua vita. (S.A., 2002)*

Apaixonou-se de tal forma pelo que leu que decidiu estudar português para melhor compreender o desassossegado poeta das múltiplas personalidades. Transformou-se, de acordo com as suas próprias palavras, na “sombra de Pessoa” e, segundo Cardoso Pires, no “*narrador*” (Pires, 1994) do grande poeta sobre quem redigiu diversos ensaios. Com Maria José de Lencastre, a portuguesa com quem casou, traduziu e dirigiu a edição italiana da obra de Fernando Pessoa.

Escreveu regularmente para os jornais *Corriere della Sera* e *El País*, tarefa que lhe permitiu, em 2004, ser galardoado com o prémio de jornalismo Francisco Cerecedo, atribuído pela Associação de Jornalistas Europeus em reconhecimento pela excelência do seu trabalho jornalístico e pela defesa aberta e incondicional da liberdade de expressão. Paralelamente à sua atividade de pesquisa e crítica literária, desenvolveu uma marcante obra como ficcionista, de onde se destacam livros como *Donna di Porto Pim (A Mulher de*

<sup>54</sup>A expressão “horizonte quimérico” foi retirada do comentário de António Mega Ferreira sobre *Mulher de Porto Pim*: “Um notável exercício de devolução da aventura à escrita ficcional, no qual o genial escritor italiano vai ao encontro do ‘horizonte quimérico’ dos Açores”, presente na contracapa da edição que lemos, referenciada na bibliografia final.

<sup>55</sup>Os livros de Tabucchi foram traduzidos para mais de quarenta línguas.



*Porto Pim*, 1983), *Notturmo Indiano* (*Noturno Indiano*, 1984), *Piccoli Equivoci Senza Importanza* (*Pequenos Equívocos sem Importância*, 1985) e *Sostiene Pereira* (*Afirma Pereira*, 1994), entre outros.

Pela sua obra literária, foi distinguido com diversos prémios, dos quais salientamos:

1. Em 1987, o Prémio Médicis em França, para o melhor romance estrangeiro com o livro *Notturmo indiano*;
2. Em 1989, a Ordem do Infante D. Henrique em Portugal, e a nomeação como Chevalier des Arts et des Lettres pelo Governo francês;
3. Em 1992, o Premio P.E.N. Club italiano com o *Requie: un'Allucinazione*;
4. Em 1996, prémios italianos (Via Reggio e Campiello) e o Prémio Europeu Jean Monnet para a Literatura Estrangeira com *Afirma Pereira*;
5. Em 1998, o prémio Nossak da Academia Leibniz;
6. 2002, o Prémio France Culture, para a literatura estrangeira, com o livro *Si sta facendo sempre più tardi*

Sentindo que a sua pátria era também a língua portuguesa, como se pode ler, por exemplo, no verso da capa de *Mulher de Porto Pim e outras histórias*, escreveu, em 1991, um romance em português intitulado *Requiem*.

A sua obra dramática foi levada a palco por Giorgio Strehler e Didier Bezace, entre outros. As obras *O Fio do Horizonte*, *Noturno Indiano*, *Afirma Pereira* e *Requiem* foram adaptadas ao cinema, respetivamente por Fernando Lopes, Alain Corneau, Roberto Faenza e Alain Tanner. O filme *Afirma Pereira* foi rodado em Portugal.

ENTRE A QUIMERA E A REALIDADE: O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES EM MULHER DE PORTO PIM E OUTRAS HISTÓRIAS

“Questo libretto trae origine, oltre che dalla mia disponibilità alla menzogna, da un periodo di tempo passato nelle isole Azzorre. Suoi argomenti sono fundamentalmente le balene, che più che animali sembrerebbero metafore.”  
Antonio Tabucchi

“*Mulher de Porto Pim*, livro de cabeceira e artefacto literário que contemplo como se fosse um Moby Dick em miniatura.”  
Enrique Vila-Matas

Para que algo seja considerado *precioso*, deve ser de grande valor como qualquer dicionário poderá confirmar. E essa valia pode advir quer da beleza, quer da raridade daquilo a que nos referimos. Li ou ouvi algures alguém dizer que usava frequentemente o adjetivo em questão para qualificar alguns dos livros “fininhos” que, às vezes, surgiam no seu caminho. Na verdade, determinados livros pequenos, em poucas páginas, apenas erroneamente aparentam fragilidade, pois muitos oferecem ao leitor um mundo para desbravar. Tal acontece com algumas obras de Antonio Tabucchi, nas quais, outra qualidade se revela. São livros que nos convidam à viagem. Entre esses, encontra-se *Mulher de Porto Pim e outras histórias*, um sonho breve em forma de livro “quase de bolso”, como aparece rotulado no próprio texto (Tabucchi, 2013: 7).

*Donna di Porto Pim e altre storie* foi originalmente escrito em italiano em 1983 e publicado, em Portugal em 1986, muito antes de Antonio Tabucchi ter redigido a obra que lhe trouxe amplo reconhecimento internacional e que inflamou a imprensa italiana, o indiscutível romance político *Afirma Pereira/Sostiene Pereira*, publicado em 1994.

*Mulher de Porto Pim e outras histórias* é um pequeno, contudo intenso livro, formado por um conjunto de relatos, memórias, “diários de viagens metafísicas”, contos breves, transcrições e outros textos (notas, mapas, legislação, bibliografia), que se transfiguram num “artefacto literário” acerca do Arquipélago dos Açores. A própria estrutura da obra apresenta-se à guisa de uma sequência de fragmentos melancólicos que surgem como pinceladas de um devaneio quimérico: um prólogo e um curto texto com título indiciador, “*Hespérides. Sonho em forma de carta*”; duas partes (*I. Naufrágios, destroços, passagens, lonjuras*; *II. De baleias e baleeiros*, na qual se inclui o conto que dá título ao livro); e um Apêndice, subtintulado “*Um mapa, Uma nota, alguns livros*”.

O professor e escritor americano Ethan Rutherford, num breve apontamento sobre esta obra, confessa-se apreciador de livros de viagens e qualifica entusiasticamente o livro de Tabucchi como “*estranho*” e “*maravilhoso*”, “*inclassicável*” e “*inventivo*”, comparando-o aos “*pequenos trabalhos*” (2013: 1) de autores como Michael Ondaatje e Italo Calvino. Nessa reflexão sobre *Mulher de Porto Pim e outras histórias*, Rutherford aponta os aspetos que demarcam decisivamente esta obra: o espaço, as ilhas dos Açores, e as temáticas

unificadoras, essencialmente as baleias. Também refere uma qualidade que aí encontra, característica dos livros de viagens, ou seja, o facto dos mesmos nos oferecerem o caminho através do qual só a literatura pode permitir uma “georreferenciação” à vida.

Não é intuito da nossa reflexão discutir se este é ou não um “livro de viagens”. Assim, mesmo tendo em conta que a “literatura de viagens” é um subgénero literário, uma modalidade interdisciplinar do género narrativo, a qual, de acordo com Fernando Cristóvão, se manifesta “em textos, de carácter compósito, [que] entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas” (2002: 35), iremos usar as palavras do escritor e estudioso da obra de Tabucchi, Enrique Vila-Matas, para nos referirmos ao livro em análise. Estamos perante um “artefacto literário”, como registámos mais a cima no nosso texto.

*Mulher de Porto Pim e outras histórias* é muito mais do que um diário de viagens ou uma coleção de narrativas breves, porquanto alguns sentimentos como o deslumbramento, a melancolia e a saudade permeiam cada página, entretecendo-se de diferentes estilos e formando em si uma única viagem, como atesta a própria estrutura e o elucidativo prólogo. As anotações metafísicas, as ficções breves, as recordações reais ou inventadas, a “biografia” de Antero de Quental, a cartografia e a bibliografia, as crónicas e as notas arquitetam, na sua aparente simplicidade, uma “geopoética” da alma açoriana.

Ainda que o título e o índice possam surpreender o leitor, não precisa o mesmo de avançar muitas páginas para ver esclarecidas algumas das dubiedades que poderiam assaltar o seu espírito, uma vez ter feito Tabucchi questão de, por honestidade e retidão, prefaciar a sua obra com algumas elucidações sobre a estrutura e contextualização literária e geográfica da mesma. Assim, partindo do espaço geográfico real do Arquipélago dos Açores e de uma viagem autêntica, “*Eu pus efetivamente o pé em terra, e este livro teve como origem (...) um período de tempo passado nos Açores*” (2013), como assevera Tabucchi na página 8, o escritor oferece-nos, como o próprio procura revelar, um texto ficcional, cujas temáticas emergem não apenas desse espaço verídico, mas, igualmente, de características pessoais que são intrínsecas ao autor e que o mesmo confessa. São elas a tendência de escrever de acordo com a sua “índole” (2013: 7), de apreciar “cultivar ilusões” (2013: 7) e de ter “propensão para a mentira” (2013: 8). Diz-nos tudo Tabucchi nesta confiança. O seu livro é um ato ficcional, uma criação de carácter artístico, baseada na imaginação, ainda que projetada a partir de dados reais.

À semelhança dos textos de literatura de viagens, como os define por exemplo Fernando Cristóvão, nas páginas de Tabucchi assomam viagens reais, enquanto deslocamentos ou percursos mais ou menos longos, bem como o que, por ocasião das mesmas, pareceu digno de registro: a descrição da terra, da fauna, da flora, de usos, de costumes, de crenças e de povos. Emergem também viagens interiores. Tudo filtrado pelo olhar de um “italiano (...) sedento de histórias” (Tabucchi, 2013: 84), que, “depois de ter velejado durante muitos dias e muitas noites, [compreendeu] que o Ocidente não tem confim, continuando a deslocar-se connosco, e que podemos segui-lo enquanto nos aprover sem nunca o alcançar” (Tabucchi, 2013: 11).

No texto preambular, que ocupa três páginas, Tabucchi declara a sua afeição pelos “honestos livros de viagens” (2013: 7), despertada exatamente por essa virtude que os mesmos possuem de “proporcionar um ‘algures’ teórico e plausível ao nosso ‘onde’ imprescindível e concreto” (2013: 7). Repare-se na possibilidade georreferenciadora da literatura a que alude Rutherford no texto já mencionado. No entanto, adverte Tabucchi, impelido por uma “elementar lealdade” (2013: 7), que não deve o leitor esperar encontrar, no seu “pequeno” livro, um verdadeiro “diário de viagens” (2013: 7) por não considerar possuir o mesmo as qualidades necessárias para assim ser rotulado, ou seja, a indispensável “tempestividade de escrita ou uma memória imune à imaginação que a memória produz” (2013: 7). Todavia, também não ambiciona o desafortunado escritor considerar este livro como páginas de “pura ficção” (2013: 7), demarcando-se de obras literárias como o livro do início do século XX, *Impressions d’Afrique*, de Raymond Roussel, o qual foi capaz de escrever “sem nunca sair do seu iate” (2013: 7), ou daquela que marca o imaginário dos leitores, quando falamos em naufrágios e baleias, a célebre obra de Herman Melville, *Moby-Dick* (1851).

Ainda no prólogo, Tabucchi refere os temas do seu livro, apontando, contudo, para a forma como os entende. Escreve então: “Os temas que aborda são fundamentalmente as baleias, que, mais do que animais, parecem metáforas; e também os naufrágios (...) que parecem igualmente metafóricos” (2013: 7), dando, dessa forma, pistas ao leitor para a compreensão da sua obra. Como assinala Rutherford no artigo já citado, *Mulher de Porto Pim e outras histórias* pode, em certa medida, ser considerado um livro de viagens, um guia para os Açores. Porém, serão sempre os Açores da memória e imaginação de Tabucchi, aquelas ilhas que são, acima de tudo, um arquipélago vulcânico e isolado que assoma no mar “(...) qual diminuta espinha dorsal de um colosso desaparecido” (Tabucchi, 2013: 11). Diz, ainda, Rutherford que as páginas do livro de Tabucchi se assemelham a uma declaração de amor a um lugar vivenciado e recriado: “a love note to a place, or a eulogy of sorts” (2013: 1). E acrescenta “(...) like Tabucchi finding his way back to a place he loved and, in the process, creating it anew.” (Rutherford, 2013: 1).

Não aparenta ter o texto prologal outro objetivo se não o de explicitar e justificar a obra e a sua estrutura, porquanto continua aclarando as mesmas. Sobre “a passagem” (2013: 9) que sucede ao texto inicial, intitulada “*Hespérides, Sonho em forma de carta*”, grafa Tabucchi dever-se a mesma a duas causas que enumera: primeiro, à leitura de Platão e, segundo, a uma viagem concreta entre duas localidades da Ilha do Faial (Horta e Almoxarife) feita numa “*vagarosa carreira*” (2013: 9). De tal forma o narrador viajante se mostra impressionado pelas ilhas açorianas que compara esse território ao mítico jardim das Hespérides, situado no extremo Ocidental do mundo<sup>56</sup>. Perturbou-o a paisagem e as condições climáticas, os habitantes e os “deuses” das fantásticas ilhas que emergem do “*mar ignoto (...) sem fim e sempre igual*” (Tabucchi, 2013: 11).

Ainda no texto introdutório, Tabucchi enfatiza duas das histórias do livro, as quais, conforme afirma, “*não seria de todo descabido considerar como ficção*” (Tabucchi, 2013: 8). Trata-se dos textos “*Antero de Quental, uma vida*” (pp. 39 a 45) e “*Mulher de Porto Pim, uma história*” (pp. 75 a 84). A primeira, contada “*segundo os cânones do hipotético*” (Tabucchi, 2013: 8), deve-a, conforme afirma, “*à sugestão de Octavio Paz de que os poetas não têm biografia*” (Tabucchi, 2013: 8). Por essa razão, a contou “*como se de uma vida imaginária se tratasse*” (Tabucchi, 2013: 8). A segunda partiu das “*confidências de um homem*” (Tabucchi, 2013: 8) que o escritor supõe ter encontrado “*numa taberna de Porto Pim*” (Tabucchi, 2013: 8). Relembremos que Tabucchi havia afirmado que o tema dos naufrágios, “*na sua aceção de atos gorados e fracassados*”, portanto no sentido metafórico do termo, era também fundamental no livro. E não são estas duas diegeses exemplos de vidas malogradas e frustradas?

Menciona ainda os textos “*Pequenas baleias azuis passeiam nos Açores, Fragmento de uma história*” (pp. 19 a 26), que considera “*como ficção orientada*” (Tabucchi, 2013: 9), e o brevíssimo texto que encerra o livro, antes do inusitado “*Apêndice Final*” (pp.89 a 95), intitulado “*Post Scriptum, uma baleia vê os homens*” (pp. 85-86). Duplamente inspirado, como nota o próprio Tabucchi, este último trecho de prosa poética surge, por um lado, estimulado pelo vício de “*espreitar o outro lado das coisas*” (Tabucchi, 2013: 9); por outro, inspirado pela poesia de Carlos Drummond de Andrade, a quem dedica o texto, poeta com quem aprendeu a “*ver os homens através dos olhos doloridos de um lento animal*” (Tabucchi, 2013: 9).

Temos vindo a dizer que este belo e imperdível livro pode ser lido como uma espécie de “*guia*” para os Açores, pelo menos para ‘os Açores de Tabucchi’, e que a obra é sem dúvida uma declaração de amor a um lugar que marcou o escritor. Contudo, ressalta também a imagem metafórica das baleias e dos baleeiros, temática que continua a fazer parte do imaginário e da memória coletiva deste arquipélago.

No livro desponta igualmente a elegia de uma atividade em extinção, assomando a baleia como arquétipo e premonição do fim dos baleeiros, como atesta o final do episódio “*Uma caçada*” (pp. 68 – 74). O “*mestre baleeiro*” (Tabucchi, 2013: 69), o senhor Carlos Eugénio, questiona o visitante sobre as razões que o levaram a participar naquela “*jornada*” (Tabucchi, 2013: 74). E o visitante, indeciso, responde: “*Talvez por estarem ambos em extinção (...) vocês e as baleias, julgo que foi por isso*” (Tabucchi, 2013: 74). Sente-se percorrer os textos uma profunda e taciturna compreensão face à atividade baleeira, brotando das descrições detalhadas do esforço e valentia dos homens numa faina que o escritor quis ver de perto para melhor compreender. Ao mesmo tempo, atinge o leitor a crueldade e frieza da matança, ponto de vista que nos é oferecido tanto pela olhar do “visitante” como pelo das próprias baleias.

Uma imensa melancolia assoma na história da bela Yeborath, morta com um arpão, narrativa marcada pela intriga amorosa, pela prisão, pelo sentimento de traição e pela morte. É a história de um amor correspondido, contudo interrompido. Um amor sentido e verdadeiro, que terminou em tragédia à semelhança da morte de uma baleia: “*(...) a baleia, assobiando, levanta a cabeça completamente e respira; o jato que sibila pelo ar é rubro de sangue, no mar alastra uma poça vermelha e um borraçeiro de gotas purpúreas, trazidas pela brisa, chega até nós e suja-nos o rosto e a roupa*” (Tabucchi, 2013: 72).

Tabucchi escreve sobre os Açores e as baleias, sobre a forma como a vida do arquipélago e dos seus habitantes foi condicionada, durante muito tempo, por estes mamíferos majestosos. E revela igualmente a sua admiração pela natureza e a grandiosidade desses cetáceos. No texto “*Alto Mar*”, as recordações de histórias, os conhecimentos científicos, as experiências dos baleeiros e as considerações do viajante aparecem para caracterizar essa “*doce raça de mamíferos*” (Tabucchi, 2013: 52) e todo o discurso aflora comparando e contrapondo Homem e Baleia. Em muito estes “*mamíferos, que têm como nós sangue vermelho e o leite*” (Tabucchi, 2013: 52), se parecem com o Homem, salvo em dois aspetos cruciais: a sua sensibilidade e o seu temperamento. As baleias são muito mais sensíveis, porque nelas o sangue, “*a força do mundo superior*” (Tabucchi, 2013: 52), “*que nós temos às gotas, foi-lhe prodigalizado à torrente*” (Tabucchi, 2013: 53). E são “*animais pacíficos*” (Tabucchi, 2013: 58).

---

<sup>56</sup> Camões situou esse mesmo jardim em outras ilhas então portuguesas: Cabo Verde.

As páginas referentes a “*Uma Caçada*” (pp. 69 a 74) colocam num sublime e terrível frente a frente o Homem e a Baleia que acaba vencida: “*Por fim, a grande cabeça emerge e ouço agora o grito da morte, um lamento agudo como um sibilo, estridente, pungente, insuportável. A baleia está morta, flutua imóvel*” (Tabucchi, 2013: 73). A adjetivação usada deixa transparecer a impressão que a atividade baleeira causa no autor. Notem-se as imagens do soberbo mamífero, da luta Homem/Baleia, durante a “*caçada*” (o verbo usado é caçar e o texto intitula-se “*uma Caçada*”), e, depois, o inspirado e belíssimo texto “*Post SCRIPTUM, Uma baleia vê os homens*”, no qual, à semelhança de Carlos Drummond de Andrade, Tabucchi relata a forma como “*os dolorosos olhos*” de uma baleia veem os homens. Neste brevíssimo, mas significativo escrito, onde a imagem do homem se contrapõe à da baleia, o ser humano assoma “*sem a imponência das formas bem acabadas e plenas*” (Tabucchi, 2013: 85). Os entes que “*Surgem deslizando sobre o mar (...)*” (Tabucchi, 2013: 85) assomam, aos olhos da baleia, como seres frágeis, “*sempre ofegantes*” (Tabucchi, 2013: 85) e agitados, que “*infligem a morte com fragilidade e uma ferocidade graciosa*” (Tabucchi, 2013: 85) e “*aos quais falta a perfeição dos (...) sons essenciais: chamamento, amor, pranto do luto.*” (Tabucchi, 2013: 85). Acrescenta-se ainda: “*percebe-se que são tristes*” (Tabucchi, 2013: 86).

A afável e compreensiva visão de Tabucchi perante a atividade baleeira desprende-se, uma vez mais, das ideias de fragilidade e tristeza dos humanos. Ainda que a possa considerar, sob o ponto de vista do ser caçado (que o autor eleva à condição de ser pensante), uma atividade torturante e cruel, Tabucchi compreende a importância dessa prática para a subsistência das populações e para a economia das ilhas. Do mesmo modo, compreende a visceral ligação dos açorianos a esse ofício. A confissão de Lucas Eduíno, passagem da narrativa “*Mulher de Porto Pim, Uma História*”, é extremamente significativa a esse respeito: “*Tu sabes o que é a traição? A traição, aquela verdadeira, é quando sentes vergonha e querias ser outra pessoa. Eu desejava ser outra pessoa quando me fui despedir do meu pai e os olhos dele me seguiam, enquanto eu enfiava o arpão na bainha do oleado e o pendurava num prego da cozinha (...). Resolvi mudar de ofício, disse-lhe rapidamente (...)*” (Tabucchi, 2013: 81).

Ao longo de décadas, a dimensão épica da caça à baleia nos Açores inspirou Tabucchi à semelhança de muitos outros escritores, artistas, historiadores e jornalistas. Referindo apenas alguns escritores, basta lembrar Raul Brandão e o livro de 1926 *Ilhas Desconhecidas*; ou *Mau tempo no Canal*, escrito em 1944 por Vitorino Nemésio, obra que é, segundo Martins Garcia, citado por Dores (1999), “*a síntese de todas as ficções [do escritor] e o remate de toda a idiosincrasia açoriana*”. Ou, ainda, *Mar pela Proa* de Dias de Melo, escritor que afirmava: “*Sou escritor. Português – porque sou cidadão do meu País, Portugal. Açoriano – porque sou cidadão dos Açores. Mas, mais restritamente e acima de tudo – sou um escritor do Pico. Da minha Ilha, da minha Terra. E, porque sou Povo – do Povo da minha, da nossa Ilha, da minha, da nossa Terra. Boa parte dos meus livros aqui, na nossa Ilha, na nossa Terra, se situa. Do Povo, do nosso Povo, são os modelos da grande maioria das personagens que neles vivem.*”

O tratamento que a temática recebe em escritores como José Martins Garcia, Álamo Oliveira ou Manuel Ferreira Duarte é já o da distanciação. Por exemplo, no conto “*Não é para me gabar*”, de Álamo Oliveira, do livro *Contos com desconto* (1991), a caça à baleia pertence definitivamente à memória. A efabulação e o imaginário estão já nitidamente numa fase pós-baleação.

Seguindo a tese de Urbano Bettencourt no ensaio “*Baleação na narrativa Açoriana*”, os temas da baleia e da baleação surgem, na Literatura, através de dois tipos de olhares: um olhar interior, de que acabámos de dar alguns (poucos) exemplos, e um olhar exterior. *Mulher de Porto Pim e Outras Histórias* de António Tabucchi exemplifica esse olhar ‘de fora’ de uma atividade açoriana em declínio, irremediavelmente a caminho da fixação absoluta no imaginário e na memória.

#### BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, Urbano (1995). “A baleação na narrativa açoriana (e duas ou três ‘fugas’)”. In *O Gosto das Palavras II* (Leituras e Ensaios). Ponta Delgada: Jornal de Cultura. pp. 57 - 70.
- BRANDÃO, Raul (2011). *Ilhas Desconhecidas*. Quetzal Editores. ISBN: 9789725649398.
- CABRAL, Carla (2003). “Os contos de Álamo Oliveira: os novos caminhos do conto.” *Forma breve* 1. P. 163-178
- CRISTÓVÃO, Fernando (2002). “Para uma Teoria da Literatura de Viagens”. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- DORES, Victor Rui (1999). “Baleia na literatura de expressão açoriana”. In *Enciclopédia Açoriana Centro de Conhecimento dos Açores*. Disponível em
- GARCIA, J. M. (1978). *Vitorino Nemésio, a obra e o homem*. Lisboa, Arcádia.
- Governo dos Açores (s. d), *Roteiros e Cultura dos Açores, Personalidades, Dias de Melo*. Presidência do Governo. Direção Regional da Cultura. Informação disponível
- MENDONÇA, Fernando (1994). “Álamo Oliveira, contos com desconto.” *Colóquio Letras*, n.º 134, outubro. pp. 155-156.
- NEMÉSIO, Vitorino (2004). *Mau tempo no canal*. Relógio D'Água. ISBN: 978972708792.
- PEREIRA, João Pedro, Nicolau Ferreira e Sérgio B. Gomes (2012). “Morreu Tabucchi, o escritor italiano que escolheu Portugal”. *Público*, 25/03. Disponível em
- RUTHERFORD, Ethan (2013). “‘The Woman of Porto Pim,’ by Antonio Tabucchi: This unclassifiable and wildly inventive book will transport readers to an isolated Azores archipelago”.
- S.A. (2002). “Antonio Tabucchi, traduttore di Fernando Pessoa è il simbolo della difesa dei diritti civili”. Milano, 18.11.2002, © Copyright 2001-2002 italialibri.net, Milano.
- TABUCCHI, Antonio



(1994). *Donna di Porto Pim e altre storie*. (2013) *Mulher de Porto Pim e Outras Histórias*. Alfragide: Leya. SA, 1.ª Edição BIS, ISBN :978-989-660-244-4.  
SILVA, Luzia Batista de Oliveira (2009). "O MITO DO DUPLO NO FILME NOTURNO INDIANO / THE MYTH OF THE DOUBLE NIGHT INDIAN MOVIE". *Travessias 09*, ISSN: 1892 – 5935..  
VILA-MATAS, Enrique (2003). "Los Tabucchi".

---

**8. ANTÓNIO CALLIXTO, EX TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO, ASSISTENTE PRESENCIAL**



ANTÓNIO CALLIXTO

- Tradutor e revisor (técnico e literário) de e para várias línguas
- Professor do ensino secundário (inglês e alemão) em Portugal e de português na Alemanha
- Leitor de português no estrangeiro (Polónia e Finlândia)
- Colaboração num dicionário polaco-português
- Chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu (Luxemburgo), de 1986 a 2012
- Participação em vários seminários e congressos internacionais sobre temática linguística
- Membro de vários júris de concursos para recrutamento de tradutores para as instituições da União Europeia
- Estudioso e entusiasta de várias línguas. Português língua materna. Conhecimentos de inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, polaco, neerlandês, finlandês, sueco, romeno, árabe, luxemburguês, russo, checo, alguns crioulos, etc.

**TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE/IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA**

---

**9. BIANCA SILVA, CORO DE CÂMARA MUS&CANTO + ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

---

**10. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA, GRACIOSA, ACORES, AICL**



**MOINHOS 2014**

### BRITES ARAÚJO

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na Ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-Graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas.

Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.



Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena Antologia de poetas açorianos. Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores. Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

VER VÍDEO HOMENAGEM DA AICL EM

<https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

**É SÓCIO DA AICL, ESTEVE PRESENTE NO 21º COLÓQUIO, MOINHOS 2014**

**PARTICIPA NAS SESSÕES DE POESIA E FAZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO**

TEMA 3.1.3. O Traço Insular Em Cecília Meireles – POR BRITES ARAÚJO

Nascida, como se sabe, no Brasil, numa geografia que se foi fazendo do litoral para o interior e onde o traço continental moldou História e imaginário, Cecília Meireles deixou-nos, surpreendentemente (ou talvez não), uma obra poética fortemente marcada pelo mar e por uma mundividência em muitos aspetos insular.

Conhecidas as suas raízes açorianas e os laços que manteve com poetas e escritores destas ilhas (só a troca epistolar com Armando Côrtes-Rodrigues ascende a 180 cartas), facilmente se tendeu a encontrar nessas raízes e nesses laços ecos de uma *açorianidade* que, pese embora nos faça honra, não é de todo consensual, ou tão pouco legitimada pela consanguinidade que mantemos com a escritora carioca.

Já em 1947, ou seja, 15 anos após o célebre texto em que Nemésio usa, pela primeira vez, a palavra *açorianidade*, o Dr. Ruy Galvão de Carvalho não resistiu a associá-la à poesia ceciliana, num artigo publicado no XXXIII vol. da revista *Ocidente*, a que deu o título de “*A açorianidade na poesia de Cecília Meireles*”.

Abra-se, então, um parêntesis para apurar, sucintamente e na medida possível, *açorianidade* e a carga vivencial que lhe está associada: em 1932 (quando ainda se julgava que as ilhas teriam sido descobertas em 1432) pediram a Vitorino Nemésio um texto comemorativo do achamento. Nesse texto, publicado na revista *Insula* e célebre pela ideia de que nos Açores a Geografia vale tanto como a História, Nemésio usa pela primeira vez o termo *açorianidade* para se referir à sua experiência pessoal de afastamento da ilha e ao que dela resulta na sua consciência de açoriano. O Prof. Machado Pires, em *Páginas Sobre Açorianidade* (2013), refere-se-lhe assim: “(...) na *açorianidade* ecoam ressonâncias afetivas individuais.

É a condição de viver e sobretudo ser ilhéu dentro e fora do Arquipélago. É a ilha em que se nasceu, a infância que se teve, fique-se ou não na ilha de origem. É uma ‘Alma’ que se transporta toda a vida. Assim a transportou Vitorino Nemésio, que criou o termo, aplicado à sua experiência de ilhéu ‘desterrado’ da sua ilha”.

Deixando de lado a minha convicção de que se o tempo é espírito em *fiéri*, a *açorianidade* é um conceito em *fiéri*, importa que Cecília nunca viveu nos Açores e apenas por uma vez visitou a ilha da mãe e dos avós (S. Miguel, a que por diversas vezes alude como a sua *Ilha do Nanja* – e.g. “Pastoral V” e “Ilha do Nanja”). Apesar disto, a presença de uma relação íntima com o mar, o uso de uma imagística e de uma semântica fortemente marcadas pelo elemento marinho, onde a nostalgia e a solidão pontuam, ou ainda o recurso a uma linguagem que remete amiúde para a ilha e para a insularidade, são questões incontornáveis na poesia ceciliana, pelo que há que reconhecer, de facto, a existência de aspetos da sua vida e da sua obra que legitimam uma incursão pelo que de inegavelmente insular e açórico existe no seu universo poético.

Não sendo essa insularidade de natureza geográfica ou histórica, ela decorre de um conjunto de circunstâncias que incluem, desde logo e em primeiro lugar, a infância da escritora e a construção do seu imaginário; em segundo, a procura e manutenção de laços com a literatura e com escritores deste lado do Atlântico, entre os quais os açorianos Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio; e em terceiro, o “*isolamento interior*” que tanto procurou e com que foi dando forma e voz ao seu lirismo e construindo o sentido profundamente simbólico da sua insularidade. A esse isolamento, simultaneamente imposto e aceite, olhou-o sempre como algo de precioso na salvaguarda de uma personalidade e de uma visão do mundo excecionais:

“ [...] por mais que me submeto a esta disciplina da terra, bem vejo pela cara com que os outros me contemplam que levo comigo alguma insígnia especial [...] Uns não me querem, por me acharem melhor, outros por pior, e quase todos por diferente. Mas tudo é muito suportável, porque não vou querendo nada, apenas peço que me deixem passar [...]”. (Notícia biográfica. In: *Poesia Completa*, org. Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. P. 83).

Nesta perspetiva, como já referi, o traço insular de que falo não advirá, então, de um ilhamento física e geograficamente vivido, historicamente situado, mas da natureza da mundividência ilhoa, que em Cecília se constitui transtemporal pela convivência com um mar aprendido de memória e com um imaginário que muito cedo foi sendo povoado por histórias de brumas, de temporais e de naufrágios, de ilhas e de barcos a partir e a chegar. Um imaginário que segue, ainda, os caminhos da convivência também com uma espiritualidade e com um misticismo que se foram alimentando da sua solidão interior e abrindo espaços à alquimia do espírito do eu-lírico com o espírito das coisas.

Dessa experiência, diz Cecília:

“ [...] Tudo quanto, naquele tempo [infância], vi, ouvi, toquei, senti, perdura em mim com uma intensidade poética inextinguível [...] Minha avó, com quem fiquei, depois de perder minha mãe, sabia muitas coisas do folclore açoriano, e era muito mística, como todos os de S. Miguel [...]”

De facto, órfã de mãe desde os três anos de idade, Cecília ficou entregue aos cuidados da avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, micalense natural da Fajã de Baixo, mulher de crenças e conhecedora do folclore das ilhas, com suas lendas e superstições, música e cantigas; da tradição literária oral, com seus cancioneros e teatro popular; do misticismo das nossas gentes e da sua religiosidade, de que, aliás, ela própria partilhava. No convívio com esta avó, absorveu Cecília as ilhas e delas se apossou nesse tempo fundador e de que nos fica marca indelével que é a infância. Isso mesmo transparece nas palavras que proferiu, no Aeroporto de Santa Maria, a 23 de novembro de 1951, ou seja, na véspera da sua primeira e única presença física em S. Miguel:

“Se me perguntarem o que me traz aos Açores, apenas posso responder: a minha infância [...] o romanceiro e as histórias encantadas; a Bela Infanta e as bruxas; as cantigas e as parlandas; o sentimento do mar e da solidão; a memória dos naufragos e a pesca da baleia; os laranjais entristecidos e a consciência dos exílios.

A dignidade da pobreza, a noção mística da vida, a recordação constante da renúncia, o atavismo cristão. [...]” (“Saudação aos Açores”. In: *Antologia Poética* (seleção e prefácio. de David Mourão Ferreira e Francisco da Cunha Leitão), Lisboa, 1968.)



Em resumo, e como afirma Ana Maria Lisboa de Mello (“Memória dos Açores na escrita de Cecília Meireles”, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n 4, pp. 381-386, out/dez 2012), “o legado familiar, transmitido pela avó, torna-se constitutivo da sua formação [...] como um lastro a sustentar a construção interior”.

Outras circunstâncias, entretanto, viriam concorrer para que a escrita de Cecília se fizesse tão profundamente insular. Se a sua ligação, por de mais conhecida, com escritores e com diversas revistas literárias deste lado do Atlântico (como *Presença*, *Ocidente*, *Távola Redonda*, *Lusíada*, *Mundo Português*, entre outras) a mantiveram sempre muito próxima da portugalidade, a amizade e a troca de correspondência que manteve com os açorianos Nemésio e Côrtes-Rodrigues, sobretudo com este (a quem cognominou de *Almirante Almanjar* – invencível, em árabe - e a quem deu a missão lírica de fundar o “reino flutuante da poesia”), viriam solidificar e avivar ainda mais a sua mundividência insular, a sua herança açórica, o seu imaginário povoado por elementos tão próximos daqueles que inquietam o desejo ilhéu de viagem, e motivam a sua vocação solitária, mística e universal. E, final e inevitavelmente, contribuir para a tentativa de estender o manto da *açorianidade* à sua escrita.

Voltemo-nos então para ela, para a sua escrita, em concreto, começando por um pequeno excerto de “Crônicas da Ilha do Nanja” (1982):

“Apenas uma vez visitei a minha Ilha -herança obscura, propriedade remota, inalienável, usufruto de outros, que a julgam sua, que não sabem da minha pessoa nem dos meus títulos. A Ilha, porém, é totalmente minha, por um direito mais decisivo e profundo que o das fórmulas jurídicas.”

Neste trecho, como em diversos outros trechos e poemas, Cecília grafa *Ilha* com maiúscula, dando-lhe, deste modo, um valor único, arquetípico e místico. Esta *Ilha do Nanja*, que a poeta reivindica totalmente sua, será um meio-lugar entre a ilha real dos antepassados e aquela que, aprendida com a avó, foi sendo transmutada pelo imaginário e pelo poder demiúrgico da palavra. E se por breves momentos ela remete para o referente, logo regressa à sua dimensão mítica e primordial:

“Nédias vacas, encaracoladas ovelhas, arroios sussurrantes... Os carros pesados de frutos redolentes... Os barcos de pesca... As procissões pisando ruas de flores... Tudo isso é a ilha do Nanja: mas a ilha do Nanja não é nada disso. É muito difícil de explicá-la, pois certamente ela é o que não é; sua beleza não está no que se vê, nem sua riqueza do que suas terras e águas possam produzir (...) É a minha Ilha, naquele oceano!”

A Ilha do Nanja (note-se que *nanja*, advérbio informal caído em desuso, significa *não, nunca, ou não-já*), para Cecília “é o que não é”, ecoando por coincidência (ou talvez não) o célebre oximoro pessoano do mito fundador: “O mito é o nada que é tudo”. De resto, como bem nota a Prof. Margarida Maia Gouveia no seu ensaio “As viagens de Cecília Meireles” (2001), a vinda da escritora a S. Miguel assemelha-se a um périplo ulissiano, com que paga o seu tributo à avó, por ela regressando à sua Ítaca e emprestando à viagem e à ilha ainda maior valor simbólico e mítico.

Avançando para outros aspetos da escrita ceciliana ligados ao traço insular que aqui se discute, não posso deixar passar sem nota a ideia de *fatum* que a ele se liga.

Nas últimas estrofes de “Beira Mar”, incluído em *Mar Absoluto e Outros Poemas*, lê-se:

“[...] porque isto é mal de família, // ser de areia, de água, de ilha... // E até sem barco navega // quem para o mar foi fadada. // Deus te proteja, Cecília, // que tudo é mar – e mais nada.”

O “mal de família” e o ter sido fadada para o mar não deixam muitas dúvidas quanto ao que de *fatum* transparece nestes versos, e que é condição que vamos encontrar noutros poemas seus. Ligado frequentemente à “voz do sangue”, este fado segue uma ancestralidade de onde resultam, fatalmente também, o apelo do mar, o amor à viagem, o chamamento do longe e da distância e até mesmo o misticismo e espiritualidade de que tenho falado, sempre tão presentes na obra de Cecília e tão ao jeito do modo de ser açoriano.

Detendo-me ainda na ideia de *fatum* e no apelo das origens, lembro as primeiras estrofes de “Mar Absoluto”, um dos poemas que talvez melhor os expressem:

“Foi desde sempre o mar,  
E multidões passadas me empurravam  
Como barco esquecido.

Agora recordo que falavam  
Da revolta dos ventos,  
De linhos, de cordas, de ferros,  
De sereias dadas à costa.

E o rosto de meus avós estava caído  
Pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,  
E pelos mares do Norte, duros de gelo.

Então, é comigo que falam,  
Sou eu que devo ir.  
Porque não há ninguém



*Tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos. [...]*

Repare-se na semântica forte de verbos como “empurrar”, “dever” e “obedecer”: ser empurrado é mais forte do que ser levado; dever implica a consciência de obrigatoriedade, de dívida; obedecer significa aceitação. Repare-se, ainda, na substituição do pretérito imperfeito do indicativo das três primeiras estrofes pelo presente do indicativo nas últimas três e note-se como aquelas se ligam a um passado que não está encerrado e que se projeta, como uma obrigação assumida, num presente profundamente comprometido com aquele mesmo passado.

Se bem que ecoando a inevitabilidade do fado de “Beira Mar”, aqui Cecília revela-se-nos consciente da busca de um tempo identitário e essencial, pois que, ainda que possam evocar as origens dos seus antepassados açorianos, estes versos convergem para uma realidade poética que ultrapassa o que conhecemos da suas raízes e que transfigura, pela força dos símbolos, o mar que conhecemos, os avós micalenses, a ilha que aprendeu na infância. Ou seja, se é certo que os avós açorianos de Cecília têm origem a mares mais a oriente e mais a norte, o elemento transtemporal, o apelo desse *mar absoluto* e também a fatalidade da missão

*(“[...] Então é comigo que falam, sou eu que devo ir [...]”) não se esgotam na mera confirmação da ancestralidade que lhe conhecemos, antes a levam a outros mares e a uma ancestralidade que se funde nos primórdios de uma memória de raiz. Ela mesma lembra “[...] o mar que me mandam não é apenas este mar. [...]”*

Neste sentido, parece claro que Cecília parte, de facto, de um imaginário ilhéu açoriano, desde a infância confessadamente povoado pelas histórias da avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, mas que transcende esse imaginário no sentido da união com o Universo.

Desta forma, “[...] não haverá ninguém, // tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos [...]” como ela própria diz, mas também, digo eu, tão profundamente consciente de que esses mortos recuam no tempo até se fundirem no ilhéu arquétipo, nessa inquietude primeira, que busca o horizonte largo do mar e por ele se transforma em *homo Viator*: “[...] Para adiante! Pelo mar largo! // Livrando o corpo da lição frágil da areia! // Ao mar! – Disciplina humana para a empresa da vida!” (“Mar Absoluto”)

Finalmente, e porque falei, algures, em espaços abertos à alquimia na poesia ceciliana, faço notar que o apelo do mar ganha, em Cecília, um fascínio tal que o eu-lírico progressivamente se torna na natureza desse mar. É, de resto, aqui que reside a grande distância relativamente a uma realidade insular concreta.

Cecília não se contenta em admirar uma natureza plástica, brava, grande e livre; tão pouco em navegá-la apenas, em busca de outras terras: antes, procura e saboreia uma proximidade tão completa que pressupõe o *diluir-se* nela:

*“[...] Não me chama para que siga por cima dele, // nem por dentro de si: // mas para que me converta nele mesmo [...]”*

O mar de Cecília não é apenas, então, o mar físico e concreto, o tal que aprendeu com a avó. Neste a escritora encontra o ponto de partida, a génese desse outro mar, o mítico, o que é solidão absoluta, tempo inteiro, eternidade lúdica, gratuita e perfeita:

“ [...]”

*Recordo minha herança de conchas e âncoras  
E encontro tudo sobre-humano.  
E este mar visível levanta em mim  
Uma face espantosa.*

[...]

*Célula azul sumindo-se  
No reino de um outro mar:  
Ah! Do Mar Absoluto!”*

*Termino, se me permitem, deixando uma saudação pessoal a Cecília, onde quer que ela esteja:*

Deus te abençoe, Cecília, que tudo é mar – e mais nada!

---

11. BRUNO SILVEIRA, *TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS*

---

12. CAROLINA CONSTÂNCIA, *CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO*



**ANA CAROLINA CONSTÂNCIA** – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Desde os seis anos de idade que estuda Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, iniciando os estudos com a professora Antonella Pincenna.

No curso básico de Violino ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, onde concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos três estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011) e participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.

Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

Frequenta a licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, mantendo uma prática regular do Violino.

*TOMOU PARTE EM 2008 NA LAGOA, BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO 2011, OURENSE (GALIZA) 2012, SEIA 2013, SEIA 2014 E FUNDÃO 2015*

ATUARÁ NOS DOIS RECITAIS.

### 13. CHRYS CHRYSTELLO, AICL/AGLP / UTS, SYDNEY/ NAATI, CANBERRA, AUSTRÁLIA



**BRAGANÇA 2008**

**MAIA 2013**

**POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011**

**BRAGANÇA 2008**

**MACAU 2011**

Chrys CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro paterno, Português e marrano materno.

Publicou o seu primeiro livro “Crónicas do Quotidiano Inútil” (poesia) em 1972).

O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do Jornal A Voz de Timor, antes de ir à Austrália adotá-la como pátria.

Dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) desde 1967 e escreveu sobre o drama de Timor-Leste (1975-06).

Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82).

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Foi Redator, Apresentador e Produtor para a TDM e RTP (Rádio Macau) e TVB - Hong Kong. Depois, em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista no Ministº Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Foi Tradutor e Intérprete no Ministº da Imigração e no de Saúde (NSW).

Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses 1521-25, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.

Membro Fundador do AUSIT.

Foi membro do júri da NAATI, lecionou tradutologia na Universidade UTS, Sydney, sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa, Australia Council (1999-05).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura ACL da University of Brighton (UK 2000-12).

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012) Deptº de Traduções.

Foi Consultor do Programa REMA da Univ. dos Açores. (2008-12).

Proferiu uma Palestra na Academia Brasileira de Letras em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça.

Em out.º 2012 foi admitido como **Académico Correspondente** da Academia Galega AGLP.



RIO 2010



SEIA 2014

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.**

**TEMA 3.1 AÇORIANIDADES – POESIA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA**

A música tradicional açoriana tem a sua génese nos primeiros povoadores, na sua maioria portugueses, que trouxeram consigo os seus costumes e as suas trovas. A poesia açoriana é, desde esse início, muito mais marcada pela natureza, ou seja, tem ligação ao meio-ambiente. ... Esses agentes diferenciais inseridos na Poesia Açoriana revelam a verdadeira face do ilhéu, tão singular em cada uma das nove Ilhas. Alguns dos mais representativos poetas açorianos fazem parte do acervo cultural da Língua e Literaturas lusófonas.

A Poesia Açoriana contemporânea, além das características que lhe conferem o estatuto de “poesia insular”, é um labirinto. É quase impossível entender uma obra como a de Roberto Mesquita ou Pedro da Silveira sem conhecer, ao menos de vista, o meio físico natural (a paisagem, desde logo) onde essas obras foram pensadas e escritas. Os vulcões e terremotos vividos e às vezes vencidos, a emigração do seu povo, a solidão atlântica de cada ilha, a frequência com que esses sentimentos de insularidade, de separação e partida, se manifestam, modelam a açórica idiossincrasia.



De Antero a Nemésio e outros mais contemporâneos, há um itinerário a explorar poeticamente daquilo que se produziu nos mares açorianos. A poesia mantém a sua forte ligação arquipelágica, mas em muitos casos só se transcende quando dialoga culturalmente com todas as Ilhas do mundo. Há sempre uma vivência açoriana imbuída da busca pela saudade, pela memória, pela reconstrução, com mais ou menos angústia, queixumes, lirismo.

Em muitos poemas notam-se marcas da emigração, da insularidade e rumores da açorianidade que é a alma do ser açoriano, que emerge na sua obra artística e se revela no seu ser. Exprime a génese de um ser açoriano que, sujeito a condicionantes de ordem geográfica, ao vulcanismo, terramotos, e à “insularidade”, criou respostas às suas ambições e combateu as adversidades que lhe foram criadas. Espelha também as suas manifestações culturais e religiosas populares, a sua idiosincrasia, e os falares tão distintos de ilha para ilha, tudo isso conferindo-lhe uma verdadeira identidade açoriana. É na voz destes autores que vos lego a minha interpretação da sua açorianidade.

### COMUNICAÇÃO

Em nove belas Ilhas no meio do Oceano Atlântico, nasceram grandes vultos da cultura. A música tradicional açoriana tem a sua génese nos primeiros povoadores, na sua maioria portugueses, que trouxeram os seus costumes e as suas trovas. A poesia açoriana é, desde esse início, muito mais marcada pela natureza, ou seja, tem ligação ao meio-ambiente.

Eduardo Lourenço<sup>57</sup>, defende que “a identidade só se define na relação com o outro (...) e só o que subsiste através da sucessão dos tempos confere sentido ao conceito de Identidade”. Esse sentido, esses agentes diferenciais inseridos na Poesia Açoriana revelam a verdadeira face do ilhéu, tão singular em cada uma das nove Ilhas.

A Poesia Açoriana contemporânea é um labirinto sendo quase impossível entender Roberto Mesquita ou Pedro da Silveira sem conhecer, ao menos de vista, o meio físico natural (a paisagem, desde logo) onde as suas obras foram escritas. Os vulcões e terremotos vividos e às vezes vencidos, a emigração do seu povo, a solidão atlântica de cada ilha, a frequência com que esses sentimentos de insularidade, de separação e partida, se manifestam, modelam a açórica idiosincrasia.

De Antero a Nemésio e aos mais coevos, há um itinerário poético a explorar que mantém a sua forte ligação arquipelágica de uma vivência imbuída de saudade, memória, reconstrução, com mais ou menos angústia, queixumes, lirismo. Em muitos poemas notam-se marcas da emigração, da insularidade e rumores da açorianidade que é a alma e génese do ser açoriano, que emerge na sua obra artística e se revela no seu ser, exprimindo condicionantes de ordem geográfica, de vulcanismo, dos sismos.

Essa “insularidade” criou respostas às suas ambições e combateu as adversidades que lhe foram sendo criadas, espelhando as suas manifestações culturais e religiosas, a sua idiosincrasia, e os seus falares tão distintos de ilha para ilha. Essa mesma identidade foi transportada para os quatro cantos do mundo, mas sobretudo para EUA, Canadá e Brasil, sem jamais negar a “açorianidade” que subjaz em toda a produção artística, principalmente na literária e poética.

Considerem-se as linhas orientadoras da visão de mundo, noções e conceitos que forjaram aspetos predominantes e caracteristicamente temáticos: o mar, a prevalência animista que informa e enforma a visão do mundo – a do ilhéu é distinta do continental -, as imagens emergentes dos espaços, a solidão a vencer, a insularidade. Não se é ilhéu impunemente.

Como Nemésio escreveu,

*[...] a geografia, para nós [ilhéus], vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias, temos dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos olhos mergulham no mar. “*

*“Mas o que é isso de poesia açoriana?”*

Que atributos são esses que definem um poeta açoriano? Que predicados, que qualidades, que condão definem os poetas açorianos? Será geografia, biografia, linhagem genealógica ou mera questão de latitude e longitude? Muitos opinam que a poesia, como toda a literatura, deve apenas ser julgada pelo seu valor simbólico e estético, e nunca, mas nunca, por qualquer pormenor geoestratégico que aparentemente lhe retira a universalidade e a transcendentalidade.

---

57 Em Portugal como Destino,



Evoquemos as já distantes mas ainda acutilantes palavras de Onésimo Teotónio de Almeida na sua obra *A Questão Da Literatura Açoriana*.

*Embora haja quem suponha estéril o debate sobre a existência ou não de uma **literatura açoriana**, pessoalmente vejo nele uma riquíssima mina de elementos — dados, ideias, perspetivas, conceitos, especulações, interpretações, explicações, análises — que refletem mundividências, posições teóricas sobre estética, pontos de vista sobre uma realidade humana num espaço geográfico específico (os **Açores**) de muitos dos melhores nomes das letras dos **Açores**. Seria injustificável ignorar-se simplesmente a recorrência dessa questão sem se ver nela algo mais profundo do que um mero debate semântico. Ainda que se queira negar-lhe a importância das consequências, há causas e motivos para o seu aparecimento e ressurgimento cíclico que nenhum observador atento ou estudioso minimamente interessado poderá desdenhar.* **58**

Martins Garcia afirmava<sup>59</sup>

*Considero que existe, de facto, uma **literatura açoriana** com caráter de autonomia em relação à literatura portuguesa. [...] um conjunto de obras literárias que veiculam a mundividência típica do **Homem açoriano**. Considero que essa mundividência corresponde a um condicionalismo geográfico e histórico. Considero que essa mundividência não comporta limites temáticos, nem se liga a questões de diferenciação linguística, nem a questões essencialmente políticas, nem (muito menos) a qualquer tipo de regionalismo.*

Partilho de uma ideia paralela pois acolho como premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que,

*«...por envolver domínios muito mais vastos», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência».*

Já Nemésio escrevia:

*" [...] Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.*

*Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba." **60***

Por seu turno Machado Pires define-a assim:

*A açorianidade é, uma experiência global e abrangente, que irrompe no quotidiano da vivência coletiva e individual e se projeta nas artes e na literatura. São seus pilares na literatura um Roberto de Mesquita, poeta simbolista florentino (Almas Cativas), e a vasta obra açoriana, portuguesa e universal de Vitorino Nemésio, que «transportava no seu íntimo uma [a sua] ilha»<sup>61</sup> E que tudo referenciava e media em função do seu microcosmos matricial insular. Importantes aproximações à insularidade açoriana deram nos homens como Leite de Vasconcelos<sup>62</sup> e Raúl Brandão,<sup>63</sup> entre outros.*

*Escrevemos<sup>64</sup> que «a Açorianidade é a alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando nós vivemos fora. A ilha em que nascemos é um eixo do Cosmos, uma pequena-pátria, um mundo de referências matriciais [...], um ponto de regresso ideal, uma Ítaca em que cada um é o Ulisses da sua própria e secreta mitologia». Resultante de um achado linguístico feliz, esta insere-se num conceito mais vasto de atlanticidade, nascida da solidariedade cultural entre os povos que planeadamente circularam entre as margens do Atlântico.*

Antero escreveu aos quinze anos:

*“...nunca me pude conformar com a ideia de entrepor as vastas solidões do Oceano entre mim e a terra que me viu nascer...”*

**58** Onésimo Teotónio Almeida, in *A questão da literatura açoriana*, 1983

**59** J. Martins Garcia, *Diário de Notícias / suplemento «Cultura»*, 1983/06/16.

**60** (Vitorino Nemésio, "Açorianidade", in: *Insula, Número Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores*, nº 7-8, julho-agosto, Ponta Delgada, 1932. p. 59.)

**61** (Ortega y Gasset)

**62** (Mês de Sonho),

**63** (As Ilhas Desconhecidas),

**64** (Palavras de Abertura, Atas, Congresso do Centenário da Autonomia, 1895-1995, Ponta Delgada, Jornal de Cultura, 1995)

Termino evocando Octávio Paz<sup>65</sup> sobre a leitura de poemas: “O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor” ou então o que escreveu Eduardo Bettencourt Pinto no posfácio de Nove rumores do mar

“a poesia apela ao esforço comum num círculo de mãos dadas, enredando a ilha que cada um é testemunha, instante a instante, em todos os recantos do mundo. Porque só através da Arte a voz do Ser não cessa, se torna em húmus e deserto noturno (PINTO, 2000, p. 162).

A apresentação que se segue percorre excertos aleatórios de poetas que os colóquios da lusofonia têm vindo a privilegiar. É na voz destes 15 poetas que vos lego esta minha interpretação da sua açorianidade.

**a. ÁLAMO OLIVEIRA – MAR COM POETA DENTRO. - LUCIANO**

o corpo da ilha não tem nome  
próprio de quem se rodeia de orvalhos antigos.  
quando navega não tem  
rumo nem destino.  
no cais a penumbra branca desce  
sobre a viagem adormecida.

desconhece-se que poeta foi ver o mar por dentro.  
mas sabe-se quem grafitou com sonhos  
os muros da solidão.

(IN) NOVE RUMORES DO MAR ANTOLOGIA DE POESIA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA

**b. JOANA FÉLIX - POEMA ALEGRE - CHRYS**

Quero um poema  
alegre que traga  
silêncio.

Quero um silêncio  
Alegre que traga  
Poesia.

Mas quero sobretudo  
A alegria da poesia  
no silêncio.

IN CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS CADERNO # 20 - EDIÇÃO JUNHO 2013

**c. PEDRO DA SILVEIRA – ILHA - SU**

Só isto:  
O céu fechado, uma ganhoa  
pairando. Mar. E um barco na distância:  
olhos de fome a adivinhar-lhe à proa

Califórnia perdidas de abundância.

A ILHA E O MUNDO (1952) IN FUI AO MAR BUSCAR LARANJAS - LIVRO 1

**d. NATÁLIA CORREIA – A EXALTAÇÃO DA PELE - CONCHA**

<sup>65</sup> O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor. O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor Signos em rotação, editora perspectiva são paulo 1996

Hoje quero com a violência da dádiva interdita.  
Sem lírios e sem lagos  
e sem o gesto vago  
desprendido da mão que um sonho agita.  
Existe a seiva. Existe o instinto. E existo eu  
suspensa de mundos cintilantes pelas veias  
metade fêmea metade mar como as sereias.  
IN 'O SOL NAS NOITES E O LUAR NOS DIAS

**e. EDUÍNO DE JESUS – DA FLOR DO ARCO-ÍRIS - LUCIANO**

Da flor do arco-íris as pétalas

da flor do arco-  
-íris as pétalas  
caem no mar ao longe abertas  
que um delíquio espasma  
e o marítimo aceno  
da asa de um barco  
instila na alma  
como um veneno  
o ingénuo sonho

2ª ED IN Os SILOS DO SILÊNCIO POESIA (1948-2004). LISBOA: IN-CM, 2005: 117. 128

**f. VASCO PEREIRA DA COSTA. “ROSE ERA O NOME DE ROSA” - CHRYS**

A mãe disse não mais  
não mais eu não mais tu filha  
não mais nomes na pedra do cais  
não mais o cortinado da ilha  
Não mais Rosa seja Rose agora  
não mais névoas roxos ais  
não mais a sorte caipora  
não mais a ilha não mais  
Porém Rose o não mais não quis  
e quis ver a ilha do não mais  
o cortinado roxo infeliz  
os nomes na pedra dos cais  
Pegou em si e foi-se embora.  
Não mais Rose. Rosa outra vez agora.

MY CALIFORNIAN FRIENDS. GÁVEA BROWN, PALIMAR ED

**g. BRITES ARAÚJO – XVIII - SU**

Se me amanheço manhã,  
Ou queria dizer sol, seara, sorriso,  
Logo me contenho  
Ou então me contradigo,  
Que há um rumor de choro

Nas palavras com que digo.  
Se me ergo em beirais,  
Ou queria dizer vida, vento, voo,  
Logo me recolho  
Ou então me penalizo,  
Que há um pudor de luto  
Nas palavras com que digo.  
Se me alcanço em futuro,  
Ou queria dizer peito, pátria, povo,  
Logo me estremeço  
Ou então me silencio,  
Que há um ronco de breu  
Nas palavras com que digo.

IN ANTOLOGIA 9 ILHAS 9 ESCRITORAS, AICL/CALENDÁRIO DE LETRAS 2014

h. JOSÉ MARTINS GARCIA - SIGNO INSULADO - CONCHA

o sofrimento está dentro da ilha  
o sofrimento é da ilha  
a ilha está no fundo dum poço  
no fundo dum poço sofre uma ilha

o sofrimento está dentro do poço  
o sofrimento é do poço  
o poço está no fundo da ilha  
no fundo da ilha sofre um poço

o poço secou no fundo da ilha  
o sofrimento é a secura da ilha  
a secura está no fundo dum poço  
no fundo dum poço secou uma ilha

o mar está todo por fora da ilha  
o mar é quanto não cabe na ilha  
o mar é quanto não cabe no poço  
no fundo do mar morreu uma ilha

enlouquecer é morrer numa ilha  
na ilha morta no fundo do mar  
no poço secura por dentro da ilha  
no fundo do poço correto lugar

INVOCÇÃO A UM POETA E OUTROS POEMAS ANGRA, COL. GAIVOTA, 1984, P. 19).

i. EMANUEL FÉLIX – TRISTES NAVIOS QUE PASSAM - LUCIANO

Tristes navios que passam  
na hora da nossa vida



na hora da nossa morte

escuros vasos de guerra  
cargueiros tanques paquetes  
brancos navios de vela

levam óleo levam ódio  
luxo lixo das cidades  
levam gente gente gente

deixam ficar nostalgia

tristes navios que passam  
na hora da nossa morte  
na hora da nossa vida

IN 121 POEMAS ESCOLHIDOS, P. 52

---

**j. RENATA CORREIA BOTELHO – CHRYS**

encosto a face à parede  
mais triste do quarto, fiel  
guardiã do sol posto.

o coração que me deixaste  
é uma casa difícil de habitar.

IN RESUMO - A POESIA EM 2009, ASSÍRIO & ALVIM/FNAC, LISBOA, 2010, P. 119

---

**k. URBANO BETTENCOURT – NAUFRÁGIOS - SU**

“Fazer versos dói? Não!”  
(...) O que dói é arrancá-los  
assim ao próprio sangue como se um filho fora, erguê-los  
à boca, dar-lhes um nome e nisso inscrever  
a nossa morte. A nossa vida.”

(NAUFRÁGIOS INSCRIÇÕES: 25)

---

**l. SUSANA TELES MARGARIDO, SOMENTE PARA TI CONCHA**

Somente para ti  
Criança desesperada  
Em que o sorriso  
É pouco mais que o nada  
Que andas descalça no inverno  
E tens os olhos naufragados fiz este poema  
Não é pão nem agasalho  
Não é sorriso forçado  
Nem esperança p’ro futuro  
É um símbolo de amizade  
Uma mensagem de amor

Talvez não o compreendas  
Pouco importa se assim for  
Mas quero que um dia saibas  
Que nesta noite gelada eu senti a tua dor  
SUSANA TELES MARGARIDO, 1979

m. MANUEL ALEGRE, TANTO MAR, 66 CHRYS

*Atlântico até onde chega o olhar.  
E o resto é lava  
e flores.  
Não há palavra  
com tanto mar  
como a palavra Açores.*

n. CHRYS CHRYSTELLO MAR E BRUMA 67 LUCIANO

todos os poetas  
que escreveram sobre os açores  
gastaram a palavra mar  
e a bruma

a mim para escrever açores  
resta-me a palavra  
amar  
(INÉDITO 2015)

o. CRISTÓVÃO DE AGUIAR – NAUFRÁGIO –  
[www.youtube.com/watch?v=uo5xbrMnA9A](http://www.youtube.com/watch?v=uo5xbrMnA9A)

A história que eu vou contar  
ouvi-a na minha aldeia  
onde à noite a voz do mar  
murmura canções na areia.

História de pescadores  
do cais negro da Pontinha  
onde há grandes senhores  
que bocejam à noitinha.

Foi o barco do Zé Tordo

---

66 Pico 27.07.2006. A CRISTÓVÃO DE AGUIAR, JUNTO DO QUAL ESTE POEMA COMEÇOU A NASCER.

67 (MOINHOS 18/7/2015)

partiu na noite para o mar  
e na madrugada ao porto  
o seu barco sem chegar.

Encheu-se a praia de gritos  
de gente da minha aldeia  
ao ver o corpo do Zé  
trazido na maré cheia.

Ouvem-se vozes, coitado  
cinco filhos e mulher  
sem uma côdea de pão  
sem um abrigo sequer.

E no enterro à viúva,  
levando ao Zé muitas flores,  
prometeram-lhe a sua ajuda  
o povo e os grandes senhores.

Mas dois anos já são passados  
e na praia da minha aldeia  
veem-se cinco crianças  
brincando nuas na areia.

E da moral desta história  
tirem vossas conclusões  
uma família não  
vive  
só de boas intenções.

( CRISTÓVÃO DE AGUIAR, 1969 )

SESSÃO DE POESIA (DA AUTORIA DO CHRYS)

534. AÇORIANICES 68 LUCIANO

disseram para falar de hortênsias  
plantar a palavra mar e algum sal  
lugares comuns de bruma  
azáleas, camélias, novelões,  
conceiras, milhafres e cagarros  
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse  
autores nasceram assim  
nas Ilhas e na estranja

ganharam prémios, foto no Jornal  
o governo pagava e promovia  
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina  
avisto o mar em desalinho  
mas sem hidranjas  
nem vacas alpinistas  
nem açores a esvoaçar

não terei nome no basalto  
cantarei o arquipélago da escrita  
sem títulos nem honrarias  
sem adjetivos telúricos  
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer  
mas quem o sente.

501 PARTIR - A UMA GALIZA LUSÓFONA)69 CONCHA

partir!  
cortar amarras  
como se ficar fosse já um naufrágio  
ficar  
como quem parte nunca  
partir  
como quem fica nas asas do tempo  
partir!  
cortar grilhetas  
como se viver fosse uma morte adiada  
vencer ameias  
cortar amarras  
velas ao vento  
olhar o mundo  
descobrir liberdades  
esta a mensagem  
levar o desespero  
ao limiar  
até erguer a voz  
sem medos  
até rasgar as pedras  
e o ventre úbere

69 À CONCHA ROUSIA s. *martinho do porto*, setembro, 5, 1976//*lomba da maia*, açores fev.º 13, 2011



semear desencanto  
                  sorrir  
                          à grande utopia  
nascer  
          de novo  
dar o salto  
          transpor a fronteira  
                          entre o ter e o ser  
imaginar  
          como só os loucos sabem  
  
e então chegaste  
                  com primaveras nos dedos  
                  e liberdade por nome  
loucas promessas insinuavas  
despontaste  
          como quem acorda horizontes perdidos  
demos as mãos  
          sabor de início do mundo  
pendão das palavras por dizer  
esta a revolução  
          minha bandeira por desfraldar

**615. MAIS BRUMAS 70 SU MARGARIDO**

eram de espuma  
          as palavras  
eram de sal  
          as ondas  
eram de gaze  
          as nuvens  
eram de orvalho  
          as lágrimas  
eram de névoa  
          os montes  
          o verde surreal  
          as lagoas  
eram de medos  
          os vulcões  
          e procissões  
eram de espuma  
          as Ilhas dos açores

510. LANCHÁ DO PICO71 CHRYS

lá vem a lancha  
    lá vem  
traz imigrantes, viajantes  
memórias vãs por limar  
da terra, do fogo  
do tempo sem prazo  
da fome e do medo  
das socas de milho  
das pedras por maroiçar  
votaram com os pés  
fizeram-se ao mar  
sem botes nem baleias  
para a lonjura das amercas  
novas vinhas por esmoutar

voltam abonados  
impantes de dólas  
sem sueras nem albarcas  
ao rossio do mar  
lampeiros, apatacados  
emigrantes mendigos  
de memórias por aparar  
perderam as terras  
ganharam o mar

lá vem a lancha  
    lá vem  
a bordo não traz ninguém  
picarotos perdidos  
    como só esta ilha tem  
comem e bebem  
reveem parentes  
    e gente de bem  
perdidos em tempos idos  
repetem saudades dos entes  
sabe-se lá de quem  
apadrinham festas e procissões  
pagam dízimos e promessas  
missas por alma de quem partiu  
emigrados em amarcanas missões

lágrimas da ilha que os repeliu

do sangue fizeram vinho  
do magma medraram uvas  
em terra de rola pipas  
debouçam bocainas, traveses e jarões  
plantam casas e novos luxos  
nas Ilhas vazias de gente  
com leiva de memórias idas  
musgo de antepassados  
à espera de filhos e netos  
sem regressos nem partidas

lá vem a lancha  
          lá vem  
vazia  
  já não traz ninguém

**617. GEOMETRIAS, 72 LUCIANO**

a elipse veio à janela  
mordaz sorriu com malícia  
lenta, descreveu um círculo  
com um dichote brejeiro  
triangulou um piscar de olho  
e numa hipérbole sensual  
com uma risada estrídula  
sentou-se quadrada no meu colo

**608. ELEIÇÕES73 CONCHA**

era tempo de eleições  
políticos vinham e prometiam  
a populaça aplaudia  
acitava e acreditava  
...  
depois de contados votos  
os políticos desapareciam  
junto com as suas promessas  
e o povo esquecido esperava  
assim crendo na democracia  
uma pessoa, um voto, uma promessa  
repetiam a antiga escravatura  
acreditando serem livres

627. (À BRITES ARAÚJO), 74 SU MARGARIDO

imagino a brites araujo  
de cravo e bandeira na mão  
gritando a plenos pulmões  
que a liberdade é merecida  
que a rua é dos poetas  
que o 25 de abril não é de todos  
mas será sempre para todos  
mesmo para aqueles que o negam

imagino a brites araujo  
de manifesto e megafone na mão  
declamando a poesia da alforria  
das conquistas irreversíveis  
quando os esbirros vierem  
feitos controladores do pensar  
sei que ela estará lá  
e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar  
será poema e arma  
e o corpo desvanecido  
será escudo e estandarte  
para que a liberdade não morra  
nem haja estertor do povo  
com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala  
e a voz dos poetas  
troça mais que a da bala

576 ONDE OS AÇORES NÃO VOAM – CHRYS

tu que nasceste açoriano  
nem vais acreditar  
onde os açores não voam  
não bebi café em ouarzazate  
não fui aos 2 mil anos de persépolis  
não caçei leões na gorongosa  
não comi chicharrinhos em rabo de peixe  
não vi petra nem os budas de bamiyan  
nem vi índios de roraima  
não fumei ganza nas praias de goa



nem fui em adoração a katmandu  
nunca cheguei a machu picchu  
nem a hotel de gelo nórdico  
nadei na praia redonda da póvoa do varzim  
na praia azul de espinho  
no bidé das marquesas em s. martinho do porto  
e de moledo a caminha a fão e aos algarves  
vivi em timor, macau e sydney  
sonhei em lecidere em dili  
nadei na areia branca  
nos coqueiros e tacitolo  
na bali de kuta beach e legian  
em cheoc van de coloane macau  
nadei em rotnest island perth  
em bondi beach em sydney  
port macquarie e byron bay  
mergulhei na pattaya siamesa  
na barreira de coral em hamilton  
nas águas límpidas de daydream island  
banhei as mãos em tijuca  
queimei os pés em copacabana  
as cataratas do niágara ensoparam -me  
vi o sol a pôr-se na lapónia  
e a nascer em bobonaro timor  
vi sóis, luas, mares e céus  
no faial, pico, corvo, na terceira, graciosa e flores  
e nas 3 Ilhas santas dos açores  
dormi fardado em mafra, tomar e leiria  
à civil no amial, maria pia e campo lindo  
sou de bragança sem lá ser parido  
sou australiano sem lá ter nascido  
carrego frações da galiza e do brasil  
de minhotos e marranos  
das cruzadas até áfrica onde nunca estive  
e de todos esses locais  
que terás de buscar num mapa  
encontrei as tuas Ilhas

nelas serei açoriano até morrer.

620. AO ÁLAMO.75 LUCIANO

nesta modorra matinal

parado na contemplação de mar  
lendo murmúrios com vinho de missa **76**  
ignoro os corpos e as areias  
olvido copos e sereias  
e imagino que o mundo acabou  
pode ter sido um asteroide  
ou tsunami ou vulcão  
e nós aqui na calma açoriana  
sem saber nem sentir  
continuamos a fruir a vida

se o mundo acabasse agora  
não daríamos conta

nem o padre raúl nos salvava  
nem a professora Lucília o narrava

**668 OUTRO CÉU 72 VIRGENS.77** CONCHA

rafid caminha seguro  
sob o seu fez ou taburch  
sem tremores nem medos  
entra calmamente onde o mandaram  
abre a túnica e todos veem  
o cinto de explosivos  
sobre o cirwal (ceroulas)  
e com este gesto  
partiu  
em busca de 72 barbies no céu

**517. A ILHA DE TODOS OS MEDOS 78** SU MARGARIDO

uma ilha pode ser de todos  
merece-a quem a habita  
uma ilha pode ser de todos  
os livros a quem os lê  
a escrita a quem a fabrica  
em relação de bordo<sup>79</sup>  
na ilha de nunca mais<sup>80</sup>  
raiz original e comovida<sup>81</sup>

---

**76** ÁLAMO OLIVEIRA, 2013

**77** lomba da maia 23 janeiro 2015

**78** (RIBEIRA QUENTE, POVOAÇÃO, 31 AGOSTO 2011)

**79** Cristóvão De Aguiar

**80** Fernando Aires

**81** Cristóvão De Aguiar

com lágrimas de gente feliz<sup>82</sup>  
estude-se a cor cíclame<sup>83</sup>  
na distância deste tempo<sup>84</sup>  
quando Deus Teve Medo De Ser Homem<sup>85</sup>  
e era o príncipe dos regressos<sup>86</sup>  
em a sombra de uma rosa<sup>87</sup>  
quando havia almas cativas<sup>88</sup>  
no contrabando original<sup>89</sup>  
estava o mar rubro<sup>90</sup>  
de histórias ao entardecer<sup>91</sup>

exaltem e reeditem  
o lavrador de Ilhas<sup>92</sup>  
nas escadas do império<sup>93</sup>  
marinheiro com residência<sup>94</sup>  
plantador de palavras vendedor de lérias<sup>95</sup>  
que foi ao mar buscar laranjas<sup>96</sup>  
e eu fui ao pico e piquei-me<sup>97</sup>  
à boquinha da noite<sup>98</sup>  
nos silos do silêncio<sup>99</sup>  
em a ilha grande fechada<sup>100</sup>

era desta açorianidade  
que vos queria falar  
medram poetas nestas Ilhas  
contistas, ensaístas,  
romancistas, romancistas  
narradores contadores,

---

**82** João De Melo

**83** Maria De Fátima Borges

**84** Marcolino Candeias

**85** Daniel De Sá

**86** Eduardo Bettencourt Pinto

**87** Eduardo Bettencourt Pinto

**88** Roberto De Mesquita

**89** J. Martins Garcia

**90** Dias De Melo

**91** Fernando Aires

**92** J H Santos Barros

**93** Vasco Pereira Da Costa

**94** Urbano Bettencourt

**95** Vasco Pereira Da Costa

**96** Pedro Da Silveira

**97** Álamo Oliveira

**98** Dias De Melo

**99** Eduíno De Jesus

**100** Daniel De Sá

dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo  
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos  
onde quer que se habite  
deixai que a chame minha  
quero-a só para mim  
mãe de todas as filhas  
mar de todas as Ilhas  
ela pode ser de todos  
a ilha de todos os medos

---

**550. TIMOR NAS ALTURAS**<sup>101</sup> CHRYS

queria subir ao tatamailau  
pairar sobre as nuvens  
das guerras, do ódio, das tribos  
falar a língua franca  
para todos os timores

queria subir ao matebian  
ouvir o choro dos mortos  
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco  
consolar as vítimas de liquiçá  
beber o café de ermera  
reconstruir o picadeiro em bobonaro  
tomar banho no marobo  
ir à missa no suai  
buscar as joias da rainha de covalima  
passar a fronteira e voltar  
chorar todos os conhecidos e os outros  
e quando as lágrimas secassem  
regressaria à minha palapa imaginária  
à mulher mais que inventada  
oferecer-lhe um pente de moedas de prata  
percorrer as suas ribeiras e vales  
sussurrar por entre as folhas do arvoredo  
navegar nos seus beiros  
rumar ao ataúro e ao jaco  
desfrutar a paz e as belezas ancestrais



ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam  
os insetos projetados contra as janelas  
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira  
todos se lembram menos tu

**621. ST MARKS ROAD** 1022013 CONCHA

parafraseando emanuel félix  
pode-se amar uma casa?  
sim, mas a casa nunca mais  
será a mesma  
e uma casa amada  
jamais será esquecida

**529. HOMENAGEM A NATÁLIA CORREIA** 103 SU MARGARIDO

hoje  
decididamente  
vou escrever um poema  
dedicado aos feriados  
que nos roubaram  
decreto  
que todos os dias  
feriados sejam abolidos  
os dias da semana  
também  
e para não esquecermos  
tais dias e feriados  
se comemorem todas as datas  
ao domingo  
e seja domingo todos os dias  
(e se nos convertermos ao catolicismo  
não poderemos trabalhar ao domingo)

**509 (MARIA NOBODY, 104 CHRYS E LUCIANO**

**CHRYS**

maria nobody  
de todos ninguém

**LUCIANO**

de alguém  
de um só

102 GARDENS ESTATE 43A, RANDWICK 12/8/2013

103 29 NOVEMBRO 2011

104 À maria mãe, pico, 9 agosto 2011)

maria nobody  
com body de jovem

**CHRYS**

maria só minha  
assim te sonho  
assim te habito

**LUCIANO**

maria nobody  
de todos ninguém

**CHRYS**

maria nobody  
mãe

amante

mulher

minha maria

**LUCIANO**

maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem

**CHRYS**

maria nobody  
de todos ninguém  
maria só minha  
dos filhos também  
maria nobody  
mais ninguém tem.

**583. DIA DA MÃE #2, À NINI, 105** **CHRYS**

**LUCIANO**

*maria nini de todos mãe  
hoje é o teu dia  
de filhos e filhas  
do marido também  
que não te sabia  
mãe destas lhas  
que te querem bem*

**CHRYS**

*mãe rima não tem  
pois mãe rima bem  
quando rima com mãe  
mãe é tão sublime  
que rima apenas com mãe*

**LUCIANO**

*maria nini de todos mãe  
disse um poeta  
mãe não tem rima  
é claro que rima tem  
com carinho e amor  
com este poema também*

**CHRYS**

*maria nini de todos mãe  
com sofrimento e dor  
com lágrimas e beijos  
emoção, alegria, cor  
meu prazer e desejos  
mãe de rimas é cheia  
mulher das minhas folhas  
até à última ceia*

**LUCIANO**

*maria nini de todos mãe  
nascida em lisboa  
sem rei nem coroa  
neste mundo oco  
cheio de djangos  
cheiras a coco  
sabes a morangos  
casada em sidney  
como sempre sonhei  
a mais bela cidade  
sem som de tangos*

**CHRYS**

*maria nini de todos mãe  
propagas açorianidade  
poetas sem idade  
prosadores das Ilhas  
que amas como filhas  
na prosa e na poesia  
na fé e na heresia*

*maria nini de todos mãe  
hoje é o teu dia  
nesta academia  
canto a tua história  
até ficar rouco  
até ficar louco  
na tua glória  
maria nini de todos mãe*

527. LEONOR SEM VERDURA NEM FRESCURA 106 CHRYS E LUCIANO

LUÍS VAZ DE CAMÕES  
LUCIANO

Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura;  
Vai fermosa, e não segura.

\*\*\*

Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamelote;  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura.  
Vai fermosa e não segura.

\*\*\*

Descobre a touca a garganta,  
Cabelos de ouro entrançado  
Fita de cor de encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta.  
Chove nela graça tanta,  
Que dá graça à fermosura.  
Vai fermosa e não segura.

CHRYS VALE TOSTÕES

Descalça vai para a farra  
Leonor pela noitinha  
Vai trémula pela cocaína

\*\*\*

Leva preservativo na calcinha  
Pílula do dia seguinte na bolsinha  
Tanga de fina seda encarnada  
Minissaia de cabedal rascote  
Não usa sutiã no decote  
A pele branca que nem neve pura  
Vai trémula pela cocaína

\*\*\*

Cantarola já rouca a garganta  
Cabelo desgrenhado  
Bandolete china de plástico usado  
Tão pedrada que a todos espanta  
Engole o ecstasy de graça tanta  
Que dá graça à pouca gordura  
Vai trémula pela cocaína

14. CÍCERO V. SANTOS, S. PAULO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL. TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008 E 2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

15. CONCHA ROUSIA, AGLP/AICL, GALIZA



**LAGOA 2009**



**PDL 2013 VILA DO PORTO 2011**



**SEIA 2013-14**



CONCHA ROUSIA (CONCHA Rodríguez PÉREZ), Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza) Psicoterapeuta e escritora. Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008. Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Membro da Associação Galega da Língua desde 2004. Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza. Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.

**PUBLICAÇÕES:**

- **Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012, Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.
- **As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline ([www.arcosonline.com](http://www.arcosonline.com)), Arcos de Valdevez, Portugal.
- **"Dez x Dez"** 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).
- **"Cem Vaga-lumes"** Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- **Herança**, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.
- **Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
- **Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.
- Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.
- **Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, Rio Grande do sul, Brasil.
- **Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.
- IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.
- Volume 7 da Coleção **"Poesia do Brasil"**, correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do sul, Brasil.
- **Escrever nas Margens**. Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza.
- **150 Poemas para Rosalia**. Antologia poética. 2015, Galiza.
- Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Lítero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade.



## Atas 24º colóquio da lusofonia –

- **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
- **Um dia**, Publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género.
- **Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.
- Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos, Coloquios da Lusofonia, 2010
- **PRÉMIOS**
- • Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza.
- • Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.
- • Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado**, 2006, Galiza. Com o romance “A Língua de Joana C”
- - Administradora do blogue ‘República da Rousia’: republicadarousia.blogspot.com
- Em março de 2010 fez parte da Comitiva Oficial do 13º Colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma Palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa.
- Em 2011 fez parte da Comitiva Oficial do 15º Colóquio a Macau.
- Foi nomeada Patrona da AICL, em representação da AGLP, no 16º Colóquio, Out.º 2011.
- *VILA DO PORTO 2011*

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESENTE LAGOA 2008, BRAGANÇA E LAGOA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013, SEIA E FUNDÃO 2014

TEMA 2.7 A LÍNGUA MATERNA E PSICOTERAPIA: USANDO MAIS DE UMA LÍNGUA EM PSICOTERAPIA COM FAMÍLIAS BILINGUES

A língua é um recurso de comunicação e não só com um grande poder nos processos de tratamento psicológico. A psicoterapia é com grande diferença mais efetiva, até duas vezes mais segundo a maioria dos estudos realizados sobre o tema, quando esta é levada a cabo usando a Língua materna da pessoa em tratamento psicológico. Por tanto a língua na que se realizam os tratamentos psicoterapêuticos é uma variável essencial do tratamento; e mais ainda no mundo atual tendente a famílias multilíngues. O bilinguismo, tanto de indivíduos quanto de famílias é uma realidade a cada vez mais comum e mais estendida, e é portanto uma realidade que o profissional da psicoterapia não pode ignorar.

Porém este fato não tem aumentado muito o interesse nem a atenção dos profissionais da psicoterapia, mas sendo conscientes da importância da aquisição da linguagem para o desenvolvimento da identidade das pessoas, o psicoterapeuta deveria entender os diferentes tipos de bilinguismo e como estes podem afetar ao processo terapêutico. Devemos tomar em grande consideração a carga emocional associada com o uso da língua materna e com o uso das línguas adquiridas com posterioridade. É importante considerar a mudança de língua no curso do tratamento como uma ferramenta terapêutica.

### Introdução

Uma das características mais distintivas dos seres humanos é a transmissão de cultura de uma geração para outra. Central neste processo é a língua. A língua porém não é uma simples ferramenta para a aquisição e transmissão de cultura; até certo ponto, língua é cultura. A língua pode ser considerada como ‘a cousa’ da humanidade. Alguns teóricos têm argumentado que, de fato, a língua é o maior contributo na formação da identidade. Por exemplo G.H. Mead (1934) propôs que o *self* surge à medida que o indivíduo internaliza as atitudes do grupo ao que pertence. Contudo, esse processo de internalização é alcançado unicamente através da partilha de significado, o que só é possível com o compartilhamento de um sistema de símbolos comum – uma língua. A hipótese de Sapir e Whorf, desde uma perspectiva diferente, propõe que a língua não é um sistema de comunicação, senão que é uma forma de ver o Universo (Whorf, 1936).

Vygotsky na sua pesquisa para explorar “*os aspetos internos da linguagem*” chega a afirmar que “*pensamento e linguagem resultam ser a chave para a natureza da consciência*” (1936: 256); o que significa que a língua não é menos importante do que o pensamento para criar a consciência. Chomsky (1972) ainda vai mais longe quando propõe que a linguística não é senão uma parte da psicologia. El acredita que os princípios da organização da linguagem são reflexos universais das propriedades da mente. Sem entrarmos na discussão das ideias de Chomsky, fica claro que a sua teoria coloca a língua no centro da mente humana.

Parece que qualquer interação humana que é baseada no uso da linguagem deve tocar aspetos de identidade. Pela mesma razão, se queremos entrar a considerar em profundidade a experiência humana, devemos dar grande atenção à linguagem.

## Bilinguismo

Contrariamente ao que acreditam a maioria das pessoas, a maior parte dos seres humanos fala mais de uma língua. A maior parte dos habitantes da Europa, do Oriente Meio, África, e América Latina são bilingues (Marcos & Urcuyo, 1979). O bilinguismo está presente em quase que todos os países, em todas as classes sociais e grupo de idade; de fato, tem sido estimado que metade da população do mundo é bilingue (Grosjean, 1982). Muitos países, como os Estados Unidos de América, países de imigrantes, tem uma porção grande da população que tem o Inglês como segunda língua (Dicker, 1996).

Uma definição simples de bilinguismo é oferecida por Zuleta (1990): Bilinguismo é a prática de usar alternativamente duas ou mais línguas (1990: 256). O bilinguismo pode ser classificado seguindo certas dimensões. Primeiro, bilingues subordinados, quando a sua competência linguística é diferente para as duas línguas. Bilingues proficientes, quando falam as duas línguas como a mesma competência de línguas nativas. Noutra denominação bilingue podem ser classificados como compostos ou coordenados, dependendo do contexto no que as línguas foram adquiridas.

Bilingues coordenados são aqueles que adquirem cada uma das línguas num contexto diferente, quanto que bilingues compostos aprendem as diferentes línguas no mesmo contexto. Bilingues coordenados caracterizam-se por ter independência linguística: a capacidade de manter e operar com dois sistemas linguísticos independentes. Este tipo de bilingues não tem simplesmente uma dupla de palavras para referirem-se a objetos ou experiências, eles tem uma experiência alternativa, e nem sempre congruente, do mundo interior (Marcos, 1976).

Bilingues podem também ser classificados em especializados e não especializados; segundo usem ou não uma língua exclusivamente num domínio particular; por exemplo, no lugar de trabalho, ou em casa, ou em certos contextos intelectuais. Aqueles que usam as suas línguas indistintamente, são não especializados (Marcos, 1976)

Definir o que constitui uma língua é em si mesmo complicado; Grosjean (1992) inclui falantes de diferentes dialetos na mesma definição de pessoa bilingue; os dialetos são muitas vezes vistos negativamente pelos falantes da versão “oficial” de uma língua particular. Este é por exemplo o caso do *Black English*; para muitos, esta variedade de Inglês falado em comunidades Negras é simplesmente incorreto, Inglês de baixo status (Roy, 1987), quando de fato é um veículo linguístico com gramática e fonética que é diferentes do Inglês standard e segue seu próprio padrão.

Sem dúvida, há alguns séculos o francês foi considerado como uma forma incorreta de Latim. E caberia aqui perguntar-se sobre o que pensam muitas pessoas sobre a variante de português falada no Brasil, e noutros lugares da Lusofonia. As línguas são dinâmicas, não são entidades estáticas, e evoluem da mesma forma que as comunidades de falantes evoluem culturalmente.

Outra variante fascinante de bilinguismo é a que se dá no caso das pessoas com deficit de audição que usam a linguagem de signos paralelamente com a língua da comunidade ouvinte na que vivem (quer na sua forma escrita quer lendo os lábios). O fato de que a maioria dos deficientes auditivos são bilingues (Grosjean, 1992), o qual é hoje universalmente aceitado, não foi sempre reconhecido no passado. Esta falta de reconhecimento da situação particular das pessoas surdas tem contribuído enormemente a incrementar os seus sentimentos de inadequação.

## Bilinguismo e os seus conflitos

A discussão anterior leva a considerarmos o tema de se o bilinguismo tem um impacto positivo, negativo, ou neutro no desenvolvimento cognitivo. Os primeiros teóricos tinham a tendência a acreditar que o bilinguismo tinha um impacto negativo na aprendizagem e na cognição. Era assumido que uma pessoa só podia ser completamente desenvolvida em associação com uma única língua. E se postulava que um estado de confusão e interferência entre as diferentes línguas na pessoa bilingue, era inevitável (Titone, 1983).

Como quer que fosse, estas primeiras suposições são agora vistas como fundamentalmente enviesadas – o resultado de um pensamento etnocêntrico e colonialista, característico de tempos passados. A supressão ativa das línguas das minorias, normalmente com fins políticos, era vendido como uma vantagem para melhorar a educação. Como exemplo extremo mencionarei o “*Welsh stick*”, que era uma pesada peça de madeira pendurada de uma corda no pescoço de qualquer criança que fosse apanhada falando em galês na escola de Gales a princípios do século XX. Para maior e mais subtil crueldade, a forma de se librar do “*stick*” era passar-lho a um companheiro “delinquente” (Khleif, 1979).

Em contraste, contemporâneos e rigorosos estudos falharam consistentemente na hora de revelar qualquer efeito negativo do bilinguismo *per se*, no desenvolvimento cognitivo. Antes ao contrário, há evidências que sugerem que o bilinguismo pode ser uma força positiva para a aprendizagem. Titone (1983) estudou um grupo de crianças, algumas delas bilingues e outras monolingues, usou o test de Compreensão de Frases de Fraser e um test sociométrico para medir o efeito do bilinguismo em socialização na infância. O estudo mostrou que não havia diferenças significativas entre os grupos. Apenas havia diferenças em os bilingues serem mais escolhidos pelos seus companheiros como líderes de jogo. Outro estudo levado a cabo por Peal & Lambert em 1962 parece confirmar os efeitos positivos do bilinguismo.

Os autores estudaram crianças de dois anos de idade escolarizados nas escolas de Montreal, comparavam os alunos bilingues francês-Inglês, com os monolingues falantes de Francês usando vários testes. Os seus resultados mostraram que os bilingues obtinham melhores pontuações nos testes de competências tanto verbais quanto não-verbais. Os

autores concluíram que não se pode saber o que veio primeiro, se era que as crianças mais brilhantes se tornaram bilingues, ou se o fato de serem bilingues favorecera o seu desenvolvimento intelectual. Em qualquer caso não havia dúvida da superioridade intelectual do grupo dos bilingues.

Portanto, em geral, podemos dizer que há concordância entre os pesquisadores sobre o valor intrínseco do bilinguismo. Porém isto não significa que não exista conflito nenhum associado com o bilinguismo. O bilinguismo é com frequência acompanhado por fatores socioeconómicos e culturais que podem produzir conflitos. O típico exemplo é a situação dos imigrantes que chegam a um novo país e ocupam postos de trabalho mal remunerados. Estas pessoas são com frequência vistas pelos nativos monolíngues como os únicos exemplos de pessoas bilingues; o que pode ajudar a identificar falsamente bilinguismo com classe social baixa (Grosjean, 1996).

#### **Aculturação e a Família Bilingue**

Aculturação pode ser definida como o processo de acomodação pelo que um indivíduo, membro de uma comunidade de imigrantes, se adapta à cultura de acolhida. Este processo inclui modificação dos hábitos, costumes, usos linguísticos, estilo de vida, e valores pelos que se orienta (Szapcznik, J., Scopetta, M.A., Kurtines, & Aranalde, M.A., 1978). Estes autores sugerem que a aculturação do indivíduo é um processo que varia em função da exposição à cultura de acolhimento. Este processo tem diferentes velocidades dependendo da idade e o sexo; sendo mais rápido nos mais jovens, e também nos de sexo masculino.

Quando a cultura de acolhida fala uma língua diferente da pessoa o processo de aculturação leva implícito o bilinguismo. Este fato tem implicações para a intervenção terapêutica com famílias, como mais adiante se tratará. Adiantando já que o psicoterapeuta habitualmente se encontrará com “famílias bilingues” nas quais os membros exibirão diferentes graus de aculturação e com grandes diferenças na manifestação do bilinguismo. Por exemplo, os filhos e filhas podem ser proficientes bilingues, quanto que os seus pais podem ser bilingues subordinados, com uma menor competência na segunda língua. Por outro lado, os pais provavelmente façam um uso mais especializado das suas duas línguas do que os seus filhos.

A modo de exemplo, a típica família de imigrantes nos Estados Unidos pode incluir adultos que sempre falam espanhol ou vietnamita, etc., em casa, e falam um Inglês limitado no trabalho. Esta mesma família é provável que tenha filhos que usam perfeito Inglês fora de casa e usam ambos, Inglês e a Língua materna dos seus pais quando estão em casa. Uma boa ilustração disto é crianças quem falam chinês com seus pais mas usa o Inglês para se comunicarem entre irmãos ou quando estão vendo televisão. Na mesma família pode haver inclusive algum membro que inclusive seja absolutamente monolíngue, por exemplo um avô.

O grau diferente de aculturação é uma fonte importante de conflitos. Pode levar a disrupção familiar, e de fato alguns autores veem isso como a maior fonte de estresse nas famílias imigrantes (Szapocnik et al., 1978).

O status socioeconómico pode também estar relacionado no processo de aculturação. Um estudo australiano com estudantes de Liceu (Brochner, 1996) concluiu que o bilinguismo tinha um efeito positivo nos estudantes que funcionavam num ambiente intelectualmente estimulante, tanto em casa quanto na escola; o que se associava com uma classe socioeconómica entre média e alta. Por outro lado tinha efeitos negativos nos estudantes com menos estimulação intelectual, o que se correspondia tipicamente com famílias de baixo status socioeconómico.

Resumindo, o bilinguismo é muito mais comum do que habitualmente se reconhece. E mesmo não sendo conflituoso, frequentemente vai associado com outros fatores como migração, aculturação, etc. que podem levar algum conflito associado. Algo a ter em conta na hora de trabalhar em psicoterapia com estas famílias bilingues.

#### **Implicações do Bilinguismo para a Psicoterapia**

Dada a importância da língua na experiência humana, e o aumento do número de bilingues no mundo, a terapia familiar não pode continuar ignorando o bilinguismo. A terapia familiar tem-se caracterizado em tempos recentes por um aumento na conscientização face a temas como o género, grupo étnico, classe social, etc. (Walters, Carter, Papp, & Silverstein, 1988). Neste sentido, a existência de famílias bilingues, e como oferecer serviços para as suas necessidades tem que ser considerado.

##### **1.- Comunicação: Troca de conteúdos**

O primeiro que preocupa o terapeuta que se enfrente a trabalhar com a pessoa ou a família bilingues é a qualidade da comunicação dos conteúdos a serem transmitidos. Em situações extremas nas que o cliente é altamente subordinado respeito da língua que comparte com o terapeuta, a comunicação pode ser materialmente impossível. Ora bem, a maior parte dos clientes bilingues são capazes de se comunicar na língua compartida com o terapeuta. Alguns autores sugerem que talvez seria uma boa prática derivar o cliente e a sua família a um terapeuta da sua mesma cultura ou usar um tradutor (de Zulueta, 1990). Usar um tradutor pode parecer estranho e a maioria dos terapeutas rejeitariam isso, que com certeza interferiria no processo de criação da aliança terapêutica. Porém existem experiências clínicas que mostram que de fato, o uso de tradutor não só funciona senão que nalguns casos é uma alternativa melhor do que usar a língua secundária do cliente.

Um estudo com norte-americanos de origem mexicana, bilingues mas com o espanhol como língua principal, assistentes a terapia numa particular clínica em Los Angeles pode ser muito ilustrativo (Kline, F., Acosta, F.X., Austin, W., & Johnson, R. G., 1980). Para a primeira sessão, foi-lhes ofertado o uso de um tradutor, alguns aceitaram. Depois das sessões, os terapeutas, todos falantes de Inglês, e os clientes preencheram um questionário indicando o seu grau de satisfação com respeito da sessão. Em contraste com o ponto de vista dos terapeutas que consideravam que as sessões com tradutor tinham sido pouco úteis, o 76 % dos clientes que usaram tradutor expressaram sentimentos muito positivos e manifestaram a sua intenção de utilizar tradutor nas seguintes sessões. Por outro lado os que não usaram tradutor manifestaram apenas satisfação num 40%.

A conclusão parece óbvia, se alguns clientes preferem tal aparentemente pouco natural situação terapêutica é porque há alguma coisa extremamente importante e poderosa no uso da língua materna, talvez alguma coisa que pertença ao campo das emoções transcendendo a experiência intelectual.

Que falar línguas diferentes implica experiências emocionais muito diferentes é fácil de perceber dum jeito intuitivo. Mas num contexto terapêutico o poder da língua primária amplifica-se como consequência da particular qualidade da comunicação envolvida. As emoções exprimidas podem ser, e amiúde são, mais importantes do que o significado verbal transmitido. No extremo, um poderia dizer que no estudo de Kline et al (1988) citado anteriormente, o tradutor estava a atuar como um autêntico coterapeuta, ou, pelo menos, como um importante facilitador do processo terapêutico.

Mas a utilização de tradutores comporta muitos conflitos e já foi criticada por muitos autores. Em primeiro lugar, é universalmente sabido que a tradução não pode transmitir toda a rica rede de significados da mensagem verbal. A tradução é sempre uma aproximação do depoimento original, na que muitos matizes perdem-se (Oquendo, 1996). Além disso, a tradução amiúde inclui uma interpretação e distorção subtil da mensagem que pode fazer que o terapeuta se engane. O seguinte é um exemplo ilustrativo:

*Terapeuta a um paciente falante de espanhol: “Sentes-te triste ou saudoso, sentes que a vida não tem valor algumas vezes?”*

*Intérprete ao paciente: “O doutor quer saber se te sentes triste e se gostas da tua vida”*

*Resposta do paciente: “Não, sim, sinto que os meus filhos precisam de mim, não posso render-me, prefiro não pensar nisso.”*

*Intérprete ao terapeuta: “Ela diz que não, ela diz que ama seus filhos e que eles precisam dela” (Marcos, 1979, p. 173).*

Se a tradução é já mesmo difícil, quando trata dos assuntos melindrosos do âmbito da terapia, pode enfrentar-se a reptos mesmo mais difíceis. No caso extremo de indivíduos que padecem de pensamento desorganizado, a tradução pode virar totalmente confusa (Marcos, 1979). Poder-se-ia argumentar que um corpo de tradutores bem treinados, com uma certa sofisticação psicológica, poderia ser uma boa solução, mas evidentemente tais profissionais são muito escassos nos âmbitos da saúde mental (Bradford & Muñoz, 1993).

Outra possível solução é a utilização como tradutores de parentes ou amigos do cliente. Mas tais indivíduos são poucas vezes objetivos e podem tentar maximizar ou minimizar os problemas que se apresentam (Marcos 1979).

## 2.- Comunicação: Mudança experiencial:

Criou-se a expressão “desligamento emocional” para descrever a perda de emoção associada ao uso duma segunda língua, uma língua na que não se viveu uma experiência concreta. Uma coisa é adquirir uma Língua materna, envolvida em todos os passos do desenvolvimento emocional, particularmente através da infância e a adolescência, e uma outra muito diferente adquirir, mediante um processo racional, a gramática e o vocabulário de uma língua “estrangeira”. Uma segunda língua amiúde permanece intelectualizada e mesmo distante dos sentimentos (Rozensky & Gomez, 1983).

Por vezes, associam-se valores muito diferentes a cada uma das línguas. De Zulueta (1990) descreve um caso, uma família bilingue colombiana que atendeu em Londres. “O marido se apresentou em Inglês como um homem corrente, descontraído, que parecia muito tolerante e amável com a sua mulher. Em espanhol, virou uma personagem de estilo “macho” sul-americano, muito poderosa, que se relacionava com a sua esposa dum jeito agressivo” (p. 261).

O cliente mesmo procura por vezes um desligamento emocional dum jeito ativo, com o intuito de lidar com experiências emocionalmente carregadas que poderiam atingir uma intensidade ameaçadora, esmagadora, até. O cliente poderá então utilizar o salto de língua para regular a intensidade. Paradoxalmente, o terapeuta bilingue pode também utilizar o salto de língua como uma potente ferramenta terapêutica.

O seguinte trecho, tomado dum caso descrito na literatura, refere-se a um cliente com uma intensa ansiedade a respeito duma operação cirúrgica necessária à que não se queria submeter (Rozensky & Gomez, 1983):

*P: Não quero fazê-lo, não quero ir ao hospital. Já estive no hospital muitas vezes para as análises e todo o demais.*

*T: Mas parece que o seu médico acha que é importante.*

*P: Sei-o, acho que deveria fazê-lo duma vez, mas não sei...*

*T: Faz ideia de por que lhe custa tanto?*

*P: (Silêncio). Não estou certo. Não sei como descrevê-lo.*

*T: Pode tentar?*

*P: É difícil, é tão difícil.*

T: *Pode tentar em espanhol?*

P: *(As lágrimas começam a cair) No quiero. Tengo miedo (silencio).*

T: *Medo de quê?*

P: *(Chorando intensamente) Que no voy a salir (p. 156)*

Muitas situações terapêuticas incluem lembranças das que um só se pode aproximar na língua original na que aconteceram. Isto foi descrito como que algumas áreas da experiência pessoal do cliente são “específicas numa língua”. As lembranças geralmente pertencem a este âmbito (Sciarrá & Ponterrotto, 1991).

De Zulueta (1995) descreve alguns casos chamativos nos que a carga emocional associada às distintas línguas utilizadas por um cliente bilingue atingiram extremos dramáticos. Um caso refere-se a um Inglês de 19 anos diagnosticado como hipomaniaco, no pavilhão fechado de um hospital psiquiátrico Inglês. Sabendo que a sua terapeuta era bilingue em Inglês e espanhol, um dia começou a falar com ela em espanhol, uma língua que o paciente estudara. Falando nesta língua, ele aparecia coerente, sem qualquer evidência de pensamento desorganizado. A autora afirma que não havia qualquer rasto da confusão que já observara quando o paciente falava em Inglês.

Seay Clauss (1998) descreve outro interessante caso que se refere a um jovem norte-americano original de Puerto Rico. Quando trabalhava com o cliente na sua segunda língua (Inglês), ele referia-se a eventos traumáticos dum jeito desapaixonado. Quando utiliza a sua Língua materna (espanhol), ele é capaz de aceder aos afetos associados a ditos eventos traumáticos.

Alguns autores já sugeriram que os indivíduos bilingues, quando utilizam alternativamente as suas duas línguas, ficam perto de manifestar duas personalidades ou identidades diferentes (Greenson, 1950; Ervin, 1964; Marc os et al., 1977). Esta fascinante ideia mereceria uma discussão mais extensa, mas as suas implicações ficam além dos objetivos deste trabalho.

#### Uma proposta

Por cima de todos os elementos mencionados, que operam sobre cada membro da família, impõe-se o facto do bilinguismo e a aculturação atingirem diferentes níveis nos diferentes membros. Isto dá lugar a uma situação muito complexa que, como já se disse, pode ser descrita com o termo família bilingue. O tratamento numa família bilingue pode-se considerar adequadamente aplicando duas ideias: A primeira, o/a terapeuta tem que ser bilingue, e a segunda, tem que utilizar ambas línguas simultaneamente durante as sessões, dependendo das circunstâncias concretas.

#### Tratando a família bilingue

Estas duas afirmações excluem claramente a ideia de simplesmente referir a família bilingue a um/a terapeuta que fale a língua principal da família e faça terapia nessa língua. De facto, a ideia numa língua principal da família deve ser descartada, até. A atitude muito comum de priorizar a Língua materna dos pais, assumindo que os filhos vão mesmo seguir a pauta sem qualquer problema está essencialmente errada. Esta atitude nega aos filhos a possibilidade de se exprimirem na língua da sua preferência e na que eles comunicam emoções muito importantes. Além disso, a experiência desta autora é que amiúde os filhos têm serias dificuldades para se exprimirem na Língua materna dos seus pais. Por vezes têm um léxico muito pobre e pode ser mesmo impossível para eles exprimir ideais e emoções complexas nessa língua. O exemplo a seguir é da experiência clínica da autora; os nomes foram mudados.

Uma família de El Salvador acudiu a terapia para tratar de problemas de disciplina com o filho mais velho, Roberto, um rapaz de 15 anos. O seu irmão, Daniel, de 11, e a sua irmã, Ana, de 8, também participaram nas sessões. Todos os miúdos nasceram nos Estados Unidos. As sessões foram inicialmente em espanhol, dado que os pais tinham um domínio muito limitado do Inglês, uma língua que eles nunca utilizavam para se comunicarem com os seus filhos. Nos filhos o Inglês era a língua dominante; o seu espanhol era da qualidade de falantes nativos, embora com recursos expressivos e lexicais muito pobres. Os miúdos participaram pouco.

Quando a terapeuta começou a utilizar o Inglês com eles, viraram algo mais participativos. Finalmente, começaram a lhe falar à terapeuta apenas em Inglês, e então a sua participação aumentou, particularmente no caso de Roberto. Ele resumiu os seus sentimentos sobre a situação com a frase: *“I just want to be left alone...”* (“So quero que me deixem em paz...”). Esta expressão, carregada de matizes emocionais, não tem uma equivalência exata em espanhol. Além disso, o limitado espanhol de Roberto não lhe permite achar uma tradução exata. De facto, no percurso das sessões os pais exprimiram a sua preocupação pela falta de amor e orgulho dos seus filhos pela sua cultura e origem salvadorenhas. A afirmação destas preocupações dirigiu a discussão a falar dos assuntos relacionados com o biculturalismo e como era isto para os distintos membros da família. Roberto via-se a ele próprio como um americano chamado “Robert”. Daniel era mais bicultural, e os pais viam-se como exclusivamente salvadorenhas que moravam nos Estados Unidos. A filha mais nova ainda não tinha um conceito claro da sua identidade cultural.



Este exemplo ilustra o trauma associado ao inevitável processo de aculturação, que deixa os pais sem uma geração à que transmitirem a sua cultura. Também é um exemplo de “salto de língua” pelo/a terapeuta. A utilização de terapia bilingue é o jeito ideal de atingir todos os membros duma família bilingue. Com terapia bilingue, o terapeuta pode mesmo atuar como uma ponte entre pais e filhos. De facto, ele/ela pode converter-se num modelo de bilinguismo e biculturalismo, até.

#### Terapia bilingue e neutralidade

A terapia bilingue é o único jeito de manter a neutralidade durante a terapia com famílias bilingues, não parecendo que se toma partido por alguns membros da família sobre outros. No caso descrito, não havia qualquer hipótese de que Robert/Roberto se sentisse á vontade se a terapeuta utilizasse apenas o espanhol.

Também é necessário perceber que a língua é utilizada por vezes por alguns membros da família como um mecanismo de controlo.

O seguinte exemplo ilustra este ponto: Um casal estava a ser atendido por esta autora para tratar de problemas de comunicação marital. O homem, que chamaremos Alfredo, era um estudante de 27 anos do Uruguai casado com uma mulher norte-americana de 25 anos, Jennifer, também estudante. Eles conheceram-se no Uruguai, onde ela participava num programa de intercâmbio académico. O espanhol de Jennifer era praticamente da qualidade duma falante nativa. Aliás, o Inglês de Alfredo não era suficientemente bom para atingir o nível de comunicação necessário. Por conseguinte, as sessões de terapia tinham lugar em espanhol durante os primeiros encontros.

Todavia, a terapeuta logo percebeu que Alfredo parecia estar muito mais emocionalmente envolvido no processo que a sua mulher. A certa altura, a terapeuta dirigiu-se a Jennifer em Inglês: “*Perhaps it is not fair to ask you to speak in Spanish about these personal issues.*” (“Se calhar não é justo pedir-te para falar em espanhol sobre estes assuntos tão pessoais”). E ela respondeu, “*Yes, perhaps it is not fair,*” (“Sim, se calhar não é”) enquanto as lágrimas vieram aos seus olhos. “*How was it for you all this time having to use only Spanish in the session?*” (“Como foi para ti todo este tempo ter que usar apenas o espanhol na sessão?”). “*It was strange, it is like not being me, do not get me wrong, it is not like I am trying to be different or something, but somehow it seems like...unreal*” (Foi estranho, é como não ser eu, não me interpretes mal, não é que eu trate de ser diferente ou algo assim, mas dalgum jeito parece como...irreal”).

O seu marido apressou-se a dizer, em espanhol, que eles sempre falaram em espanhol quando moravam no Uruguai, e que daquela tudo parecia bem. Nessa altura Jennifer disse-lhe em Inglês, como se sentira ela realmente quando moravam com os pais dele; até esse momento ela fora incapaz de exprimi-lo. O Inglês abriu-lhe a porta a emoções e sentimentos profundos. O Inglês compartilhado fez-se um vínculo entre a terapeuta e Jennifer, a terapia continuou em ambas línguas.

#### Language switching

O indivíduo bilingue, por vezes, salta do uso de uma língua ao da outra, um ato ao que já nos referimos como “alternância de línguas”. Este comportamento tem implicações muito mais profundas do que poderia parecer. Na tradição psicanalítica, o salto de língua tem sido interpretado como um jeito de manifestar resistência (Oquendo, 1996). Geralmente, a literatura psicanalítica considera o salto de língua do cliente como algo que não deveria ser encorajado, porque lhe dá ao cliente um autocontrolo do nível de ansiedade, permitindo-lhe escapar do trabalho da terapia (Buxbaum, 1949; Marcos & Urcuyo, 1979).

Sem criticar essas ideias, é preciso sublinhar que a terapia familiar representa um âmbito terapêutico claramente diferente ao que essas conclusões não podem ser diretamente extrapoladas. Primeiramente, no percurso desta discussão enfatizou-se o conceito de família bilingue, e por conseguinte, o salto de língua tem um valor e significado totalmente diferentes. A alternância de línguas é um padrão de comportamento natural numa família bilingue, acontece na vida diária da família, e consoantemente, é natural que aconteça durante a terapia.

Mas existe uma outra dimensão da alternância de línguas que afeta o terapeuta e que já foi apresentada. A alternância de línguas pode constituir uma formidável ferramenta terapêutica nas mãos do terapeuta. A alternância de línguas é uma ferramenta básica para a terapeuta que quer conetar com todos os membros da família. Esta prática permite usar em cada caso a língua que está conetada com os sentimentos e emoções mais profundos. Nas secções precedentes, apresentaram-se vários exemplos nos que o terapeuta iniciou trocas de língua.

Em cada caso, o seu uso teve potentes efeitos terapêuticos, por vezes rompendo uma situação de bloqueio ou facilitando o acesso a áreas emocionais conflituosas.

O uso do terapeuta da troca de língua pode também oferecer um modelo de bilinguismo. Enquanto o terapeuta troca o espanhol pelo Inglês, por exemplo, para dirigir-se a um filho adolescente, ele ou ela se calhar serão percebidos por todos os membros da família como um exemplo de uso bem-sucedido, equilibrado das duas línguas.

#### O terapeuta bilingue como um modelo de role de biculturalismo

Estendendo a ideia anterior, o terapeuta bilingue pode, de facto, ser um modelo de biculturalismo equilibrado para a família bilingue. O biculturalismo nem sempre inclui bilinguismo, mas a afirmação inversa não é certa. Até certo ponto, na maioria dos casos o bilinguismo está necessariamente associado ao biculturalismo. No caso duma família bilingue isto é sempre assim. O terapeuta bilingue não precisa ser bicultural na mesma medida que a família que está a tratar.

Em muitos casos o bilinguismo do/a terapeuta pode ser o resultado do estudo e aprendizado duma segunda língua. Mas a sua capacidade de interagir fácil e eficazmente com os mundos associados às duas línguas que estão a serem utilizadas constitui uma potente afirmação. Dana (1996) afirma que o biculturalismo sugere familiaridade com ambas culturas e a capacidade de funcionar aceitavelmente nos dois ambientes.

Os diferentes membros da família, particularmente os filhos, devem decidir qual identidade cultural abraçar: bicultural ou uma correspondente a cada uma das línguas familiares. Com certeza, o intuito do terapeuta não deverá ser influir na decisão, mas é importante amolecer o conflito associado a este processo.

Como já se afirmou, a identidade cultural e as questões relacionadas com a aculturação são uma importante fonte de conflito nas famílias bilingues. Agindo como um modelo de respeito pelas duas culturas e de capacidade de funcionar em ambas, o terapeuta provavelmente terá mais possibilidades de ter uma maior influência na família.

### Conclusões

O bilinguismo é uma realidade muito frequente. No mínimo, há no mundo tantas pessoas bilingues quantas monolingues. Devido a que a língua é um importante componente do desenvolvimento da identidade, os terapeutas deveriam por muita mais atenção à condição linguística dos seus clientes. O limitado da literatura sobre indivíduos bilingues é enganadora, pois fomenta a ideia de que o monolingüismo e os aspetos psicológicos associados a ele são a norma (de Zulueta, 1984).

Embora o bilinguismo não seja estressante *per se*, amiúde associa-se a aculturação, a emigração e a outras realidades socioeconómicas que podem estar acompanhadas de estresse e conflito. O termo “família bilingue” refere-se a famílias nas que o bilinguismo acontece, e transmite a riqueza e complexidade da sua realidade linguística. Tais famílias são particularmente propensas às tensões e conflitos mencionados. Idealmente, os terapeutas familiares que trabalham com famílias bilingues deveriam ser bilingues. Mas isto não é suficiente: os terapeutas familiares deveriam empregar as duas línguas, segundo for necessário, para atingir a conexão e neutralidade necessárias, e serem capazes de evitar o possível desligamento emocional dos clientes. A prática da troca de língua, se aplicada adequadamente, pode ser particularmente potente no processo da terapia familiar.

### Referências

- Bochner, S. (1996). The learning Strategies of bilingual versus monolingual studies. *British Journal of Educational Psychology*, 66: 83-93.
- Bradford, D.T. and Munoz, A. (1993). Translation in bilingual psychotherapy. *Professional Psychology: Research and Practice*, 24 (1): 52-61.
- Buxbaum, E. (1949). The role of a second language in the formation of ego and superego. *Psychoanalytic Quarterly*, 18:279-289.
- Chomsky, N. (1972). *Language and Mind*. New York: Harcourt Brace Jovanovich Inc.
- Dana, R.H. (1996). Culturally competent assessment practice in the United States. *Journal of Personality*, 66 (3): 472-487.
- Dicker, S.J. (1996). Language in America: A pluralistic view. Colin Baker and Nancy Hornbergues Eds. Clevedon, UK: Multilingual Matters Ltd.
- Ervin, S. (1964) Language and TAT content in bilinguals. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 68 (5): 500-507.
- Greenson, R.R. (1950). The mother and the mother tongue. *International Journal of Psychoanalysis*, 31: 18-23.
- Grosjean, F. (1982) Life with two languages: *An introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press.
- Grosjean, F. (1992). The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf word. *Sign Language Studies*, 77: 307-320.
- Grosjean, F. (1996) Living with two languages and two cultures. Inc: I. Parasnis (ed) *Cultural and language diversity and the deaf experience*: Cambridge University Press.
- Khleif, B.B. (1979). Language as an ethnic boundary in Welsh-English relations. *International Journal of the Sociology and languages*, 20: 59-74.
- Kline, F. Acosta, F.X., Austin, W., and Johnson, R. G. (1980). The misunderstood Spanish-speaking patient. *American Journal of Psychiatry*, 137 (12): 1530-1533.
- Marcos, L.R. (1976) Linguistic dimensions of the bilingual patient. *The American Journal of Psychoanalysis*, 36: 347-354.
- Marcos, L.R. (1979) Effects of interpreters on the evaluation of psychopathology in non-English-speaking patients. *American Journal of Psychiatry*, 136 (2):71-174.
- Marcos, L.R., Eisma, J.E. and Guimon, J. (1977) Bilingualism and sense of self. *The American Journal of Psychoanalysis*, 37: 285-290.
- Marcos, L.R. and Urcuyo, L. (1979) Dynamic psychotherapy with the bilingual patient. *American Journal of Psychotherapy*, 33 (3): 331-338.
- Mead, G.H. (1934). *Mind, Self, and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Oquendo, M.A. (1996) Psychiatric evaluation and psychotherapy in the patient's second language. *Psychiatric Service*, 47 (6): 614-618.
- Peal, E., and Lambert, W. (1962) The relation of bilingualism to intelligence. *Psychological Monographs*, 76: Whole number 546.
- Roy, J.D. (1987). The linguistic and sociolinguistic position of Black English and the issue of bidialectalism: *Aspects of linguistic, cognitive, and social development*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Rozenky, R.H. and Gomez, M.Y. (1983). Language switching in psychotherapy with bilinguals: Two problems, two models, and case examples. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 20: 152-160.
- Seay Claus, C. (1998). Language: the unspoken variable in psychotherapy practice. *Psychotherapy*, 35 (2): 188-196.

- Sciarrá, D.T., and Ponterrotto, J.G. (1991) Counseling the Hispanic bilingual family: Challenges to the therapeutic process. *Psychotherapy*, 28 (3), 473-479.
- Szapocznik, J., Scopetta, M.A., Kurtines, & Aranaide, M.A. (1978). Theory and measurement of acculturation. *Interamerican Journal of Psychology*. 12: 113-130.
- Titone, R. (1983), Psycholinguistic variables of child bilingualism: Cognition and personality development. *Canadian Modern Language Review*, 39: 171-181.
- Vygotsky, L. (1986). *Thought and Language*. Cambridge: The MIT Press.
- Whorf, B.L. (1936) The punctual and segmentative aspects of verbs in Hopi, *Language*, 12: 127-131.
- Zulueta, F. De (1984). The implications of bilingualism in the study and treatment of psychiatric disorders: a review. *Psychological Medicine*, 14: 541-557.
- Zulueta, F. De (1990). Bilingualism and family therapy. *Journal of Family Therapy*, 12: 255-265.
- Zulueta, F. De (1995). Bilingualism, culture and identity. *Group Analysis*, 28: 179-190.

**16. DANIELA BETTENCOURT, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**2. EULÁLIA FREITAS, CORO DE CÂMARA MUS&CANTO + ENSINO ARTÍSTICO EBS Graciosa, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**17. FÁBIO MENDES, PROFESSOR EBS GRACIOSA, COORDENADOR DAS SESSÕES DE MÚSICA DE COMPONENTE LOCAL**



Natural da Ilha Graciosa, iniciou os seus estudos de Piano na Academia Musical da Ilha Graciosa na classe de Nizalda Barcelos e, posteriormente, de Olga Gorobets. Prosseguiu estudos no Conservatório Regional de Ponta Delgada na classe de piano de Daniela Ignazzitto e de Nataliya Atamas. Simultaneamente concluiu a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade dos Açores (2004).

Dedica-se plenamente à atividade musical desde 2005 nomeadamente na sua vertente pedagógica, tendo lecionado em várias escolas dos Açores, Alentejo e norte de Portugal Continental.

Frequentou vários cursos de aperfeiçoamento com pianistas como Sequeira Costa, Luís Pipa, Filipe Pinto-Ribeiro, Eldar Nebolsin, Paulo Pacheco, entre outros.

Participou no Concurso Galego-Português de Piano (Vigo, 2006) e no Concurso Internacional de Música de Câmara de Alcobça (2010).

Gravou várias vezes para a RTP-Açores e RDP Antena 2.

Apresenta-se regularmente em recitais desde 2003. Terminou em 2008 a licenciatura em Piano na Universidade de Évora na classe de Piano de Elizabeth Allen e em 2011 o Mestrado com a Tese *O Piano na Graciosa: práticas musicais durante a I República*, tendo sido orientado por Vanda de Sá e Pedro Burmester.

**18. FÁTIMA ÁVILA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**19. FÁTIMA MADRUGA MÉDICA HOSPITAL V. N. DE GAIA PRESENCIAL**



MOINHOS2014



Vila do Porto 2011

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARI, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO E 23º FUNDÃO

**20. FERNANDO RUI AGUIAR, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**21. FILIPE FÉLIX, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**22. FRANCISCO LOBÃO, TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS, LISBOA / GRACIOSA**

*(Dados biográficos da rádio graciosa)*

**Francisco Manuel da Silva Gil Lobão** nasceu em Santa Cruz da Graciosa, em 19 de Setembro de 1958.

Último dos filhos de Manuel Gil Correia Lobão e de Francisca Silva Lobão, amantes da música, embora já não executantes habituais à data da sua infância e juventude, cresceu num ambiente em que a cultura musical fazia parte do quotidiano, deliciando-se entre os sons que o pai tirava do bandolim e bandola na sala grande, com vista para o mar, e as então já raras incursões da mãe no piano, que marcava presença numa outra sala, conhecida familiarmente por “quarto de costura”. Nela e junto ao piano estava uma estante carregada de pautas musicais que já o fascinavam na busca de decifrar os sons que aqueles sinais das notas musicais queriam reproduzir.

Em muitas tardes, entre brincadeiras e lazeres, acompanhou o pai na audição dos discos de música clássica, que ele colecionava e ouvia com frequência.



*(Dados biográficos da rádio graciosa)*



## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Talvez este ambiente tenha levado a que, sempre mostrasse grande interesse pela música, em especial o canto, treinando inúmeras vezes a sua voz de criança em músicas do então famoso “Joselito”, muito em especial a interpretação da “Campanera”, uma canção muito em voga naquele período, divulgada largamente através do cinema.

Foi um menino dócil, travesso e irrequieto, a quem era permitida uma liberdade criativa, que exprimia através das cantigas e teatros que improvisava, animando com a sua alegria o tolerante ambiente familiar.

Enquanto permaneceu na Graciosa integrou o conjunto musical do Graciosa Futebol Clube, repartindo-se entre a bateria e o canto.

Estudou até ao 9º ano na escola básica e secundária da Graciosa tendo seguidamente ido frequentar o ensino secundário no liceu nacional de Ponta Delgada em S. Miguel.

Aí iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, integrou grupos corais, nomeadamente o coro da Igreja de São José, partilhando o seu tempo com as tarefas de estudante do secundário e, depois, com tarefas avulsas de trabalhos variados e provisórios que lhe iam surgindo.

Era também assíduo frequentador em ambientes noturnos onde surgiam “caldos” de iniciativas musicais a que ele emprestava a voz, razão porque o seu nome é referente naquela geração.

A sua grande paixão era mesmo a música, afirmando querer fazer do canto lírico a sua profissão, o que no tempo, parecia um futuro extravagante e inseguro. A família, via com preocupação a inabalável convicção, apoiando-o, sem nunca lhe rejeitar a vocação.

Um dia zarpou para Lisboa em busca do coração da música, o Teatro Nacional de São Carlos, o seu grande sonho por ser o expoente nacional da música lírica.

Na capital, as oportunidades foram aparecendo e o “Chico” Lobão, como por cá é conhecido, não deixou de as agarrar e alcançar.

Apresentou-se a uma audiência onde eram selecionadas vozes de valor e foi selecionado para integrar o coro do teatro, a mais prestigiada instituição do canto lírico, onde se mantém como membro efetivo até à atualidade.

Para conseguir os seus objetivos, aperfeiçoou conhecimentos e os dotes de tenor. Foi convidado para trabalhar técnica vocal com o professor Cortez Medina e participou em festivais de verão, tendo sido cantor convidado no Festival Maré de Agosto que se realiza nos Açores.

Foi finalista do Concurso de Canto Juventude Musical Portuguesa e participou no Concurso Internacional Luísa Todi. Frequentou as Master Classes da Cantora Iliana Cotrubas e do Tenor Alfredo Krauss, assim como, os cursos ministrados pelo professor catedrático e pedagogo Helmut Lips.

Está sempre disponível para cantar, pelo que fora do teatro São Carlos, integra um agrupamento, “Bel Canto Latino” que anima musicalmente diversos eventos recreativos e sociais.

O Chico Lobão é, na Graciosa, conhecido de inúmeras pessoas pois revela uma grande capacidade de relacionamento, aliada a um temperamento aberto, afável e sereno. Busca a ilha durante o verão, pelo menos, de dois em dois anos procurando incutir na mulher e filhos a estima pela ilha que o viu nascer e que ele tanto ama.

Os graciosenses já tiveram oportunidade de apreciar os dotes vocais deste cantor em diversos eventos, de que destacamos, o festival de música do Monte d’Ajuda, onde foi acompanhado ao piano por Mário Laginha; na festa dos 25 anos do Museu da Graciosa; num Baile à Moda Antiga na Filarmónica Recreio dos Artistas onde trouxe um repertório de tangos e milongas; num espetáculo de homenagem a Joaquim Costa que ele considera uma das mais fantásticas vozes açorianas.

A persistência do Francisco Lobão na busca da vida que sempre desejou, conseguindo vencer os entraves que as distâncias e as mentalidades então no caminho colocavam, pode servir de exemplo aos jovens da nossa ilha que agora iniciam o seu percurso de vida.



*DARÁ RECITAL COM ANA PAULA ANDRADE AO PIANO E CAROLINA CONSTÂNCIA AO VIOLINO*



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ em recital com Ana Paula Andrade ao piano e Carolina Constância em violino.

**23. FRANCISCO MADRUGA, DIRETOR. EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS, ASSISTENTE PRESENCIAL**



PDL 2013



FLORIPA 2010

Macau 2011

**FRANCISCO FERNANDES MADRUGA**, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*. Teve colaboração regular nos Jornais *Nordeste*, *Mensagem de Bragança* e *Informativo*. Editou em colaboração com a Revista *BITÓRÓ* a Antologia *Novos Tempos Velhas Culturas*. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da Antologia (monolíngue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Ingês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras.

Editou os dois últimos volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e *Crónicas Açores: uma circum-navegação* - vol. 2 (2011)

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. /PRESIDE AO CONSELHO FISCAL**

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014, SEIA E FUNDÃO 2014.

**24. GRUPO FOLCLÓRICO DE GUADALUPE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**25. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL**

**HELENA CHRYSTELLO**, Vice-Presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos colóquios desde o primeiro Colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões. Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e Mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema *Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta*. Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).



**SEIA 2014**



**MAIA 2013**



**PDL 2013**



**MOINHOS, PORTO FORMOSO 2014**

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade.

É Membro da ACT/CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009 e do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – JUDITE JORGE.

Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia De (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes. No 21º lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras" .

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO, TOMOU PARTE EM TODOS OS 23 COLÓQUIOS. LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. MODERA SESSÕES**



**STA. MARIA 2011**

**2013 (GOUVEIA NA CADEIRA DE VERGÍLIO FERREIRA)**

**26. JOANA MELO, ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA, SESSÕES DE MÚSICA**

**27. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL) / AICL, PATRONO DESDE 2007**



MAIA 2013



SEIA 2013



MACAU 2011

**JOÃO MALACA CASTELEIRO** licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987.

Tem coordenado e colaborado em diversos Projetos de Investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

É Professor Convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 Presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia.

Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de Mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a Tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.

Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais: Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.



## Atas 24º colóquio da lusofonia –

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

**É patrono dos Colóquios da Lusofonia** desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado ACADEMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL,**

**TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA. INTERVÉM NA SESSÃO DAS ACADEMIAS COM O TEMA** *Riqueza cultural e sobriedade estilística nos adágios populares e nas expressões idiomáticas*

### 28. JOÃO MARTA, ASSISTENTE PRESENCIAL



**É SÓCIO DA AICL. TOMOU PARTE PELA 1ª VEZ NO 22º COLÓQUIO, SEIA 2014**

### 29. JOÃO NATAL BETTENCOURT, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

### 30. JOÃO PAULO ALVÃO SERRA DE MEDEIROS CONSTÂNCIA, S. MIGUEL, AÇORES, ASSISTENTE PRESENCIAL



**BRAGANÇA MIRANDA DO DOURO 2007**

**FUNDÃO 2015**

### **JOÃO PAULO ALVÃO SERRA DE MEDEIROS CONSTÂNCIA**

**É PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES, DIRETOR DO MUSEU CARLOS MACHADO,**

**VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DO INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA,**

**VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL DA ORDEM DOS BIÓLOGOS, E**

**PRESIDE À COMISSÃO DOS BENS CULTURAIS DA IGREJA.**

Toma parte nos colóquios desde o 8º em Bragança 2007, tendo estado também em Seia 2013, e Fundão 2015

**31. JOHN BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA 2012, NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013 E NO 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014**

**32. JORGE ANTÓNIO DE MEDEIROS BORGES E CUNHA, DIRETOR DO MUSEU DA GRACIOSA E MEMBRO DO TEATRO A SEMENTE, E DA ORGANIZAÇÃO DO 24º COLÓQUIO**

**Nascido em 28-08-1959**, Jorge António de Medeiros Borges e Cunha, nasceu na Horta, na Ilha do Faial, e reside desde criança em Santa Cruz da Graciosa, onde exerce o cargo de Diretor do Museu da Graciosa.

É Licenciado em História, Pós-Graduado e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores.



É Técnico Superior da Direção Regional da Cultura.

Há mais de duas décadas que tem tido uma participação ativa na comunidade graciosense, como sócio-fundador de várias associações de natureza diversa.

Em termos associativos, como dirigente ou colaborador, tem exercido a sua ação nas áreas juvenil, desportiva, sociocultural e recreativa (educação, ambiente, teatro, dança, música tradicional e erudita, coros, filarmónicas, entre outros).

É autor de várias monografias e artigos, apresentou diversos trabalhos e conferências em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Bélgica, Estados Unidos da América e Brasil), nas áreas do associativismo juvenil e cultural. Colabora regularmente em revistas, jornais, programas radiofónicos e televisivos sobre assuntos da sua especialidade.

No ano de 2006, na V Gala do Desporto Açoriano, foi condecorado pelo Governo Regional dos Açores, na categoria “Personalidades”, como dirigente com mais de 20 anos dedicados à causa desportiva.

**MEMBRO DA ORGANIZAÇÃO, SERVIRÁ DE GUIA CULTURAL DESTE COLÓQUIO, NO MUSEU, NOS PASSEIOS CULTURAIS E COORDENA AS ATIVIDADES DE TEATRO**

**3. JOSÉ GABRIEL MARTINS, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, EX-PRESIDENTE DA ACADEMIA MUSICAL DA ILHA GRACIOSA, TOMA PARTE NAS SESSÕES CULTURAIS**





AUTOR DO LIVRO E DVD CANTIGAS DA MINHA TERRA

**33. JOSÉ PAZ RODRIGUES, (ACADÉMICO DA AGLP E PRESIDENTE DA ASPGP) GALIZA, ÍNDIA**



É Professor de EGB (em excedência desde 1971), Licenciado em Pedagogia e Graduado pela Universidade Complutense de Madrid (1966-1971) com a Tese de Licenciatura sobre A Bemposta “Cidade dos rapazes” de Ourense (1973). Conseguiu o Doutoramento na UNED com a Tese “Tagore, pioneiro da nova educação”. Entre outras, realizou as seguintes atividades profissionais: Professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); Professor-Tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde o curso 1973-74 até 2010; Subdiretor da Escola Normal de Ourense do ano académico de 1987-88 ao de 1989-90 e Diretor nos últimos três meses do curso 1989-90. Professor Titular Numerário de Didática, de 1972 a 1990 na Universidade de Santiago de Compostela, e de 1990 a 2010 na Universidade de Vigo (Faculdade de Educação de Ourense). Desde outubro de 2010 é Professor Reformado da Universidade de Vigo. Levou adiante atividades educativas e de renovação pedagógica: Presidente da Federação Galega de MRP’s (Movimentos de Renovação Pedagógica) e do MRP “ASPGP” (Associação Sociopedagógica Galaico-Portuguesa) até hoje: membro da Comissão organizadora do I Congresso Estatal de MRP’s (Barcelona, dezembro de 1983); membro da Comissão redatora do Plano Galego de Formação continuada do professorado (1990); Presidente da comissão organizadora da Escola Internacional de verão Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, iniciadas em 1976 até 2007; Presidente da Comissão Organizadora das Escolas de verão na Crunha, Ferrol (desde 1994), Tui-Comarca do Baixo-Minho, Verim-Comarca de Monterrei, Monforte, Corcubião, Lalim, Vimianço; das Jornadas Socioeducativas de Valdeorras, Riba d’Ávia, Celanova, Ponte Vedra; organizador de Ciclos de cinema psicopedagógico, cinema educativo-didático, educativo sobre a paz, educativo sobre as áreas transversais do ensino, educativo sobre os direitos humanos, educativo-ecológico, educativo sobre a mulher, educativo-social, direito e cinema, literatura e cinema. Organizador de várias edições da Mostra de Recursos Didáticos Alternativos, da Mostra do Livro Português na Galiza, de Encontros de Jogos Populares Galaico-Portugueses; diretor para Galiza da Revista galaico-portuguesa O Ensino; membro do Conselho redatorial das revistas lusófonas Nós e Cadernos do Povo. No presente pertence ao conselho redatorial da Revista Agália. Para além disso, foi Decano do Colégio Provincial de Doutores e Licenciados de Ourense (1980-1985); diretivo do Cine Clube “Padre Feijóo” de Ourense (1972-1995); e vogal da Federação Galega de Cine Clubes. Tem publicado: A festa dos maios na escola (1991), Ourense, ASPGP. Artigos sobre temas educativos e sobre Tagore, nas revistas O Ensino, Nós, Cadernos do Povo, Vida Escolar, Comunidad Educativa, Padres y Maestros, BILE, Agália, Temas de O ensino, The Visva-Bharati Quarterly, Visva-Bharati Potrika e Jignasa (em bengali), Artigos sobre tema cultural, nomeadamente sobre a Índia, no Portal Galego da Língua, A Nosa Terra, La Región, El Correo Gallego, A Peneira, Semanário Minho, Faro de Vigo, Teima, Tempos Novos, Bisbarra, Ourense. Unidades didáticas sobre Os magustos, Os Direitos Humanos, A Paz, O Entroido, As árvores, Os Maios, A Mulher, O Meio-ambiente; Rodrigues Lapa, Celso Emílio Ferreiro, Carvalho Calero, São Bernardo e o Cister em Ourense, em condição de coordenador do Seminário Permanente de Desenho Curricular dos MRP’s ASPGP e APJEGP.

**Nota:** reside de outubro a abril na Santiniketon de Tagore, na Bengala indiana, e de maio a setembro na sua cidade de Ourense, na Galiza.

**TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ**

TEMA 3.1. “CECÍLIA MEIRELES, ADMIRADORA DE ROBINDRONATH TAGORE”, José PAZ RODRIGUES (Académico da AGLP e Presidente da ASPGP)

*Cecília Meireles (1901-1964) foi criada pela sua avó materna Jacinta, oriunda das Ilhas Açores. Esta grande poeta e educadora brasileira é sem dúvida alguma a maior tagoreana do Brasil, e ademais de admirar a Tagore também admirava a Gandhi.*

*Em 1953, participou em Nova Deli, convidada pelo Governo indiano presidido por Nehru, num congresso internacional dedicado a Gandhi, e recebeu a nomeação de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Nova Deli, com 52 anos de idade.*

*Estando no grande país asiático de 1 de janeiro a 6 de março desse ano, visitando também Goa.*

*A gestão de Cecília Meireles foi fundamental para que se organizassem representações teatrais tagoreanas e homenagens e exposições dedicadas a Rabindronath.*

*Com tradução da própria Cecília, no mês de maio de 1949, foi representada no Teatro Municipal de Rio de Janeiro a obra O carteiro do rei (The Post Office / Dakghor). Para lembrar o centenário do nascimento de Tagore, o 7 de maio de 1961, num número especial do Jornal do Brasil, baixo a epígrafe “Da Índia distante”, escreveu o artigo titulado “Homenagem a Rabindranath Tagore”.*

*Já em 1962, para celebrar o centenário de Tagore, pela sua proposta, de forma cooperativa entre o Ministério da Educação e Cultura brasileiro e a Embaixada da Índia, organizaram-se atividades de homenagem a base de conferências e exposições.*

*Cecília Meireles traduziu à nossa língua várias obras de Tagore: Mashi, A bela vizinha e outros contos, sete poemas do livro Purobi, que Tagore lhe dedicara a Victoria Ocampo, e O carteiro do rei.*

*No mesmo ano (1962) publicou-se com a sua tradução, a obra Çaturanga (Choturongo) na coleção de prémios Nobel.*

TEMA 3.1. “CECÍLIA MEIRELES, ADMIRADORA DE ROBINDRONATH TAGORE”, **JOSÉ PAZ RODRIGUES (ACADÉMICO DA AGLP, PRESIDENTE DA ASPGP, DIDATA E PEDAGOGO TAGOREANO)**

*De nome completo Cecília Benevides de Carvalho Meireles, nasceu no Rio de Janeiro a 7 de novembro de 1901, e faleceu na mesma cidade a dia 9 do mesmo mês do ano 1964, com 63 anos de idade. Por isto eu quero lembrar a esta excelsa escritora nestas datas do presente mês, porque, junto com Rosália de Castro, a considero a melhor poeta do nosso belo idioma internacional, o galego-português. Cecília foi criada pela sua avó materna Jacinta, oriunda das ilhas Açores, pois com três anos faleceu-lhe sua mãe, e seu pai três meses antes de nascer. Com a ajuda de Pedrina, a cuidadora, ambas contavam contos e histórias a Cecília sendo criança, fatos e lendas das terras açorianas, ditos e cantares do folclore popular, o que muito influiu na formação literária e sua criatividade da grande poetisa, considerada como a mais importante do país, e uma das mais grandes da lusofonia. Foi uma escritora excecional, tanto em poesia como em prosa.*

*Escreveu infinidade de artigos em numerosas publicações periódicas. E também muita literatura infantil, da que foi considerada uma experta mundial. Com nove anos já recebeu uma medalha de ouro, com seu nome gravado, pelo seu grande esforço na escola primária.*

*Mais tarde fez na Escola Normal de Rio os estudos de magistério e foi uma grande educadora, seguidora dos princípios do movimento educativo da “Escola Nova”. Junto com Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Hermes Lima e Anísio Teixeira, Cecília divulgou na teoria e na prática por todo o Brasil, nos anos 30, os postulados pedagógicos deste importante movimento, que tinha nascido na Europa. E, especialmente, o de fomentar uma educação sem divisões de sexo, raça e religião, que também defendeu Tagore e aplicou na sua escola nova de Santiniketon.*

*Para poder aceder à cadeira de Literatura da Escola Normal de Rio de Janeiro, em 1929 defendeu a sua tese titulada “O espírito vitorioso”, precisamente seguindo o modelo educativo da “Escola Nova”, mas o júri, injustamente, reprovou-a e não pôde ocupar a cadeira. Logo de 1930 a 1933, dentro da “Página da Educação” do Diário de Notícias de Rio de Janeiro, publicou nada mais e nada menos que 127 artigos variadíssimos sobre temas educativos, didáticos, de organização escolar, de educação social, renovação pedagógica e de política educativa, seguindo os postulados do movimento antes mencionado, ao que pertencia.*

*Todos eles são mesmo hoje de grande atualidade, e entre eles, por tagoreanos, quero destacar aqueles que falam de cooperação, educação e fraternidade universais, educação artística, o respeito pela vida, o ambiente escolar, os poetas como precursores do novo idealismo educacional e a paz pela educação. Todos podiam ser assinados pelo mesmo Robindronath. Sobre temas educativos continuou publicando depoimentos em outros jornais e revistas. Em 1934 organizou a primeira biblioteca infantil do país, e em 1935 começou*

a lecionar literatura luso-brasileira e técnica e crítica literária na Universidade Federal de Rio de Janeiro, ademais de dar cursos e ditar conferências em vários países como Portugal (nas universidades de Lisboa e Coimbra), Chile e USA, chegando a ministrar classes de literatura e cultura brasileira na Universidade de Texas.

### PAIXÃO PELA ÍNDIA

Sendo adolescente começou a apaixonar-se pela Índia e sua cultura, e esta sensibilidade para o Oriente a manteve sempre durante toda a sua vida. Por isto na sua crónica “Meus Orientes”, chegou a dizer: “O Oriente tem sido uma paixão constante na minha vida (...) pela sua profundidade poética que é uma outra maneira de ser da sabedoria”. Nos inícios de sua carreira de escritora, em 1920, participou na corrente literária chamada “espiritualista”, dentro da que destaca o grupo da revista Festa, com os seus máximos representantes Tasso da Silveira (1895-1968) e Tristão de Ataíde, pseudónimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), amigos de Cecília e também admiradores de Tagore.

Sem embargo, a nossa escritora e educadora nunca desejou estar filiada a nenhum movimento literário, embora estivesse próxima ao simbolismo e depois ao modernismo. Segundo Cristina Gomes, a sua poesia é intimista e reflexiva, com tono filosófico, de profunda sensibilidade feminina.

A vida, o amor e o tempo são os temas recorrentes de seus poemas, estando também presente nos seus escritos a musicalidade. Todas as suas tristezas e desencantos, como a perda de seus pais, logo da avó e seu primeiro esposo, marcaram sua poesia, enchendo de lirismo todos os seus escritos.

Recebeu postumamente, pelo conjunto de sua excelente obra, da Academia Brasileira de Letras, o “Prêmio Machado de Assis”. Visitou vários países, ademais dos antes citados, escrevendo formosas crónicas das suas viagens para jornais brasileiros. Entre eles há que destacar Itália, país ao que lhe dedicou um livro de poemas, Israel, sobre o que também escreveu poemas e artigos, e a Índia, que tanto amava já desde jovem. Era uma grande admiradora de Gandhi, dedicando-lhe vários e formosos poemas e artigos. Só o tema do seu apreço pelo “Mahatma” mereceria um estudo amplo e monográfico.

Em 1953, para participar em Nova Deli, convidada pelo governo indiano presidido por Nehru, num congresso internacional dedicado a Gandhi, e receber a nomeação de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Nova Deli, com 52 anos de idade, viajou à Índia. Estando no grande país asiático de 1 de janeiro a 6 de março desse ano de 1953. Ademais da sua estância na capital da República indiana, aproveitou para visitar, entre outros lugares e cidades, Hiderabad, Agra com o seu Taj Mahal, Bangalore, Patna, Jaipur, Puri, Varanasi (Benarés), Chennai (Madrás), Mumbai (Bombaim), Caxemira, Goa (onde foi muito agasalhada e os jornais recolheram a sua presença, poemas, artigos e entrevistas, sendo nomeada membro de honra do Instituto Vasco da Gama) e Calcutá (Kolkata), ficando muito triste por não poder acercar-se desde esta cidade à Santiniketon de Tagore, estando tão perto.

Produto desta viagem à sua amada Índia é a publicação do seu livro Poemas escritos na Índia, composto de uns 60 poemas escritos no seu périplo indiano de 1953, e editados por primeira vez em livro em 1961. No mesmo há um poema dedicado a Sarojini Naidu, outro a Gandhi e um muito formoso dedicado ao seu admirado Tagore, com o título de “Cançãozinha para Tagore”.

Escreveu também depoimentos, artigos e crónicas (algumas publicadas posteriormente em jornais brasileiros) sobre temas variados da Índia, as suas gentes, paisagens, cidades, templos e personagens importantes como Gandhi e Tagore, que ela tanto admirava. Estas crónicas e artigos foram publicados postumamente nos volumes de Crónicas de viagem e Obra em prosa, ao cuidado do académico Leodegário de Azevedo Filho. Também na antologia de crónicas O que se diz e o que se entende, publicada por primeira vez em 1980.

A gestão de Cecília Meireles foi fundamental para que se organizassem representações teatrais tagoreanas e homenagens e exposições dedicadas a Rabindronath. Com tradução da própria Cecília, no mês de maio de 1949, foi representada no Teatro Municipal de Rio de Janeiro a obra O carteiro do rei (The Post Office/Dakghor), graças ao apoio de Krishna Kripalani e sua esposa Nondita, membros da missão diplomática indiana, desempenhando um papel na obra Maria Fernanda, filha de Cecília.

Para lembrar o centenário do nascimento de Tagore, o 7 de maio de 1961, num número especial do Jornal do Brasil, baixo a epígrafe “Da Índia distante”, escreve o artigo titulado “Homenagem a Rabindranath Tagore”. E nos Cadernos Brasileiros nº 2, publicados em Rio de Janeiro em abril-junho do mesmo 1961, escreve um formoso depoimento com o título de “Um retrato de Rabindranath Tagore”. Por todo isto, logo já em 1962, para celebrar o centenário de Tagore, por proposta de Cecília, de forma cooperativa entre o Ministério da Educação e Cultura brasileiro e a Embaixada da Índia no país, organizaram-se atividades de homenagem a base de conferências e exposições.

Também com este motivo, coordenadas por Cecília, saíram à luz publicações comemorativas de obras de Rabindronath, traduzidas por Guilherme de Almeida, Abgar Renault e a própria Cecília, que passou ao português *Mashi*, *A bela vizinha* e outros contos, sete poemas do livro *Purobi*, que Tagore lhe dedicara a Victoria Ocampo, e *O carteiro do rei*.

No mesmo ano de 1962, publicou-se com a sua tradução, a obra *Çaturanga (Choturongo)* na coleção de prémios Nobel, com uma apresentação da própria Cecília e um depoimento seu sobre a relação de Tagore com o Brasil.

Em abril de 1962, com ajuda de Cecília, a Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro organizou uma magna exposição bibliográfica e fotográfica, da que existe catálogo publicado, dedicada a Tagore.

Com apoio da comissão brasileira da Unesco, em 1961, escrito por Cecília, publicou-se em Rio de Janeiro em inglês um folheto de 30 páginas, com o título de *Rabindranath Tagore and the East-West Unity*. No mesmo ano de 1961, a *Sahitya Akademi* de Nova Deli incluiu no livro *R. Tagore - A Centenary Volume*, um capítulo escrito por Cecília sob o título de *“Tagore and Brazil”*.

### ADMIRADORA DE ROBINDRONATH

O amor e apreço que Cecília Meireles lhe teve a Rabindronath Tagore levou-a, não só a traduzir várias das suas obras, senão também a dedicar-lhe seis formosos poemas e numerosos artigos e crónicas. Para compreender melhor este apreço por Tagore, prefiro que, com as suas próprias palavras escritas, fale a mesma Cecília. A seguir exponho estas palavras de forma sintética, sinalando que seria muito importante editar uma monografia sobre Tagore e Cecília Meireles, na que foram incluídos os textos completos da poetisa relacionados com Tagore, tanto os poéticos como os escritos em prosa.

a) Nos *Poemas*: Num depoimento como este só posso incluir fragmentos dos mesmos. No titulado *“O Diviníssimo Poeta”* escreve Cecília: *“Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath! / Por que deixas a luz mística do teu Oriente, / que é o corpo de ouro dos ídolos de lá / onde os ídolos são a luz do sol de toda a gente! (...). Sofro porque eras o Todo-Longe, o Todo-Altura, / o Creador, que ninguém sabe como será.../ É muito, é enormemente doloroso ser criatura.../ Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath!”*. Este poema foi escrito em 1923, e saindo à luz esse mesmo ano na revista *Para Todos* nº 262 de Rio de Janeiro, publicado em tradução ao inglês por K. Kripalani no nº de fevereiro de 1949 do *The Visva-Bharati Quarterly (Santiniketon)*, revista criada por Tagore em 1923.

Do livro *Poemas escritos na Índia* é o formoso poema *“Cançãozinha para Tagore”*, escrito em 1953 e publicado por primeira vez em 1961. Este poema seu tão lindo o reproduzimos em anexo ao final do presente artigo.

b) Na *“Apresentação”* da obra *Çaturanga (Choturongo)*, editada em 1962 pela editora Delta de Rio de Janeiro, e reeditada em 1973 pela editora Opera Mundi da mesma cidade, dentro da Biblioteca de Prémios Nobel, em tradução da própria Cecília, da edição francesa *À quatre voix (inglês Broken Ties)*, é muito lindo e acertado onde Cecília escreve: *“A verdade, porém, é que Tagore foi um grande defensor das mulheres, e sem que elas mesmas, em geral, o saibam: pois essa defesa se apresenta mais claramente em sua obra de romancista e o Poeta, entre nós, é menos conhecido sob esse aspeto, sendo, realmente, este, o seu primeiro romance traduzido no Brasil. Em verso, Tagore canta frequentemente a Mulher; mas, em prosa, explica-a, ilumina seus sentimentos e pensamentos, torna-a compreensível em suas delicadezas e obscuridades, glorifica-a entusiástica e ternamente; e, a essa generosa e penetrante luz, seus defeitos e culpas se diluem e apagam. É a maneira tagoreana de encarnar o espírito da Índia, com sua adoração pela Forma Feminina da criação universal”*.

c) Em *“Tagore e o Brasil”* (1961) escreve: *“Recordamos ainda, no que nos toca, outra experiência importante relacionada com Tagore como educador, pelo fato de termos exercido sempre, paralelamente, atividades literárias e educacionais. Em 1930, quando se operava no Brasil importante modificação nos conceitos pedagógicos, aparecia também em “Feuilles de l’Inde”, um brilhante trabalho de Tagore sobre “Uma Universidade Oriental”. Tudo quanto ele então aí dizia sobre métodos educacionais, erros na formação dos estudantes, organização do ensino, orientação dos professores, importância da arte e do folclore na educação, etc., representava exatamente aquilo a que aspirávamos. E essas distantes palavras viviam em nós como se fossem as únicas que pudéssemos proferir sobre o assunto. No nosso caso particular, a construção de um mundo em que Oriente e Ocidente se conhecessem e amassem tinha sido sempre uma ideia fundamental. E até hoje pensamos em Shantiniketan como um exemplo”*.



d) Em “Rabindranath, pequeno estudante”, publicado no livro antológico de crónicas *O que se diz e o que se entende* (1ª edição de 1980), baseando-se no livro autobiográfico de memórias tagoreano *Jibonsmriti*, e comentando o famoso conto de Tagore *Totakahini* (*O adestramento do loro / The Parrot’s Training*), escreve também: “R. Tagore, homem extraordinário, que se fez educador por amar as crianças, anotou suas amarguras de pequeno colegial. Falou-nos de seu mundo encantado, de sua vida poética ainda incomunicável – em contraste com os métodos e as finalidades do ensino, no seu tempo. Isso foi há um século, e, por incrível que pareça, continua a ser mais ou menos como era, até agora”.

e) Em “O Gurudev”, publicado no mesmo livro antes citado, faz um acertado panegírico de Tagore, explicando o profundo significado deste apelativo e escrevendo: “Poemas, contos, canções, romances, teatro, música, tudo converge para um fim superior, na obra de Tagore. É uma obra altamente educativa, sem nenhuma aparência ou intenção didática. Ele não acreditava, aliás, em métodos de educação que não fossem inspirados em grandes sentimentos. (...) Queria educadores capazes de amar seu ofício e seus discípulos, de amar a vida em sua totalidade. E, sem desconhecer os sofrimentos deste mundo, gostava de mostrar caminhos de alegria, esses caminhos por onde os corações felizes e agradecidos vão sem medo ao encontro de seu Amor. Caminhos do fim do mundo, onde todos se reconhecerão”.

f) Em “Canções de Tagore” do mesmo livro anterior, depoimento publicado em 1963, Cecília escreve: “Eu tinha traduzido as minhas simples canções (...). As suas eram de Tagore. Falavam do amor humano e divino, e guardavam sempre nas palavras aquela dignidade religiosa que caracteriza a obra do poeta. Ele escreveu a letra e a música de tantas canções, que parece impossível a riqueza criadora do seu espírito. E essas canções circulam pela Índia toda, de tal maneira o poeta estava identificado com a sua terra. Talvez muita gente nem saiba de quem é a canção que está cantando, aqui e ali, na imensidão da Índia. Mas todos encontram nas suas palavras a expressão da sua vida”.

g) No depoimento “O aniversário de Gandhi” (1961), Cecília Meireles compara Gandhi com Tagore, e num trecho do mesmo diz: “Para R. Tagore, Deus é uma expressão de amor, é uma intuição poética, é um encontro póstumo, transcendente e definitivo; para o Mahatma, Deus é a Verdade, a Verdade é Deus, como num postulado científico”.

h) Na crónica publicada no jornal *Folha da Manhã* de São Paulo o 1 de abril de 1950, com o título de “As flores de Champaca e a irmã Parul”, Cecília lembra, fazendo um paralelismo entre ambos, o famoso e lindo poema de Sissu (*A lua crescente ou nova*) e uma cena de *O carteiro do rei* (*Dakghor/The Post Office*), e escreve: “Mandaram procurar a pobre rainha, por todos os lados. Afinal chegou, tão maltratada que nem parecia quem fora. Mas, assim que levantou os braços, as flores vieram como pássaros, pousaram em redor de sua cabeça. E da corola de cada Champaca saiu um príncipe; e da corola de Parul uma princesinha. Todas cantaram e dançaram, e foram felizes até o fim”.

i) Na crónica escrita durante a sua visita a Kolkata em 1953 e publicada em 1959, titulada “Transparência de Calcutá”, fala muito e bem do formoso idioma bengali chamado *Bangla* e dos seus grandes cultivadores R. Tagore e Sorot Chondro Chatterji.

Esta crónica é muito linda e inspirada, e num dos seus treitos Cecília escreve:

“Pois, se algum dia me tivesse ocorrido chegar a este país, a primeira coisa a que me conduziriam os meus desejos seria, naturalmente, a Universidade de Shantiniketan. Ela era – e continua a ser – como um símbolo, no meu coração. Fundada por um poeta – e um poeta que se chamou Tagore! - no princípio deste século, - que havia de ser tão atordoante e sonhando realizar o “sítio da paz” que o seu nome exprime, por meio de uma educação integral, intelectual, moral, artística, ao mesmo tempo ligada ao glorioso passado da Índia, à humildade contemporânea e a um futuro que se poderia sonhar fraternal tudo, nessa instituição, me chamava: origem, métodos, objetivos. (Embora com resultados constantemente melancólicos, a minha vocação profunda foi sempre uma: educar). No entanto, aqui, a umas noventa milhas dessa universidade, por obediência a um plano de viagem que é preciso cumprir, não a poderei ver: continuarei a guardá-la na imaginação, com suas árvores, seu ensino ao ar livre, sua preocupação de dar aos estudantes uma correta formação interior, e meios de exprimi-la. Shantiniketan continuará a ser um lugar lírico, com música, dança, poesia, festas populares, tecelagem, pintura ciência, filosofia, num ambiente bucólico, com as aldeias em redor, as cestas de frutas, os jarros de leite - a vida antiga enriquecendo a atual, e a vida atual enriquecendo a antiga... Não verei Shantiniketan. Assim é o nosso destino: recebemos o que jamais esperamos; não conseguimos o que às vezes pretendemos”. Infelizmente, estando tão perto, Cecília não viajou à Morada da Paz tagoreana, mas estas suas palavras tão formosas, tão acertadas e tão profundas, revelam o grande conhecimento que tinha da obra de Tagore e do seu pensamento educativo, que, mesmo se tivesse ido a Santiniketon, não poderia escrever daquele lugar com tanta exatidão sobre a sua beleza e a sua paz.

j) Cecília escreveu outras crónicas nas que aparece resenhada a obra e figura de Tagore e várias estão dedicadas à formosa cidade de Calcutá (Kolkata), na que nasceu Rabindronath, escritas em 1953 e publicadas em 1959. É o caso de “Vistas de Calcutá”, “Amanhece em Calcutá” e “Um dia em Calcutá”. Nesta última, publicada no *Diário de Notícias* de Rio de Janeiro, o 31 de outubro de 1954, escreve: “R. Tagore sobrevive e alegre mais este ambiente intelectual com a primavera dos seus desenhos. Como o sentimos



*eterno – no que pintou, no que escreveu, no que compôs em todos os caminhos da arte! Como o sentimos vivo, ao nosso lado, e entendemos o seu sonho de tornar inteligíveis, um ao outro, o Oriente e o Ocidente! E com que sinceridade lho agradecemos! E com que carinho! Voltamos felizes, como se o tivéssemos visto. A Beleza é uma felicidade imortal”. Escrita também na capital indiana de Bengala a crónica “Do Ganges a Tagore”, publicada também no Diário de Notícias de Rio de Janeiro, o 19 de setembro de 1954, tem um trecho no que Cecília escreve: “Giram, diante de meus olhos, Calcutá, com suas múltiplas aparências, e Tagore, com seus múltiplos dons. E tudo ressoa como um caramujo aplicado ao ouvido, desde o primeiro instante, neste remoto lugar”.*

*Finalmente, não quero deixar de citar que, no depoimento “O tempo e os relógios”, publicado no livro antes citado O que se diz e o que se entende, Cecília, que passara ao português O carteiro do rei de Tagore em 1949, lembra aquela cena na que o protagonista Omol fala do toque do gongo, para anunciar as horas do dia. E nos seus poemas “A pastora das nuvens” e “Sol”, revelam-se as influências do pensamento indiano de Tagore, podendo ser Cecília a pastora e Tagore o sol, que é o que significa o nome de Robi.*

*Depois de ler a antologia de textos anteriores arredor de Rabindranath Tagore, não podem ficar dúvidas já de que Cecília Meireles – que começou a ler Tagore alá pelo ano 1920, e já não o deixou de ler mais – é uma tagoreana profunda, uma das mais importantes do mundo.*

*Pelo seu alto significado, quero fechar este apartado com aquele texto de Cecília que diz:*

*“Nestes últimos anos, a vida se tornou de tal modo trepidante no Brasil – como no resto do mundo – que não é fácil encontrar-se quem fale de Tagore, tal foi a invasão de autores, ideias e sobretudo inquietações de toda espécie. A poesia tagoreana conduz a uma visão de santidade, de serenidade, na contemplação geral – visão que as gerações atuais mal podem compreender. No entanto, talvez toda esta trepidação seja momentânea e superficial. Não será impossível um renascimento de Tagore, quando esta onda turbulenta e caótica se acalmar, quando os jovens acreditarem na supremacia do Espírito sobre todas as coisas e a sabedoria do Oriente não for ignorada no Ocidente tão técnico”. Assombra comprovar a profunda atualidade destas palavras da Cecília, no momento atual a nível mundial. Embora foram escritas há várias décadas.*

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- MEIRELES, C. (et al.): *Tagore. Assoc. Brasileira Congresso Liberdade da Cultura, 1961 (folheto de 23 páginas).*  
MEIRELES, Cecília (Ed.): *Homenagem a Rabindranath Tagore. Poeta, dramaturgo, ator, musicista, novelista, pintor, educador. Rio de Janeiro: Embaixada da Índia, 1961.*  
MEIRELES, Cecília: *O que se diz e o que se entende (Crónicas). Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora, 2002 (5 crónicas sobre Tagore)*  
ID.: *Crónicas de viagem (2). (Obra em prosa). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.*  
ID.: *Crónicas de viagem (3). (Obra em prosa). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.*  
ID.: *Obra em prosa. vol. I: Crónicas em geral. Tomo 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.*  
ID.: *“Necessidade de poesia”. Rio de Janeiro: Leitura nº 25, janeiro 1945 (Tagore e A. Renault)*  
ID.: *“Abgar Renault e Rabindranath Tagore”. Belo Horizonte: Panorama, Arte e Literatura nº 5, 1948, p. 13.*  
ID.: *“Tagore and Brazil” in R. Tagore - A Centenary Volume. N. Delhi: Sahitya Akademi, 1961, pp.. 334-337.*  
ID.: *R. Tagore and East West Unity. Rio de Janeiro: Brazilian National Commission for Unesco, 1961.*  
ID.: *“Homenagem a Rabindranath Tagore”. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 7-05-1961.*  
ID.: *“Um retrato de Rabindranath Tagore”. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros nº 2, abril-junho de 1961.*  
ID.: *“Tagore e o Brasil” no livro de Tagore A noite de núpcias. Brasília: Coordenada, 1968.*  
ID.: *“Apresentação” no livro de Tagore Çaturanga. Rio de Janeiro: Delta Editora, 1962.*  
ID.: *“Abgar Renault e R. Tagore”. Belo Horizonte: Diário de Minas Gerais - Suplemento Literário, 20-07-1968.*

#### ANEXO:

#### CANÇÃOZINHA PARA TAGORE - POR CECÍLIA MEIRELES (POEMA ESCRITO EM 1953 E PUBLICADO EM 1961)

Àquele lado do tempo  
onde abre a rosa da aurora,

chegaremos de mãos dadas,  
cantando canções de roda  
com palavras encantadas.

*Para além de hoje e de outrora,  
veremos os Reis ocultos  
senhores da vida toda,  
em cuja etérea Cidade  
fomos lágrima e saudade  
por seus nomes e seus vultos.*

*Àquele lado do tempo  
onde abre a rosa da aurora  
e onde mais do que a ventura  
a dor é perfeita e pura,  
chegaremos de mãos dadas.*

*Chegaremos de mãos dadas,  
Tagore, ao divino mundo  
em que o amor eterno mora  
e onde a alma é o sonho profundo  
da rosa dentro da aurora.*

*Chegaremos de mãos dadas  
cantando canções de roda.  
E então nossa vida toda  
será das coisas amadas.*

**Santiniketon** (Morada da Paz) (Bengala-Índia) / **Ourense** (Galiza). Ano 2015

**34. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO, PRESENCIAL, ORGANIZAÇÃO**



**José Soares** (de Abrantes Reis), nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948.

Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História.

Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque. Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *AÇORES 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010. Foi delegado da RDP/RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos. Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.  
MAIA 2013

É SÓCIO DA AICL E FAZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO

**. PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2007, 11º LAGOA 2009, 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS E 22º SEIA 2014**

### 35. KATHARINE F BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA



**KATHARINE F. BAKER**, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno.

Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu em Inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álamo Oliveira [2006], o livro *My Californian Friends: Poetry* de Vasco Pereira da Costa [2009], e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio “1,500 Visas Via a Volcano” de Álamo Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Acabou os primeiros rascunhos das traduções do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Dr. Chamberlain e Diniz Borges), da peça *Bocas de mulheres* e da poesia *andanças de pedra e cal* (os dois de Álamo Oliveira); e acaba de começar a traduzir o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, PhD.

Contribui para a “Maré Cheia” no Jornal californiano *Tribuna Portuguesa*, à Revista semestral *AndarLHagem* e ao *website* das Comunidades (RTP).

Criou e atualiza os *websites* [www.inolongerlikechocolates.com](http://www.inolongerlikechocolates.com) / [www.mycalifornianfriends.com](http://www.mycalifornianfriends.com).

Tomou parte em 17º COLÓQUIO NA LAGOA 2012, NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013 E NO 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

TEMA 4. Traduzir para Inglês a Crónica “A Graciosa Ilha” (“Graciosa, the Gracious Island”) de Victor Rui Dores <sup>1</sup> Katharine F. Baker and Bobby J. Chamberlain, Ph.D., University of Pittsburgh, Pittsburgh, Pensilvânia, EUA

<sup>1</sup> Dores, Victor Rui. “A Graciosa ilha.” Disponível em [http://www.rtp.pt/acoresh/comunidades/a-graciosa-ilha-victor-rui-dores\\_41372](http://www.rtp.pt/acoresh/comunidades/a-graciosa-ilha-victor-rui-dores_41372) em 06/12/2013.

Não é impunemente que se nasce na segunda mais pequena ilha dos Açores, onde a terra é pouca, o mar é vasto e o sonho é enorme...

Por isso faço, desde já, uma declaração de interesses: sou graciosense com muito orgulho e saudade.

A Graciosa faz parte da minha memória primeira e do meu imaginário afetivo. Foi nesta ilha que despertei para a vida, para o mundo e para o conhecimento das coisas. Saí um dia da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim – ela navega em mim, carrego-a dentro de mim. Por isso mesmo sinto o direito e o dever de reivindicar aquilo que, dentro e fora de fóruns de debate, tenho vindo a chamar de graciosensidade, conceito que criei a partir de açorianidade, de Vitorino Nemésio. E a minha graciosensidade é precisamente o meu apego e o meu amor incondicional pela ilha Graciosa, é a minha marca de identidade e de identificação com o espaço graciosense.

A Graciosa, com 61 km<sup>2</sup> e 4.390 habitantes, é de todas as ilhas dos Açores a menos montanhosa e húmida. “Ilha branca” lhe chamaram, ao que se julga saber devido à abundância de traquito, a rocha que vista ao longe terá dado a impressão de ser branca aos olhos dos nossos primeiros povoadores. Daí a toponímia da ilha: Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

Esta ilha seduz o visitante pela sua paisagem feita de planuras, montes arredondados cobertos de árvores, vinhas entre paredes de pedra negra, campos de cultivo e a presença constante do mar. O conceito da Natureza intocada aplica-se aqui às mil maravilhas. Possuindo um dos mais ricos ecossistemas do mundo, a Graciosa é, desde 2007, Reserva da Biosfera declarada pela UNESCO.

Se o leitor quiser fazer uma “viagem ao centro da terra”, não se fique pelo Júlio Verne e vá visitar a inquietante beleza da Furna do Enxofre, fenómeno vulcanológico raro e geologicamente único no mundo. Trata-se de uma depressão existente no subsolo da Caldeira – cratera de um antigo vulcão – onde se dá um fenómeno de libertação de gases sulfurosos provenientes de uma massa fluida em permanente ebulição localizada no interior mais recôndito da caverna. Comunica com o exterior através de duas aberturas, e em 1939, na maior delas, foi construída por um simples mestre pedreiro, sob a orientação do tenente Manuel Severo dos Reis, uma imponente escadaria (em caracol) de acesso, em alvenaria aparelhada, hoje apontada como um exemplo feliz em termos de engenharia ambiental. Durante muito tempo, e antes da sua construção, quem quisesse conhecer a Furna tinha que descer amarrado pela cintura. O naturalista Fouqué, em 1873, e o príncipe Alberto de Mónaco, a partir de 1879, foram os primeiros a estudar a Furna, chamando a atenção da comunidade científica internacional para o seu interesse e originalidade.

Descendo os 184 degraus da referida escadaria, deparamos com um profundo túnel com cerca de 100 metros de profundidade. No fundo, uma enorme gruta, com abóbada de 80 metros de altura, revestida de estalactites e um lago subterrâneo, de água fria e sulfurosa, com cerca de 130 metros de diâmetro e 15 metros de profundidade máxima. Um assombro! “Catedral de lavas ínvias”, chamou Vitorino Nemésio a este assombro. (“Vulva vulcânica” lhe chamei eu num poema). E se Raul Brandão, na sua viagem efetuada pelo Açores em 1924, tivesse desembarcado na Graciosa, tenho a impressão que o livro As Ilhas Desconhecidas teria mais um capítulo...

Emoldurada por vistosos moinhos de vento, Santa Cruz, situada na costa norte e sede do concelho, é uma vila pitoresca com ruas desafogadas e belos exemplares de edificação senhorial – soberbas casas solarengas que pertenceram a gente que, no século XIX, enriqueceu à custa das duas grandes produções da ilha: vinho e cereais. O traçado da rede urbana é harmonioso, reflexo de um desenvolvimento pensado e não caótico. No centro da vila existem dois pauis (tanques) murados que se destinavam à recolha da água das chuvas e que noutros tempos eram utilizados como reservatório de água para o gado. Em frente, encontra-se uma ampla praça – Rossio – com um maciço de araucárias, ulmeiros e metrosíderos que oferecem beleza e frescura. A hoje denominada Praça Fontes Pereira de Melo é o salão de visitas da vila, espaço acolhedor de lazer e convívio, sendo de apreciar o empedrado artístico da sua calçada. E depois há a igreja Matriz com fachada ornada por grossos motivos barrocos de pedra basáltica. O templo guarda os famosos Painéis Quinhentistas, possivelmente da autoria de Cristóvão de Figueiredo, valiosas peças com projeção nacional e internacional. Apesar das suas pequenas dimensões, a Graciosa possui atualmente 10 igrejas e 22 ermidas, o que constitui um importante património religioso.

A sul de Santa Cruz localiza-se São Mateus (Praia), numa zona plana e abrigada, estruturando-se a partir de uma via marginal que constitui o eixo de uma pequena estrutura urbana. Na rua marginal, defronte para a praia, existe uma linha bem organizada de edifícios, de cores claras e fachadas simples, dando um ar de homogeneidade ao conjunto. A Praia alberga o porto de passageiros e carga da Graciosa, e o seu ilhéu reveste-se de especial importância como habitat de aves marinhas pelágicas.

As freguesias de Guadalupe e Luz são típicas povoações rurais com casas brancas rodeadas de campos de cultivo. Na Luz encontram-se as famosas Termas do Carapacho, descobertas em 1750, cujas águas (cloretadas, sódicas, sulfatadas e cálcicas) são recomendadas para tratamento de nevralgias [sic], doenças reumáticas e de pele. Aqui se faz termalismo de excelência.

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Os graciosenses cumprem, na sua ilha, ciclos e ritos ancestrais – nessa subtil fronteira que separa o sacro do profano. E, dotados de uma alegria de viver, mantêm bem vivas as tradições populares: uma especial apetência pela festa, pela folia e pela música, com um gosto muito especial por animadíssimos bailes de salão, sendo de destacar um peculiar baile antigo (baile mandado). Mas a ilha marca outras diferenças: possui uma onomástica sui generis; uma forte tradição pianística; o seu Carnaval (com nítida influência brasileira) é caso único em Portugal porque tem a duração de 3 meses e não de 3 dias...

E mais: existem duas cantigas populares genuinamente graciosenses: “José” e “Terceira”. A gastronomia é de primeiríssima água e a doçaria não tem igual: queijadas, pastéis de arroz, para já não falar das dulcíssimas meloas... A Graciosa já teve mais vinho do que água. Por isso continuamos hoje a apreciar os seus brancos e verdes, bem como as aguardentes envelhecidas durante 14 anos em cascos de carvalho. E convém destacar a andaia, bebida licorosa caseira, que tem origem no Brasil e foi trazida para a Graciosa no século XIX por emigrantes graciosenses.

De facto, uma ilha pequena como esta luta para ser diferente. Só mais três exemplos: a Graciosa é hoje a capital dos Açores no que à fotografia subaquática diz respeito; o município de Santa Cruz lidera o ranking, a nível nacional, de recolha seletiva de papel e cartão; a ilha está a dar passos decisivos nas energias renováveis.

Os graciosenses, no seu modo de viver pacato e ordeiro, são afáveis, alegres, hospitaleiros e comunicativos, sempre disponíveis para os comes e bebes... E esta é sem dúvida uma maneira de ser feliz.

*“Graciosa, the Gracious Island”, de Victor Rui Dorez. Traduzida para inglês por Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D. <sup>2</sup>*

It is not with impunity that one is born on the second smallest island in the Azores, where land is scarce, the sea vast and dreams enormous.

So from the outset I declare my interest: I am a Graciosan, filled with great pride and *saudades*.

Graciosa forms a part of my earliest memories and fondest images. It was on this island that I awoke to life, to the world and to the knowledge of things. One day I left Graciosa, but Graciosa did not leave me – it is my lodestar, and I carry it within me. Thus I truly feel the right and duty to claim as my own what in discussion forums and elsewhere I have come to call Graciosan-ness, a concept I created based on Vitorino Nemésio’s notion of Azorean-ness. And my Graciosan-ness is in fact my attachment and unconditional love for the island of Graciosa; it is my brand name and my identification with Graciosa’s space.

Graciosa, comprising 23 square miles and 4,390 inhabitants, is the least hilly and least muggy of all the islands in the Azores. It is called the “White Island” due to the abundance of trachyte, the rock that seen from a distance in the eyes of our first settlers must have given the impression of being white. Hence such island place names as Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

This island entices visitors with its scenery of flat land, rolling hills covered with trees, vineyards surrounded by black stone walls, fields under cultivation, and the constant presence of the sea. The concept of unspoiled Nature applies here a thousand times over. Endowed with one of the world’s richest ecosystems, Graciosa has since 2007 been recognized as a UNESCO Biosphere Reserve.

Should the reader wish to make a “journey to the center of the earth,” do not settle for Jules Verne; instead, go visit the disquieting beauty of Furna do Enxofre, one of the world’s rare volcanically and geologically unique phenomena. It consists of a depression in the subsoil of the Caldeira (crater of an ancient volcano), where one can see a phenomenon of sulfurous gases emanating from a fluid mass in a constant boiling state, located in the cave’s innermost reaches. It connects with the outside world through two openings, and in 1939 a sweeping spiral access staircase was built in the larger one by a master mason under the supervision of Lt. Manuel Severo dos Reis – using stone masonry identified today as a felicitous example of environmental engineering. Until its construction, anyone wanting to see Furna had to climb down with a rope tied around the waist. The naturalist Fouqué, in 1873, and Prince Albert of Monaco, starting in 1879, were the first to study Furna, drawing the attention of the international scientific community to the interest and originality of the site.

---

<sup>2</sup> Dorez, Victor Rui. “Graciosa, the Gracious Island.” Trans. Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D. Disponível em [http://www.rtp.pt/acoeres/comunidades/graciosa-the-gracious-island-by-victor-rui-dorez-trans-katharine-f-baker-and-bobby-j-chamberlain\\_41700](http://www.rtp.pt/acoeres/comunidades/graciosa-the-gracious-island-by-victor-rui-dorez-trans-katharine-f-baker-and-bobby-j-chamberlain_41700) em 13/11/2014.



Descending the 184 steps of the aforementioned stairway, we come across a deep tunnel about 330 feet down. At the bottom is a huge cave with vaults some 260 feet tall covered with stalactites, containing an underground lake about 430 feet in diameter and 50 feet at maximum depth of cold sulfurous water. What a marvel! “A cathedral of impassable lavas,” Vitorino Nemésio called this wonder. (“A volcanic vulva,” I termed it in a poem). And if Raul Brandão, on his journey through the Azores in 1924, had landed on Graciosa, I have the impression that his book *As Ilhas Desconhecidas* [The Unknown Islands] would have contained an additional chapter.

Surrounded by scenic windmills, Santa Cruz, located on the north coast and seat of the *concelho* [county], is a picturesque village with unobstructed streets and beautiful examples of majestic construction – superb mansions that belonged to people who grew wealthy in the 19th century from the island’s two major outputs: wine and grains. The layout of the city’s grid is harmonious, reflecting a well-thought-out, unchaotic development. In the town center sit two walled ponds (i.e., tanks) built for collecting rainwater, which in the past were used as water reservoirs for cattle. Up ahead is a large square – Rossio – with a stand of pines, elms and bottlebrush trees that afford beauty and cooling shade. What is now called Fontes Pereira de Melo Plaza serves as the village visitors’ center, a welcoming venue for leisure and socializing, duly appreciated for the stone artistry of its pedestrian walkway. And then there is the *façade* of the Matriz (parish church) with its baroque motifs adorned by thick basaltic rock. The church contains famous 16th-century panels, possibly done by Cristóvão de Figueiredo, that constitute valuable artworks with national and international renown. Despite its small size, Graciosa currently has ten churches and 22 chapels, which represent an important religious patrimony.

South of Santa Cruz is São Mateus da Praia, located in a flat, sheltered area extending from a secondary road that constitutes the axis of a small urban cluster. On the street across from the beach is a well-organized line of buildings in pale colors with simple *façades*, giving an air of homogeneity to the whole. Praia hosts the port for Graciosa’s ferry passengers and cargo shipments, and its offshore islet is of special importance as habitat for ocean-going seabirds.

The villages of Guadalupe and Luz are typical rural settlements, with white houses surrounded by cultivated fields. In Luz are found the famous hot springs at Carapacho, discovered in 1750, whose waters (chlorinated, saline, sulphated and bicarbonated) are recommended for treatment of neuralgia, rheumatism and skin ailments. The hydrotherapy here is par excellence.

On their island Graciosans observe the seasonal cycles and ancestral rites – straddling the subtle boundary that separates the sacred from the profane. And, endowed with a zest for life, they maintain their folk traditions: a special appetite for festas, revelry and music, with a very special taste for highly animated ballroom dances, most notably a typical old dance, the *baile mandado* [with moves dictated by a caller]. But the island has other distinct differences: a terminology all its own, and a strong tradition of piano-playing. Its Carnival (with a distinct Brazilian influence) is unique in Portugal in that it lasts for three months, not three days.

Further, there are two genuinely Graciosan popular songs: “José” and “Terceira.” The cuisine is of the highest quality and the sweets have no equal: *queijadas* [egg-rich tarts], *pastéis de arroz* [rice pastries], to say nothing of the sweetest cantaloupe and honeydew *meloas*. Graciosa once had more wine than water. Thus today we continue to enjoy its whites and verdes, as well as brandies aged 14 years in oak casks. And one should note Graciosa’s *andaia*, a homemade distilled digestif that has its origins in Brazil and was brought to Graciosa in the 19th century by Graciosan emigrants.

In truth, a small island like this struggles to be different. Just three more examples: Graciosa is today the underwater-photography capital of the Azores; the municipality of Santa Cruz ranks high nationwide for its collection and separation of paper and cardboard; and, the island is taking decisive steps in the field of renewable energy.

Graciosans, in their peaceful and orderly lifestyle, are affable, cheerful, hospitable and communicative, always enjoying food and drink. And this is without doubt a way to be happy.

### 10 conselhos para fazer traduções mais eficazes: <sup>3</sup>

1. Primeiro, não faça mal.
2. A lealdade principal do tradutor devia ser com o autor. Não hesite em consultar o autor ou outro perito para pedir conselho, ou pesquisar qualquer pergunta que surja na obra.
3. Seja exato; não mude nada sem permissão.
4. Procure conseguir que o seu próprio estilo de escrever e tom de voz concordem com os do autor.

---

<sup>3</sup> Baker, Katharine F. “Tradutor – não Traidor”. Apresentação convidada no congresso *Escritas dispersas – Convergência de afetos*, na Universidade dos Açores, Ponta Delgada, São Miguel, 25 Out 2009.

5. Mantenha todas as figuras de linguagem, jogos de palavras, imagens verbais e técnicas literárias, a não ser que fazer assim danifique uma tradução ou seja impossível.
6. Não retraduzo nenhum trecho já traduzido; em vez disso cite o original.
7. Evite duplo sentido não intencional.
8. Conserve referências culturais se for possível.
9. Dentro dos limites de prazo final e de tempo disponível, reveja e reescreva a tradução tanto quanto possível.
10. Faça que o texto final pareça como se o autor originalmente o escrevesse no idioma em que se destine.

---

**36. LÚCIA AGUIAR, *TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, TOMA PARTE NAS SESSÕES CULTURAIS***

---

**37. LUCIANO JOSÉ BAPTISTA DOS SANTOS PEREIRA, *PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL***



**BRAGANÇA 2010**



**MOINHOS 2014**



**MAIA 2013**



**LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, [luciano.pereira@ese.ips.pt](mailto:luciano.pereira@ese.ips.pt)**

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas, Provas Públicas para Professor Coordenador

1. Comunicações e artigos:

- L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues
- As cores da língua portuguesa como expressão de cultura
- A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes
- Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.
- A representação da Ilha na literatura de temática açoriana
- A representação da Arrábida na literatura portuguesa
- O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa
- O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular
- Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional
- A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica

2. Ensaios:

- O universo do imaginário
- Os bestiários franceses do Século XII
- O bestiário e os contos tradicionais portugueses
- A fábula em Portugal

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

- A cidade
- O mundo das línguas

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



FLORIPA 2010

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL - MEMBRO DO CONSELHO FISCAL - TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002. INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA**

TEMA 3.1.1. Vitorino Nemésio: *Poème dramatique Au soldat portugais inconnu mort à la guerre*. Contributos para a sua tradução

1. Contexto histórico e literário

Seguindo a cronologia apresentada por Fátima Freitas Morna na primeira publicação das Obras Completas de Vitorino Nemésio, em 1934, após ter concluído a sua licenciatura na faculdade de Letras de Lisboa, onde iniciou a sua carreira académica, enquanto docente de Literatura Italiana, o autor parte para a Universidade de Montpellier, onde, durante dois anos, será responsável pelo curso de Língua e Literatura Portuguesa. O seu amor e domínio da língua e da cultura francesa foram tão profundos que, em 1935, publica *La Voyelle Promise*. São 32 poemas em que, expressa, simultaneamente, sentimentos profundamente espontâneos, dolorosos, e, por vezes brutais. A obra apresenta-se como um conjunto heterogéneo, tanto pelos temas tratados, como pelas formas cultivadas. Está todavia longe de poder ser considerada como uma obra menor, uma vez que representa, aos olhos de vários críticos, um corajoso exercício de afirmação de uma nova poética, verdadeiramente válida e original.

A coletânea anuncia uma das temáticas que mais orientará as suas produções posteriores: a infância e, em particular, a sua infância, marcada pelo magnetismo e atração da ilha, pela valorização da voz e do imaginário popular e pelo constante apelo e sedução da distância (*La bouteille à la mer*). Trata-se de um apelo tão intenso que reduz a distância ao espaço da própria ilha, do outro faz parte si, de múltiplas identidades constrói a própria essência do seu ser. As línguas e as culturas sonhadas, amadas e conquistadas permitem-lhe desdobrar-se e tornar-se vários. Percorrer espaços e viajar no tempo (*Jeune fille açorienne à Marseille*).

A obra afirma-se como uma reflexão sobre a própria criação poética, sobre o ato poético (*Art poétique; De l'impuissance poétique;...*) e mergulha o leitor num universo simbólico que em cada poema toma matizes e laivos, sempre recreados, renovados e renascidos (*L'annonciation de la voyelle; Le pin reverdit en Français;...*).

O "*Poème dramatique*" afirma-se como um poema identitário. Afirma um "eu" coletivo enquanto parte de um nós, bem mais vasto, que nos desconhece e por vezes nos ignora. A grandiosidade da nossa história, o peso do nosso passado contrasta com as nossas raízes rurais, a nossa simplicidade, a nossa generosidade. Enviados para as trincheiras, como

um rebanho de cordeiros que se oferece em sacrifício nos altares dos nossos potentes aliados, os nossos soldados provocam espanto e admiração, saem do anonimato e entram na história épica da modernidade, embora nunca cheguem a provar o vinho da vitória. Desconhecidos lutarão até à morte, nas planícies de Flandres, por baixo dos altivos e místicos pinheiros deixarão repousar corpo e coração, até ao dia do juízo final.

Em relação ao poema *Le pin reverdit en Français*, Maria da Conceição Vilhena já havia observado que “A lança do sacrificador transforma a oferenda ritual em força espiritual. Corta a matéria tornada inútil com vista a valores mais altos: morte que conduz à ressurreição.” O poema em apreso funciona como um eco amplificado do poema analisado pela ilustre professora. O fogo purificador do soldado desconhecido alimenta-se das vidas ceifadas precocemente: “*E como por milagre, as chamas brilham na escuridão. Fogo destruidor e regenerador, como o fogo das queimadas. Fogo ambivalente que reduz a cinzas até a própria raiz, para que uma nova vida delas se levante. Fogo que é purificação do passado e gestação do presente*”.

O tema da guerra é dos mais antigos na literatura universal. A literatura clássica e a literatura medieval idealizaram-no em torno do heroísmo típico da tradição épica. A epopeia canta a gesta de um povo e estrutura-se em torno de um herói que se constrói à margem de qualquer valor. O humanismo inicia uma recusa, cada vez mais convicta da ilusão épica e afirma um ideal pacifista que não deixará de se afirmar pese os acontecimentos bélicos que caracterizarão toda a história da humanidade até aos nossos dias. Uma das formas de denunciar a sua barbaridade e os seus efeitos profundamente perniciosos entre as partes envolvidas é a representação da guerra na sua total nudez, cruel, irracional e mortífera.

Lembre-mos de algumas das obras imortais da literatura francesa: Montaigne, *Essais*, II, 12; Stendhal, *La Chartreuse de Parme*; Rimbaud, *Poésies*; Zola, *La Débâcle*; Apollinaire, *Calligrammes*; Céline, *Voyage au bout de la nuit*; Romain Rolland, *Prélude à Verdun*; Malraux, *La Condition humaine*.

Vários foram os autores das diferentes literaturas europeias que denunciaram os horrores da primeira grande guerra. As suas obras denunciam profundos sofrimentos emocionais e psicológicos. É o caso de um Henri Barbusse, *Le Feu*; de Roland Dorgelès, *les Croix de bois*; dos poemas ingleses de Rupert Brooke; e os de Wilfred Owen. Os testemunhos alemães são numerosos e sombrios, destacamos Arnold Zweig.

O combate dos legionários checos e eslovacos foi retratado por Josef Kopta, Vladislav Vancura e Pavel Hviezdoslav. Na polónia destacam-se os poemas pacifistas de Józef Wittlin. Na Bélgica destaca-se com especial vigor Emile Verhaeren com a sua obra *Les Ailes rouges de la Guerre* publicado em Paris, em 1920.

O nosso envolvimento neste triste capítulo da história encontrou eco num Augusto Casimiro, num Jaime Cortesão, num João Pina de Moraes e num João Grave que escreve o nosso primeiro romance da guerra de 1914: *O mutilado*. Alguns outros retrataram o seu amor à Pátria e até encontramos um jornal de um prisioneiro de guerra na Alemanha.

## 2. Comentários e observações

### 2.1. Observações linguísticas

O virtuosismo de Nemésio no domínio da língua francesa é inquestionável e reconhecido desde a sua estada em França, reconhecido pelos seus colegas universitários portugueses e franceses, tendo, nesse aspeto, uma especial importância Georges Le Gentil. Nemésio coloca-o acima de todos «numa vigilância paternal». Tal virtuosismo está bem patente no domínio de expressões idiomáticas, locuções e na sua riqueza lexical (“*Qu’est-ce que ce sera?*” – v. 6, “*Que sais-je !*” – v. 15, “*À quoi bon?*” – v. 84, “*blesure foncière*” – v. 106, “*flots de naguère*” – v. 143, ...).

Todavia, vários foram os críticos que apontaram insuficiências e mesmo erros lexicais e sintáticos, e sobretudo morfossintáticos, no conjunto destes poemas. A verdade é que, neste poema específico, confrontamo-nos com uma linguagem sincopada, frases incompletas, sugestões típicas de um simbolismo que confunde os meios linguísticos com a sua configuração, expressividade e finalidades poéticas.

Reconhecemos como eventuais insuficiências algumas formas lexicais excessivamente abrangentes, a que os franceses convencionaram apelidar de “*mots-valises*” e que já conhecíamos do latim no uso e abuso de palavras como “*res*” (*dit-on* – v. 6, *ils ont eu* - v. 12, *qui fait* – v. 62, *ayant mis* – v. 93, *que tu a fait* – v. 139, *qu’elle a eu ton sang* – v. 141, *Viens dans ta petite maison* – 142, *Qui veut voir* – v. 155, *que d’être comme ça* – v. 157).

Também não afastamos a possibilidade da existência de algumas contaminações da língua materna, e em especial em formas verbais, tais como as do gerúndio (*Mangeant* – v. 13, *Étant son nom de preux* – v. 35, *Voyant* – v.36, *s’embourbant* – v. 56, *redressant* – v. 58, *clignant* – v. 73, *Déguissant* – v. 75, *signalant* – v. 106, *En recevant* – v. 136).

Embora tais contaminações possam contribuir para reforçar uma certa musicalidade, é certo que podem provocar alguma estranheza linguística junto dos falantes nativos da língua francesa.

Sem pretender aprofundar as questões teóricas de tradução poética, aliás bastante equacionada no final do século passado sobretudo pelos estudiosos ingleses, alemães, franceses e pelos nossos vizinhos espanhóis (Valentín García Yebra, 1989; Roca Miguel Gallego, 1994), na tradução que apresentamos, esforçamo-nos por proceder a uma tradução literal, sempre que respeitadora da dimensão musical e poética do texto original.



Optámos por algumas expressões idiomáticas e formas lexicais portuguesas que se afastam das francesas quando a norma e o uso linguístico o exigiam ou, muito menos frequentemente, quando as regras da musicalidade e da poeticidade o aconselhavam. O contexto textual, a sua tessitura e a sua estilística foram as condicionantes mais preponderantes da nossa criatividade linguística.

## 2.2. Observações literárias

O poema, embora construa uma rede simbólica muito própria, de vida, morte e ressurreição, onde sobressaem as poéticas do espaço e dos quatro elementos (água, terra, fogo e ar), tão estudadas por Bachelard (1957, 1984), retoma algumas das simbologias mais recorrentes do conjunto da coletânea: a língua, a palavra, a sílaba e a letra evocadas no título do livro: *La voyelle Promise*, assim como num dos versos do poema selecionado: “*À coups de syllabes ennemies*,” (v. 79). Não nos tardaremos sobre a simbologia universal das línguas e das letras que desde a mais remota antiguidade nos remete para o sagrado, para o divino, e para os mistérios da criação (No início era o verbo... E o verbo se fez Homem).

No presente contexto também não podemos esquecer a simbologia da Torre de Babel que simboliza a procura da felicidade do entendimento universal que passa precisamente pelo domínio de todas as línguas ou pela procura de uma língua original, única e universal. É essa utopia uma das origens da desorganização, do caos e da guerra enquanto flagelo infligido por um Deus que, embora tenha feito o homem à sua imagem, não o permite que d’Ele se aproxime e a Ele se equipare.

Para maior desenvolvimento deste arquétipo remetemos para o *Dicionário dos Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1982) e para o artigo de Maria da Conceição Vilhena (1986): *La Voyelle Promise: Viagem e Viragem*, publicado pela primeira vez em 1982 na revista *Vértice* n.º 448.

Tal como reflexão sobre as línguas, as palavras, as letras, as sílabas e as vogais torna-se pertinente, também neste poema fazer uma alusão à terra prometida, que neste poema surge como o espaço de origem, a mãe, a casa, o mar, os pinheiros e as pombas, a nave onde a sombra vive: “*Te voilà dans la nef où l’ombre vit*” (v. 153).

A terra prometida não se confunde apenas com a terra de origem mas também com a morte e com a ressurreição: “*Um eterno retorno em que o ser universal procura continuamente a ilha da infância, a terra prometida, a idade do ouro, como refúgio e espaço de felicidade*” (Vilhena, 1986, p. 573).

A referência à árvore, em particular ao pinheiro, também ela já fora bastante comentada no artigo de Maria da Conceição Vilhena. Todavia neste poema encontramos uma alusão à árvore alada, eixo do mundo que une céu e terra, submundo às alturas. Inferno, no sentido clássico ao mundo dos deuses. Existem os homens alados e os homens enraizados.

Um dos poemas da coletânea intitula-se precisamente *Le pin reverdit en français*. Embora estejamos perante uma aparente incorreção, uma vez que o verbo *reverdir* não admite semanticamente este tipo de complemento, estamos convictos que constitui um dos núcleos mais intenso de toda a sua obra. O reverdecer é pois sinónimo do renascer. O pinheiro alado, metaforicamente expresso na sua fusão com a pomba: *Le pins et les colombes* (v. 148), torna-se metáfora do nascimento (mère-mãe) e renascimento. Sob o pinheiro, a morte é aparente, chama dócil ao vento, que protege o sono dos audaciosos e espera o dia do juízo final e da ressurreição dos corpos: “*Dors sous les pins*” (v. 160).

## 3. Tradução quase literal

### Poème dramatique Au soldat portugais inconnu mort à la guerre

*Em memória de Nuno Cruz, alferes  
de artilharia em Flandres, cruz  
de guerra, “valente como as armas” e  
o mais divertido dos amigos, morto no exílio  
em vésperas do natal de 1934, dedico este poema.*

*Peludos no porto de Brest mais uma vez,  
Morenos, miúdos, exalando a lã de ovelha.  
“Os Portugueses!” – exclama a multidão em direção aos soldados  
Que fazem tilintar as gamelas sob 30 quilos de peso.  
«Um, dois, três, quatro... onze, doze, treze...  
Os Portugueses! exclamam. Que será deles?  
Bem conheço as latas de sardinhas portuguesas:  
Talvez alguns peixes... sei lá eu.»*



*E perante as tropas desembarcadas,  
Pálido rebanho de rostos  
Que ninguém mandou barbear,  
Porque tiveram, deveras, estranha e feia viagem,  
Comendo biscoitos coriáceos  
Que os antepassados não conseguiram roer até ao fim durante  
[Os cruzeiros das Índias, da Oceânia, do Brasil,  
[Da Groenlândia, da Terra-Nova, do Japão...  
Sei lá eu!  
A multidão quer ver as ovelhas;  
Neva.*

*Lentamente, com os seus monóculos apertados no nariz, –  
Luas, quiçá, trazidas  
De um país excessivamente lunar e lunático, –  
Desembarcam os oficiais.  
“Olhem! Os bravos rapazes, como eles fitam as portas  
E Jeanette à porta; que chiques que são!”  
Os soldados um pouco pacóvios  
Arrastam caixas:  
E este aqui, vendo a sua quebrada  
Chora como uma criança engraçada,  
Chega atrasado à mess,  
Porque teve de arrebanhar um terço, uma camisa, arrebanhar...*

*«Senhor, tem ainda este retrato que se parece tanto consigo  
Que parece a Senhora sua mãe»,  
Disse-lhe Germaine Durand.  
E o Zé, que nunca ninguém havia tratado por «senhor», –  
O 469 do «primeiro»  
Era o seu apelido de guerra, –  
Vendo os olhos de Germaine,  
Depois os da sua mãe,  
Embora cartonados e iluminados com uma luz doentia  
À LA MINUTE  
(Não a que emanava da pele do Zé avermelhada como  
[uma maçã reineta  
Por tanto ter mamado as natas do seu coração),  
O Zé fitou a rapariguinha,  
Corou,  
Amou, recebeu,  
Gaguejou “não percebi”  
E correu, correu, arrastando a sua baioneta.*

*Que a sua divisão pouco a pouco já se afastava.*

//

O estado-maior passou, de ouro engalanado,  
Passou montando cavalos sem arreios,  
Mas cujas garupas sonhavam  
Com as amazonas apeadas  
E com os canados de leite da paz,  
Que docemente as regavam  
Onde agora as excita os gritos mortais do bronze

Passaram  
Sobre rodas estreladas atolando-se nas estradas de França,  
Os canhões, essas flores de um clima ferrugento tão diferente,  
Estrondos. As mulas empinam as orelhas que os chicotes épicos  
[afagam;  
Trompetas berrantes (3.ª Reserva de Valentia);  
Dia arrastado, infinito, em direção à frente de batalha tão largamente escavada  
[de fossas.  
A seguir, alto aí! Gamelas em ranchos sobre a terra tão  
[gordurenta e amarga.  
Quão essa mixórdia que torna os soldados ferozes.

O Zé, tendo reforçado do seu couro  
As fileiras, as fileiras, serpente da Vitória,  
Dirigiu-se ao sargento, disse: «Licença,  
Tenho sede» (Também o Cristo teve sede);  
E, debruçado sobre um charco muito fresco, pôs-se a beber  
A largos tragos,  
Que, como uma culatra, a maçã-de-adão regulava.

Os cavalos de boca dolorida,  
A quem os cuidados dos campos já não tratavam da limpeza,  
Bebiam também, cabisbaixos e piedosos,  
Os olhos altos, pestanejando sobre a planície sem uma  
[única palhinha por pastagem.  
E a Divisão, lagarto cinzento vindo de para lá de Espanha  
[compacto e neutro,  
Disfarçando os louros sobre o capacete de alumínio  
Florido de um pouco de feltro,  
Preenche os buracos da frente com dez mil homens.

III

Para quê fazer toar a artilharia, as metralhadoras,  
Em golpes de sílabas inimigas,  
Sobre esta pobre multidão de pouca altura,  
Esta pobre formiga  
Entre os seus irmãos os bichos terrivelmente audaciosos  
E tão hábeis na batalha?

*Para quê?*

*O tempo e a guerra  
Vão ao mesmo passo nas trincheiras, sob a terra.  
Não há paisagem;  
Mas os soldados têm as suas árvores de sangue desenraizadas  
Onde cantam os shrapnels  
Durante todo o dia  
Como pardais em gaiolas.*

*Agora, por baixo de fogo, meia-noite de Natal.  
O capelão do batalhão tendo vestido a sua sotaina,  
O Cristo de Neuve Chapelle,  
Enegrecido sobre as ruínas, abre os braços sobre a casta  
Portuguesa da frente, que festeja a sua infância.  
Uma mula gorda desempenha o papel do burro,  
E, quanto à vaca,  
Aquele cabo moribundo  
Arranca autênticos gemidos.*

*– «Senhor dos exércitos,  
Senhor tão pequeno e tão grande sobre esta estrela de madeira,  
Ofereço-vos todos os feridos  
E os agonizantes e os vivos, que todavia conhecem  
[os teus dedos. »  
Dizendo, o padre calou-se.  
E, com o seu dedo assinalando a ferida original de Cristo,  
Renovada por um tiro de espingarda vindo da esquerda,  
Abaixou a sua cabeça portuguesa ligeiramente lanífera e triste,  
Íntimo com a carne que fede,  
E duro e militar, sem a fraqueza de uma repreensão.*

IV

*A seguir (Imitar o ronco dos obus, o zumbido das  
Metralhadoras; o rebentamento, dos very lights e todo o tipo de estrondos,  
Talvez no piano).  
9 de abril (os mesmos barulhos, de preferência sobre metais brancos).  
9 de abril de 1918.  
«C. E. P. – Q. G. B. – aos comandantes dos batalhões  
[de Artilharia (Confidencial).  
O Inimigo flanqueia o setor inglês sobre a nossa direita.  
A 3ª Reserva Móvel gira sobre o seu flanco  
Esquerda. Perigo. Fogo de barragem. (Data)».*

*Nos abrigos da retaguarda os ajudantes de campo escrevem  
[à máquina,*

*E os troncos degolados das árvores, sob uma repentina rajada,  
Caem: e os canhões tocam a meia-noite sobre as ruínas  
Tal como o bronze ecoa em torno das catedrais.  
Onda após onda,  
Sob a música divina que se torna cada vez mais ampla  
[e redonda,  
Os Alemães furam,  
Rompem, varam,  
Que uma mulher os embala,  
Uma mulher horrivelmente velha e toda coroada  
[de horrorosa graça.  
Num canto da trincheira invadida,  
O Zé apara todos os golpes de todos esses Alemães enormes  
Do único gesto da sua mão esquerda justiceiramente endurecida,  
Enquanto, da sua mão direita alimenta a última,  
A irrevogável metralhadora  
(«Ah, cães de Niza!»), pensa na sua pobre mãe  
Que talvez esteja a coser à máquina despreocupada,  
Enquanto todos esses Alemães enormes,  
Recebendo de si a Morte, linda mulher que eles amam,  
[o esmagam.  
O Zé já não é mais do que uma forma  
Sangrenta e abreviada sobre a terra rasa.*

V

*E agora velho que fizeste o teu dever  
E que a justiça é mais forte – julga-se -  
Pelo simples fato que teve o teu sangue e dele pode beber,  
Vem à tua casinha  
Sobre as ondas de antão  
Onde te espera  
O nosso mar,  
Sempre tão fiel aqueles que partem ou tombam,  
A tua mãe,  
Os pinheiros e as pombas.  
Agradece os Senhores os Aliados por terem aceitado  
Receber-te junto das ilustres fileiras vitoriosas,  
Embora o vinho da Vitoria não tenhas sido tu que  
[o tenhas bebido,*

*Velho.  
Eis-te na nau onde a sombra vive  
E onde haverá sempre uma chama dócil ao vento,  
Que quer ver se ainda estás sepultado:  
Porque um dia já não estarás  
Porque é demais verdadeiramente, estar assim para*

[sempre desconhecido,  
O serão, a noite, a manhã.  
Na sobra zodiacal onde se perdeu o teu corpo

Dorme sob os pinheiros.

*Bibliografia*

- Bachelard, Gaston (1957) - *La poétique de l'espace*. Presses Universitaires de France.
- Bachelard, Gaston (1984) - *La Terre et les Rêveries de la volonté*. Presses Universitaires de France.
- Bouty, M. (1990) *Dictionnaire des œuvres et des thèmes de la littérature française*. France Hachette Education.
- Benoit-Dusausoy, D'Annick e Fontaine Guy (dir.) (1992) *Lettres Européennes. Histoire de la littérature Européenne*. Paris, Hachette.
- Chevalier Jean, Gheerbrant, Alain (1982) - *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema.
- Coelho, Jacinto do Prado (1976) *Dicionário de literatura*. Porto, Figueirinhas.
- Jung, Carl G (1964) - *O Homem e seus Símbolos*. Editora Nova Fronteira.
- Lecherbonnier, Bernard (1976) *Les critiques de notre temps et Aragon*. Paris, Granier.
- Matos, Paulo Jorge Augusto (2011) - *O Povo no Imaginário Nemesiano*. Lisboa, Edições Colibri.
- Nemésio, Vitorino (1986) - *Estudo e Antologia*. Porto.
- Nemésio, Vitorino (1989) - *Obras Completas vol. I – Poesia 1916-1940*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Roca, Miguel Gallego (1994) *Traducción y literatura: Los estudios literarios ante las obras traducidas*. Madrid, Ensayos Jucar.
- Verhaeren Emile (1920) - *Les Ailes rouges de la Guerre. Poèmes*. Paris.
- Verlaine Paul (1977) - *Poèmes Saturniens Confessions*. Paris, Garnier-Flammarion.
- Vilhena, Maria da Conceição (1986) *La voyelle promise: viagem e viragem* in Gouveia, Maria Margarida de Maia (Org.) - Vitorino Nemésio estudo e antologia. Lisboa, Instituto Cultura e Língua Portuguesa.
- Yebra, Valentín García (1989) *En torno a la traducción. Teoría. Crítica. Historia*. Madrid, Editorial Gregos.

---

**38. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL**



**LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO** é Doutorando em Pós-colonismos e Cidadania Global com a Tese “Pelo sul se faz caminho: transculturalidades na obra de Manuel Rui”, do (CES/FEUC) - Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Colaborador do projeto (CES/FCT) “[De S. Paulo de Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais](#)”. Membro do GAIEPC Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais.

Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação “CPLP - a Cultura como Principal Fator de Coesão”.

Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Faculdade Filosofia de Braga), foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural), é professor reformado, ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, cooperante-formador na DGEX (Direção Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde), fundador da AICL, formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação.



Foi assessor pedagógico no Ministério da Educação de Roberto Carneiro. Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais. Escritor, ensaísta, investigador CES.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. MODERADOR DE SESSÕES. TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014

TEMA 2.3. O “OUTRO” E A IDENTIDADE ANGOLANA: INCORPORAÇÕES E TRANSCULTURALIDADES NO SUL, SEGUNDO MANUEL RUI. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO. CES/FEUC – DOUTORANDO EM PÓS-COLONIALISMOS E CIDADANIA GLOBAL /CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS/FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Quando, no final do século XV, os povos que habitavam o território angolano utilizavam a oratura, chegaram os primeiros marinheiros/ comerciantes portugueses trazendo com eles a escrita. Deste encontro cultural resultou uma apropriação da escrita pelos autóctones, como forma de expressão cultural.

Isto nos ensina Manuel Rui que há mais de 40 anos vem construindo a representação dos processos culturais atravessados pelos angolanos. É que a “angolanidade” revela-se, hoje, como o resultado de travessias internas (várias etnias/culturas bantu e não bantu) e externas, que vão e regressam, circulando pelo Atlântico sul: Angola-África-América-Península Ibérica. Estes são espaços que o eurocentrismo, o capitalismo e o colonialismo sempre empurraram e catalogaram para a periferia e subalternidade. Hoje surgem com propostas diferentes de pensar e sentir num sul que é contra-hegemónico e não vingativo.

*1. A chegada do “outro” às terras do Congo e como dar a volta à escrita da oratura, seguindo Manuel Rui*

*1. a. Chega a escrita ao Reino do Congo*

Foi na dobra do século XV para o XVI que, com a chegada dos navegadores, uma língua escrita, no caso o português, desembarcou naquelas remotas paragens africanas onde, nos sistemas comunicacionais linguísticos regionais, as diversas etnias utilizavam toda a panóplia dos vivos e atuantes recursos de oratura.

Após os primeiros contactos entre os forasteiros e os nativos, algumas ideias e práticas ficaram estabelecidas. Os primeiros traziam uma religião católica que queriam expandir através da conversão dos africanos; traziam, igualmente, uma vontade avassaladora de comerciar e enriquecer; e traziam, igualmente, uma tecnologia militar que se apresentava como superior à que era utilizada pelos povos autóctones. Os segundos, ao menos na corte do Manicongo (Rei do Congo, de seu nome Nzinga-a-Nvuku, depois de batizado, renomeado João I) aceitam converter-se ao cristianismo, fascinados pelos modos cortesões das primeiras embaixadas e pelo aparato emotivo-religioso altamente impressionante dos rituais cristãos.

Das alianças logo realizadas resultaram benefícios a repartir pelos dois lados: da troca inicial de comércio pouco significativo, passou-se rapidamente para o comércio dos escravos. Das guerras entretidas pelos diversos reinos africanos regionais, sobravam, sempre os vencidos feitos escravos. Os portugueses logo começaram a traficar as coisas que traziam da Europa pelos escravos e rapidamente se puseram em campo para tratarem, pessoalmente, deste negócio, iniciando, então, a longa história da escravatura africana rumo ao Brasil, à América Latina, às Antilhas, à América do norte e também à Península Ibérica.

Do lado africano, a simples conversão ao catolicismo do Manicongo e da corte fazia parte de uma política de alianças que, entendia o Rei Nzinga-a-Nvuku, servia os seus interesses regionais de preponderância política, com um aliado poderoso em armamento e negócio.

Assuntos religiosos, comerciais, militares, de estudo local precisavam de uma língua de recurso escrito, pela qual se registassem os textos apologeticos, os balancetes comerciais, as estratégias políticas e, claro, as descrições de tantas novidades, tanto para os olhos dos que chegavam como para os locais que visionavam estas maravilhas tecnológicas.

Assim, a literatura entrou naquela África bantu, como necessidade de registo das histórias a acontecerem. Mas quem sabia deste ofício eram os forasteiros que ali tinham arribado, os “outros” de cor branca, como ficou referido. Logo, os registos levavam, apenas, a visão e a epistemologia daquele que, tendo chegado, logo naturalizou uma ocupação do espaço, de recursos, de religião e poder. Aos africanos negros restava tentar seguir e acompanhar os desenvolvimentos das histórias, negociando, opondo-se, aliando-se, mas sem o poderoso recurso da escrita.

Por aquelas oraturas passaram, então, muitas iniciativas de rejeição dos abusos do invasor, de reassseguramento das epistemologias locais, das práticas naturais e socioeconómicas, de manutenção de culturas e dos valores tradicionais que desde séculos ali vigoravam, a maioria das quais não se tornavam perceptíveis ao invasor, pois que este tinha um registo de pensamento totalmente divergente: enriquecer, converter, dominar, escravizar e registar em livro apenas as histórias que lhe convinham. A oratura era um processo que lhe escapava.

*1. b. E vem o colonialismo autêntico*

Assim decorreram os tempos até que o verdadeiro colonialismo capitalista se instalou em África, na sequência da distribuição dos territórios coloniais pelas potências ávidas europeias, na Conferência de Berlim (1884/5) e chegaram os imperialismos coloniais.

Destes, rezam as histórias (eurocêntricas) que, ao homem branco e eurocêntrico competia uma tarefa árdua, “the white man’s burden” (Kipling, 1899), um fardo “pesadíssimo”, que era o de “civilizar” a África e o mundo. Civilizar, entenda-se, e agora temos a voz das histórias dos colonizados (sulcêntricas), não era mais do que “explorar” as colónias, na totalidade dos seus recursos, humanos, riquezas naturais, conhecimentos, epistemologias, etc. para tal exercendo o controlo absoluto e impedindo que o africano ascendesse na escala social. Então, proibiram-se as línguas africanas, as religiões, as economias ecológicas tradicionais que sempre foram equilibradas, e as culturas definharam. Nalguns lugares, foram mesmo arrasadas e as línguas imperiais, Inglês à cabeça, ordenaram a globalização.

Raramente, cooptavam-se alguns africanos, sobretudo mestiços, para que, sendo “assimilados”, reproduzissem ideologicamente o colonizador. Nem sempre isso funcionou em perfeição e muitos desses mestiços assimilados ou não, vieram a lutar pelas independências, integrados nas correntes de pensamento anticoloniais (pan-africanismo, negritude) ou nos movimentos de libertação.

Os colonizadores, ao “civilizarem” tão arduamente a África com os processos assinalados, produziram razias culturais e agressões de toda a espécie e sem paralelo na história da humanidade: escravatura, racismo, apartheid, subdesenvolvimento, pobreza, enfim, um mundo às avessas daquilo que entendiam, de modo eurocentrado, por civilidade, a menos que se diga quanto eram mentirosas as ideologias com propósitos coloniais que assentavam, apenas, na exploração do mais fraco.

De que modo os africanos responderam, com as poucas armas que detinham, para contornar a gravidade da situação que lhes foi criada, se não possuíam a arma da escrita onde registar as suas indignações e repúdios contra uma dominação política, cultural, social e militar estrangeira do “outro” na sua terra?

Para vislumbrarmos a resposta, sigamos o texto sucinto e expedito, mas cheio de verdade, que Manuel Rui escreveu em 1987<sup>107</sup> e que tomo aqui, numa segunda publicação, em 2008<sup>108</sup>.

1. c. Manuel Rui dá a volta à escrita com a oratura

Rui (2008:27) é parte africana aquando da chegada do “outro”:

*Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado, ouvido e visto.*

Tudo decorria com normalidade e as epistemologias do sul (Santos e Meneses: 2009) vigoravam em Angola na comunhão da natureza e do homem. A comunicação oral chegava para as circunstâncias.

Eis senão quando, surgem, na praia, vindos do mar em gaiolas-monstros nunca vistas, uns estranhos seres de pele clara, barbudos, vestidos exoticamente, falavam língua muito esquisita, eram agressivos e disparavam canhões. Recusaram, inicialmente, talvez por cobiça ou desconfiança, ver e ouvir aqueles habitantes da terra, fazendo logo ali, uma rápida leitura colonialista da nova situação. Rui (2008:27) descreve: “É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões.”

Eram dois pensamentos diferentes que, agora, iniciavam um diálogo, à partida com dúvidas de incompreensão.

E a história prosseguiu, com consequências previsíveis. (Rui: 2008:27):

*A partir daí, comecei a pensar que tu não eras tu, mas outro, por me parecer difícil aceitar que da tua identidade fazia parte esse projeto de chegar e bombardear o meu texto. Mais tarde viria a constatar que detinhas mais outra arma poderosa além do canhão: a escrita. E que também sistematicamente no texto que fazias escrito intentavas destruir o meu texto ouvido e visto. Eu sou eu e a minha identidade nunca a havia pensado integrando a destruição do que não me pertence.*

Estes estrangeiros que agora chegavam - observavam os africanos - não podiam ser eles mesmos, assim em desacordo com a mãe-natureza, traziam uma identidade que por algum motivo fora alterada, talvez fossem guiados por uma ideia de mandar, uma religião de mistério e com gestos incompreensíveis! Discordavam do normal correr da vida por ali, e, pior que tudo, queriam impor um único tipo de comportamento – o deles. Por isso, não só discordavam como começaram a perseguir os costumes locais, “bombardeavam o meu texto”, escreve Manuel Rui, o que para aqueles africanos era, simplesmente, incompreensível e inaceitável, tão afastado da natureza se apresentava tal modo de proceder.

<sup>107</sup> Medina, Cremilda de Araújo (1987), *Sonha Mamana África*. São Paulo: Edições Epopeia, Lda. 308-310. Coleção Letras Mágicas 3.

<sup>108</sup> Rui, Manuel (2008) “Eu e o Outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, in Padilha Laura Cavalcante e Ribeiro, Margarida Calafate, *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento. 27-29.

E para além da superioridade militar arvorada, ainda detinham uma outra arma com a qual desvirtuavam aquelas realidades ali patentes, bem africanas, locais, escrevendo registos segundo a visão deles, distorcidos por tantas ideias que traziam. E o texto oral, para eles, era para desprezo e sem valor. Mas este texto continuava a ter o maior interesse para os nativos, para que a identidade africana continuasse ela mesma, natural e sem a malícia de cobiçar o que é dos outros.

A fim de contornar tais atitudes de convencimento, superioridade, poder e agravo da parte dos estrangeiros ali aportados, tornava-se necessário dar-lhes uma resposta segundo a natureza do pensamento africano. Qual? Manuel Rui (2008:27) explica:

*Mas agora sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmontá-lo peça a peça, refazê-lo e disparar não contra o teu texto não na intenção de o liquidar mas para exterminar dele a parte que me agride. Afinal assim identificando-me sempre eu até posso ajudar-te à busca de uma identidade em que sejas tu quando eu te olho em vez de seres o outro.*

Foi, então, tomada a decisão: os africanos não iriam permitir uma escrita da história apenas pelo lado do “outro”, pois, agora, iriam aprender a arma da escrita, e eles próprios narrariam a sua história e proclamariam bem alto que aquela que foi escrita antes é uma falsidade desde que apagou e modificou a verdade dos acontecimentos tal e qual se desenrolaram. Talvez que assim, clarificando a identidade própria, os africanos exercessem igual influência e até ajudassem o “outro” a recuperar a sua genuína natureza, sem ideologias e fantasias mistificadoras.

E assim entrou, também, a utilização da escrita naquelas regiões de África, utilizando a língua que os estrangeiros traziam, mas alterando-a nos aspetos necessários para que a cultura africana veiculada pela oratura fosse inculcada no texto escrito a realizar. Trata-se da luta pela identidade. Mas regressemos a Manuel Rui (2008:28):

*O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturizante. Se eu perco a cosmicidade do rito perco a luta. Ah! Não tinha reparado. Afinal isto é uma luta. E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. Se o fizer deixo de ser outro, aliás como o outro quer [assimilação colonial]. Então vou preservar o meu texto, engrossá-lo mais ainda de cantos guerreiros. Mas a escrita. A escrita. Finalmente apodero-me dela.*

De que modo, então, o africano se apodera da escrita para nela poder exercer o mágico ritual da oratura? Estas são dúvidas processuais que exigem resposta, como se vê em Rui (2008:28):

*Vou passar o meu texto oral para a escrita? Não. É que a partir do momento em que eu o transferir para o espaço da folha branca, ele quase que morre. Não tem árvores. Não tem ritual. Não tem as crianças sentadas segundo o quadro comunitário estabelecido. Não tem som. Não tem dança. Não tem braços. Não tem olhos. Não tem bocas. O texto são bocas negras na escrita quase redundam num mutismo sobre a folha branca.*

É que o texto escrito tendencialmente elimina muitas das componentes da língua oraturizada, empobrece sobremaneira os sinais vivos dos gestos, cheiros, olhares e, sem esses elementos, pode contribuir para um apagamento semântico da realidade africana. Rui (2008:28) sabe que é assim:

*O texto oral tem vezes que só pode ser falado por alguns de nós. E há palavras que só alguns de nós podem ouvir. No texto escrito posso liquidar este código aglutinador. Outra arma secreta para combater o outro e impedir que ele me descodifique para depois me destruir.*

Torna-se necessário, de facto, tudo fazer para “manter o texto oraturizado”, de tal forma que seja possível modificar a escrita, com a introdução dos elementos oraturais que o identifiquem como originário de outras culturas, no caso africanas e angolanas. Não é fácil, mas Manuel Rui é mestre na técnica (2008:28):

*Como escrever a história, o poema, o provérbio sobre a folha branca? Saltando pura e simplesmente da fala para a escrita e submetendo-me ao rigor do código que a escrita já comporta? Isso não. No texto oral já disse não toco e não o deixo minar pela escrita arma que eu conquistei ao outro. Não posso matar o meu texto com a arma do outro. Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. Interfiro, desescrevo para que conquiste a partir do instrumento escrita um texto escrito meu. Da minha identidade.*

Então nasce uma literatura enriquecida de outros significantes, alterada na morfologia e sintaxe, no ritmo, nos círculos de narrativas onde a natureza e o maravilhoso se misturam para construir histórias africanas de vida e pensamento, com tempos e lugares de outras dimensões. Esta literatura finalmente ganha a palavra e o mundo, e reconverte-se em instrumento de luta e vida. Rui (2008:28)

*(...) porque o meu espaço e tempo foi agredido para o defender por vezes dessituo do espaço e tempo o tempo mais total. O mundo não sou eu só. O mundo somos nós e os outros. E quando a minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta e deve ser ação de interferir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal.*

*Escrever então é viver. Escrever assim é lutar.*

*(...) até que um dia «os portos do mundo sejam portos de todo o mundo».*

2. Incorporações e transculturalidades no sul, segundo Manuel Rui
2. a. Incorporações e transculturalidades

Por toda a sua extensa obra literária Manuel Rui constrói o paradigma de oraturização, transformando, ou melhor dizendo, angolanizando a língua portuguesa que no percurso escolar e académico apreendeu na perfeição. Tal facto, a que não é alheio o conhecimento dos grandes escritores e escolas literárias de Portugal (realismo e neorrealismo) e Brasil (Modernismo), proporciona-lhe os meios para construir os registos angolanizados na sua bibliografia. A criatividade/inventividade/inscrição local do autor conjuga-se com as capacidades artísticas e as de inteligência e cultura, muito espontâneas na sua escrita e a revelar grande plasticidade cultural que sendo crítica relativamente ao meio social e político, é sempre acompanhada de humor bem-disposto e genuinamente africano, de recurso constante às coisas da natureza, ao maravilhoso, ao misterioso, às tradições culturais dos povos que compõem a identidade do país e que ele procura transcrever, sempre atento ao percurso do mundo.

Digamos que se observam na obra de Manuel Rui paralelismos nalgumas técnicas narrativas com outros grandes escritores sul-americanos (Gabriel Marques, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado, etc.). Trata-se de registar o modo de ser angolano/africano, em muitos aspetos aproximado do modo de ser sul-americano/indianizado, na nativização do discurso e da natureza de que o ser humano constitui parte intrínseca, na religiosidade e mistério que sempre acompanhará a existência incompleta do homem, nos calendários com os tempos diversos que preenchem as tradições do sul e nos fortes sinais da vida que se perfaz por aqueles espaços sem limite, pertença comum e simultânea do homem e dos deuses.

Vecchi (2008:163) relata:

*Tal descoberta das raízes autóctones (que correspondem mais exatamente à «invenção» - também em termos etimológicos – da angolanidade) já metabolizava antropofagicamente, na síntese dos próprios objetivos, a lição do Modernismo brasileiro: oposição aos valores culturais do Ocidente, primazia das expressões coletivas, nacionalização dos êxitos produzidos pelas correntes estéticas estrangeiras...valorização do âmago africano mais autêntico e menos reificado (do ponto de vista do exotismo colonial), ou, como diz Viriato da Cruz: «Tudo deveria basear-se no senso estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas.» [apud Andrade 1975:6]109*

Não será estranho, pois, o facto de Manuel Rui possuir uma grande plasticidade cultural, capaz de integrar nas culturas locais as transculturações resultantes não apenas da história do seu povo e dos contactos que manteve, mas igualmente da história pessoal. Escreve Rama (2004:31) que

*Existe la “vulnerabilidad cultural” que acepta las proposiciones externas y renuncia casi sin lucha a las propias; la “rigidez cultural” que se acantona drásticamente en objetos y valores constitutivos de la cultura propia, rechazando toda aportación nueva; y la “plasticidad cultural” que diestramente procura incorporar las novedades, no sólo como objetos absorbidos por un complejo cultural, sino sobre todo como fermentos animadores de la tradicional estructura cultural, la que es capaz así de respuestas inventivas, recurriendo a sus componentes propios.*

A questão da identidade angolana que é tão procurada, defendida e alcançada pela plasticidade criativa de Manuel Rui é definidora do valor cultural e literário do escritor, pois que é de Angola com as vicissitudes da sua história colonial e/ou livre e independente que se trata, sem possibilidade de engano, quando se lê este autor. Rama (2004:31) completa:

*Dentro de esta “plasticidad cultural” tienen especial relevancia los artistas que no se limitan a una composición sincrética por mera suma de aportes de una y otra cultura, sino que, al percibir que cada una es una estructura autónoma, entienden que la incorporación de elementos de procedencia externa debe llevar conjuntamente a una rearticulación global de la estructura cultural apelando a nuevas focalizaciones dentro de ella.*

Não se trata tanto de “aculturação” mas sim de “transculturação” narrativa, pois que a natureza e a vida e portanto as culturas são fenómenos dinâmicos em permanente reconstrução quando, pelas fronteiras interiores e/ou exteriores, contactam outras culturas. Outro autor latino-americano (o cubano Ortiz) é chamado a depor, como vemos em Rama (2004:32-33)

*La antropología latino-americana ha cuestionado el término “aculturación” aunque no las transformaciones que designa, buscando afinar su significado. En 1940 el cubano Fernando Ortiz propuso sustituirlo por el término “transculturación”, encargando la importancia del proceso que designa, del que dijo que era “cardinal y elementalmente indispensable para comprender la historia de Cuba y, por análogas razones, la de toda América en general”. Fernando Ortiz lo razonó del siguiente modo: “Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una cultura, que es lo que en rigor indica la voz anglo-americana aculturación, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominar-se neoculturación.”110*

Segundo Rama, a seletividade dos elementos culturais a dar-se numa transculturação encontra-se dos dois lados: enquanto o doador cultural se posiciona e prepara os elementos (empáticos) transculturáveis, o recetor cultural tem exatamente a mesma predisposição (desde que não existam imposições rígidas) para ir ao encontro do “outro” e selecionar aquilo que mais lhe agrade provindo do exterior. Igualmente, pode ir buscar aos elementos escondidos (não ideológicos) da cultura de dominação, aqueles que são suscetíveis de transculturar.

109 Andrade, Mário de (1975), *Antologia Temática da Poesia Africana*. vol I: «Na Noite Grávida de Punhais». Lisboa: Sá da Costa.

110 Ortiz, Fernando (1978) *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Caracas: Ayacucho. 86.



Manuel Rui, já foi mencionado, exercita prazerosamente esta tarefa. Desde o início da sua carreira de escritor, coincidente com o fim do período colonial e com o inicial percurso independente de Angola, sentiu, como muitos outros intelectuais angolanos, a necessidade de (Gaivão, 2012:13) “*afirmação e enraizamento das identidades dos diferentes povos que compõem a textura sociocultural de Angola, e é sobre isso que continua a sua tarefa de escrita*”, e Laranjeira (1995:164) esclarece que “*os elementos fulcrais do enraizamento são os signos da terra, povo, língua, sangue, raça e da tríade nação-pátria-Estado*”.

Partindo desta base, e passados quase quarenta anos de percurso criativo, o escritor refinou as técnicas de escrita, ao mesmo tempo que universalizou as marcas autorais de originalidade e representatividade que registam a angolanidade plena. Tornou-se incontornável lê-lo para se conhecer Angola em verdade.

Volto a Rama (2004:42) para compreender a naturalização angolana da escrita de Manuel Rui:

*En el caso de los escritores procedentes del regionalismo, colocados en trance de transculturación, el léxico, la prosódia y la morfosintaxis de la lengua regional, apareció como el campo predileto para prolongar los conceptos de originalidad y representatividad (...) en vez de ser la excepción y de singularizar al personaje sometido al escudrinamiento del escritor, passa a ser la voz que narra, abarca así la totalidad del texto y ocupa el puesto del narrador manifestando su visión del mundo. Pero no remeda simplemente un dialecto, sino que utiliza formas sintácticas o lexicales que le pertenecen dentro de una lengua coloquial esmerada, característica del español americano [em Manuel Rui, de um português angolanizado] de algunas de las áreas lingüísticas del continente.*

As comunidades angolanas a partir das quais Manuel Rui estabeleceu o início da sua representação literária, utilizavam sistemas linguísticos já mestiçados com o português, oraturizando angolanamente esta língua, nacional do país. É a partir deste (Rama,2004:43)

*(...) sistema lingüístico que trabaja el escritor, quien no procura imitar desde fuera un habla regional, sino elaborarla desde dentro com una finalidad artística. Desde el momento que no se percebe a sí mesmo fuera de ella, sino que la reconoce sin rubor ni disminución como propia, abandona la copia, com cuidada caligrafía, de sus irregularidades, sus variantes respecto a una norma académica externa y en cambio investiga las posibilidades que le proporciona para construir una específica lengua literaria dentro de su marco. Hay aquí un fenómeno de neoculturación, como decía Ortiz.*

#### 2. b. O sul transculturado de Manuel Rui

No romance *Rioseco* (1997), Noíto que é a personagem principal e tomada como referencial da mulher angolana, assume-se como guardiã das tradições étnico-culturais dos umbundos, do Planalto Central. Casada com Zacaria, carpinteiro de etnia quioca, percorrem, em fuga da Guerra Civil, o território angolano e chegam à ilha de pescadores quimbundos, perto de Luanda e que facilmente se pode identificar como o Mussulo.

Noíto é mulher de trabalho e completamente enraizada nas culturas africanas: feiticeira, adivinhadora, gestora, generosa, prática, tem uma forte personalidade que impressiona todos os que se cruzam com ela. Inteligente e observadora, está tão aberta à aprendizagem das novidades como ligada às tradições e distingue, com a sabedoria ancestral, o que passa nas almas dos outros personagens. Rapidamente se adapta ao registo vivencial da ilha, sem perder jamais a identidade que vai evoluindo com as novas incorporações. Já o marido Zacaria, de caráter mais fechado, apresenta maior dificuldade na incorporação dos elementos culturais de proveniência exterior, pelo que se mantém praticamente imune relativamente aos costumes da ilha.

Todos os recursos anteriormente referenciados numa oraturização angolana das falas e pensamentos, das filosofias e práticas, do maravilhoso e do natural, e, acima de tudo do humano como marco central da vida, são colocadas pelo autor no cerne desta obra importantíssima para a reconfiguração da identidade angolana, atravessada por décadas de guerra.

De qualquer modo, em todo o romance se realiza uma travessia por entre os diversos espaços culturais e interiores de uma Angola onde só por milagre de um povo longamente habituado ao sofrimento, se consegue a preservação dos valores morais e culturais que a tradição legou.

As transculturações ocorrem dentro do território angolano, onde nos surge a presença forte das principais etnias e culturas do puzzle cultural do país, atravessadas pela necessidade da utilização da língua portuguesa, constantemente oraturizada, “nacionalizada”, para o entendimento comum.

Num outro romance, *Travessia por Imagem* (2011) o personagem principal é o escritor angolano Zito, que passa as fronteiras do país para se encontrar, num congresso de escritores em Havana (Cuba) e depois num outro em Gijón (País Basco) com outros escritores e personagens latino-americanos e ibéricos. A narrativa transporta as culturas angolanas para a América Latina e atingindo, ainda, Península Ibérica e em todos esses lados encontra um substrato cultural de afinidades, ou como refere o autor (Rui, 2011:411) “partículas subtis, aparentemente submersas, de afinidades”, de que se compõem as diversas identidades destes países do sul.

Torna-se fácil e espontânea a comunicação e mais ainda, a cumplicidade entre os personagens que, por sua vez, representam as cumplicidades culturais forjadas na história, como diz o autor, através de uma (2011:412) “mestiçagem de culturas numa caravela de regresso em que os embarcados já não são a branco e preto mas em arco-íris”.

Manuel Rui reinterpreta em *Travessia por Imagem* a história verdadeira da colonização do sul, da África e da América, pelos dois povos ibéricos. Nunca se deverão obliterar, rasurar nem esquecer as violências e os crimes que gerou, a escravatura que a sustentou e o apagamento do outro colonizado que perseguiu e, ainda, para além da cobiça do traficante, a presença dos desgraçados e condenados que tripulavam os navios do comércio negro.



Reinterpretar e reelaborar a história da colonização do sul implica, no seu destino e na sua origem (Rui, 2011:411) a “reinvenção de foz e de nascente” e, sobretudo, reinscrevê-la nas épocas específicas dos eventos (Rui, 2011:411) “soletrar a idade dos ventos”, atualizando, pelas palavras, um mundo novo e híbrido de transculturalidades e das afinidades que trazem.

Porque são (Rui, 2011:411) “as palavras que reinventam as pessoas” e foi o mar que transportou as palavras no idioma português ou castelhano, ibérico, como ele também salienta (2011:410-411): “Ibéria e idiomas, idiomas e viagens com gente no porão das naus. Grilhetas e sonhos com impressões digitais do mar, a travessia do Atlântico foi comum. Marinheiro e escravo. Escravo-marinheiro e marinheiro-escravo”.

Isto é o hibridismo cultural que espreita a voz dos silêncios da história, agora falado sem medo, desejado, partilhado nas identidades mestiças forjadas num e noutra lado atlânticos: (Rui, 2011:411) “*Tango, pachanga, salsa, batuques e semba angolano pai do samba brasileiro, guitarras e fado mulato*”, a que poderíamos acrescentar mil receitas gastronómicas, traduções linguísticas e culturais, desejo de vida e natureza, religiosidades ardentes, economias naturais, seguindo as epistemologias de todos e cada um dos sul diferentes.

E as duas línguas ibéricas revelam, finalmente transculturadas num tempo descolonial, uma capacidade para gerar empatia; Rui (2011: 411) declara: “*de um momento para o outro se encontra na anedota que parece pré-elaborada por todos nós. Até na rapidez do entendimento de subentendidos para rirmos alto e bom som*”.

Pode-se, então, proceder à reapropriação e resgate das tradições políticas, culturais e sociais ainda possíveis (Santos, 2002) pela “sociologia das ausências”, dos dois lados da história, pela convivência apaziguadora dum olhar mútuo, por vezes até, com alguma tonalidade aprazível, uma distinção peculiar do colonialismo atlântico do sul, na minha opinião.

Manuel Rui desenha, pois, uma nova geografia, onde o sul atlântico se assume numa identidade composta de mil fragmentos de viagens de idas e regressos, marcadas a sangue e violência dos povos que sofreram os colonialismos ibéricos e da insensatez desses tempos de ignominiosa violência. Esses fragmentos trazem, contudo, as marcas do sul. O sul dos colonizados, escravos negros e índios, o sul dos condenados e marinheiros brancos e pobres que nos navios negreiros cumpriam castigo. O sul dos proprietários e senhores a quem a cobiça cegava, impedindo-os de reconhecer o outro e apagando-lhe o rasto. O sul das duas línguas ditas “imperiais” português e espanhol, que os colonizados subverteram a seu favor, o sul dum sincretismo religioso, o sul das culturas miscigenadas e das transculturações constantes e ricas. A estes sul, juntemos o sul europeu da Península Ibérica, onde os Reinos de Portugal e de Espanha iniciaram com as viagens do século XV e XVI uma nova modernidade que contemplou desde muito cedo, uma violência colonial falsamente justificada pelo catolicismo e pela ganância de riqueza e poder, mas que foi, simultaneamente, futor de mestiçagem cultural.

A segunda modernidade com que, a partir do século XVII a Inglaterra, França e Holanda e depois outras potências criaram e impuseram o liberalismo, o capitalismo e o colonialismo imperial, seguiam outros paradigmas, mais racionalistas e científicos, mas menos claros. O “fardo do homem branco”, já referido atrás, era a divisa dissimulada para o saque das colónias, e os colonialismos ibéricos passaram, igualmente, a ser rotulados pelo eurocentrismo, como “periféricos”, “subalternos” e “antiquados”, pois as suas culturas e sociedades já se haviam contaminado com mestiçagens vindas dos lados do sul.

Mas os mares não têm lados e no sul tecem-se correntes de mares de palavras e sentimentos, epistemologias diversas e anti-hegemónicas, ainda não tocadas pela geografia do único universal. A literatura angolana de Manuel Rui inscreve-se neste sul atlântico, sem lados, aberta aos outros, como no início e desde sempre.

#### Bibliografia

- Gaivão, L. M. (2012) “Noíto: a inscrição da mulher em *Rioseco*, de Manuel Rui. A voz das margens que conta como é” in *Revista Angolana de Sociologia*, Nº 9, jun, pp. 11-32.
- Laranjeira, J. L. P. (1995) *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ortiz, F. (1978) *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Caracas: Ayacucho. 86.
- Rama, A. (2004) *Transculturación Narrativa En América Latina*. Mexico D.F., Buenos Aires, Madrid: Siglo XXI editores. 4ª ed.
- Rui, M. (1997) *Rioseco*. Lisboa: Cotovia.
- Rui, M. (2008) “Eu e o Outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”, in Padilha Laura Cavalcante e Ribeiro, Margarida Calafate, *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento pp. 27-29.
- Rui, M. (2011) *Travessia por Imagem*. Luanda: Kilombelombe.
- Santos, B. de S. (2002) “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63 pp. 237-280.
- Santos, B. de S. e Meneses, M. P. (2009) *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina/CES.
- Vecchi R. (2008) “Choques e Poéticas In-betweeness nos Atlânticos sul: modernidades em trânsito na formação da poesia angolana”, in Padilha Laura Cavalcante e Ribeiro, Margarida Calafate, *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 155-175.

**39. LURDES CUNHA, EBS GRACIOSA, APOIO COMO GUIA CULTURAL NOS PASSEIOS CULTURAIS**



TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

**40. MANUEL OSVALDO, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**41. MARIA DA CONCEIÇÃO CASTELEIRO, AICL LISBOA, PORTUGAL, PRESENCIAL CONVIDADA**



É SÓCIO DA AICL. ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010

**42. MARIA DO SOCORRO PESSOA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO**



Seia 2014

SEIA 2014

- [sopessoa@gmail.com](mailto:sopessoa@gmail.com); [sopessoa@unir.br](mailto:sopessoa@unir.br); [sopessoa5@hotmail.com](mailto:sopessoa5@hotmail.com); [m Pessoa@ua.pt](mailto:m Pessoa@ua.pt):

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

- Maria do Socorro Pessoa é Linguista e Educadora, com Graduação em Letras, pela UEL- Universidade Estadual de Londrina, PR., Mestrado em Linguística, com área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP-Campinas-SP., Doutorado em Linguística, área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP-Campinas-SP, Pós-Doutorado em Didática e Tecnologia Educativa na Formação de Professores de Língua(s) para atuarem em ambientes pluri-linguísticos-dialetais, pela Universidade de Aveiro, Portugal.
- É Professora Associada e Pesquisadora aposentada pela Universidade Federal de Rondônia.
- Tem formação, experiência e prática nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa, Sociolinguística, Etnolinguística, Educação e Formação de Professores.
- É Líder do GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas Sócio-Etnolinguísticas, vinculado ao CEPLA, Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim.
- Atua nos temas: Sociolinguística, Educação Linguística, Ensino de Língua(s), Etnolinguística e Formação de Professores para atuarem em ambientes plurilinguísticos. Investiga a(s) Língua(s) e as Linguagem(ens) dos povos Amazônicos e Amazônidas.
- Tem trabalhos apresentados em eventos Científicos, Mestrados e Cursos diversos no Brasil e em Países Europeus.
- É membro investigador/colaborador do LEIP – Laboratório de investigação em Língua Portuguesa, da Universidade de Aveiro, Portugal.
- Atualmente desenvolve o projeto de Políticas Didático-Linguísticas para/na Formação de Professores de Língua Portuguesa no mundo.

### É SÓCIA DA AICL. ESTEVE PRESENTE EM 2007 NO COLÓQUIO EM BRAGANÇA E EM SEIA 2014

### TEMA 2.5 POLÍTICAS DIDÁTICO-LINGUÍSTICAS PARA DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA, MARIA DO SOCORRO PESSOA

#### SINOPSE

Ao se pensar em Língua Portuguesa do Brasil, logo considera-se que este é um país monolíngue. Esse conceito não é de todo certo. Possuímos apenas uma língua, segundo o artigo 13 da Constituição Federal Brasileira: “A Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, porém, na prática, são faladas cerca de 210 idiomas; no meio indígena falam-se por volta de 170 línguas; existem outras 30 línguas entre as comunidades de descendentes de imigrantes; e, ainda, existe a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, além das línguas de imigrantes e de remanescentes dos Quilombos. Dessa forma, somos um país de inúmeras línguas/linguagens, portanto, plurilíngue.

Diz-se que um falante é plurilíngue quando utiliza, no seio de uma mesma comunidade, várias línguas, conforme o tipo de comunicação (em sua família, em suas relações sociais, em suas relações com a administração, etc.). Diz-se de uma comunidade que ela é plurilíngue quando várias línguas são utilizadas nos diversos tipos de comunicação. A Amazônia é um grande exemplo disso: Língua Portuguesa, dialetos da Língua Espanhola, Línguas Indígenas, Línguas de Imigrantes e Línguas dos remanescentes de Quilombolas, todas em contato nas salas de aula da Rede Pública de Ensino, onde se ensina, portanto, a Língua Portuguesa Materna e Não-Materna simultaneamente.

Faz-se necessário descobrir-se meios e modos de difusão da Língua Portuguesa, inclusive nas salas de aulas com populações tão diversificadas, uma vez que é esta a Língua oficial do Brasil e, a Educação Linguística, espera-se, tem, na Escola, o coloquial e o formalismo para expandir-se. As Políticas Didático-Linguísticas não são Metodologias de Ensino, não são receitas para a ministração de aulas. As Políticas Didático-Linguísticas são, na verdade, a tomada de decisão do professor que, para aplicá-las, necessita de uma Formação para além das teorias, para além das Práticas de Ensino.

**Palavras-Chaves:** Políticas Didático-Linguísticas. Lusofonia. Língua Portuguesa. Amazônia.

### AS MARCAS SÓCIO-LINGUÍSTICAS-CULTURAIS E OS POVOS NA CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA, DA CULTURA E DA SOCIEDADE AMAZÔNICA/AMAZÔNIDA

O objetivo maior deste texto é apresentar a reflexão e a proposta de trabalho advindas de investigações sobre o que se define por “Ensino de Língua Portuguesa” na região conhecida como “o Portal da Amazônia”, no Brasil. Nesse sentido, faz-se necessário lembrar como é a Sociedade Brasileira, a qual, como se sabe, é constituída por diversos povos. Desde que o país foi “descoberto” está recebendo gente de todo o mundo, além dos indígenas que aqui já viviam. Começou com os portugueses, e daí por diante, o território brasileiro foi habitado por representantes de inúmeras nações.

Estes povos vieram por diversas razões: conquistas de terras, conquista do poder, esperança de uma vida melhor, obrigados e escravizados para servirem de mão-de-obra, refugiados, homens à procura de aventura, entre vários outros motivos. Ao chegarem ao Brasil, cada grupo se fixou numa determinada região, como se pode encontrar, por exemplo, o grande número de descendentes de japoneses e de italianos no Estado de São Paulo, e muitos descendentes de alemães no Rio Grande do sul. Com essas fixações, e com o tempo que já passou, a cultura local de cada região Brasileira pode ser considerada definida.

Entretanto, há regiões no Brasil onde a cultura ainda está relativamente em formação, devido à grande diversidade de povos colonizadores, como é o caso da região Amazônica, no norte do País. A cultura Amazônica, com essa heterogeneidade, só pode ser peculiar, pois é influenciada por todos os povos representados e tem como base a cultura do caboclo, do índio, do ribeirinho e do negro.

Com base nas informações de ROQUETE-PINTO (1938) e GONÇALVES (2005), sabe-se que a região que forma hoje o Estado de Rondônia começou a receber pessoas de outras civilizações não indígenas a partir do século XVIII, com as expedições que vinham em busca de metais e pedras preciosas.

Pelo Tratado de Tordesilhas todo o Estado de Rondônia pertencia à Espanha. Com a penetração das Bandeiras e o mapeamento dos rios Madeira, Guaporé e Mamoré, no período de 1722 a 1747, houve uma redefinição dos limites entre Portugal e Espanha, realizada através dos Tratados de Madri e de Santo Ildefonso. A partir daí, Portugal passou a ter a posse definitiva da região e a defesa dos limites territoriais.

Das expedições que exploraram o Portal da Amazônia, por esta época, as mais conhecidas eram chamadas de “Entradas e Bandeiras” (1637), patrocinadas pela Coroa Portuguesa ou por comerciantes interessados na expansão de novas mercadorias e na mão-de-obra escrava indígena. Ao chegarem pelos vales dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, perceberam o possível potencial da área para o extrativismo mineral, além de produtos vegetais que foram conhecidos como “drogas do sertão”. Tais produtos conquistaram o mercado europeu, o que incentivou cada vez mais a busca e a ocupação da região amazônica.

As leituras sobre a História do Brasil nos ensinaram que o processo migratório na região Amazônica ocorreu, primeiramente, no primeiro ciclo da borracha, durante o império de D. Pedro II, quando os nordestinos, fugindo da seca, migraram para a região e lá trabalharam até os primeiros anos do século XX. Essa migração só cessou quando o Sudeste Asiático teve sua produção de borracha mais barata que a amazônica. Outro período migratório ocorreu no segundo ciclo da borracha, durante a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos precisavam do Látex brasileiro, então aconteceram os Acordos de Washington (1942), segundo Gonçalves (2005) que nos informa, também, que, nessa ocasião, o Governo Getúlio Vargas, do Brasil, lançou uma campanha que levou, novamente, os nordestinos para a Amazônia.

Para facilitar o comércio da borracha decidiu-se construir uma estrada de ferro, a histórica Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Dessa migração surgiram duas cidades: Guajará-Mirim, que pertencia ao Estado do Mato Grosso, e Porto Velho que pertencia ao Estado do Amazonas. Estas cidades foram criadas nos extremos dos trilhos da ferrovia e seu crescimento ficou a cargo dos seringueiros, além dos ferroviários, dos membros da linha telegráfica de Rondon e dos extrativistas em geral. Por causa da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré houve necessidade de importação de mão de obra, aumentando o contingente populacional da região. É a continuidade da grande miscigenação Amazônica.

Segundo MENEZES (1988), dentre os principais povos estrangeiros que migraram para a Amazônia estão os imigrantes Turcos, Sírios, Gregos, Libaneses, Italianos, Indianos, Cubanos, Porto-riquenhos, Barbadianos, Jamaicanos, Chineses, Hindus e outros, imigração essa que transformou o trecho Porto Velho/Gujará-Mirim em região cosmopolita.

GOES (1996) afirma que o Território Federal do Guaporé, atual Estado de Rondônia, o conhecido Portal da Amazônia, valorizou os aspectos econômico, social e político da região e auxiliou, inclusive, nas mudanças dos elementos tradicionais ambientais que contribuíram para o desenvolvimento amazônico. Valorizou o homem que vivia na ribeira e nos barrancos e que exercia suas atividades às margens dos principais rios da região: o Machado, o Mamoré, o Guaporé e o Madeira.

A descoberta de minérios, principalmente a cassiterite no Portal da Amazônia, aumentou, demasiadamente, o processo migratório.

O último grande movimento migratório para a Amazônia, segundo GOES (1996), ocorreu a partir da abertura da Rodovia denominada BR-364 que, na década de 1970, passou a ligar o Portal da Amazônia às outras regiões do Brasil, inclusive favorecendo a migração dos povos do sul do País para Rondônia. A maioria dos povos do sul, como se sabe, são nativos ou descendentes de alemães, ucranianos, poloneses e italianos.

Na mesma época desse fluxo migratório ocorreu a implantação dos projetos de colonização e reforma agrária patrocinados pelo Governo Federal, na prática de uma política de suposta integração nacional, com doação de terras para quem desejasse vir habitar, povoar e colonizar a imensa área de matas e de populações tradicionais – indígenas, ribeirinhos, quilombolas - existentes nesse norte do Brasil. Esses acontecimentos permitiram a migração de inúmeras famílias procedentes, também, de outras regiões do Brasil: sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste.

Diante dos fatos apresentados conclui-se que, é inquestionável a multiculturalidade da Amazônia, e, especialmente, do Estado de Rondônia. Tal multiculturalidade, aliada às dificuldades de uma sociedade em construção de todos os matizes: social, econômico, habitacional e cultural, como é óbvio, propiciaram situações imensamente conflituosas nos locais onde as populações todas se fizeram representar: as salas de aulas das Escolas Públicas. O maior conflito? As aulas de Língua Portuguesa e as aulas das séries iniciais do Ensino Básico. Comunicação precária, compreensão angustiante, crianças deprimidas, professores exaustos, desanimados.

Na escola, quando se trata do Ensino de Língua Portuguesa, como Língua Materna, professores e alunos interagem linguisticamente em condições sociais concretas que, segundo BOURDIEU (1996, p. 32), funciona como um mercado linguístico onde se constrói a legitimação da língua oficial, que, sendo obrigatória em espaços oficiais, “torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas linguísticas são objetivamente medidas”. Ainda de acordo com BOURDIEU (1996), na comunidade pedagógica, cabe ao professor refletir sempre a cultura e a linguagem legítima. No entanto, essa comunicação está fundamentada em bases desiguais, visto que os alunos das classes dominantes chegam à escola em condições de usar o “capital cultural” e o “capital linguístico escolarmente rentável”, já que estão familiarizados com eles em seu grupo social.

Já os alunos das classes populares fracassam ao chegarem à escola, em função de sua linguagem ser considerada não reconhecida socialmente. O fato de não dominarem a linguagem da escola reflete na incapacidade de compreensão e expressão na comunidade pedagógica. Nesse sentido, a escola não deve contribuir com a desvalorização dos modos



de expressão populares, realizando ações que, no mínimo, evitem os preconceitos linguísticos. Um dos grandes exemplos de preconceito linguístico na região Amazônica, entre os que, na sala de aula, tem a Língua Portuguesa como Língua Materna, pode ser observado no contato realizado entre os alunos migrantes e imigrantes, com os “Ribeirinhos”.

De acordo com GONÇALVES (2005), o morador ribeirinho, também denominado pejorativamente como “beradeiro”, é alvo de estereótipos, considerado portador de uma cultura primitiva e marginalizada. Em suas práticas é possível perceber diversas culturas vindas de vários povos indígenas, de imigrantes portugueses, de migrantes nordestinos e de populações negras. O Ribeirinho possui um saber desenvolvido pela convivência com os rios e com a floresta. A pesca está muito presente no seu cotidiano, como também a agricultura e o extrativismo. No Estado de Rondônia, a população ribeirinha experimentou, ainda, a exploração garimpeira e a exploração da madeira, cujas práticas provocaram grandes prejuízos ao meio-ambiente. Esse povo possui vários anos de experiências em manipulação de ecossistemas delicados e, além disso, adquiriram suas próprias formas de construir seus barcos e suas casas, adaptados às condições específicas da região. Segundo SILVA (2003), as casas dos ribeirinhos têm suas coberturas feitas de palhas trançadas; a culinária é rica em sabores de peixes, carnes, farinha d’água, tucupi e frutos da mata; **o vocabulário comum é associado à língua Tupi, (grifo nosso)** além de receber inúmeras contribuições linguísticas das populações negras, dos migrantes e imigrantes. Acreditam e narram lendas da mitologia amazônica.

Diante do quadro populacional no/do Portal da Amazônia, parece ser inadiável a discussão de Políticas Didático-Linguísticas para o ensino de Língua Portuguesa, como se vê, materna e NÃO-MATERNA, simultaneamente. Não se tem como objetivo criar um livro de receitas prontas para o ensino da Educação Linguística, e nem, tão pouco, subestimar a criatividade dos professores dessa área de ensino. Porém, nossa Prática com alunos de Estágio Supervisionado do Curso de Letras, e, também com a aplicação da Carga Horária de Prática Como Componente Curricular, do mesmo Curso, e o sucesso obtido nesses trabalhos, a partir do que propomos, justificam a sugestão de uma política Didático-Linguística para que o Ensino de Língua Portuguesa possa ser, inclusive, um instrumento de difusão e de expansão da Língua Portuguesa no mundo globalizado contemporâneo, a partir desta experiência vivenciada nas diversificadas e miscigenadas salas de aulas de Língua Portuguesa, no Portal da Amazônia

### **POLÍTICA DIDÁTICO-LINGUÍSTICA: MAPAS COMO LIVROS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA MATERNA E NÃO MATERNA, NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA PARA A VIDA.**

Propõe-se, para o ensino da Língua Portuguesa, com vistas à multiculturalidade e diversidade sócio-linguístico-cultural apresentadas no Portal da Amazônia, políticas relativas ao estudo dos diversos fenômenos linguísticos e culturais contextualizados, no tempo e no espaço, por meio de Mapas Físicos, Políticos, Temáticos, Geográficos e Históricos. Insistimos que tal material didático visa minorar, e, quem sabe, vencer os obstáculos advindos de uma sala de aula de Educação Básica onde alunos e professores podem, na maioria das vezes, enfrentar problemas de interação de linguagem verbal e não verbal, quer de Ensino, quer de Aprendizagem, da Língua Oficial do Brasil.

Os Mapas Histórico-Geográficos são grandes livros e instrumentos didáticos porque em seus limites estão a história dos povos. Observe-se que o Planeta Terra só é visualizado através do Globo Terrestre, que é, na verdade, um grande Mapa Geográfico. Utilizar mapas como opção político-pedagógica, significa refletir e analisar para ler e escrever a história das populações construtoras dos acontecimentos que ocorrem nos limites visualizados. Se observarmos atentamente verificaremos que, nos limites dos Mapas Geográficos poderemos extrair temas tais como:

- a) Valores Coletivos: religião, folclore, natureza;
- b) Valores Individuais: música, gastronomia, lazer;
- c) Valores Sociais: patrimônios públicos, política partidária, percursos públicos.

O Espaço Geográfico representado e visualizado através dos Mapas "delimita":

- a) Valores da vida - iniciam-se desde que nascemos: a família, a hierarquia social, os sentimentos;

b) Valores formais - são “construídos” com a maturidade, com a experiência, com as interpretações sobre o que é a vida, o mundo, e, são solidificados na Educação Formal, portanto, na Educação Escolar, que resultam nas nossas “concepções” e visão de mundo.

A concretização do ensino da Educação Linguística, já mencionado, dar-se-á através dos estudos de todos os aspectos observáveis nos mapas, tais como: espaço físico, clima, fuso horário, vegetação, aspectos políticos, sociais, ambientais, culturais e de formação da população. Estes temas de estudos serão o ponto de partida da expressão oral e escrita e serão integrados à observação sobre a variação linguística de cada região, quer do Brasil, quer de qualquer outra localidade usuária da Língua Portuguesa.

Os Mapas serão, também, o caminho de motivação para o estudo e a compreensão de que todas as Línguas são boas e representam seus povos. Abre-se, como temos observado, uma porta para a valorização do processo migratório de todas as gentes, de todas as pessoas que estão naquela sala de aula onde ter-se-á de ensinar e aprender a Língua Portuguesa Formal. Faz-se necessário motivar todos os alunos para que se efetue uma prazerosa investigação, a partir dos Mapas Históricos-Geográficos-Físicos-Temáticos, que destaque a cultura formal, informal, histórica, de tradição e popular, em cada sítio visualizado nesses mapas. Ao respeitar os locais e as histórias da cultura aprendida e apreendida nos limites dos mapas, pode-se usar tal conhecimento aplicado às metodologias reflexivas e reais do ensino da língua majoritária, porque nacional e oficial, a Língua Portuguesa. Este procedimento didático permite a contextualização de acontecimentos, de maneira a considerar as diversas e possíveis influências sociais, históricas, geográficas entre outras, na linguagem do usuário. Acredita-se que, a utilização de Mapas, como instrumento de leitura, escrita e discussões, aproxima as populações representadas ali, os esquemas, os quadros e as descrições do cotidiano educacional de todos que vieram para a escola para aprender, especialmente, a Língua Portuguesa. Será essa Língua que os instrumentalizará, sempre, nos fazeres cotidianos e que será, inclusive, seu maior instrumento de luta nos espaços sociais que frequentarão. Será importante que descubram que ela terá de ser melhor aprendida ao longo da vida.

Os estudos de acontecimentos contextualizados, por meio de Mapas, são o que denominamos de Políticas Didático-Linguísticas, as quais possibilitam que a Educação Linguística seja favorecida em comunidades heterogêneas, de diversidade linguístico-cultural, como a do Estado de Rondônia, por exemplo. Acredita-se que através dos citados mapas o ensino da Língua Portuguesa permite determinar os conhecimentos prévios que cada aluno tem em relação aos novos conteúdos de aprendizagem e que esses conteúdos propostos são significativos e funcionais para os estudantes, de maneira que provoca um conflito cognitivo e promove a atividade mental do aprendiz, necessária para que ele estabeleça relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios, gerando uma atitude favorável, motivando-os em relação à aprendizagem de modo geral, proporcionando contextualizar os novos conteúdos nas aulas de Língua Portuguesa.



As atividades desenvolvidas nesses estudos devem:

- a) Representar um desafio alcançável para os alunos;
- b) Considerar as competências atuais do grupo de aprendizes;
- c) Fazê-los concretizar conhecimentos adquiridos com a ajuda necessária do professor;
- d) É estimulada a autoestima e o autoconceito em relação às aprendizagens propostas;
- e) Ajuda os alunos a adquirirem habilidades relacionadas com o “aprender a aprender”, que lhes permite ser cada vez mais autônomos em suas aprendizagens sobre a Educação

Linguística.

Insiste-se que, para ensinar/aprender conteúdos contextualizados através dos mapas faz-se necessário considerar variadas estratégias pedagógicas, que contemplem a participação efetiva dos alunos ao longo do processo de aprendizagem da Língua Oficial do País, embora, em muitos casos, essa Língua seja estrangeira para eles. Além disso, é preciso promover a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento.

A relevância do estudo da Língua Portuguesa é demonstrada pelo conhecimento que dela precisamos ter para registrar as aprendizagens de outras disciplinas. Nesse sentido, o professor deverá, sempre, valorizar a cultura local, regional e do país, bem como, valorizar os diferentes dialetos da Língua Portuguesa, porém, sistematizar o ensinamento para que os alunos tornem-se capazes de adequar a Língua Portuguesa, seja oral ou escrita, às diversas situações ao longo da vida, independente de que essa língua seja ou não a sua Língua Materna.

Exemplifica-se uma aula de Língua Portuguesa, utilizando-se o Mapa Físico de Rondônia, em uma turma tão miscigenada como a população que vimos descrevendo ao longo deste texto. Pretende-se ensinar a Língua Portuguesa, na prática, com os seguintes estudos:

a) **Conhecimentos conceituais:** - Situar e reconhecer a Língua Portuguesa da região; - Conhecer os principais movimentos de ocupação do espaço e sua influência na vida das pessoas, na paisagem e na linguagem; - Conhecer e localizar a distribuição das rodovias, hidrovias e ferrovias do espaço geográfico de Rondônia.

b) **Conhecimentos procedimentais:** - Observar imagens; - Desenhar; - Pesquisar; - Ler o(s) Mapa(s); - Montar maquetes; - Preencher quadros informativos.

c) **Conhecimentos atitudinais:** - Ponderar a respeito das conquistas espaciais; conhecer e respeitar os diferentes povos do Mundo, do Brasil, e de Rondônia ou do local onde estejam, para valorizar o Multiculturalismo presente na linguagem de todos; preocupar-se e sensibilizar-se com a poluição das águas e com a valorização do meio-ambiente, de modo a preservar a vida do meio para que o homem seja preservado.

Para desenvolver os estudos de Língua Portuguesa com os mapas é necessário saber interpretá-los através de algumas noções como: visão oblíqua e visão vertical; alfabeto cartográfico (ponto, linha e área); construção de legenda; proporção e escala; lateralidade, referências, orientações e outros, **fato que leva à interdisciplinaridade** e à aproximação significativa da realidade. Com essas atividades, o aluno é direcionado às práticas de observações, análises, comparações, oralidade, diálogo, trocas de informações, relatos, descrições, que tornarão sempre presentes, na sala de aula, **a fala e a escrita**.

A atividade de escrita poderá ter várias etapas, como a sistematização da escrita, quando será definido o gênero textual, o planejamento da escrita e o planejamento da apresentação do texto produzido. E então, ocorrem e ocorrerão leituras, debates, pesquisas, para, em seguida, aplicar-se a Análise Linguística dos textos produzidos. Este será o momento de correção, reflexão, compreensão, adequação linguística, tomadas de decisões e escolhas, observação de ortografia, produção e desenvolvimento das ideias, pontuação, raciocínio lógico, acentuação gráfica, estilo de texto, mensagem conduzida pelo texto, coerência e coesão textual. Feito isso, acontecerá a (re) escrita do texto, a troca de textos entre os alunos, para análise, adequação temática, reflexão, (re) escrita final dos textos, e, por fim, a amostra dos resultados produzidos e a avaliação do ensino e da aprendizagem, que são os resultados para a vida. A leitura está presente em todos os momentos, além de ser o instrumento para desenvolver o conhecimento contextualizado referente à Língua Portuguesa com suas linguagens, divisão e organização da Língua como um todo. Então, será possível possibilitar a todos os envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem de Educação Linguística, ser culturalmente sensível para aceitar as diferenças, respeitar seus valores e os valores do outro; transmitir os novos valores como acréscimo à aprendizagem e nunca como substituição, ou anulação dos demais conhecimentos, e, acima de tudo, professores e alunos tornar-se-ão capazes de despirem-se de preconceito racial, linguístico e social. Acredita-se que o uso dos Mapas Históricos-Geográficos-Físicos-Temáticos-Políticos, associados às disciplinas de uma nova grade curricular voltada para o respeito às diferenças, com certeza possibilitarão uma maior aproximação entre os povos, advindas de um melhor conhecimento sobre o que seja ensinar Língua Portuguesa.

A Constituição Federal, Art. 5º, garante que determina: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se, aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade...” Com base nestas palavras, podemos perceber como é contraditória a realidade; a lei garante a igualdade, porém, alguns cidadãos, nessa mesma nação, persistem em uma postura de desprezar, menosprezar, e até ridicularizar outra pessoa ou grupo, apenas porque estão enraizados em conceitos predeterminados, que, muitas vezes, não possuem nenhuma constatação sólida. Pode-se ressaltar o Código Penal Brasileiro, no capítulo I, da Disposição Preliminar, Art. 1º que “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação e preconceito de raça, cor, etnia, religião ou origem.” Infelizmente, nem todos os atos preconceituosos são punidos pela Lei; são atos gerados em relação a uma pessoa, a um povo, a uma atividade. Muitos desses atos podem ocorrer de forma inconsciente, mas podem gerar desconfortos, rejeição, e, inclusive, podem provocar a violência do apagamento da cultura e da identidade dos discriminados. Diante dessas constatações, acredita-se na necessidade da valorização do outro, do acolhimento e da aceitação, inclusive para facilitar o aprendizado da “língua de convivência”. Segundo HOUAISS (2004, p. 751) valorizar

é “dar ou reconhecer o valor, a importância de (algo, alguém ou si mesmo)... dar destaque positivo a...”. Destaca-se aqui que, não se trata de uma postura demagoga, mas sim, de reconhecer as qualidades e importância de cada um na construção do ambiente social dos povos falantes da Língua Portuguesa, onde quer que isso ocorra, inclusive no Portal da Amazônia.

A valorização que se pretende, utilizando-se os Mapas como instrumentos didáticos nas aulas de Língua Portuguesa, se estabelece numa relação de respeito. As partes envolvidas nessa situação terão oportunidade de conhecer e perceber em que áreas são parecidas e onde são divergentes, de maneira que se propicie a troca de informações e a aquisição de conhecimentos. Não se pretende, jamais, homogeneizar o ensino ou a população. Obviamente, é necessário que os aprendizes adquiram as mesmas posturas cidadãs, porém, respeitando-se as diferenças. Através da valorização e do contato que é gerado com a prática da pesquisa através dos mapas, contextualização de igualdades, semelhanças e diferenças, é possível entender as divergências culturais entre pessoas, grupos, povos e regiões, e, com isso, perceber o quanto é importante que exista o respeito mútuo pelas línguas e linguagens em contato na sala de aula e na sociedade em geral, no nosso exemplo na região Amazônica/Amazônida, local privilegiado de culturas divergentes em contato.

DUBOIS (2006, p. 163) diz que “Cultura é o conjunto complexo das representações, dos juízos ideológicos e dos sentimentos que se transmitem no interior de uma comunidade.” HOUAISS (2004, p. 204), também afirma que cultura é “conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades de um grupo social, conhecimento, instrução.”

O Art. 30º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos defende que “A língua e a cultura de cada comunidade linguística devem ser objeto de estudo e de pesquisa em nível universitário.” Em nosso caso, a Educação Linguística é direcionada ao ser humano enquanto construtor dessa sociedade rondoniense que vive e convive nesse Laboratório Linguístico que é o Estado de Rondônia. Acredita-se que, a Educação Linguística é a grande abertura da aproximação entre povos, etnias e sociedades. E não há como a educação escolar manter-se indiferente ao encontro inevitável em suas salas de aula. As diversidades culturais são espelhadas nos encontros que se fazem entre raças, religiões, local de residência, país de origem, classe social, profissão, atitude linguística, entre outros. Esses encontros conduzem a uma heterogeneidade linguística que destaca falares rurais, urbanos, gírias, sotaques e sintaxes diversas que adentram o aprendizado da língua de acolhimento, bem como da Língua Materna. Uma Educação Linguística para a vida reflete o modo utilizado pelo professor para desenvolver o ensino de Línguas, inclusive Língua Portuguesa Materna ou não Materna, de maneira que possibilite ensinar a língua em todos os seus aspectos: sintático, semântico, pragmático, morfológico e de uso. Dessa maneira, como já mencionado, todos se livram do preconceito racial, linguístico e social, e, espera-se, será despertado, nos envolvidos, o amor à Língua Portuguesa como língua aproximativa e jamais língua de afastamento. Acredita-se que a língua é um instrumento de luta e interação do homem, e não pode ser usada como meio de discriminação ou distanciamento de pessoas, grupos, povos ou nações, pois, mesmo não sendo Língua Materna, será a língua do país de acolhimento que o falante necessitará para interagir socialmente. Caso não haja essa compreensão, construiremos o preconceito linguístico.

As diferenças linguísticas dos falantes de Língua Portuguesa residentes em qualquer lugar do mundo, sejam eles brasileiros, estrangeiros ou nativos, não podem ser usadas como motivo de separação ou discriminação; ao contrário, devem ser consideradas como aquilo que são: fator de identidade. É preciso entender que as diferenças revelam culturas, histórias e percursos de vida. Essa diversidade é uma rica fonte de conhecimento e tem grande potencial na produção dos textos da Educação Linguística, sejam eles orais ou escritos. Adotar o ensino da Educação Linguística com os instrumentos Didático-Pedagógicos dos Mapas propostos, significa assumir a necessidade de agir como professor e como aprendiz, simultaneamente, inclusive preparar-se para ser questionado, interrogado, colocado na “berlinda” avaliativa dos outros professores. Muitos dirão: “e a avaliação”? e as “notas” dos alunos? Esta proposta e política de ensino preveem que a avaliação se dará sempre que as atividades forem aplicadas, a fim de diagnosticar o nível de aquisição de conhecimento adquirido pelo aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. Prioriza o conhecimento prévio e promove o aprendizado para a vida. Nesse sentido, o uso do mapa, em qualquer Prática Didático-Pedagógica da Educação Linguística, haverá de considerar três tipos de conhecimentos, a saber:

a) **Conhecimentos conceituais:** - Situar e reconhecer a Língua Portuguesa do Estado de Rondônia, ou da Amazônia, ou do local onde reside o falante; conhecer os povos, as variações dialetais que formam aquela sociedade e as influências dessa heterogeneidade nos aspectos linguístico-culturais do Estado de acolhimento; conscientizar-se de que há variações na oralidade que nem sempre podem ser transpostas à norma escrita-padrão.

b) **Conhecimentos procedimentais:** - Ler o mapa do local de acolhimento; - fichar os conhecimentos sobre povos daquele local e os aspectos linguístico-culturais; - listar os grupos sociais e os aspectos linguístico-culturais daquela sociedade; - elaborar um quadro com as variações dialetais dos grupos sociais do Estado de Rondônia, por exemplo, e comparar com outras palavras utilizadas para dizer a mesma coisa; - escrever textos sobre os aspectos linguístico-culturais e as diversas formas de expressão que os grupos sociais do Estado de Rondônia costumam utilizar; - ler e realizar Análise Linguística desses textos observando a norma escrita-padrão da Língua Portuguesa: ortografia, acentuação gráfica, coesão e coerência, concordância verbal; concordância nominal; gênero textual e adequação linguística ao gênero escolhido para a escrita; - Fazer a (re) escrita e a (re) leitura dos textos, após a Análise Linguística;- Apresentar os textos produzidos, em roda de leitura, para a turma.

c) **Conhecimentos atitudinais:** - Produzir e apresentar uma peça teatral que destaque os grupos sociais encontrados no Estado de Rondônia e suas diversidades linguístico-culturais, - Conhecer e respeitar os diferentes grupos sociais do Estado de Rondônia e valorizar as diferenças encontradas na linguagem e na cultura desses grupos sociais.

Exemplifiquemos, de modo mais esclarecedor, sem a pretensão de “receitar” metodologias, as ações didáticas de uma aula, o que, pretende-se, auxiliará o professor de Língua Portuguesa, durante suas aulas de Educação Linguística, a alcançar a concretização dos conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais, descritos anteriormente. Esta tem sido a aula que ministramos e que tem sido considerada, por alunos e demais professores, especialmente nas sessões de Estágio Supervisionado e/ou da Prática Como Componente Curricular, como uma “**Prática de Sucesso**”.

a) Inicialmente, o professor distribui um texto sobre a Amazônia, para os alunos, para realizarem juntos, professor e alunos, a leitura e discussão sobre/do texto: assunto, tema, mensagem, quem o escreveu, em que momento, importância do assunto, etc.;

b) A seguir, realiza-se um debate sobre a leitura feita, relacionando-a com a origem e a linguagem usada, procurando identificar se o assunto faz parte das linguagens dos povos tradicionais, dos migrantes e imigrantes, dos indígenas, enfim, se o texto significa alguma coisa para os que formam a sociedade rondoniense, possibilitando identificar, no Mapa Físico de Rondônia, as características

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

que marcam os povos: indígenas, remanescentes de quilombos, ribeirinhos, migrantes e imigrantes, destacando, também, quem são esses imigrantes (de onde vieram e em que região do Estado de Rondônia estão);

c) Olhando e analisando os ensinamentos que estão nos limites dos Mapas, discute-se a questão dos dialetos e das línguas que representam os povos ali encontrados;

d) Aproveita-se a oportunidade do debate iniciado para discutir os dialetos de uma mesma língua, no caso da Língua Portuguesa, destacando que: todos falam a mesma língua, porém, de modo diversificado;

e) Discute-se e prova-se, através de músicas, dados do folclore, receitas da gastronomia, entre outros, as variações dialetais de cada grupo social;

f) Com os povos identificados no Mapa de Rondônia, os alunos preenchem fichas, elaboradas pelo professor, destacando as marcas linguístico-culturais dos povos e populações identificados;

g) Após o preenchimento das fichas, realiza-se novo debate entre professor e alunos, sobre os grupos sociais formadores da sociedade rondoniense. Neste momento também são destacados os aspectos linguístico-culturais: gírias, posturas linguísticas, vestuário, gastronomia, festas, costumes, religiões e demais valores;

h) Agora, após as discussões e debates realizados, é o momento de praticar a escrita. Escreve-se sobre os debates efetuados, destacando, com incentivo do professor, a relevância do texto bem escrito em Língua Portuguesa, a relevância desta língua no registro histórico que nesse momento acontece.

O ensino da escrita, segundo os PCN de 5ª a 8ª séries (2000, p. 76), (atualmente 6º a 9º ano), diz que “nas atividades de produção que envolvem autoria ou criação, a tarefa do sujeito torna-se mais complexa, porque precisa articular ambos os planos: o conteúdo – o que dizer – e o da expressão – como dizer”.

Nossas investigações nos permitem afirmar que a escrita é uma atividade interativa entre duas ou mais pessoas, além de ser também dialógica, negociável e dinâmica, como a fala. A atividade interativa da escrita é uma atividade de expressão, de manifestação de ideias, intenções, informações, crenças ou de sentimentos que pretende-se partilhar com alguém, para, de alguma maneira, interagir com ele. Mesmo que esse alguém não esteja presente no momento da criação do texto. Portanto, é imprescindível que o professor, ao propor a escrita, informe aos alunos quem serão os leitores, pois, só assim, o aluno poderá ter uma referência, e, inclusive, preocupe-se com o modo e estilo daquilo que escreverá.

O trabalho com a escrita deve levar os alunos a criarem textos de verdade, com estrutura, com visão global, articulado, de forma a expressar algo significativo sobre os temas debatidos, sobre as leituras efetuadas, sobre a aprendizagem em curso. O professor também pode sugerir, fazer propostas de textos, aproveitando o momento para ensinar Tipologia Textual, bem como Gênero Textual. Apresenta-se explicação e esclarecimentos para que os alunos possam escrever em todos os gêneros, criando, assim, textos socialmente relevantes, com conteúdos interessantes que exerçam alguma função que não seja apenas a informativa, com contextualidade. Contudo, é necessário atentar para as condições de produção do texto, com método adequado, fazendo planejamento, escrita e revisão, e para que isso aconteça de forma correta é preciso dispor de tempo, não atropelar a aula pensando apenas nos itens gramaticais do texto escrito. A adequação da forma também deve ser considerada, respeitando-se a ortografia, os sinais de pontuação e a organização do texto, cujo conjunto facilitará o entendimento do leitor. Sobre o ensino da gramática, pode-se citar os PCNEM (2000, p. 16), que nos levam a refletir comprovando-nos que o estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do Ensino Médio, dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível. Diante do que já expusemos, tomamos a liberdade de sugerir que, ao invés de aulas de gramática, ocorra a prática de Análise Linguística.

i) De posse desses dados e desses conhecimentos, os alunos, com a orientação do professor, elaboram quadros descritivos que demonstram as variações dialetais da Língua Portuguesa, quais outras línguas estão presentes na sala de aula, quais os diversos grupos sociais identificados, comparando-os com outros povos, com outras palavras, com outros modos de expressão utilizados para dizer a mesma coisa, ou para registrar os mesmos sentimentos. Para que a elaboração desse quadro seja fiel à realidade, primeiramente ensinamos aos alunos que as marcas sociais de uma comunidade são evidenciadas em suas manifestações culturais. Entendemos aqui como “cultura” um conhecimento que pode ser adquirido socialmente, ou seja, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade. Esse conhecimento deve ser interpretado como forma de fazer algo e forma de aprender algo (LYONS, 1981). Os espaços da sociedade que permitem tornar evidentes suas marcas sociais são, de modo geral, eventos como as festas, as manifestações religiosas, a gastronomia e o folclore. Nessas realizações sociais a linguagem e a cultura dos povos explodem como sinais identitários únicos e particulares.

O modo natural das danças típicas, a linguagem da culinária, o vestuário e a expressividade, tornam-se marcas de identificação que, se valorizadas e utilizadas no ensino-aprendizagem da Educação Linguística Formal, conseqüentemente provocarão mudanças de atitudes e de práticas didático-pedagógicas. Os textos orais, os contos populares, as lendas, as histórias das tradições, podem transformar-se em rico material na aprendizagem da(s) língua(s) e da(s) cultura(s). Sugere-se, inclusive, que esta possa ser uma metodologia de divulgação e aprendizagem sobre as marcas sociais Amazônicas/Amazonidas..

j) Posteriormente, ocorre, individualmente, uma escrita de textos sobre os aspectos linguístico-culturais e as diversas formas de expressão que os grupos sociais do Portal da Amazônia utilizam para se comunicarem.

k) Quando os textos estão prontos são apresentados para a Análise Linguística.

Parece-nos relevante a reflexão sobre o que é a Análise Linguística dos textos escritos pelos alunos. A Análise Linguística é o momento especial da escrita, pois, ultrapassa as fronteiras da reflexão sobre o funcionamento da língua. Além disso, chama-nos para refletirmos sobre o modo e a estrutura da escrita coesa e coerente. E mais: as discussões a respeito dos aspectos formais da escrita são elaboradas no momento da organização e revisão dos textos, eliminando-se com esse fazer, um estudo de gramática descontextualizado

e inócuo. Atividades com Análise Linguística permitem ao professor envolver, em suas aulas, todas as competências que o aluno deve desenvolver no estudo de Língua Portuguesa, que são a oralidade, a leitura e a escrita. Ao considerar essas questões de práticas pedagógicas, em aulas de Língua Portuguesa, pode-se perceber que o ensino da língua, nos Ensinos Fundamental e Médio, não precisa necessariamente formar gramáticos ou linguistas especialistas; é preciso apenas que consigamos levar os aprendizes a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua. Ao propiciar este trabalho e estudo cumpre-se o papel da Educação Linguística e da escola: instrumentalizar os alunos para transitarem nos textos não-escolares e escolares.

No momento da Análise Linguística dos textos produzidos pelos alunos o Professor de Língua Portuguesa solidifica o trabalho Multicultural lembrando aos alunos que o lugar da Amazônia está relacionado com a manutenção das atividades tradicionais e do conhecimento empírico da população local sobre a região, devido à importância de sua biodiversidade, da água potável e do sequestro de carbono realizado pela floresta. Fala-se em um capital natural que deve ser mantido e preservado e por isso o desenvolvimento local endógeno surge como opção de um modelo de desenvolvimento econômico que traga maior segurança aos recursos, à sociedade e à floresta, além de menores desigualdades sociais e regionais, ou seja, um desenvolvimento de “baixo para cima” ou de “dentro para fora”. Volta-se a visualizar nos Mapas-Didáticos, já comum ao estudo de todos, que, a variação linguística não pode ser ignorada, pois essa variação representa a diversidade cultural do nativo.

Nesse sentido é que volta-se a afirmar que é impensável um estudo de Língua Portuguesa que não tenha como prioridade considerar a diversidade e heterogeneidade linguística do país. Em primeiro lugar, os alunos já estão conscientes de que a variação linguística presente nas salas de aula que frequentam, especialmente em terras de migrantes, não é só deles, alunos. Também o professor é um migrante, com variação própria, com identidade linguística também marcada. Nesse sentido, as línguas nativas são riquezas que integram as demais potencialidades do contexto onde estão. Seja na Amazônia, onde situa-se esse imenso Laboratório Linguístico, seja em qualquer parte do Planeta, o Nativo é o homem do saber local e o migrante ou imigrante precisa aprender e respeitar seus conhecimentos. Tal saber só é possível de ser registrado e transmitido se a sua língua puder registrá-lo em toda a sua expressividade, em integração com a Língua Portuguesa que precisará aprender e compreender para a melhor qualidade de sua vida.

Considerando-se a relevância pessoal, social, institucional e a importância incontestável da relação entre contexto a linguagem, torna-se imprescindível relacionar e refletir sobre a linguagem de povos nativos no contexto amazônico, caracterizado por problemas bem específicos como: conflitos de terras, biopirataria, questões indígenas, problemas com o narcotráfico, garimpos, avanço da pecuária e, sobretudo, a depredação ambiental. Acredita-se que as aulas para a Educação Linguística, deverá propor uma abordagem que reflita sobre esses conflitos. Nesse sentido, faz-se necessário um estudo voltado para o planejamento harmonioso dos aspectos sociolinguístico ambientais na Amazônia, como forma de subsidiar o desenvolvimento sustentável na região e desnudar as linguagens que impedem ou inviabilizam esse desenvolvimento. Ao contemplar apenas um aspecto, que seja o social, o econômico ou o ambiental, apresentá-los lacunas insanáveis e necessárias para uma fundamentação epistemológica completa e consubstanciada teoricamente numa visão de valorização dos povos nativos, em qualquer parte do Planeta. Um dos conceitos mais apreciados pela ecologia social é a diversidade: esta noção também nos foi apresentada por Darwin que concluiu que a teia da vida é composta por milhões de seres diferentes inter-relacionados. Na biosfera, para que possa haver certa estabilidade, é necessário que haja também muita diversidade de espécie, pois, sua redução pode significar o colapso de todo o sistema. Nas Línguas impera o mesmo princípio: quanto mais conhecemos e respeitamos a língua do Outro, mais ricos nos tornamos. Um fator determinante que contribui para esse enriquecimento é a influência dos meios de comunicação, sobretudo nas áreas de fronteiras, como é o caso do Portal da Amazônia. Tal conhecimento, acredita-se, não pode ser ignorado pelas aulas de Educação Linguística, que devem ser dialogadas, refletidas e realistas.

### CONSIDERAÇÕES GERAIS

Estudar uma língua significa compreender que ela será sempre o resultado de uma complexa transformação histórica, que se caracteriza no tempo e no espaço, por uma série de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização de uma língua dependerá de condições sociológicas, pois, como defendemos, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão de mudanças da língua. Estudar uma língua é também estudar seu passado, sua história, suas fases anteriores. A história das línguas românicas, por exemplo, se entrosa com a do Latim e a deste, através do Itálico, vai acabar no Indo-Europeu. Basta verificarmos os registros históricos e logo descobriremos que o Latim falado no tempo de Ênio não é o mesmo dos contemporâneos de Cícero, nem o desse tempo é idêntico ao de São Jerônimo. O português de onde D. Dinis extraía as suas Cantigas de Amor e de Amigo não é o mesmo português de Camões, nem o deste é o mesmo de Herculano.

O fato mesmo de ser imprescindível instrumento de comunicação acarreta mudança à língua: as palavras mais frequentemente usadas são também as que mais transformações sofrem. Grupos de palavras acabam por se aglutinar e o desgaste vai provocando reações. Por isso, a todo instante surgem inovações, cujo destino vai depender da estrutura social, ou seja, vai depender da força de como a língua, como instituição, se impõe aos indivíduos.

Parece-nos, portanto, que não há como separar, entre os povos, a Língua, a Cultura e a Sociedade. Nesse sentido, o homem é responsável direto pela construção e reconstrução da sua Língua-Mãe e esta ao mesmo tempo em que é formada pelos Homens é também responsável pela formação cultural daqueles que dela fazem uso.



A partir da constatação de que a valorização da diversidade linguística é imprescindível para que, nas escolas, os educandos se sintam valorizados e acolhidos, bem como para que aprendam a valorizar e a acolher, afirmamos e acreditamos que não há disciplina escolar que mais se volte para essa temática do que o ensino da Língua Materna, neste caso da Língua Portuguesa, não só pelo conteúdo que encerra, mas também pela dinâmica desta no contexto educativo; afinal é através da Língua Portuguesa que aprendemos a ler e a escrever, a nos relacionar com os outros, a aprender as outras disciplinas. É com essa maravilhosa Língua Portuguesa que fazemos todas as nossas aprendizagens ao longo da vida, sejamos nativos, migrantes ou imigrantes nesse/desse imenso país que é o Brasil.

#### **BIBLIOGRAFIA GERAL**

- ANÇÃ, Maria Helena. (2007). *Línguas maternas e Língua materna*. In: UA on line. 21 de fevereiro de 2007. Disponível em [www.dte.ua.pt](http://www.dte.ua.pt). Acessado em 21/02/2007.
- BOURDIEU, Pierre. (1996). *A economia das trocas linguísticas; o que falar quer dizer*. Tradução de Sérgio Miceli e outros. EDUSP, São Paulo, 198 p.
- BRASIL. (2003). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos – Novas Perspetivas em Política Linguística*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, Mercado de Letras, Campinas, 105 p.
- BRASIL. Código Penal Brasileiro. Decreto-Lei n. 2.848, promulgado em 07 de Dezembro de 1940. Senado, Brasília. Disponível em: [http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp\\_DL2848.pdf](http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf). acessado em 10/09/2008.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Senado, Brasília. Disponível em <http://www.amperj.org.br/store/legislacao/constituicao/crfb.pdf>. Acessado em 10/09/2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: língua portuguesa*. MEC/SEF, Brasília, 128 p.
- DUBOIS, Jean *Et al.* (2006). *Dicionário de Linguística*. Cultrix, São Paulo, 615 p.
- GOES, Hércules. (1996). *Rondônia Terra de Imigrantes – Histórias de Sucesso*. Ecoturismo, Porto Velho, 124 p.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. (2005). *Amazônia, Amazônias*. 2 ed. Contexto, São Paulo, 148 p.
- HOUAISS, Antonio. (2005). *Dicionário*. 2 ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 612 p.
- LIONS, John. (1981). *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Koogan, Guanabara, Rio de Janeiro, 322 p.
- MENEZES, Esron Penha de. (1988). *Território Federal do Guaporé – Retalhos para a história de Rondônia*. Gênese, Porto Velho, 304 p.
- MORIN, Edgar. (2007). *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. 12 ed. UNESCO, Brasília, 107 p.
- PESSOA, Fernando. (1999). *Livro do desassossego*. Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 536 p.
- ROQUETE – PINTO, E. (1938). *Rondônia*. 4 ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 624 p.
- SILVA, Maria das Graças S. N. (2003). *Espaço Ribeirinho*. Terceira Margem, Porto Velho, 89 páginas.

---

#### **43. MARIA HELENA ANÇÃ, UNIVERSIDADE DE AVEIRO/AICL**



GALIZA 2012



SEIA 2013

**M<sup>a</sup> Helena Ançã**, Prof.<sup>a</sup> Associada c/ Agregação da Universidade de Aveiro, Departamento de Educação. Coordenadora (c/ Cristina Sá) do Laboratório de Investigação em Educação em Português, do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (Universidade de Aveiro). [mariahelena@ua.pt](mailto:mariahelena@ua.pt)

**É SÓCIA DA AICL.**



## JÁ PARTICIPOU EM COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 18º GALIZA 2012, 19º SEIA 2013, 22º SEIA 2014

TEMA 2.5 A disciplina de Português no âmbito do novo currículo do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste. Maria Helena Ançã, (mariahelena@ua.pt) / CIDTFF1- Universidade de Aveiro, Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)

O presente texto pretende dar a conhecer um projeto que decorreu na Universidade de Aveiro (UA), de 2010 a 2013: *Reestruturação do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste* coordenado por Isabel P. Martins e Ângelo Ferreira, da mesma Universidade.

Este projeto resultou de um Protocolo de Cooperação entre o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) e o Ministério da Educação de Timor-Leste, tendo a FCG contactado/convidado a UA para o desenvolvimento do projeto, com financiamento do Fundo da Língua Portuguesa.

Para o efeito, foi concebido um Plano Curricular para o Ensino Secundário Geral (10.º, 11.º e 12.º), com 14 áreas disciplinares, para as quais se construíram os programas, os manuais do aluno e os guias do professor, sendo o Português uma disciplina nuclear em todo este processo.

É, pois, objetivo deste texto apresentar os pressupostos subjacentes à construção dos materiais didáticos para o ensino do Português na realidade educativa timorense, assim como divulgar alguns desses materiais.

### 1. AS LÍNGUAS OFICIAIS DE TIMOR-LESTE: BREVE INTRODUÇÃO

Começemos por atentar em dois documentos legislativos que serão nucleares para o encadeamento deste texto e para as opções metodológicas decorrentes.

Em primeiro lugar, a Constituição da República Democrática de Timor-Leste que entrou em vigor de/em maio de 2002, na sequência da restauração da independência. Em termos de políticas linguísticas apresenta dois artigos basilares: o artigo 13º que determina as línguas oficiais e as línguas nacionais, sendo oficiais o Tétum (Praça) e o Português, e cabendo ao estado a valorização e o desenvolvimento do Tétum e das outras línguas nacionais; o artigo 159º que designa o Indonésio e o Inglês como línguas de trabalho na administração pública, “enquanto tal se mostrar necessário” (República Democrática de Timor-Leste/RDTL, 2002: 45), para além, obviamente, das línguas oficiais. São, por conseguinte, estas quatro línguas a deter um estatuto particular em Timor-Leste.

O segundo documento, a Resolução do Parlamento Nacional 20/2011, explicita as razões para a escolha das línguas oficiais e para o seu ensino, como forma de consolidar a unidade e coesão nacionais e uma identidade própria (Jornal da República, 2011). Para a escolha das línguas oficiais, num território multilíngue como o de Timor, era necessário escolher, entre as diversas línguas, aquelas que, pelas funções exercidas, em termos linguístico-comunicativos ou simbólicos, fossem um elo entre os timorenses. Assim, o Tétum-Praça e a Língua Portuguesa (LP), por cumprirem estas funções, foram escolhidas para línguas oficiais.

Nos anos setenta do século passado, o Tétum-Praça apresentava-se já “*como língua franca urbana*” (Jornal da República, 2011: 5132), mais de natureza oral, enquanto o Português, com um longo passado de língua escrita, era associado ao ensino, desde as primeiras escolas primárias no século XVII e, no século seguinte, sendo usada como língua da administração. Para além disso, a LP constituía uma “*herança cultural*” e simbolizava a resistência ao domínio indonésio (ver ainda Ruak, 2001).

Por outro lado, esta língua apresenta-se uma porta estratégica para a “*interação com povos historicamente irmanados, no seio da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*” (Jornal da República, 2011:5132). A mesma Resolução afirma ainda que “*(...) em 1975 foi unânime o reconhecimento da necessidade de valorizar a língua portuguesa como elemento unificador na cultura nacional de Timor-Leste*” (Jornal da República, 2011:5132-5133).

Corte-Real (2006), Corte-Real e Brito (2010) reiteram as razões atrás evocadas, no que concerne à escolha destas duas línguas oficiais: a (reintrodução da) LP, como forma de preservar a identidade histórica, cultural e política da RDTL, após vinte e quatro anos de domínio indonésio, embora falada apenas por 5% da população; o Tétum, como o idioma timorense mais difundido em Timor, de entre os 16 111 identificados. Luís Costa (2001), num texto mais antigo, publicado na *Revista Camões*, frisa ainda a importância do Tétum como um elemento constitutivo da identidade nacional, enquanto Freitas (2012:7) refere a LP como “*a língua estrangeira intrínseca à nossa identidade como Nação*”. Podemos então afirmar que a identidade timorense se projeta nestas duas línguas, secularmente parceiras, como foram designadas por Corte-Real e Brito (2006).

### 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

Na Constituição da República, a Educação desempenha um papel preponderante, cabendo ao Estado a criação de um ensino básico gratuito e obrigatório. Na sequência, vários documentos foram produzidos para a consolidação do sistema educativo na RDTL (cf. Martins e Ferreira, 2013 e Ramos e Teles, 2012).

---

111 Segundo Lewis et al. (2015) existem 20 línguas timorenses, considerando nestas as duas variedades de Tétum (Tétum Dili e Tétum, simplesmente, porventura Térique) e a LP. De entre estas línguas encontra-se uma praticamente extinta: “Pidgin, Timor” ou Português de Bidau.

O Programa do IV Governo Constitucional espelha essas preocupações quando atribui à Educação uma prioridade, porque investimento no desenvolvimento do país em termos económicos e sociais: “*The Government is electing **Education112** as an investment in the Country’s futures and therefore is going to accentuate priority intervention areas, through the creation of an action plan guided towards the reform of the education system*” (IV Constitutional Government Program 2007-2012:8).

Segundo o Ministro da Educação de então, Professor Doutor João Câncio Freitas (2012: 9), as iniciativas no setor da Educação, durante esse período, centraram-se em torno de dois objetivos orientadores:

a) garantir acesso universal à educação;

b) melhorar a qualidade do ensino, de forma a dotar o nosso povo, principalmente os jovens, de conhecimentos e qualificações que lhes permitam participar no mercado global.”

Este governo aprova, em 2008, a Lei de Bases da Educação (Lei 14/2008, de 29 de setembro). Três anos mais tarde, são aprovados os planos curriculares para o 3º Ciclo do Ensino Básico (Resolução do Governo nº 24/2011, de 7 de setembro) e para o Ensino Secundário Geral (Decreto-Lei nº 47/2011, de 19 de outubro).

Neste quadro, justifica-se o surgimento do projeto *Reestruturação do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste* que teve como coordenadores gerais Isabel P. Martins e Ângelo Ferreira, na sequência de um Protocolo de Cooperação entre o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, atualmente Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, a FCG e o Ministério da Educação de Timor-Leste. A UA foi contactada pela FCG para desenvolver este projeto com financiamento do Fundo da Língua Portuguesa.

Para o efeito, foi concebido um Plano Curricular para o Ensino Secundário Geral (10.º, 11.º e 12.º anos), com 14 áreas disciplinares, para as quais se elaboraram os programas, os manuais do aluno e os guias do professor. Este currículo veio responder às prioridades do Governo timorense, tendo em conta, por um lado, as referências internacionais para o Ensino Secundário, por outro, a contextualização local, de carácter geográfico, cultural e sociopolítico (Martins e Ferreira, 2013). Para contactar com a realidade educativa timorense e para melhor conhecimento do terreno, realizaram-se várias missões técnicas à RDTL, nas quais participaram quase todos os membros das 14 equipas. Pela importância atribuída à LP como mediadora e veículo de acesso aos conhecimentos em todo o processo de ensino e de aprendizagem das diferentes matérias, este projeto foi designado por *Falar Português – Reestruturação do Ensino Secundário Geral*.

Foram eleitas as seguintes grandes finalidades para este nível de ensino:

1. *Proporcionar aos alunos oportunidades de escolha ao nível da formação secundária, oferecendo percursos distintos que permitam quer o prosseguimento de estudos, quer a inserção na vida ativa;*

2. *Assegurar o desenvolvimento de literacias e de competências transversais e específicas no âmbito de diferentes áreas curriculares;*

3. *Desenvolver competências linguísticas e comunicativas que permitam a participação na sociedade tradicional timorense;*

4. *Consolidar competências linguísticas, comunicativas e digitais que permitam a participação dos jovens na sociedade global;*

5. *Promover o desenvolvimento da capacidade de reflexão, raciocínio e de espírito crítico e o respeito pela diversidade;*

6. *Contribuir para a construção de uma perspetiva sobre o mundo que tenha em consideração a diversidade social, cultural e linguística;*

7. *Valorizar o papel do conhecimento científico pluridisciplinar na compreensão de problemas à escala local, nacional e global e a necessidade de uma perspetiva integrada de conhecimentos para a sua resolução ou mitigação;*

8. *Aumentar o nível de formação dos jovens melhorando a sua capacidade para mobilizar e integrar conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento económico, social e ambiental da sociedade em que se inserem;*

9. *Proporcionar condições para que o exercício de cidadania, nas várias dimensões, seja conduzido numa ética de responsabilidade partilhada.*

(ME/RDTL, 2011:17-18)

Como enunciado em cima (finalidade 1), o Currículo do Ensino Secundário Geral estrutura-se segundo percursos diferenciados, a saber:

i) Ciências Sociais e Humanidades;

ii) Ciências e Tecnologia. Para além das disciplinas específicas incluídas em cada percurso, todos os alunos devem frequentar as disciplinas do ‘tronco comum’, ou seja, de uma componente geral.

Este grupo de disciplinas visa promover o desenvolvimento, pelos alunos, de competências gerais e transversais, de competências linguísticas, comunicativas, interculturais, interpessoais e digitais, fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo e da comunidade.

A componente geral é composta por oito disciplinas no 10.º e no 11.º: Tétum, **Português**, Inglês, Indonésio, Cidadania e Desenvolvimento Social, Tecnologias Multimédia, Religião e Moral, Educação Física e Desporto. No 12.º ano surgem apenas sete disciplinas, dado que a Educação Física e Desporto não se mantém no plano de estudos do 12.º ano.<sup>113</sup>

### 3. A DISCIPLINA DE PORTUGUÊS

A disciplina de *Português* constitui-se como um espaço de reflexão sobre a LP, língua partilhada pelos vários países e povos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), e por isso, se pretende desenvolver nos alunos o sentido de pertença a esta Comunidade. Neste sentido, por ser uma língua pluricêntrica, a LP é perspectivada na sua diversidade e unidade. Por outro lado, não é descurado o facto de Timor-Leste ser um país multilíngue, onde várias línguas maternas (LM) convivem com a LP na escola e na sala de aula. Como já referido, foi produzido um conjunto de materiais didáticos no âmbito da disciplina de Português:

- o programa do 10.º, 11.º e 12.º anos (Oliveira, Ferreira e Ançã, 2011);
- os manuais do aluno e os guias dos professores para os mesmos anos (Oliveira, Reigota, Silva e Ferreira, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b).

A coordenação da disciplina de Português ficou a cargo de M. H. Ançã, tendo sido consultora científica desta área Maria Elisabete Afonso.

Estes documentos estão a ser utilizados pelas Escolas, desde 2012 para o 10.º ano, em/desde 2013 para o 11.º, e em/desde 2014 para o 12.º ano<sup>114</sup>, não obstante as dificuldades institucionais, logísticas e organizacionais (Martins e Ferreira, 2013).

#### 3.1. O PROGRAMA

O programa da disciplina de Português para o Ensino Secundário Geral foi elaborado tendo em conta a articulação com os programas de Português dos ciclos anteriores e legislação educativa timorense e ainda com documentos internacionais de referência (CE, 2001, por exemplo).

Este programa procura aprofundar o desenvolvimento de um conjunto de competências gerais e transversais (conhecimento declarativo/saber, competência de realização/saber-fazer, competência existencial/saber ser/saber-estar, competência de aprendizagem/saber-aprender) e de competências específicas (compreensão oral, expressão oral, compreensão escrita, expressão escrita, funcionamento da língua), sendo apontadas ainda Metas de Aprendizagem.<sup>115</sup>

Para além disso, as atividades linguísticas encontram-se integradas em quatro tipos de domínios: o público (atendimento em estabelecimentos comerciais e serviços, meios de comunicação social, manifestações culturais, etc.), o privado (percurso linguísticos, vivências familiares, atividades de lazer, etc.), o profissional (percursos de formação, escolhas profissionais, procura de emprego...) e o educativo (temas transversais a outras disciplinas do currículo, como a sustentabilidade ambiental/Geografia e Biologia, as línguas globais/Inglês, a internet/Tecnologias Multimédia)<sup>116</sup>.

Para a elaboração do programa desta disciplina, considerámos as seguintes linhas de força:

- i) o desenvolvimento de competências linguísticas, comunicativas (orais e escritas) e metalinguísticas em LP, que irão favorecer uma utilização mais correta, mais adequada e mais refletida sobre a língua, em diferentes contextos sociais;
- ii) a promoção de um diálogo com as diferentes línguas de Timor-Leste, em especial com o Tétum, por uma aproximação a uma abordagem comparativa a realizar pelo aluno, tendo em conta os aspetos interlinguísticos e interculturais (Ançã, 2008; James, 1995).

A LP desempenha, por conseguinte, uma dupla função, como objeto de estudo e de reflexão, mas também como veículo de comunicação/informação. Nesta última qualidade, cumpre a função de instrumento de acesso aos conhecimentos e é igualmente por esta via que contribui para o sucesso educativo, social e profissional (Oliveira, Ferreira e Ançã, 2011). Não sendo a LP a LM da esmagadora maioria dos alunos timorenses, esta assume, contudo, um estatuto peculiar no contexto escolar timorense, dado ser uma das línguas oficiais (a par do Tétum) e de escolarização. Nesse sentido, e considerando o percurso efetuado pelos alunos até à entrada no Ensino Secundário (nove anos de escolarização em LP), o programa prevê o ensino-aprendizagem do Português como Língua Segunda, conciliando metodologias provenientes de diferentes abordagens didáticas, num *continuum* Língua Estrangeira – Língua Segunda – LM (Oliveira, Ferreira e Ançã, 2011).

#### 3.2. OS MANUAIS DO ALUNO E OS GUIAS PARA O PROFESSOR: CONTEÚDOS TEMÁTICOS

<sup>113</sup> Os programas das disciplinas de Indonésio, Religião e Moral e Educação Física e Desporto não foram da responsabilidade da equipa portuguesa.

<sup>114</sup> O mesmo sucedeu com as restantes disciplinas.

<sup>115</sup> As metas de aprendizagem consistem em evidências de desempenho que se espera que o aluno manifeste no final de cada ano de escolaridade relativamente a cada uma das competências específicas da disciplina de Português (MEC, 2011).

<sup>116</sup> Segundo o CE (2001: 36): "As atividades linguísticas inscrevem-se no interior de *domínios*, eles próprios muito diversos, mas que, relativamente à aprendizagem das línguas, podem ser classificados, de forma geral, em quatro setores: o *domínio público*, o domínio privado, domínio profissional e domínio educativo".

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

Os manuais escolares destinados aos alunos e os guias didáticos para os professores contemplam os três anos deste ciclo de estudo e servem de apoio à disciplina de Português. Trata-se de materiais que foram concebidos no sentido de apresentar propostas didáticas diversificadas e enquadradas no contexto sociocultural de alunos e professores, seguindo orientações investigativas recentes em ensino de línguas (ME/RDTL, 2011).

Os conteúdos temáticos propostos para este ciclo materializados quer em manuais quer em guias espelham, obviamente, as propostas do Programa de Português. Cada ano de escolaridade segue um grande tema aglutinador, especificado em três unidades temáticas que se subdividem em subtemas. Esquemmatizando:

### *10.º Ano – Os jovens no mundo de hoje*

Unidade temática 1 – Conviver em várias línguas

Subtema 1 – Línguas em Timor-Leste

Subtema 2 – O mundo lusófono

Subtema 3 – Línguas globais

Unidade temática 2 – Viver a tradição e a mudança em Timor-Leste

Subtema 1 – Vivências familiares

Subtema 2 – Dinâmicas em comunidade

Subtema 3 – Meios rurais e urbanos

Unidade temática 3 – Sonhar e construir futuros

Subtema 1 – Escolhas formativas e profissionais

Subtema 2 – Oferta e procura de emprego

### *11.º Ano – Um mundo a descobrir*

Unidade temática 1 – Sociedade de informação e conhecimento

Subtema 1 – Meios de comunicação social

Subtema 2 – Internet e comunicação interativa

Unidade temática 2 – Vida cultural

Subtema 1 – Formas de expressão artística

Subtema 2 – Identidades culturais

Unidade temática 3 – Mobilidade

Subtema 1 – Migrações

Subtema 2 – Turismo

### *12.º Ano – Desenvolvimento sustentável*

Unidade temática 1 – Sustentabilidade económico-social

Subtema 1 – Desequilíbrios económico-sociais

Subtema 2 – Promoção da igualdade social

Unidade temática 2 – Consciência ambiental

Subtema 1 – SOS. Terra

Subtema 2 – Salvar o Planeta

Unidade temática 3 – Diversidade linguístico-cultural

Subtema 1 – Terra: um mosaico linguístico-cultural

Subtema 2 – Em defesa da diversidade

Fazendo uma breve incursão pelas temáticas propostas nestes materiais, encontramos para o 10.º ano o tema aglutinador, “Os jovens no mundo de hoje”, com uma focalização inicial em situações mais próximas da realidade dos estudantes timorenses, por exemplo, o seu universo linguístico, as suas vivências em família e em comunidade e os seus projetos pessoais e profissionais, para, posteriormente, alargar a outras situações e outras realidades mais distantes, como a presença da LP em outros países ou culturas.

Para os temas do 10.º ano “Conviver em várias línguas”, “Viver a tradição e a mudança em Timor-Leste” e “Sonhar e Construir Futuros” são usados textos assentando nos seguintes domínios: textos do domínio privado (biografia linguística, carta informal, entrada de diário, relato de vivências) textos do domínio público (nota biográfica, questionário, carta aberta, folheto), textos do domínio profissional (anúncio de emprego, carta de candidatura, *curriculum vitae*, entrevista de emprego), textos do domínio educativo (exposição oral...) **117**. São convocados para o efeito sobretudo autores

---

**117** Em Anexo encontra-se, para exemplo, o quadro-síntese dos vários elementos articulados referentes ao 10.º ano: unidades temáticas, subtemas, tópicos de desenvolvimento, textos e funcionamento da língua (Oliveira, Ferreira e Ançã, 2011:18-19).



do mundo lusófono, tais como: Rui Cinatti, Davi Borges de Albuquerque, Luís Cardoso, João Paulo Esperança, Mia Couto, José Saramago, Ary dos Santos, Gilberto Gil, Agnello Regala, Alda Espírito Santo...

No 11.º ano a ligação entre o contexto timorense e o contexto exterior apresenta-se ainda mais acentuada. O tema deste ano, “Um mundo a descobrir”, aglutina um conjunto de temáticas (“Sociedade de informação e conhecimento”, “Vida cultural, “Mobilidade: migrações e turismo”) que pretendem não só desenvolver os conhecimentos do aluno em relação à sociedade na qual está inserido, como também posicioná-lo criticamente numa comunidade mais alargada (do contexto asiático ao mundo, em geral). Os textos deste ano inserem-se nos quatro tipos de domínios: privado (conto, Crónica de viagens), público (artigo de opinião, notícias publicidade, programa radiofónico, artigo de apreciação crítica de cinema e literário, panfleto turístico, entrevista, debate), educativo (regulamento de bolsas de estudo, exposição oral) e outros. Conta com textos retirados quer de Enciclopédias, quer de jornais *online* e blogues, quer ainda de excertos ou adaptações de textos/obras/discursos de autores, como Luís Cardoso, Ângela Carrascalão ou Mia Couto, ou ainda o poema de Fernando Sylvan (“Rota”)<sup>118</sup>.

No 12.º ano pretende-se atingir um nível de maior abstração, introduzindo o tema “Desenvolvimento sustentável” que abarca áreas novas, como a sustentabilidade ambiental, e retomando algumas já trabalhadas (como a diversidade linguística e cultural e o mundo do trabalho) mas, de um modo mais aprofundado e global, estendendo-se às grandes problemáticas que afetam o mundo atual e a vivência em sociedade (sustentabilidade económica e social, consciência ambiental, defesa das línguas).

Aqui encontramos textos do domínio privado (o conto), do domínio público (declaração, carta de recomendação, requerimento, debate), do domínio profissional (artigo científico e técnico, relatório, ata) e do domínio educativo (resumo, exposição oral). Os autores selecionados são diversificados, porque também são diversificadas e interdisciplinares as temáticas abordadas: quer não lusófonos (Robert Kungiz, Chris Johns...) como lusófonos (Aqualusa, Carlos Serra, por exemplo).

O pressuposto de partida foi, como já referido, privilegiar inicialmente a comunidade local e o contexto timorense, no âmbito do contexto asiático (pela pertença geográfica), passando, de seguida, para o contexto lusófono (pela partilha linguística e histórico-cultural) e, por fim, para contextos mais alargados numa perspetiva global.

De salientar ainda que cada tema, com os respetivos subtemas, trabalham as diferentes competências específicas do programa de Português: oralidade, escrita, leitura e funcionamento da língua.

#### 4. COMENTÁRIOS FINAIS

Os projetos não acabam, estendem-se ou encontram outras formas de desenvolvimento. Assim, também o projeto *Falar Português – Reestruturação do Ensino Secundário Geral* viu a sua continuidade na formação de professores no âmbito dos novos programas e com os novos materiais didáticos para as diferentes áreas: o *Projeto de Formação Inicial e Contínua de Professores/PFICP que não só formou docentes para o Ensino Secundário Geral, como ainda para o Ensino Técnico-Vocacional. Esta formação decorreu de 2012 a 2014, no INFORDEPE/Instituto Nacional de Formação de Docentes e Profissionais da Educação, através de um programa de cooperação criado por protocolo entre o Ministério da Educação da República Democrática de Timor-Leste e o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal.*

Foram responsáveis por este programa de formação: o Dr. Antoninho Pires, Coordenador-Geral do PFICP e a Dra. Ana Luísa Oliveira, Coordenadora-Adjunta Científico-Pedagógica para o Ensino Secundário, e coautora dos diferentes materiais didáticos para a disciplina de Português, no âmbito do projeto inicial.

Devemos, por outro lado, assinalar uma outra extensão do projeto *Falar Português – Reestruturação do Ensino Secundário Geral*: o projeto de investigação *Avaliação do impacto da reestruturação do ensino secundário em Timor-Leste – um estudo no âmbito da cooperação internacional.*

Trata-se de um projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/MHC-CED/5065/2012), proposto a esta entidade por Patrícia Albergaria Almeida, do CIDTFF/UA, estando atualmente a ser coordenado por Isabel Cabrita do Departamento de Educação e do CIDFTT/ UA. Neste projeto pretende-se avaliar de que modo está a ser implementado o Ensino Secundário Geral, nas suas 14 áreas curriculares, e proceder a eventuais ajustes. Em março deste ano foram publicados os primeiros resultados deste projeto (Cabrita, 2015)<sup>119</sup>.

Uma das principais dificuldades citadas na implementação da Reestruturação Curricular do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste prende-se, sobretudo, com a falta de um bom domínio da LP por parte dos docentes timorenses. Estes resultados vão ao encontro de todas as preocupações presentes nestes projetos. Importa, pois, continuar a atuar de forma a desenvolver e a consolidar as competências linguísticas em Português nos docentes e a apostar na sua formação pedagógico-didática, para que a ação multiplicadora destes tenha os efeitos esperados nos jovens, cidadãos timorenses, lusófonos e cidadãos do mundo.

#### AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Maria Elisabete Afonso a leitura atenta deste texto e ainda o seu envolvimento como consultora científica da disciplina de Português.

<sup>118</sup> In *Poemas de Timor*, de 1965.

<sup>119</sup> A 16 de outubro de 2015, vai decorrer no Departamento de Educação da UA o Encontro Final deste projeto, subordinado ao tema: *Educação em Timor-Leste: (re)(des) construindo o futuro.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Ançã, Maria Helena (2008), *Da Competência Metalinguística à Consciência Linguística: Conceitos e Pressupostos em Didática das Línguas. Lição de Síntese para efeitos de Provas de Agregação em Educação*. Aveiro: Universidade de Aveiro (não publicada).
- Cabrita, Isabel (Coord.) (2014), *Implementar a Reestruturação Curricular do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste. Construindo Qualidade*. Aveiro: UA Editora.
- Conselho da Europa/CE (2001), *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação* (trad.). Porto: ASA.
- Corte-Real, Benjamim de Araújo (2010), *Política linguística no contexto timorense, resumo apresentado ao 13º Congresso Internacional/4º Congresso Internacional de Lusofonia*, PUC: São Paulo, 29, 30 abril - 1 maio 2010..
- Corte-Real, Benjamim de Araújo e Brito, Regina Helena Pires de (2006), *Aspetos da política linguística de Timor-Leste. Desvendando contracorrentes*. In Moisés de Lemos Martins e Helena Sousa, Rosa Cabecinhas (Org.), *Comunicação e Lusofonia*. Porto: Campo das Letras, 123-131.
- Costa, Luís (2001), *O Tétum, fator de identidade nacional*. *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 14, 59 -64.
- Democratic Republic of East-Timor (2007) *IV Constitutional Government Program 2007-2012*, Presidency of the Minister's Office.
- Freitas, João Câncio (2012). "Prefácio". In Ana Margarida Ramos e Filipe Teles, *Memória das Políticas Educativas em Timor-Leste: a consolidação de um sistema (2007-2012)*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 7-12.
- James, Carl (1995). "L'essor et la chute de l'éveil au langage". In Danièle Moore (Coord.), *L'éveil au langage. Notions en questions*, 1. Paris: CRÉDIF/LIDILEM, 25-44.
- JORNAL DA República (2011) Resolução do Parlamento Nacional nº 20/2011, 7 de setembro: Sobre a importância da promoção e do ensino das línguas oficiais para a Unidade e Coesão Nacionais e para a Consolidação de uma Identidade Própria e Original no Mundo, 1ª série, 33, RDTL.
- JORNAL DA República (2011) Decreto-Lei nº 47/2011, de 19 de outubro: Aprova o Plano Curricular do Ensino Secundário Geral e o respetivo regime de implementação, RDTL.
- Lewis, M. Paul; Gary, F. Simons e Fenning, Charles D. (Eds.) (2015) *Ethnologue: Languages of the World, Eighteenth edition*. Dallas, Texas: SIL International.
- Martins, Isabel P. e Ferreira, Ângelo (2013), "A Reestruturação Curricular do Ensino Secundário Geral de Timor-Leste. Um caso de cooperação da Universidade de Aveiro no domínio da educação". In Carlos Morais e Rosa Lúcia. Coimbra (Eds.). *Pelos Mares da Língua Portuguesa 1*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 97-110.
- Martins, Isabel P. e Ferreira, Ângelo (2015), "Ensinar e Aprender em Português em Timor-Leste: O caso do Ensino Secundário Geral". In António Manuel Ferreira e Maria Fernanda Brasete (Eds.), *Pelos Mares da Língua Portuguesa 2*, Aveiro: UA Editora/ Universidade de Aveiro, 395-408.
- Ministério da Educação e Ciência/MEC (2011), "Apresentação". In *Metas de Aprendizagem*. Lisboa: DGE/MEC.
- Ministério da Educação (2011), *Plano Curricular do Ensino Secundário Geral*. República Democrática de Timor-Leste.
- Ramos, Ana Margarida e Teles, Filipe (2012), *Memória das Políticas Educativas em Timor-Leste: a consolidação de um sistema (2007-2012)*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE /RDTL (2002), *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. Consultado em 3 de junho de 2015, [http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2010/03/Constituicao\\_RDTL\\_PT.pdf](http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2010/03/Constituicao_RDTL_PT.pdf).
- Ruak, Taur Matan (2001), "A importância da língua portuguesa na resistência contra a ocupação indonésia" in *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 14, julho-setembro, 40-41.
- Materiais Produzidos No âmbito Da Disciplina de Português*
- Oliveira, Ana Luísa; Ferreira, Teresa e Ançã, Maria Helena (2011), *Programa Português 10º, 11º e 12º anos de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).
- Oliveira, Ana Luísa; Reigota, Fernanda; Silva, Margarida e Ferreira, Teresa (2012), *Manual do aluno de Português, 10º ano de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).
- Oliveira, Ana Luísa; Reigota, Fernanda; Silva, Margarida e Ferreira, Teresa (2012), *Guia do Professor de Português, 10º ano de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).
- Oliveira, Ana Luísa; Reigota, Fernanda; Silva, Margarida e Ferreira, Teresa (2013), *Manual do aluno de Português, 11º ano de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).
- Oliveira, Ana Luísa; Reigota, Fernanda; Silva, Margarida e Ferreira, Teresa (2013), *Guia do Professor de Português, 11º ano de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).
- Oliveira, Ana Luísa; Reigota, Fernanda; Silva, Margarida e Ferreira, Teresa (2014), *Manual do aluno de Português, 12º ano de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).
- Oliveira, Ana Luísa; Reigota, Fernanda; Silva, Margarida e Ferreira, Teresa (2014), *Guia do Professor de Português, 12º ano de escolaridade*. República Democrática de Timor-Leste: Ministério da Educação (revisão científica de Maria Elisabete Afonso).

**ANEXO**

**UNIDADES TEMÁTICAS E CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS PARA O 10.º DE ESCOLARIDADE (Oliveira, Ferreira e Ançã, 2011: 18-19)**

5.3 UNIDADES TEMÁTICAS E CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Unidades temáticas	Subtemas	Tópicos de desenvolvimento	Textos	Funcionamento da língua
1. CONVIVER EM VÁRIAS LÍNGUAS	1. Línguas em Timor-Leste	Diversidade linguística em Timor-Leste (línguas faladas no território; contextos de uso das línguas; estatutos das línguas no território). Repertórios linguísticos (línguas adquiridas e/ou aprendidas; contextos de aquisição e/ou aprendizagem e uso; estatutos das línguas para o sujeito).	<u>Textos do domínio privado:</u> Biografia linguística Carta informal Entrada de diário Relato de vivências	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classes de palavras: classes abertas e fechadas</li> <li>• Palavra simples e complexa</li> <li>• Constituintes da palavra complexa: radical, prefixo e sufixo</li> <li>• Processos de formação de palavras: empréstimo, sigla, acrónimo, derivação, conversão, composição</li> <li>• Relações fonéticas e gráficas entre palavras: homonímia, homofonia, homografia e paronímia</li> <li>• Preposição: contração; regência verbal</li> <li>• Pronome</li> <li>• Determinante</li> <li>• Quantificador</li> <li>• Conjunções e locuções conjuncionais coordenativas e subordinativas</li> <li>• Nome: flexão em género e número</li> <li>• Adjetivo: flexão em grau</li> <li>• Verbo: principal, copulativo e auxiliar</li> <li>• Complexo verbal</li> <li>• <i>estar a+ V<sub>inf</sub>, andar a+ V<sub>inf</sub>, ir+V<sub>inf</sub>, haver de+V<sub>inf</sub>, ter de+V<sub>inf</sub>, costumar+V<sub>inf</sub>;</i></li> <li>• Modo indicativo: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples e composto, futuro simples e composto</li> <li>• Modo imperativo</li> <li>• Modo conjuntivo: presente, futuro simples e composto</li> <li>• Modo condicional</li> <li>• Formas de tratamento</li> <li>• Registos de língua</li> <li>• Frase simples, frase complexa e oração</li> </ul>
	2. O mundo lusófono	Presença do Português no mundo (países de língua oficial portuguesa e comunidades imigrantes lusófonas). Variedades do Português.	<u>Textos do domínio público:</u> Nota biográfica Questionário Carta aberta Folheto	
	3. Línguas globais	Línguas com maior número de falantes e países onde têm o estatuto de língua oficial. Função das línguas globais na comunicação interpessoal.	<u>Textos do domínio profissional:</u> Anúncio de emprego Carta de candidatura <i>Curriculum Vitae</i> Entrevista de emprego	
2. VIVER A TRADIÇÃO E A MUDANÇA EM TIMOR-LESTE	1. Vivências familiares	Composição do agregado familiar do aluno. Dinâmicas familiares (ex.: distribuição de tarefas domésticas; convívios em família, ...). Aspirações pessoais ao nível de relações afetivas futuras.	<u>Textos do domínio educativo:</u> Exposição oral	
	2. Dinâmicas em comunidade	Atividades de ocupação dos tempos livres. Atividades habituais realizadas em comunidade. Festas tradicionais relevantes em Timor-Leste.	Outros textos relevantes	
	3. Meios rurais e urbanos	Infraestruturas e atividades económicas. Condições sociais e organizações de intervenção social. Relações interpessoais.		



<b>3. SONHAR E CONSTRUIR FUTUROS</b>	<b>1. Escolhas formativas e profissionais</b>	Percursos formativos em Timor-Leste. Atividades profissionais. Fatores relevantes na escolha de uma profissão. Ambições e projetos a nível formativo e profissional.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Coordenação e subordinação</li> <li>• Orações coordenadas: copulativa, adversativa, disjuntiva, conclusiva e explicativa</li> <li>• Orações subordinadas adverbiais: causal, final, temporal, concessiva, condicional, comparativa e consecutiva</li> <li>• Funções sintáticas ao nível da frase: sujeito, predicado, vocativo e modificador de frase</li> </ul>
	<b>2. Oferta e procura de emprego</b>	Processo de candidatura a um emprego.	

**44. MARIA ZÉLIA BORGES, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (JUBILADA)**



**MARIA ZÉLIA BORGES** é Mestra e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Exerceu o magistério durante cinquenta anos. Depois de lecionar na rede pública e particular no nível básico e médio em Minas Gerais e São Paulo, foi professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, onde lecionou durante trinta e quatro anos. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil. Agora, aposentada, trabalha apenas naquilo que lhe dá prazer: pesquisas de léxico, de vocabulário, enquanto namora sua terra, Portugal e Açores, nesta ordem.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008/2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

GALIZA 2012

TEMA. 2.7. INHOTIM – Espaço Lusófono, Mas Também Bilingue.

Neste 24º Colóquio, usarei como base para o estudo um texto não literário, mas sim um que versa sobre arquitetura, escultura, biologia, jardinagem e paisagismo. De fato, o texto se fez com dados da Revista bilingue Monólito: *Inhotim – arte, arquitetura e paisagismo/ Inhotim – architecture art e landscape*. Trata de um museu a céu aberto visitado por pessoas do mundo inteiro, um jardim criado por um minerador, Bernardo Paz, que se tornou jardineiro visionário, plantador de sonho. Criou Inhotim, para onde levou arquitetos, escultores, pintores, paisagistas, biólogos, jardineiros e quejandos a fim de construir *O Jardim Botânico Inhotim*, no município de Brumadinho, Minas Gerais. Destaco no texto o tópico de nº 4, onde agrupei palavras do Léxico lusófono Brasileiro, com alguns elementos típicos de Minas Gerais. Baseada em mais de uma viagem a Inhotim, aproveito para dedicar meu texto ao idealizador de Inhotim, Bernardo Paz e também a um escritor açoriano, Cristóvão de Aguiar, que me forneceu subsídios teóricos para distinguir emoções diante do belo. Estendo meu agradecimento aos demais açorianos que, anualmente, nos recebem e tornam aprazíveis nossos Colóquios de Lusofonia. Vejo-me também devedora de agradecimentos a todos aqueles que trabalham em Inhotim e nos recebem tão gentilmente.

*INHOTIM – Espaço lusófono, mas também bilingue. Maria Zélia Borges*

Em São Paulo, numa noite invernal de virada cultura (\*),  
tive uma dúvida cruel, amarga como fel,  
- como dar nome  
adequado e conforme  
a um texto a ser enviado para um Colóquio de Lusofonia.  
Texto que deveria ser como bilingue formatado,  
porque destinado  
a Raimundo e todo mundo.  
É texto sobre um povo<sup>1</sup> estranho,  
mas em grandeza confirmado,  
porque dotado de coração de ouro (é mineiro, uai!),  
em peito de ferro guardado,  
na região ferrífera do Cerrado<sup>2</sup>.

1- Circuitos de Minas Gerais e quatro mineiros notáveis.

Pretendo hoje ocupar-me com um sítio bastante especial de minha terra. Este pedaço do Brasil mostra pessoas e fatos que causam estranheza, por serem *sui generis*, como as que aparecem a seguir: Juscelino Kubitschek de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa e Bernardo Paz.

Juscelino, médico, prefeito de Belo Horizonte, depois governador do Estado e por fim Presidente da República, não se conformava porque, durante sua infância e juventude, Minas não tinha o mar às portas. Saiu, então, a cavar poços como o Lago da Pampulha em Belo Horizonte e, depois, o Lago Paranoá em Brasília.

O poeta Drummond de Andrade se dizia “fazendeiro do ar”, com lavoura de vento, rebanho de nuvens, moendo trigo de sentimento em moinho estranho.

Outro mineiro diferente foi Guimarães Rosa que, profissionalmente médico e depois embaixador do Brasil, gostava mesmo era de viajar com peões e boiadeiros e de registrar tanto falas de bois quanto falas e pensamento de onças.

Mas hoje, quero me ocupar de outro mineiro sonhador, Bernardo Paz, o idealizador do Instituto Cultural Inhotim. Nascido em Belo Horizonte, criado no bairro Sion, exerceu atividades profissionais diversas: trabalhou em posto de gasolina do pai, em venda de roupas masculinas e no mercado financeiro. Fez vestibular apenas para provar que conseguiria passar no exame, mas não prosseguiu o curso para o qual fora aprovado. Amealhou sua fortuna a partir de uma empresa mineradora comprada com parte de herança de uma de suas mulheres, filha de um banqueiro. Comprou uma empresa falida, onde foi trabalhar vinte horas por dia e tornou-se pioneiro em vendas para a China, começando sua fortuna com o aumento de preço do minério. Desviou depois seu interesse maior para jardins, capões de mato e flores, transformando tudo em museu a céu aberto. Mais um mineiro sonhador: empresário da mineração dedica-se a cuidar de jardins que abrigam obras de arte. Poderíamos chamá-lo “jardineiro do sonho”?

---

\*- Quero justificar o uso frequente da rima. Uso-a intencionalmente, aqui, porque sinto que ela torna a frase mais saltitante, mais cantante. Rima fica bem tanto na comunicação mais popular quanto mais literária, tanto na frase mais cuidada, quanto na frase mais livre e solta. Gosto dela na trova, na toada, mas é adequada para andar comigo neste jardim.



1- A numeração alceada de (3 a 20) parece chamada de rodapé. Neste texto, porém, remete para o interior do tópico de número III. - Léxico lusófono brasileiro, com alguns elementos típicos de Minas Gerais

O Estado de Minas Gerais vem tentando, paulatinamente, dividir seu território em circuitos turísticos. Inúmeros deles foram oficialmente nomeados, a partir de 2011. Alguns outros estão ainda em fase de organização.

Arrolarei aqui apenas os circuitos da região central: Belo Horizonte; Diamantes; Grutas; Guimarães Rosa; Lago Três Marias; Ouro; Parque Nacional da Serra do Cipó; Trilha dos Inconfidentes; Verde - Trilha dos Bandeirantes; Veredas do Paraopeba; Villas e Fazendas de Minas. Os demais, no caso de lhes serem interessantes, são facilmente encontráveis no Google. O espaço objeto de nosso interesse hoje, o Instituto Inhotim, fica no Circuito Veredas<sup>3</sup> do Paraopeba<sup>4</sup>, localizado no entorno de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Tal circuito inclui as cidades: Belo Vale, Bonfim, Brumadinho<sup>5</sup> Igarapé<sup>6</sup>, Itaguara<sup>7</sup> Moeda, Rio Manso, São Joaquim de Bicas.

2. *Inhotim, uma nova forma de viver no mundo contemporâneo.*

A expressão que subintitula este tópico é de seu criador, Bernardo Paz, que desejou criar aqui um lugar hospitaleiro, um refúgio.

Inhotim é um museu a céu aberto, na região metropolitana de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais.

O nome Inhotim, parece bastante estranho, mas vem também do gosto mineiro por corruptelas, diminutivos e africanismos. É do sítio onde se encontra o Instituto: o sítio pertencera a um Inglês responsável por uma mineradora, Mr. Timothy, o Senhor Timóteo, cujo nome foi se alterando para Sinhô Timóteo, Nhô Tim, Inhô Tim, Inhotim.

Hoje o Instituto Inhotim é formado por um conjunto de pavilhões e galerias com obras de artistas de várias partes do mundo. Aqueles que trabalharam em sua elaboração vêm dos diversos quadrantes do mundo. Daí sobrenomes de origens diversas se reúnem: de saída aparece o nome Burle Marx - de Roberto Burle Marx, artista plástico e paisagista paulistano, cujo primeiro sobrenome vem da ascendência francesa de sua mãe (Burle Dubeux), nascida em Recife e Marx, recebido de seu pai, judeu alemão de *Stuttgart*.

Barney – de Mathew Barney, escultor, fotógrafo e desenhista americano;

Cerviño – sobrenome espanhol, do arquiteto brasileiro Rodrigo Cerviño Lopez;

Finotti - sobrenome italiano de Leonardo Finotti, arquiteto e fotógrafo brasileiro.

Salcedo – sobrenome espanhol, de Doris Salcedo, escultora colombiana;

Zechmeister – sobrenome austríaco, de Freusa Zechmeister, mineira, mas filha de engenheiro-arquiteto austríaco imigrado para o Brasil.

Acrescentarei alguns nomes brasileiros, movida pela curiosidade que me provocam. Sei que, em se tratando de Portugal, nomes de árvores e de animais camuflavam nomes judeus, para cristãos novos. Mas não foi este o caso no Brasil.

Apenas a título de curiosidade, posso dizer de uma família do sul de Minas Gerais, cujo nome vem de um membro da família, cuja alcunha a ele atribuída, vinha de briga entre familiares na cidade natal.

Varejão, de Adriana Varejão, arquiteta que foi casada com Bernardo Paz. Não consegui saber como o nome passou para a família, se no Brasil ou em Portugal. O substantivo comum empregado, varejão, designa: “1. vara comprida com que se impulsiona embarcação miúda em águas rasas 2. Reg. Portugal estaca que apoia uma videira ou uma árvore 3. Reg. Brasil. Grande estabelecimento comercial que vende a varejo” (DH).

O substantivo oiticica, de Hélio Oiticica, como teria passado a nome de família? Não consegui ainda também esta informação, mas voltarei ao substantivo comum no tópico 4, onde aparecerá o verbete com o número alceado<sup>20</sup>, à p. 15.

Inhotim possui um acervo artístico em constante mutação, plantado num espaço efetivamente prazeroso. Numa região de linguagem tipicamente lusófona, à moda mineira, Inhotim se apresenta bilíngue – português/Inglês – porque exposto à visitação de “Raimundo e todo o mundo”. Aliás, tenho repetido sempre que o português do Brasil é um cadinho de povos e de línguas, onde nada pode soar estranho.

Bernardo Paz comprou, na década de 1980, um sítio próximo à área urbana de Brumadinho, município satélite de Belo Horizonte. Utilizou-o como seu refúgio de fins de semana, onde guardava sua coleção de obras de arte, focada, na época, no Modernismo brasileiro. Com o tempo, passou a considerar vaidade colecionar arte, voltando sua preocupação para museu, o que lhe permite compartilhar tais obras com a população para a qual abre seu espaço. Não calcula exatamente quanto despendeu com isto. Fala que vendeu uma empresa por 250 milhões de dólares, aplicando tudo ali. Inhotim, com mais de 700 empregados e programas educativos, não é autossustentável, e Paz diz gastar ali por volta de um milhão de reais por mês. Quando dizem ser ele um homem rico, aparteia que não, que é louco mesmo.

O Instituto Inhotim se localiza no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça<sup>8</sup>, que é área de preservação nas cercanias de Belo Horizonte, capital do estado. Belo Horizonte, Nova Lima, Ibirité<sup>9</sup> e Brumadinho são os municípios na área encontrados.

Paz fez-se amigo de Burle Marx que, ao presentear-lo com um quadro, observou em sua dedicatória que Paz tinha “a capacidade de ser poeta de sua própria vida”. Paz foi se tornando sempre mais jardineiro que minerador. Uma vez “jardineiro do sonho”, aprendeu a afinar arte e paisagem e plantou sua coleção de obras em extenso jardim aberto, misturando esculturas, galerias construídas e grandes móveis artesanais, a árvores, flores, lagos, lagoas e grama verdejante. As galerias, para abrigar mostras do acervo de arte,

são construções preocupadas em integrar-se ao espaço circundante. Mais que fechar e abrigar bens preciosos, tais espaços são feitos para abri-los e oferecê-los à fruição de visitantes que buscam amplos espaços de beleza e lazer, preferindo-os a espaços venais, febricitantes e fechados. São construções que não deixam esquecer a “Fábula de um arquiteto”, poema de João Cabral de Melo Neto (1979: 18):

A arquitetura como construir portas,  
de abrir; ou como construir o aberto;  
construir, não domoilhar e prender,  
nem construir como fechar secretos;  
construir portas abertas, em portas,  
casas exclusivamente portas e teto.  
O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas por-onde, jamais portas-contra;  
por onde, livres: ar luz razão certa.

Até que, tantos livres o amedrontando,  
renegou dar a viver no claro e aberto.  
Onde vãos de abrir, ele foi amurando  
opacos de fechar; onde vidro, concreto;  
até refechar o homem, na capela útero,  
com confortos de matriz, outra vez feto.

Parecem tais espaços adrede preparados para que os visitantes possam ali fruir de estados de ânimo como aqueles explicados por Cristóvão de Aguiar: deslumbramento, alumbramento e estado de graça. Tentei definir e distinguir tais estados de alma em texto de minha autoria (Borges: 2014), apresentado no 23º Colóquio, Anais. A ele remeto agora meus leitores:

O DH assim registra os significados do verbete *deslumbramento*: ato ou efeito de deslumbrar-se; deslumbre **1.** Turvação da vista causada por excesso de luz, brilho ou por outros fatores (p. ex., vertigem). **2.** Derivação: sentido figurado. Estado de espírito de quem é tomado por viva admiração; encantamento. Ex.: O deslumbramento do menino era visível **2.1.** Derivação: por extensão de sentido. Objeto de admiração, aquilo que provoca fascínio ou sedução; encanto, maravilha Ex.: O panorama era um deslumbramento. **3.** Derivação: sentido figurado. Perturbação do entendimento; alucinação, obcecação.

Para alumbramento o DH dá definições menos satisfatórias. Com efeito, o primeiro significado que apresenta é o obsoleto: **1.** Diacronismo (antigo): engano do espírito ou da mente; ilusão. Os outros significados que aparecem são mais figurados: **2** Derivação por extensão de sentido: Sopro criador; revelação, inspiração. **3.** Derivação: sentido figurado. Estatística: Pouco usado. Estado de quem se deslumbra; maravilhamento. Em busca de sinonímia, sugere: “ver sinonímia de *inspiração*”.

O Grande Dicionário, da Porto Editora, não registra tal palavra. Cristóvão, porém, busca seu significado em dicionário cujo nome não aponta, mas onde se lê “alumbramento”, aparecem dois pontos seguidos de: “inspiração sobrenatural; iluminismo” (2003: 23).

De minha parte, procuro diferenciá-lo, usando, em parte, o conceito de entusiasmo: “estado de exaltação do espírito, de comoção profunda do pensamento; alegria intensa, viva; júbilo”. Deste modo, *deslumbramento* seria mais aplicável a sensações, enquanto alumbramento diria respeito a sentimento, a pensamento.

Se não é fácil distinguir o verbete alumbramento de deslumbramento, muito menos o será definir estado de graça. Volto-me novamente para Cristóvão de Aguiar, que se virou bem na tarefa, preferindo exemplificá-lo com suas tarefas de escritor. Não vou repetir os exemplos então transcritos. Limitar-me-ei a citar apenas o último, que se lê em *Raiz Comovida* e me fez atinar com o caminho para procurar melhor definição:

De novo a ressuscitada voz do Ti (sic) José Pascoal ilumina-me os adormecidos recantos da memória e vem guiar-me no labirinto desta escrita. Estendo-lhe aqui a minha voz fraterna, e assim, voz na voz, rompemos juntos numa aventura que decerto nos levará ao ignorado e deslumbrante reino onde a palavra se há de tornar no pão e no vinho da nossa fome e da nossa sede, não para saciá-las, mas para as irem vivificando. (2003: 67)

O trecho me leva imediatamente para o Salmo 103 e posso agora tentar explicar o que seja estado de graça. Verifico inicialmente a definição dicionarizada do sintagma *estado de graça*: “**1.** Rubrica: teologia. Condição daquele que recebeu a graça divina **2.** Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado. Uso: informal. **2.** Estado de quem se sente extremamente feliz”. (DH)

Se o DH assim define a expressão, prefiro, aqui, considerá-la livremente, como o conjugado harmonioso de *alumbramento* com *deslumbramento*. A meu entender, a definição perfeita da locução encontra-se no Salmo 103, na tradução da Vulgata. Para meu uso, porém, opto por uma versão de Joseph Gelineau, jesuíta francês, versão que sei de memória, pois era a dos corais de minha juventude: “O vinho ao homem torna alegre, e o branco pão a força traz, e a vida a estuar é o seu canto”.

Se estado de graça é aquele que nos faz extremamente felizes, a estuar nossa vida, isto é, a fazer vibrar nossa vida em cânticos, posso dizer que andar por Inhotim pode nos levar a isto: satisfeitos nossos sentidos, nossas emoções e nossa ânsia de conhecer, diante da beleza, diante do trabalho humano primoroso, vertemos nossa vida em cântico de louvor.

Ver e sentir o jardim, o Parque Inhotim é atividade diferente de estudá-lo e falar sobre ele. Após a expectativa da primeira visita, a chegada vai transformando em um sonho feito de bruma e de sol. Tal sonho se concretiza em capões de mato<sup>9</sup>, isto é, pequenos bosques<sup>10</sup> que, juntos, formam um grande capão, uma quase mata<sup>11</sup>, quase floresta<sup>12</sup>, transformada em espaço de arte, de criação, idealizado por um “jardineiro do sonho”, um empresário que se torna fazendeiro visionário. De fato, o próprio Instituto Inhotim, em seu site, nos informa sobre seu acervo botânico, representado por grupos com valor paisagístico e expõe uma significativa representatividade filogenética. Ao todo, são cerca de 5.000 representando 181 famílias botânicas, 953 gêneros e pouco mais de 4.200 espécies de plantas vasculares. Tamanha diversidade faz do Jardim Botânico Inhotim (JBI) um espaço único, possuindo a maior coleção em número de espécies de plantas vivas entre os jardins botânicos brasileiros.

O acervo da fauna e da flora do Jardim Botânico Inhotim é um campo para estudos avançados e inovadores. Os projetos de pesquisa são voltados principalmente para conservação de espécies *ex situ* (fora de seu ambiente) para o uso sustentável de componentes da biodiversidade. (disponível em julho de 2015).

De minha parte, vejo Inhotim como um éden criado em plagas alterosas de Minas Gerais, como um jardim paradisíaco feito de flora esfuziante, com árvores de diversos portes, algumas delas gigantes. As flores são também diversificadas: flores rasteiras, flores trepadeiras e flores altaneiras; flores sozinhas, flores com poucas vizinhas; flores em pequenos e grandes bandos; flores que parecem frutos. Das flores caem sementes soltas e dependentes. As sementes juntam-se em coleções e procriam. Procriadas, desenvolvem-se em novas flores e novas árvores e a constante renovação mantém o jardim em primavera o ano todo.

Comentarei alguns nomes da flora, pois tais nomes sintonizam as palavras com as cores, aromas e sabores que designam. De fato, acredito em Guimarães Rosa para quem as palavras “têm canto e plumagem”. Acredito também em no cineasta japonês, Akira Kurosawa, para quem elas possuem “sabor a aroma”.

As palavras aqui ficam em situação de diglossia ou bilinguismo, de polifonia e, por que não dizer, de policromia já que estão em e falam de ambiente policromático, poliglota e polifônico.

Um nome de árvore bastante recorrente em Inhotim é tamboril<sup>13</sup>, árvore próxima da casa da fazenda original. Burit<sup>16</sup> é nome de outra árvore muito comum em regiões de cerrado e de veredas. No site do Museu encontrei apenas fotos de flores, sem comentários verbais, com exceção da flor-cadáver<sup>15</sup>.

Quanto às demais flores que vi, limitei-me às poucas cujos nomes já eram de meu conhecimento: agapanto<sup>17</sup>, estrelitza<sup>18</sup>. Vivendo numa terra tão florida, só cuidava dos nomes mais estranhos para mim.

### 3. Galerias e esculturas.

Não poderei comentar todas as galerias e esculturas a céu aberto. O site do Instituto Inhotim contém boas informações a respeito. Limitar-me-ei a duas esculturas e duas galerias:

**3.1. Beam drop** – escultura cujo nome se traduz livremente por “queda de viga”. Foi criada em 1984, no Art Park, em Nova York, e demolida três anos depois. Recriada em 2008, em Inhotim, no alto de uma montanha, quando um alto guindaste jogou, em uma poça de cimento fresco, as 71 vigas de ferros velhos que compõem a escultura. As vigas criadas por Chris Burden, segundo o site do Instituto, “questionam as categorias estáveis de poder e status.

Outra escultura atrai fortemente a atenção do visitante

**3.2. No Centro educativo Burle Marx** – aqui a integração arquitetura/paisagismo é muito atraente: escultura foi construída quase toda sobre um lago. Sua cobertura, que também serve como ponte, fica numa praça elevada com um espelho d’água ajardinado, onde se aloja a obra *Narcissus garden Inhotim* (2009) da artista Kayoi Kusama, japonesa. Constitui-se em nova versão de um trabalho apresentado nas águas de Veneza, na sua 33ª Bienal (1966). Lá causou polêmica por ser vista como protesto e foi convidada a se retirar. Refeita a obra para Inhotim, apresenta-se com 500 bolas de aço inoxidável, flutuantes sobre a água. Tais bolas, movidas pelo vento, refletem o visitante, o céu, a água e vegetação circundante. Assim, cumprem a função pretendida por sua autora, isto é, a de “um tapete cinético”. Mas não constituem um *tapis roulant*, pois não podem transportar ninguém.

**3.3. Galeria Doris Salcedo** – dos arquitetos Paula Zasnicoff, brasileira, e Carlos Granada, colombiano, parceiro de Doris Salcedo em obras que requerem trabalho de um projetista. Destaco a obra tendo e vista a explicação que lhe deram os dois arquitetos em oposição à abertura proposta na Fábula do arquiteto, o que aqui se justifica pela finalidade da obra: enquanto não se queria obstáculos à entrada e saída da casa, deixando-a perfeitamente integrada ao seu entorno, no texto do poeta João Cabral, neste agora, casa não é abrigo, mas sim calabouço.

A construção foi feita especialmente para abrigar *Neither* (2004), que criou após visitar o campo de concentração de Auchwitz, Polônia, e apresentou pela primeira vez em Londres, na galeria White Cube. Segundo texto elaborado pelos curadores, trata-se de um trabalho que expressa uma abordagem de tensão sobre a arquitetura que, ao mesmo tempo, ameaça e protege o ser humano. A obra de grandes proporções faz de alguns elementos de construção – como grades e paredes – carrascos de nós mesmos. E cria um dilema para quem a visita: estou do lado dentro ou de fora?. Nesse sentido, até mesmo o local de implantação relaciona a arquitetura com a obra de arte: a fronteira entre o passado e o futuro, ou a linha divisória da topografia ou da vegetação.

**3.4. Galeria Cosmococa** - de Hélio Oiticica<sup>20</sup>, artista performático carioca (1937-1980) e Neville de Almeida, cineasta belo-horizontino, residente no Rio de Janeiro. A obra *Cosmococa 5* (o mundo da droga), foi realizada em 1973. Os dois artistas trabalharam em parceria, em Nova York, no início da década de 70, criando instalações conhecidas por “quase cinema”. Seus criadores denominaram-nas *Blocos-Experiências em cosmococas*. Elas consistem em projeção de slides com trilhas sonoras que consideraram apropriadas e usando fotos de cocaína (tais fotos eram desenhos de capas de discos de “Jimi” Hendrix, John Cage, Marilyn Monroe e Yoko Ono, entre outros). Para Oiticica o uso da cocaína era resistência ao domínio norte-americano e apologia da contracultura. Oiticica foi o inventor, para nós do Sudeste, do nome parangolé<sup>19</sup>, aplicado a muito de seus objetos vistos como “penetráveis”, isto é, objetos que os visitantes de exposições de arte e museus, poderiam usar como capas. Por valer a pena, remeto aqui meus leitores e/ou ouvintes, a um livrinho de Waly Salomão, lançado recentemente pela Companhia das Letras e intitulado *Hélio Oiticica: qual é o parangolé?* Esta obra comenta detalhadamente a produção artística de Oiticica. Tento sintetizar Salomão (2015: 293), no verbete parangolé<sup>19</sup>, no tópico de número 4 deste texto, que vem logo a seguir.

O parque mostra ainda esculturas mobiliárias, rústicas e aconchegantes, como bancos e espreguiçadeiras espalhados pelos gramados. São peças de autoria de Hugo França, que expõe seus trabalhos em outros museus, no Brasil e no exterior. Em outros lugares fora de Inhotim e em seu ateliê, alguns móveis recebem nomes, como, por exemplo, Chaise laurée, Banco mandacaru, Cadeira cuíca, Mesa Garandi.

Sinto necessidade, ao fim desta passada pelo Parque Inhotim, de referir-me a um comentário de Fernando Luiz Lara, na publicação *Monolito* (sic), em face da certeza de que “o minério só dá uma safra”. O comentarista acrescenta: “no entanto, em Inhotim, no extremo oeste do quadrilátero ferrífero, as minas de Bernardo Paz vão pela quarta colheita” (2013:68). De fato, Inhotim cresce e se renova sempre, e oferece, em suas diversas safras, repetidos estímulos ao deslumbramento e alumbramento, a um puro estado de graça. Senti bem isto quando lá estive de novo, agora em julho de 2015 e vi, pela primeira vez, a Vandário, uma galeria de orquídeas de encher os olhos e a alma. Lá estão reunidas em um mesmo espaço, a partir de março de 2014, segundo anúncio do próprio JBI, cerca de 350 orquídeas do grupo das vandáceas, originárias do Sudeste Asiático e da Austrália. Temos um espetáculo impar de cores e formas, que explode, silenciosa e duradouramente, num galpão em meio ao verde.

4 - *Léxico lusófono brasileiro, com alguns elementos típicos de Minas Gerais.*

**Povo**<sup>1</sup> - O DH apresenta o verbete como Regionalismo: Brasil. Uso: informal. turma, gente. OBS.: para a gente de Minas, “o povo”, “meu povo” são as formas preferidas.

**Cerrado**<sup>2</sup> - Rubrica: fitogeografia. 1. mata xerófila dos planaltos, de formação arbórea aberta, com vegetação herbácea abundante e cujas árvores são ger. pequenas e tortuosas e de casca grossa e suberosa; campo cerrado, cerradão, mato grosso. 2. terreno ger. plano, com longos períodos de seca, onde ocorre este tipo de vegetação; campo cerrado, cerradal, cerradão (DH).

**Vereda**<sup>3</sup> - O DH classifica tal palavra como Regionalismo brasileiro: assim definindo-a: local úmido e fértil para agricultura. O mesmo dicionário, contudo, especifica com outra entrada: Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais. Todavia não consigo deixar de lado a definição citada por Martins, (2001: 520), tirada do próprio Guimarães, em *Manuelzão e Miguilim*:

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: Lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.

Nas veredas, um elemento característico leva nome especial. Trata-se de *resfriado*, assim definido por Martins (2001: 423): “relvado nos pastos, próximo às cabeceiras, onde existe umidade”. A autora classifica a palavra como brasileiro. No DH, o verbete *resfriado* vem definido e classificado em duas sub entradas como: 5. relvado nos pastos, perto de cabeceiras, onde há umidade. 6. Regionalismo: Bahia, Minas Gerais. camada de terra sobre lajedos.

**Paraopeba**<sup>4</sup> - (de *paraná-y-peba*) rio de água rasa, de pouca água. Apontado por Silveira Bueno (1986: 579) como regionalismo mineiro.

**Brumadinho**<sup>5</sup> - apesar de ter população pequena é importante para a região metropolitana de Belo Horizonte graças a seus grandes mananciais que servem a capital. O município é grande e provido de muita água, inclusive a da marca Ingá (Ingá é nome de um fruto branco e adocicado, produzido dentro de uma bainha na árvore homônima). A cidade chamou-se inicialmente Brumado Velho, mas os mineiros são muito chegados a um diminutivo, daí a mudança para Brumadinho. Aliás, Guimarães Rosa era atento aos diminutivos mineiros e também àqueles com sufixo alternativo como aparecem nos exemplos (1973, p. 39): *beijim, passarim, cabelim, sozim, lugarim*, e que substituem também



algumas vezes, *-ino* e *-ina*, mas já sem valor diminutivo (*patavim, patavim*). Os topônimos Brumadinho e Brumado Velho foram escolhidos graças à bruma que encobre o sol e envolve a cidade até quase meio-dia, como explica Fernando Serapião (2013, p. 15):

**Igarapé**<sup>6</sup> (de *ygara-apé*) - o caminho das canoas, o canal também dito *furo*, no Amazonas. Silveira Bueno (1986, p.149). (Furo: Regionalismo. Amazônia (DH). Acontece quase toda manhã, mas só percebe quem chega cedo. Tal como o vapor que escapa de uma panela de pressão, a bruma foge por um estreito vão entre as montanhas. O lugar tem o apropriado nome de Funil e ajuda dissipar a névoa que encobre o sol até perto do meio-dia. Por esta mesma fresta passam a água do rio Paraopeba, o ferro dos vagões dos trens, o metano no gasoduto e a luz elétrica nos cabos de alta tensão. A rodovia, tingida pela vermelhidão do minério que transborda dos caminhos de carga, também aproveita o vão e, colada à sinuosidade da montanha, perde o acostamento para poder prosseguir. Depois da última curva, uma placa dá boas-vindas ao lugar cujo nome já é então facilmente explicável:

**Itaguara**<sup>7</sup> - segundo o Google "Itaguara" é uma palavra de origem tupi. Significa "toca de pedra", através da junção de *itá* ("pedra") e *kûara* ("toca"). Foi Itaguara o primeiro lugar onde trabalhou Guimarães Rosa, quando se formou médico.

**Serra do Rola-Moça**<sup>8</sup> - A Serra assim foi chamada devido a um "causo" imortalizado em poema por Mário de Andrade: um casal voltava para casa após as núpcias; viajava a cavalo e a moça rolou serra abaixo; o noivo, desesperado, esporeou seu cavalo também para o precipício e a serra "que não tinha esse nome não, Rola-Moça se chamou", como repete o poema consultado no Google (disponível em julho/15)

**Ibirité**<sup>9</sup> - palavra derivada do tupi antigo *ybyreté*, que significa "muito verdor" (*ybyra*, "verdor" + *eté*, "muito"). Tal povoado foi escolhido pela educadora russa Helena Antipoff para ser a sede de suas obras, que ainda são a referência maior da cidade (Google, disponível em 07/06/14).

**Bosque**<sup>10</sup> – 1. Rubrica: fitogeografia. Formação vegetal dominada por árvores e arbustos, não muito extensa, ger. resultante da rarefação de florestas, como é freq. na Europa, ou típica das savanas ou campos cerrados, como na África e no maciço central do Brasil, em que pontua regiões abertas, forradas por gramíneas e outras ervas; caapuã, capão, **Capão**.<sup>11</sup> 2. Derivação: por extensão de sentido. mata, pequena floresta; boscalegem (...) Etimologia: cat. ou provç. *bosc(ó)* 'id.' <b.-lat. *boscus*, 'id.' e, este, do germ. ocidental \**bosk* 'mata' (cp. al. *Busch*, ing. *bush*); em 1258 *bosco* (cf. JM) e no sXIV *boosco* (DH).

**Capão de mato**<sup>12</sup> - segundo Nascentes, a expressão vem do tupi, *ka'a pu'ã* 'mato redondo'; o DHPT registra *kaa'pau'* 'pequeno bosque insulado em um descampado, mato isolado'.

**Mata**<sup>13</sup> – 1. área coberta de plantas silvestres de portes diversos 2. o m.q. **floresta** ('conjunto de árvores') 3 quantidade de árvores de mesma espécie. Etimologia: prov. lat.tar. *matta,ae*, esteira de junco; porção de plantas que cobre certa porção de terreno'; o voc. já ocorre no sVI, na Península Ibérica (DH).

**Floresta**<sup>14</sup> - denso conjunto de árvores que cobrem vasta extensão de terra; mata. Etimologia: fr. ant. *forest* (1121) 'vasta extensão de terreno povoado de árvores', hoje *forêt*, do b.-lat. *forestis* '(bosque) externo', prov. com infl. de *flor*; f. hist. sXIV *furesta*, sXIV *foresta*, sXIV *froresta*, sXV *fruesta*, 1572 *floresta* fr. ant. *forest* (1121) 'vasta extensão de terreno povoado de árvores', hoje *forêt*, do b.-lat. *forestis* '(bosque) externo', provavelmente com infl. de *flor*; f. hist. sXIV *furesta*, sXIV *foresta*, sXIV *froresta*, sXV *fruesta*, 1572 *floresta*. (DH).

**Tamboril**<sup>15</sup> – *Enterolobium contortisiliquum*. Família Leguminosae-Mimosidaeae. **Nomes populares:** Orelha-de-macaco, Orelha-de-negro, Orelha-de-preto (PA), Pacará, Pau-de-sabão, Tambaré, Tambori, Tamboril, Tamburé, Timbaíba, Timbaúba, Timbaúva, Timbó, Timboúva, Timburi, Vihático-flor-de-algodão, Ximbó (PA). **Madeira:** Leve, macia de corte, grã direita para regula, pouco resistente, medianamente durável, com alburno diferenciado **Utilidade:** Madeira própria para o fabrico de barcos e canoas de tronco inteiro, brinquedos, compensados, armações de móveis, miolo de portas e caixotaria em geral. Os frutos contém saponina. A árvore possui copa ampla e frondosa, proporcionando ótima sombra no verão. É ótima para reflorestamento [...] por seu rápido crescimento inicial. [...] Flor-de-algodão (Lorenzi, vol. 1, 193). Etimologia: alt. de *tamborim*; na acp. ict., prov. p.ana. de forma, conforme Nascentes; f.hist. sXV *tamborays*, 1593 *tamboril* (DH).

**Buriti**<sup>16</sup> - **denominação científica:** *Mauritia flexuosa* **Outros nomes populares:** coqueiro-buriti, miriri (PA), boriti, moriti, muriti, caradá-guaçu, carandaí-guaçu, palmeira do brejo. **Caraterísticas morfológicas:** Altura de 15-25 com tronco de 30-50 cm de diâmetro. Folhas em número de 10-20. De 3-5 de comprimento por 2-3 de largura. Cachos de 2-3 m de comprimento. **Ocorrência:** Pará, Maranhão, Piauí até São Paulo e Mato Grosso do sul, invariavelmente em brejos de várias formações vegetais. Emprestou seu nome a várias cidades, palácios, parques e ruas do país. **Madeira:** moderadamente pesada e dura, de baixa durabilidade em ambientes desfavoráveis. **Utilidade:** A madeira é empregada para construções rurais e em trapiches em beira de rios. A incisão da inflorescência antes de desabrocharem as flores, fornece um líquido adocicado que fermentado se transforma no "vinho de buriti"; este pode ser preparado também do mesocarpo do fruto. A polpa do fruto fornece óleo comestível e é consumida pelas populações locais, geralmente na forma de doces. A medula do tronco fornece uma fécula semelhante ao sagu. A árvore é muito ornamental, podendo ser usada no paisagismo de grandes jardins. **Informações ecológicas** – Planta perenifólia, heliófila e higrófila, encontrada em várias formações vegetais, porém, invariavelmente áreas brejosas ou permanentemente inundadas. É particularmente frequente em baixadas úmidas de áreas do cerrado do Brasil Central. Ocorre geralmente em agrupamentos quase homogêneos (buritais). (Lorenzi, vol. 1, p. 297). Etimologia: tupi \**mbiri'ti* 'espécie de palmeira'; Var. com *mb-* > *b-* ou *m-*; f.hist. c1631 *morety*, a1667 *moritim*, c1698 *muruty*, 1734 *buritis* (DH).

**Agapanto**<sup>17</sup> - Rubrica: angiospermas. design. comum às plantas do gên. *Agapanthus*, da fam. das aliáceas (por vezes incluído na fam. das amarilidáceas ou na das liliáceas), que reúne nove spp., com rizomas grossos, flores vistosas e sementes aladas [Nativas do sul da África, algumas são muito cultivadas como ornamentais, com inúmeras variedades.]

lat. cien. *Agapanthus* (1788), formado por L' Hérítier, com base no gr. *agapé* 'amor' e *ánthos* 'flor', em alusão à cor azul de suas flores, conhecida como símbolo do amor; f.hist. 1871 *agapantho*.

**Estrelitzia**<sup>18</sup> – 1. Rubrica: angiospermas. design. comum às plantas do gên. *Strelitzia*, da fam. das musáceas, que reúne cinco spp. lenhosas e que encerram alcaloides, com troncos de crescimento dicotômico, de até 10 m, e inflorescência em espatas, com flores que emergem uma por vez; estrelícia [Ocorrem em clareiras de florestas e margens de rios do sul da África e são cultivadas como ornamentais.] 1.1. Planta (*Strelitzia reginae*) com sépalas amarelo-alaranjadas e pétalas azul-violáceas, nativa da África do sul e muito cultivada como ornamental e para o comércio de flores; ave-do-paráiso, bananeira-da-rainha, bananeira-rainha. Etimologia: lat.cien. gên. *St relitzia*, de Charlotte Sophia, princesa de Mecklenburg-*Strelitz* (1744-1818), esposa de George III, rei da Grã-Bretanha e Irlanda (DH).

**Parangolé**<sup>19</sup>– Palavra não dicionarizada. Waly Salomão (2015: 29-30) discute longa e detalhadamente o nome parangolé. Transcrevo dele alguns poucos trechos que parecem sintetizar suas explicações: Parangolé, gíria do morro, com uma multiplicidade imensa de significações, variando, dançando conforme os conformes.

“Qual é o parangolé” era uma expressão muito usada quando cheguei da Bahia para viver no Rio de Janeiro, e significava, entre outros sentidos mais secretos: “O que é que há!”, “O que é que está rolando!”, “Qual é a parada!” ou “Como vão as coisas?”. Somente para marcar a plasticidade dinâmica da língua: alguém indagar “E as coisas?” na gíria carioca não significava preocupações físicas, alquímicas ou filosóficas mas muito simplesmente um interrogação sobre o que hoje atende pela poética alusiva de “fumaça-mãe”, “pau-podre”, ou seja, designa o mesmo que o étimo oriundo da língua quimbundo dos bantos angolanos: maconha (*Cannabis sativa*). [...] Não sendo de início senão um ser linguístico, hoje em dia, o nome **PARANGOLÉ** (sic) sumiu da gíria do morro e fixou residência nestes objetos anti-stábilis. Mas algo misterioso de sua vida anterior volátil – um avião, um ícaro, ou um ovni qualquer – um feitiço fugaz, uma firula, uma propensão gingada para dribles e embaixadas, aparece, agita e serve como acionado de seus giros. Descoagulação e fluidez de sentido.

O brutalista **PARANGOLÉ** de Hélio Oiticica nasce da constatação da contingência, nada tem de decorativo ou polido. Surge de uma vontade de apreender o sentido bruto do mundo em seu nascedouro. Cumplicidade e simbiose com as agruras e a volta por cima daqueles que na metáfora geométrica constituem a base da pirâmide social. Daqueles que vivem, o mais das vezes, de bicos, de bocas, de expedientes, de subempregos, de camelotagem.

Encontram-se parangolés em Inhotim, na Galeria Cosmococas, de Hélio Oiticica e Neville de Almeida. Diante da explicação de Salomão, só posso acrescentar um comentário: Dentro das limitações de tempo e espaço para minha exposição, eu não seria capaz de uma definição tão bela e polida assim.

**Oiticica**<sup>20</sup>: O verbete já foi analisado no DH no tópico 2, quando foram tratados sobrenomes de artistas com obras expostas em Inhotim. O nome comum dicionarizado aparece na: Rubrica angiosperma. 1. Árvore de até 15 m (*Licania rigida*), da fam. das crisobalanáceas, nativa do Brasil (PI até BA), de folhas alternas, flores amarelas em espigas ramosas e frutos drupáceos; oiti-bêbedo, oiti-cagão, oiticica- verdadeira, oiti-da-beira-do-rio [As sementes são ricas em óleo, próprio para tintas e vernizes.] 2. o m.q. **caripé-verdadeiro** (*Licania sclerophylla*) 3. o m.q. **guariúba** (*Clarisia racemosa*) (DH).

Trago-o novamente aqui para apor etimologia, segundo dois autores. O DH apresenta suas formas anteriores e datação: “oiti + -cica; f.hist. c1574 *oitisiqua*, a1687 *oiticiquas*, 1711 *utissica*, 1817 *oyticica*, 1817 *ohyticica*, 1817 *hoyticica*, 1875 *oiticica*”. O SB preocupa-se mais com o significado de suas duas partes, “oiti (var. uiti), árvore rosácea, e *icica*, resina. Oiticica é o oiti resinoso, grudento” (SB).

V - Conclusão: como sonho rever Inhotim.

Estive sempre no parque em seu horário normal de funcionamento, das 9 às 17 horas. Porém tenho, mais que um desejo, o sonho de lá me hospedar para tentar rever uma imagem de infância, trazida de minha terra, no sul de Minas Gerais, em suas noites estreladas. Causavam-me feliz impressão uns versos de Ofélia e Narbal Fontes que guardo de memória. Não consegui achar novamente o poema, em sua versão original. Encontrei apenas uma versão ilustrada, no Google, apresentada por Dulce Toledo, de onde transcrevo somente o trecho que desejo citar: “catrapiscos lusicores de pirilampos e boitatás”.

Gosto sempre de traduzi-lo palavra por palavra, para encantar-me de novo:

Catapriscos = namoros com piscar de olhos; Pirilampos = vagalumes;  
Lusicores = feitos de luzes e de cores; Boitatás = fogos fátuos (em tupi, cobras de fogo).  
E isto não é lindo?!

Por fim, quero, com tais versos, agradecer a todos que construíram e continuam mantendo Inhotim: especialmente seu criador, jardineiro do sonho que é. São empreendedores como ele que fazem a glória de sua terra. Agradeço também os artistas que por lá deixam suas obras e aqueles que contribuem para sua manutenção quer financeiramente, quer na prestação de serviços. No último grupo, destaco, também de modo especial, duas pessoas que me receberam muito bem, na primeira vez que por lá estive: Metícia, assessora de imprensa e Gabriel, motorista de carrinho de apoio. Na última visita, em julho de 2015, destaco ainda: Lorena Castelli, supervisora de monitores e Adriano Silva, monitor.

### Abreviações

acp. – acepção	f. – forma	m – metro
ict. – ictiologia	fam. – família	obs. – observação
al. – alemão	fr. – francês	o m. q. – o mesmo que
alt. – alteração	freq. – frequente	p. ana. – por analogia
ant. – antigo	gên. – gênero	p. ex. – por exemplo
b. – baixo	ger. – geralmente	prov. – provavelmente
cat. – catalão	germ. – germânico	provç. – provençal
cient. – científico	hist. – histórica	reg. – regionalismo
cm. – centímetro	id. – idem	spp – espécies
cp. – compare	infl. – influência	tar. – tardio
design – designação	ing. – inglês	var. – variante
ex. – exemplo	lat. – latim	vol. – volume

### Siglas

<b>BA – Bahia</b>	<b>JB – Jardim Botânico Inhotim</b>
<b>PA – Pará</b>	
<b>PI – Piauí</b>	
<b>DH – Dicionário do Houaiss</b>	
<b>DHPT – Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.</b>	
<b>SB – Dicionário de Silveira Bueno</b>	

### Bibliografia

- AGUIAR, Cristóvão de & AGUIAR, (2003) – *Raiz Comovida, trilogia romanesca*. Edição revista e remodelada. Lisboa: Dom Quixote.
- ANRADE, Carlos Drummond de (1967) - *Obra completa* (em um volume). 2ed. Rio de Janeiro: Aguilar.
- BORGES, Maria Zélia (2014) - *Cristóvão de Aguiar, escritor açoriano, visceralmente ilhéu*. In Anais do 23º Colóquio de Lusofonia, em disquete. Instituto Cultural Inhotim: [www.inhotim.org.br/](http://www.inhotim.org.br/) disponível em 22/06/2015.
- LARA, Fernando Luiz (2013) – *Arquiteturas de minério e arte*. In Rev. Monólito (4 2011) (sic). Arquitetura como escultura,. São Paulo: Monolito.
- LORENZI, Harri (2002) – *Árvores brasileiras: manual de identificação cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. vol. 1 e 2. 2ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna (2001) – *O léxico de Guimarães Rosa*. Assist. Evair Dias. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MELO NETO, João Cabral de (1979) – *Antologia poética*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- RÓNAI, PAULO (ORG.) (1973) - *Seleção de João Guimarães Rosa*. Também est. e not. de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio. A partir da p. 148 até p. 166: RÓNAI, PAULO – *Trajetória de uma vida*. Idem para o restante.
- SALOMÃO Waly (2015) – *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé?* São Paulo: Companhia das Letras.
- SERAPIÃO, FERNANDO (2013) – *A nuvem*. In Rev. Monólito (4 2011) (sic). Arquitetura como escultura, São Paulo: Monolito.
- SILVEIRA BUENO, Francisco (1986) – *Vocabulário tupi-guarani Português*. 5ª ed. rev. e aum. São Paulo: Brasiliense.

#### 45. MARINA SILVA, *TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS*

#### 46. MARISA MENDONÇA, *DIRETORA EXECUTIVA DO IILP*

Seguindo o princípio da rotatividade entre os Países da CPLP para a Direção Executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), a Professora Doutora Marisa Guião de Mendonça, nomeada na Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo, Dili, 2014, foi empossada como diretora executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, órgão da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

A duração do seu mandato é de dois anos (2014-2016). Com vasta experiência em gestão, a nova diretora assume com muitos desafios pela frente, entre eles estão o de desenvolver as bases de trabalho, dar continuidade aos projetos e as ações iniciadas, na gestão anterior; iniciar e desenvolver, de forma inovadora as prioridades incluídas nos Planos de Ação de Brasília e de Lisboa; comunicar bilateralmente com o universo institucional mais amplo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e partilhar o seu mandato com as Comissões Nacionais (CN) dos diferentes Países que integram o IILP e a CPLP.



*Sobre a Diretora*

Nascida em Moçambique, Marisa Mendonça é Doutora em Educação/ Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil.

Foi Diretora da Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica, Moçambique (2003-2009).

Atuou como Coordenadora Geral do Programa de Formação Contínua de Professores de Português - modalidade semi-presencial (Programa Universidade Pedagógica-Instituto Camões), 2005-2013.

Entre 2009 a 2012, assumiu como Diretora da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica, Moçambique.

Diretora da Escola Superior de Contabilidade e Gestão da Universidade Pedagógica, Moçambique (2012-2014).

Sua experiência na área de lecionação ao nível de graduação e pós-graduação concentra-se na Didática do Português, Supervisão Pedagógica em Ensino de Línguas; Análise e Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Língua, Produção de Recursos Didáticos para o Ensino de Português/ Língua Estrangeira, Produção de Português Oral, Produção de Português Escrito.

Já na área de investigação seus estudos focam as Metodologias de Ensino de Português, Língua Não Materna; Desenvolvimento Curricular em Línguas em contextos de diversidade linguística; Interculturalidade



**APRESENTA O TEMA IILP: POR UMA VISÃO E GESTÃO PLURICÊNTRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA -**

*RESUMO*

A Língua Portuguesa assume-se, presentemente, uma língua de múltiplas fonias, geradas e traduzidas pelos/nos variados contextos em que é falada e ensinada, particularmente, pelos contactos que, naturalmente, estabelece com as demais línguas do mundo.

Defender uma visão e uma gestão pluricêntrica da Língua portuguesa tem sido, nos últimos anos, a principal linha de força da atividade desenvolvida pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), órgão da Comunidade dos Países de Língua portuguesa (CPLP), diretamente vocacionado para a promoção e difusão da nossa língua comum.

A perspetiva adotada tem sido suportada pelo desencadeamento de várias ações, a adoção de estratégias e metodologias específicas e a realização de projetos que traduzem a dimensão cada vez mais plural da Língua Portuguesa.

**Marisa Mendonça**



**47. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, AICL, PRESENCIAL**



SEIA 2013

MAIA 2013

**NORBERTO ÁVILA** nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

[www.norberto-avila.eu](http://www.norberto-avila.eu) / - [oficinadescrita@gmail.com](mailto:oficinadescrita@gmail.com)

ver caderno de estudos açorianos em

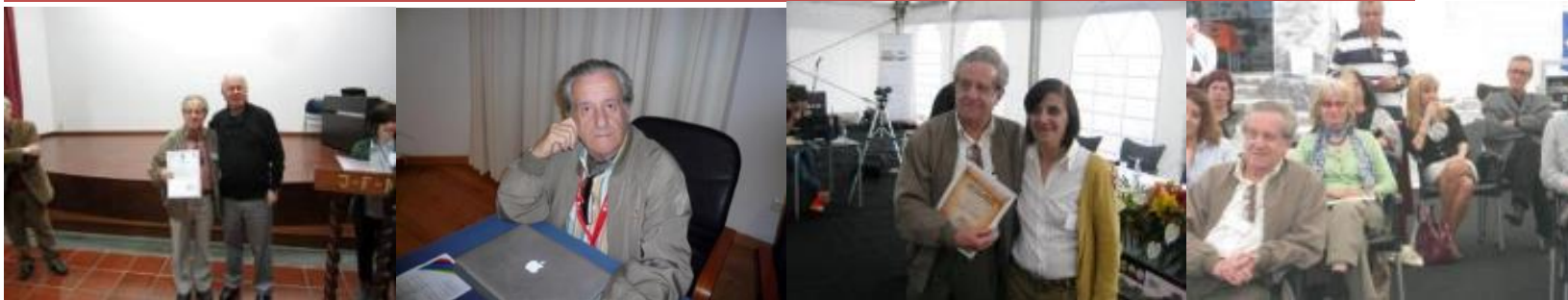
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

ver vídeo homenagem AICL em

<https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

É SÓCIO AICL.

**TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014., 23º FUNDÃO 2015**



MAIA 2013

SEIA 2013

MOINHOS 2014

**48. OLINDA GUILHERMINA KONRAD, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL, PRESENCIAL**



**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ.**

**49. PAULA SANTOS, CORO DE CÂMARA MUS&CANTO + ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**50. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM / AICL, PORTUGAL**



**MOINHOS DE PORTO FORMOSO AÇORES 2014**

**PERPÉTUA SANTOS SILVA** é socióloga, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Desigualdades, Migrações e Territórios”.

Desenvolve o seu trabalho sobre a realidade de Macau, tendo as suas teses de Mestrado e de doutoramento tratado a temática da língua portuguesa nesta Região. As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades.

Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em Macau.

Em investigação sociológica conduzida em Macau, procurámos perceber junto de um número alargado de estudantes de língua portuguesa (na sua esmagadora maioria, estudantes chineses) se estes desenvolviam procuras complementares de componentes culturais, em português, ou se, pelo contrário, se percecionavam procuras divergentes entre língua e cultura.

Iremos apresentar os resultados obtidos em relação a um conjunto de indicadores que representam conteúdos acessíveis a todos os estudantes de um modo regular, fazendo o seu cruzamento com as áreas de formação que os estudantes frequentavam.

**É SÓCIO DA AICL. MODERA SESSÕES. /PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013. MOINHOS E SEIA 2014, FUNDÃO 2015**

*TEMA 2.1 A Língua Portuguesa Como Marcador Na Construção de Identidades No Contexto Multicultural de Macau, Perpétua Santos Silva, Investigadora do CIES-IUL*

Tomando por referência o contexto multicultural de Macau, onde convivem e interagem diferentes grupos étnicos, consideraremos o significado da língua portuguesa no desenvolvimento de lógicas de construção de processos identitários, com particular referência ao grupo etnicamente diferenciado e comumente identificado como “os macaenses”. Um dos marcadores de etnicidade que usualmente é atribuído a este grupo étnico é precisamente o de a sua língua corrente ser a língua portuguesa.

Ainda que com o decorrer do tempo outros elementos possam ir ganhando saliência na construção de uma identidade macaense, ainda que se possam ir acentuando lógicas de afastamento aos tão consensuais marcadores culturais lusófonos e ainda que com o passar das gerações se verifiquem maiores manifestações de identificação com a cultura chinesa afigura-se-nos que, a curto prazo, esta minoria não irá abdicar do seu capital de distintividade, assumindo-se os marcadores identitários de matriz portuguesa de elevado significado simbólico para este segmento da população (narrativas de pertença e de identificação).

#### *Introdução*

Qualquer breve análise sobre a dimensão demográfica da população de Macau revela de imediato a forte componente chinesa na composição da população – acima dos 95%; o peso esmagador deste valor não deixa perceber a enorme diversidade sociodemográfica do exíguo território, cujas especificidades não podem ser captadas através da apresentação de dados globais. Independentemente da disparidade dos números e da impossibilidade de contabilizar a multiplicidade de situações que se podem encontrar, é possível identificar um conjunto de representações associado à repartição da população, comumente apresentada com forte simbolismo em três grandes categorias – chineses, macaenses e portugueses, às quais se acrescenta menos enfaticamente a designação de “outros” para englobar os restantes segmentos populacionais.

Agrupar indivíduos sob uma qualquer designação comporta sempre riscos e, neste caso, é muito elevado o risco de se pensar que estamos a considerar que os elementos destes vários segmentos podem ser classificados e caracterizados segundo aspetos fenotípicos que, sendo específicos a cada um, permitiriam facilmente uma arrumação. Não é disso que se trata.

É certo que as categorias atrás enunciadas comportam uma diversidade de situações. No que respeita ao conjunto mais vasto da população, embora seja normalmente identificado sob uma mesma designação – chineses – tal não é necessariamente sinónimo de ausência de complexidade. Complexidade que, evidentemente, se estende ao campo linguístico com inteligibilidade nula entre agrupamentos de diferentes línguas – nomeadamente entre o mandarim, ou *putonghua*, a língua oficial da República Popular da China, e o cantonês, língua de maior expressão em Macau.

Quanto às categorias “portugueses” e “macaenses”, com estruturação regularmente associada aos eixos da naturalidade, ascendência, língua e cultura portuguesas, torna-se necessário introduzir algumas notas. Temos, desde logo, portugueses europeus e africanos e africanos portugueses; portugueses macaenses e macaenses portugueses; macaenses chineses e chineses macaenses. E temos, também, chineses portugueses embora pareça menos comum encontrar portugueses chineses.

No que respeita aos portugueses, teoricamente, esta categoria corresponde ao conjunto de indivíduos naturais de Portugal e que fixaram residência em Macau. Não será exclusivamente assim, pois entre os residentes podemos encontrar portugueses, para além dos já nascidos em Macau, oriundos de outras paragens – nomeadamente, dos países africanos de expressão portuguesa e da Índia (Goa, Damão e Diu).

Quanto aos macaenses, se quando se ouve esta expressão seria de supor que de um natural de Macau se trata a verdade é que o entendimento é outro e bem diferente. Para se ser macaense não basta ter nascido em Macau.

Embora atualmente a expressão “macaense” comece a ser usada num sentido mais abrangente, existindo já alguns contributos a este propósito que introduzem um sentido mais amplo do termo como *habitante nascido e criado em Macau, aí socializado, e que partilha com uma fatia importante da sociedade local um conjunto de valores e de comportamentos...* (Correia, 1999:119-124) as referências mais comuns ao “macaense” sugerem outro entendimento, sendo este grupo o que se assume como portador de uma cultura mestiça e o que, entre todos, mais fortemente é associado à identidade histórica de Macau.

Tomando, assim, por referência o contexto multicultural de Macau, onde convivem e interagem diferentes grupos étnicos, consideraremos o significado da língua portuguesa no desenvolvimento de lógicas de construção de processos identitários, com particular referência ao grupo etnicamente diferenciado e comumente identificado como “os macaenses”.

#### *Língua portuguesa e construção de identidades*

Macau poderá fornecer elementos interessantes para um debate aprofundado sobre a questão da(s) identidade(s), do qual língua e cultura portuguesas não ficariam arredadas: quando vamos à procura das segundas tropeçamos imediatamente na(s) primeira(s). Dir-nos-ão os mais avisados que não há nada de novo no facto da noção de identidade ter invadido os discursos em Macau e sobre Macau. É questão que parece despertar muitas paixões, surgindo *um pouco por todo o lado, como justificação de estilos, razão de preferência, critério de valorização, instrumento de ativismos, fundamentação de políticas, tendo-se mesmo constituído como vocábulo central (...) como se tivesse significado evidente, inequívoco e partilhado, e como se a expressão fosse em si mesma autoexplicativa, bastando introduzi-la num argumento para produzir de imediato elucidação de qualquer coisa* (Costa, 1999:1-2).

Na linha do autor que acabámos de citar, consideramos que falar de identidade (cultural, ou outras; em Macau ou não) corresponde mais a levantar problemas do que a encontrar soluções, no entanto parece-nos interessante levantar algumas pistas sobre o assunto, quer pela sua recorrência no contexto de Macau e, particularmente por referência ao grupo étnico dos macaenses, quer pela também recorrente referência à *questão do português* no seu equacionamento a propósito de Macau.

Não se trata, portanto, de discutir a questão das identidades e dos múltiplos sentidos e significados a que nos conduziria, mas apenas de cotejar alguns exemplos que a seu propósito fazem apelo à língua e à cultura portuguesas.

Antes de mais valerá a pena, ainda que de forma sucinta, considerar alguns contributos quanto à possibilidade de utilização e ao entendimento que se pode ter do conceito de identidade. Para Madureira Pinto, este conceito de *vocação eminentemente relacional*, pode ser avaliado segundo dois eixos: o das *sincronias* e o das *diacronias sociais*. Segundo o primeiro, o autor considera que *a produção de identidades sociais implica a imbricação de dois processos: o processo pelo qual os atores sociais se integram em conjuntos mais vastos, de pertença ou de referência, com eles se fundido de modo tendencial (processo de identificação); e o processo através do qual os agentes tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente, fixando em relação a outros, distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identificação)*. Portanto, as identidades são construídas por *integração* e por *diferenciação* e essa construção *alimenta-se sempre de alteridades* (Pinto, 1991:219).

Segundo o eixo das diacronias, diz-nos o autor que *a construção de identidades se alimenta de trajetos sociais incorporados nos agentes, da posição ocupada por estes na estrutura social (na medida em que ela determina e configura contextos de sociabilidade e de socialização duráveis) e dos projetos que, em função das coordenadas estruturais antes referidas, são socialmente formuláveis em cada momento* (Pinto, 1991:220).

Lima da Costa em trabalho no qual equaciona *fronteiras de identidade dos macaenses* apresenta vários elementos que, segundo indica, delimitam as fronteiras da identidade macaense, como a *valorização hereditária* que apesar de atribuir particular importância à componente portuguesa não deixa de apresentar traços de dupla ou múltipla referência (portuguesa e chinesa ou asiática) e, também, de indefinição ou, nas palavras do autor, de *encruzilhada*; a *gastronomia macaense* de influências diversas e que surge como *marcador* identitário altamente consensual; a *religião católica*, também consensual, mas não sem que deixem de aparecer as referências a práticas de ritos de outras religiões, a sua forte aceitação e a celebração de festividades do calendário chinês (nomeadamente o Ano Novo Chinês); as referências à *cultura* e à *história* em que são figuras centrais Luís de Camões, Vasco da Gama e Jorge Álvares (2005:160-182).

É, no entanto, a *Língua Portuguesa* que o autor identifica como *elemento de vital importância*, sendo um dos *marcadores de identidade mais fortes*, referindo que, embora presente, *a língua chinesa não apresenta a mesma carga de inscrição identitária que a língua portuguesa, fortemente associada à identidade dos macaenses*. E acrescenta o autor que *esse marcador parece ser alvo de uma “instrumentalização” circunstancial*. Entre os macaenses em *Portugal serve propósitos de carácter assimilacionista, constituindo-se como um elemento de inclusão e de assimilação na referência portuguesa (...)* já entre os que se encontram em Macau o autor constata que *a língua serve propósitos de estruturação interna e diferenciação relativamente à maioria chinesa* contribuindo para o estabelecimento de fronteiras (idem: 149).

A este propósito importa referir que, contrariamente ao que se passa com a maioria das minorias migrantes, para as quais a língua é um traço que as diferencia e as coloca numa situação de *“contraste”* em relação às sociedades de acolhimento, tal não parece ser o caso dos macaenses que, no que respeita à língua, se encontram em situação de *“continuidade”* quer em Portugal quer, também, em Macau onde apesar da predominância linguística ser a chinesa não deixa de ser possível usar o português e de, claro, estarmos a falar de um conjunto de indivíduos que domina o cantonês (pelo menos falado).

Qualquer um dos aspetos mencionados pelo autor foi igualmente encontrado por nós, sendo, em conjunto, amiúde referidos como definidores da identidade macaense surgindo como fator *integrador e diferenciador*, podendo a forma de os convocar variar segundo a situação em que se encontram os indivíduos que os convocam.

O que, evidentemente, não só não tem nada de estranho como é absolutamente natural que sejam valorizados positivamente os traços culturais quando uma minoria se caracteriza a si própria, tanto mais que os argumentos da *raça*, além de não serem autoexplicativos, são socialmente condenáveis.

Esta situação sugere vivamente o interesse em equacionar outras dimensões de análise para além das culturais quando se considera a identidade étnica dos macaenses ainda que, aparentemente, seja nestas que reside o seu fundamento. Defendemos, portanto, que as “suas” especificidades culturais devem ser cruzadas com dimensões sociais como as de classe, de profissão, sociodemográficas e orientações de sociabilidade, considerando trajetórias de vida e tendo em conta modalidades de inserção nas sociedades envolventes (Machado, 2002:218).

Tanto mais que se alargarmos o ângulo de visão rapidamente constatamos que este é assunto que não respeita apenas a macaenses. Os aspetos que regularmente são referidos como delimitadores da “sua identidade” poderão, igualmente, ser encontrados se tomarmos como referência outros grupos residentes em Macau, como é o caso, por exemplo dos portugueses. Mas não obstante muitos desses aspetos poderem ser comuns outros fatores de diferenciação hão de ser construídos, basta ver como os macaenses se autodesignam de “portugueses do Oriente” para perceber que se sentirão algo diferentes dos outros, a quem chamam “portugueses da República”.

Importa salientar, também, que apesar de se enfatizarem, quase exclusivamente, as características portuguesas dos macaenses, na verdade as suas referências culturais são múltiplas – como bem ilustra um dos nossos entrevistados:

*Porque o ser-se macaense não é só português. E o chinês? Aquele contacto de pegar com os chineses, porque o macaense tem muito chinês. Quando nós falamos... nós falamos muito na faceta portuguesa do macaense!... Mas há uma faceta que é chinesa, absolutamente, retintamente [enfatizando] cantonense... retintamente cantonense. Nós*



*muitas vezes falamos em macaense como português, só nos limitamos a isto. Mas há a dimensão chinesa, que é absolutamente determinante, absolutamente determinante. É esta componente chinesa do macaense que faz diferença, que faz com que o ser-se português como macaense, se torne uma maneira também muito especial. É esta faceta, esta faceta que faz com que muitos portugueses não consegue entrar, justamente é isto, porque uma pessoa... é muito raro, eu não vejo um macaense que só seja... só seja macaense, macaense sem... sem ser chinês. Sem ser o mínimo chinês. [Mesmo] em Portugal, ter deixado por completo essa faceta chinesa, é muito raro, eles ainda falam chinês, ainda falam o mínimo chinês, ainda falam das boas coisas de Macau, relacionadas com a comida, falam dos passeios, quer dizer, falam de muita coisa que se fala e utilizam sempre aquela expressão chinesa. Isto tudo, isto tudo são elementos identificativos do que é ser macaense (Gabriel, macaense, advogado, dirigente associativo, Ent. 63/2005).*

De igual modo podemos encontrar indícios que sugerem entendimentos diferentes e mais alargados do que é ser macaense e que poderão vir, com o decorrer do tempo, a alterar o significado histórico que tem sido atribuído ao conceito.

No decurso da nossa investigação, numa das muitas ocasiões em que estávamos à conversa sobre estas questões com um interlocutor macaense, este perguntou ao filho, jovem recentemente chegado de Portugal onde tinha concluído os seus estudos de nível superior, o que era para ele ser macaense. O jovem indicou sem hesitações: *basicamente é falar português, ser católico e gostar de bacalhau.*

Respondemos-lhe que conhecíamos chineses que reuniam os três requisitos apontados, ao que depois de alguns instantes de silêncio o nosso jovem macaense nos disse que sim, que era verdade, e relatou de seguida um episódio que se tinha passado com ele e amigos seus num grupo onde se encontrava um chinês de Macau numa ocasião em que estavam, precisamente, a falar sobre este assunto. Um dos presentes terá dito ao jovem chinês que ele não era macaense, na sequência do que os ânimos se exaltaram, tendo o visado ficado muito zangado e afirmado perentoriamente que era, que tinha nascido em Macau, que toda a sua família era de Macau e que nunca mais lhe dissessem que ele não era macaense.

Não sendo uma situação que se possa considerar vulgarizada em Macau começam, no entanto, a surgir manifestações deste tipo e embora os nossos interlocutores chineses na sua maioria tenham estabelecido uma distinção clara entre si e os macaenses, associando aos segundos as ligações familiares com portugueses, pontualmente foram surgindo, também, posições idênticas à relatada, inequivocamente associadas à naturalidade de Macau e a uma distinção relativamente aos *outros* chineses recentemente chegados da China.

Se sairmos, ainda, do nível de grupo e abirmos a discussão a Macau enquanto espaço territorial verificamos que muitos dos *marcadores* referidos estão igualmente presentes, o que equivale a dizer que outros, que não “estes” macaenses, se valem dos mesmos argumentos para construir outras identidades.

Surge-nos, assim, com algum interesse a ideia avançada por Castells que considera a identidade como um *processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado*, sendo ponto assente que é sempre *construída*. As grandes interrogações a este respeito giram em torno de saber *como, a partir de quê, por quem e para quê*. Na construção de identidades, os indivíduos processam e reorganizam recursos fornecidos pela História, de acordo com tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço, sendo hipótese do autor que será o conteúdo simbólico e o significado que assume para os que com o processo da sua construção se identificam ou dele se excluem que irá determinar quem constrói e porque constrói essa identidade coletiva (2001: 22-23).

Recordamos aqui mais um relato de um dos nossos interlocutores chineses que nos contava que, quando criança em idade escolar, lhe fazia alguma confusão o facto de ele não poder ser macaense, posto que tinha nascido em Macau. Terá, então, consultado um dicionário e percebido que o termo significava “nascido na terra”; confrontando a descoberta com alguns amigos dizendo “afinal eu também sou macaense!” terá provocado alguma troça dos colegas pois “ser macaense” significava “ter sangue português”, coisa que ele não tinha, não podendo, portanto, considerar-se como tal.

Este assunto não é, também, tão simplesmente relacionável com questões de “sangue”. Não só este critério, por si só, não é suficiente para se ser considerado macaense como não o é mesmo em conjunto com o anterior. Nem todos os nascidos em Macau que têm laços de consanguinidade com portugueses são considerados macaenses. E alguns dos que são considerados como tal, não têm qualquer ascendente português.

Aqui começam a entrar algumas subtilezas – o que é preciso é fazer coincidir dois vetores: o de “Macau” e o da “portugalidade”.

Mas o que é que isto significa, de facto? O vetor “Macau” pressupõe uma forte ligação ao espaço territorial, adquirida quer por nascimento, quer por permanências de longa duração ou por se ser descendente de quem, de uma forma ou de outra, terá essa ligação – assim se passa com muitos dos macaenses da diáspora. Já o vetor “portugalidade” parece permitir várias interpretações, dando, por isso, alguma margem de manobra quando se reconhece ou não se reconhece alguém como macaense. Trata-se de uma questão de *adesão* – língua, escolarização e religião católica – à cultura portuguesa, muitas vezes referida como *“uma certa maneira de estar, de pensar e de sentir”*. Muitas vezes este vetor sobrepõe-se à questão das origens e ascendências, possibilitando, nalguns casos, que indivíduos chineses acedam a esta condição, noutros, contrariamente, favorecendo a exclusão daqueles que, não obstante lhes correr nas veias “sangue português”, terão abdicado dos referentes portugueses na construção da sua identidade aproximando-se da população chinesa.

A noção de *portugalidade*, apresentada por Cabral e Lourenço (1993) como um *capital*, encontramos-la também nos discursos de uma determinada elite macaense, não sendo possível perceber quem a importou de quem. Para estes autores, considerando o contexto colonial até aos finais dos anos 60 e a paralisia económica que caracterizava Macau, a identidade europeia era:

[U]m capital valioso que não podia ser facilmente desperdiçado. Representava uma maior probabilidade de obtenção de emprego na administração em Macau e, em Hong Kong, melhores oportunidades de não ser identificado com a comunidade chinesa e, por conseguinte, de evitar o tipo de limitações ao movimento e à promoção social que essa identificação comportava (Cabral e Lourenço, 1993:61-62).

Suspeitamos que, sem anular nenhum dos aspetos anteriores, é na questão das mobilidades sociais e nos posicionamentos no espaço social que radicam as alternâncias nos vetores mobilizados para a definição do macaense, convocando ora uns e outros, ora uns ou outros, como justificação não apenas de situações de autonegação mas, e talvez mais importante, de reconhecimento de pertença ao que é vulgar ser designado como “a comunidade macaense”.

Estamos perante questões com uma forte carga simbólica e que dificilmente podem ser apreendidas a partir de indicadores de ordem demográfica. Embora alguns autores lamentem o facto de a *miscigenação dos macaenses* [não ser considerada nos dados dos Censos] ficando a dúvida se os mesmos se situaram no grupo “Chineses e Portugueses”, “Chineses, Portugueses e Outros” ou somente “Portugueses” (Piteira, 1999:157) a verdade é que não nos parece assunto de fácil resolução considerando que o termo corresponde a um conceito altamente subjetivo sobre o qual nem os próprios “macaenses” parecem ter qualquer consenso sendo múltiplas e variadas as explicações dadas para “quem é” e “o que é ser” macaense. No entanto é já revelador o facto de o autor citado, ele próprio um macaense, não considerar, sequer, a possibilidade de alguns macaenses poderem, também, estar incluídos na categoria “chineses”. Ainda que os indicadores disponíveis não permitam “contabilizar” este segmento da população não se pode abdicar de a considerar, dado o simbolismo que lhe está associado, significando, tantas vezes, uma das *imagens de marca* de Macau, apresentada como a razão de ser do seu “segundo sistema”.

O que sem retirar às identidades o seu carácter relacional e simbólico (porque são sempre produzidas em relação social e relativas a outras e porque envolvem categorizações e destacam um ou vários atributos), nos coloca perante a sua evidente instrumentalização: *como estratégias deliberadas e reflexivas de colocação pública de uma situação social* [transformam-se em] *identidades tematizadas ou políticas de identidade* (Costa, 2002:27).

Parece apontar nesse sentido a afirmação de Grosso que considera que *a identidade e a especificidade de Macau passam pelo conservar da língua e da cultura portuguesa*, situação aparentemente paradoxal numa altura em que a República Popular da China assumia o exercício da soberania sobre o território, mas que tem sido amplamente referida. A afirmação desta autora de que *só o seu perfil sociocultural diferente permitirá que Macau, Região Administrativa Especial, tenha um estatuto, sistema e política diferentes de qualquer outra cidade chinesa* (1999:18), por estas ou por outras palavras, tem sido repetidamente referida por investigadores, responsáveis políticos e agentes culturais na Região, bem como amplamente difundida pelos média.

Também Ngai (1994b; 1996; 1999) tem insistido neste aspeto como marcador na construção da identidade de Macau. Para este autor trata-se da sobrevivência da região, pois a exiguidade do território e a sua expressão populacional não lhe permite competir com territórios vizinhos, como é o caso de Hong Kong em termos financeiros e comerciais ou outras cidades da China no que respeita a recursos humanos e dimensão de mercado. A identidade de Macau constrói-se a partir da sua singularidade e esta singularidade resulta da sua própria História e do produto do contacto secular entre Ocidente e Oriente (1997: 61-76).

O produto desse contacto não significa apenas a acumulação de elementos orientais e ocidentais, nas palavras de Ngai, corresponde antes a *uma amálgama química de ambos, claramente manifesta na cultura macaense: na sua língua, cozinha, artes e costumes, caldeados ao longo de gerações, originando, assim, a singular comunidade macaense, diferente da comunidade pura quer chinesa quer portuguesa* e tenta demonstrar que a *interpenetração da cultura ocidental e oriental [se] tornou parte da vida quotidiana*, podendo assistir-se a cerimónias de casamento interraciais, realizadas *à maneira ocidental e oriental no mesmo dia*, podendo ver-se *quase as mesmas pessoas acompanhando a procissão de Nossa Senhora de Fátima e prestando homenagem à Deusa A-Má assim como o bispo e o monge budista chefe aparecem juntos em cerimónias públicas, abençoando acontecimentos importantes da comunidade local* (idem 64).

E aqui somos forçados a abrir um parêntesis. O que Ngai refere parece-nos muito pertinente, e alguns dos aspetos apontados nós próprios os testemunhámos. O que questionamos é o que consideramos ser um excessivo centramento num conjunto de indivíduos – os macaenses ou num seu segmento – como se apenas nestes se reconhecesse a possibilidade e a efetividade de adesão a duas culturas distintas, a chinesa e a portuguesa, que por sua vez permaneceriam imutáveis com os seus “filiados naturais” e sem pontos de contaminação. Ora se assim fosse, no limite, não existiriam macaenses...

Se tomarmos um ponto de vista de “pureza” de culturas dificilmente podemos compreender a existência de elementos portugueses em equipas de “Barcos Dragão” ou aceitar que sejam chineses a dançar o folclore português. Da mesma forma, jamais um português poderia oferecer *lai si* (ofertas em dinheiro) ou aderir às práticas do *fung-sói* (arte da harmonia com o meio) e seguramente nenhum terá em casa o *espelinho oitavado* que quando devidamente colocado afasta as energias negativas ou os maus espíritos. Nem, tampouco, se pode esperar vê-los a rebentar panchões no Ano Novo Chinês, a deliciarem-se num *iam-cha* (refeição característica da região de cantão que se toma entre as primeiras horas da manhã e as 2 da tarde) ou a usar *fai-shi* (*pauzinhos*), assim como os chineses não seriam supostos tomar a bica nem comer pastel de nata e muito menos entrar numa igreja quanto mais participar em cerimónias religiosas católicas. No entanto sabemos que não é isto que se passa.

O que sugere uma atenção redobrada na análise deste fenómeno, considerando *modos de manifestação* de identidades mas, também, as *conceções* que sobre elas são produzidas (Costa, 2002:16).

Não menos importante será, também, a forma como os aspetos de matriz portuguesa têm sido referidos como garantia da manutenção de Macau como uma cidade diferente e o quanto vale essa diferença, quer no que respeita ao mercado turístico, quer no quadro interno da própria República Popular da China, facto que é bastante perceptível nas referências do Chefe do Executivo e nos esforços que têm sido desenvolvidos na sensibilização da população e na manutenção dessa diferença.

Outra questão que contribui amplamente para a afirmação simbólica dos falantes maternos do português e para aumentar o valor da língua no mercado local será a decisão que foi tomada e amplamente difundida de constituir Macau como uma plataforma de ligação da República Popular da China aos países de expressão portuguesa, aumentando o valor percebido nesta língua enquanto língua de negócios.

Este *reconhecimento oficial* serve várias ordens de interesses que Patten (2001:691-715) coloca segundo três dimensões, em relação aos falantes nativos da língua em causa, e que consideramos de alguma aplicação no caso de Macau:

- 1) a satisfação de *necessidades de comunicação*, considerando que é mais fácil a cada indivíduo comunicar na sua própria língua, particularmente em situações mais complexas ou complicadas, como é o caso da obtenção de serviços médicos hospitalares, situações relacionadas com a justiça ou de julgamento em tribunal, ou mesmo em questões aparentemente mais simples como preencher documentos com vocabulário técnico (por exemplo formulários das finanças) ou simplesmente na utilização de transportes públicos;
- 2) *afirmação simbólica*, uma vez que o reconhecimento público da língua é, geralmente, visto como um sinal de consideração e de respeito para com os seus falantes nativos;
- 3) *promoção identitária* para aqueles que, normalmente pertencendo a uma minoria, encontram na língua um elemento central na construção da sua identidade, diferenciando-se de outros grupos e identificando-se com os restantes falantes locais da sua língua, reconhecendo-se uns aos outros como membros do mesmo grupo, com base na língua, mantendo a expectativa da sua sobrevivência e desenvolvendo iniciativas que para tal contribuem, como é o caso de assegurar a educação dos filhos na língua *do grupo*, questões não independentes (talvez mesmo só possíveis) do reconhecimento público de que goza a língua.

Estes aspetos, embora sucintamente enunciados, aplicados ao caso de Macau, porque, no nosso entender, nele presentes, contribuem para o desenvolvimento de lógicas de aproximação e não de afastamento à língua portuguesa não sendo só os falantes nativos que são mobilizados para estratégias de procura nesta língua, pois o seu reconhecimento público atrai, igualmente, outros potenciais interessados.

#### *Mobilizações coletivas*

Foram vários os momentos em que as circunstâncias políticas e históricas da Região puseram em causa a sobrevivência do grupo étnico macaense levando à sua saída de Macau, o que levou ao surgimento, em vários pontos do mundo (Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos – S. Francisco, e Portugal são apontados como os locais mais significativos), de uma diáspora macaense. Com a transferência do exercício de soberania foi novamente posta em causa a sua continuidade enquanto grupo, sendo repetidas vezes dado como certo o seu desaparecimento. Ao longo da história os macaenses tiveram sempre a capacidade de se adaptar a novas situações, tendo conseguido assegurar a sobrevivência da sua etnicidade. É certo que com a diminuição de portugueses no território a possibilidade de desenvolver estratégias de renovação do grupo através do casamento são diminutas, mas esta é uma situação que já vem a decorrer desde há algum tempo sendo cada vez maior a abertura à parte chinesa da população. Estas circunstâncias fazem prever que a curto prazo, fazendo jus à sua capacidade de resistência e manutenção, se possa assistir ao estabelecimento de novas estratégias de sobrevivência, que poderão passar muito mais pela afirmação de outros particularismos históricos que não o da sua ascendência.

Nesse sentido apontam as várias iniciativas que regularmente vão acontecendo em Macau. Nos últimos anos do Período de Transição e no decurso da primeira fase da governação chinesa assiste-se ao desenvolver de algumas estratégias que dão conta da necessidade de construir um “projeto” macaense que garanta a continuidade do grupo.

Podemos referir como exemplo a realização de encontros, colóquios e seminários, a edição de obras<sup>120</sup>, o convocar de figuras já desaparecidas que terão desempenhado papéis relevantes noutros tempos – quer seja no campo literário, como Adé, quer seja no campo do ensino, como Gonzaga Gomes, quer seja na vida política, como Carlos D’Assumpção – em torno dos quais se organizam cerimónias e se prestam homenagens, a instituição do Prémio Identidade ou, de especial significado, a realização periódica do “Encontro das Comunidades Macaenses”, que junta na RAEM aqueles que emigraram e seus descendentes, evento que teve a sua primeira edição em 1993, e que, desde então,

---

<sup>120</sup> Por exemplo, *Maquista Chapado, vocabulário e expressão do crioulo português de Macau*, da autoria de Miguel Senna Fernandes e Alan Norman Baxter, publicado pelo Instituto Internacional de Macau em 2001 e que foi preparado especialmente para apresentação durante o Encontro das Comunidades Macaenses desse ano. A coletânea de textos da autoria de Jorge Rangel “Falar de Nós”, as obras sobre a Gastronomia macaense como o “*Á mesa da Diáspora*” da autoria da macaense Cecília Jorge e “*Macau, a festa e a mesa*” de Fernando Salles Lopes são outros exemplos. De acordo com o Jornal Ponto Final do dia 29 de Novembro de 2010, no Encontro das Comunidades Macaenses que à data decorria, entre novas edições e reedições foram apresentadas 10 obras. Foi, igualmente, apresentado o Portal *Macaense Families*, da autoria de Henrique D’Assumpção, a residir na Austrália, que transpõe para o formato eletrónico uma versão, revista e aumentada, da obra em 3 volumes da autoria de Jorge Forjaz, editada em 1996 e apresentada, também, no âmbito do Encontro que teve lugar em 1997. Este Portal, além da genealogia de famílias macaenses (com mais de 47 mil nomes, de acordo com a informação no Portal), apresenta ainda artigos relacionados com o tema, receitas da culinária macaense, muitas fotografias e acesso a algumas músicas. O acesso ao Portal pode ser feito, mediante inscrição, através de <http://www.macaesefamilies.com/Joomla/index.php>.

se tem vindo a realizar periodicamente, tendo as edições realizadas após a transferência do exercício da soberania demonstrado a viabilidade do projeto numa Macau da China, tendo contado com forte apoio do executivo local, material e também simbólico, com a presença do Chefe do Executivo em determinadas atividades do programa organizado.

Os vários *Encontros* realizados revelam uma preocupação em não deixar apagar as *memórias comuns* e em alimentar o *sentido de pertença* a Macau, tendo por ocasião da edição de 2007, em declarações à imprensa, o Presidente da Associação dos Macaenses salientado que *[e]stamos no século XXI, vivemos na Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China e já não interessa se é branco, preto, mulato, mais ou menos chinês. Não interessa a nacionalidade, no sentido jurídico-político. O que importa é ter Macau como referência e um sentido especial de portugalidade ou lusitanidade.*

Jim Silva, macaense radicado nos Estados Unidos, na apresentação que fez em Macau no Encontro de 2004, que tivemos a possibilidade de acompanhar, dizia que quem *considera que Oriente é Oriente e Ocidente é Ocidente e que estes nunca se encontrarão é porque evidentemente nunca conheceu um macaense, pois o macaense representa a combinação perfeita desse encontro.*

De destacar, também, a constituição do Conselho das Comunidades Macaenses, criado em 2004 no decurso do *Encontro*, organismo que se pretende funcione como polo aglutinador dos macaenses de Macau e da diáspora, e do qual fazem parte as Casas de Macau espalhadas pelo mundo e as associações baseadas em Macau, assim como a criação da Confraria da Gastronomia Macaense que já elevou a Património Cultural Imaterial de Macau os sabores tipicamente macaenses.

Dinâmicas igualmente relevantes são as que se têm vindo a decorrer em torno do Patuá ou *Língu Maquista*, dialeto que se considera próprio deste grupo, e em relação ao qual hoje em dia se assiste ao desenvolvimento de iniciativas importantes para o fazer renascer e se desenvolvem estratégias para o transformar em atributo positivo na definição de uma identidade de grupo.

De acordo com Senna Fernandes (2005:1) o Patuá, por ser *considerado como a língua dos mais humildes, foi durante muito tempo relegado para um plano inferior, desprezado, ou deliberadamente esquecido, numa altura em que falar o português padrão era condição essencial para ascensão social, no seio da comunidade portuguesa: o dialeto não passava de um linguajar dos incultos, e não poucas vezes, confundido com a mera deturpação do português metropolitano*, tendo sido, portanto, abandonado e resistindo hoje apenas entre alguns dos mais velhos (e porventura menos escolarizados, poder-se-á questionar).

É, efetivamente, muitíssimo interessante, e importante, toda a dinâmica que se tem procurado criar em torno do *Patuá*, desde a elaboração de estudos académicos, nomeadamente teses de doutoramento, à edição de obras, à organização de seminários de ensino/difusão deste dialeto e debate-se a sua possível candidatura a património intangível. O momento mais expressivo será, sem dúvida, a realização anual de um espetáculo de teatro em Patuá que o grupo *Doce Papiçam di Macau* leva a público incluído na programação do Festival de Artes de Macau, sendo, portanto apoiado pelo Governo local.

No momento que se vive a revitalização do *Patuá*, como diz o seu atual maior dinamizador, *[p]ouco importa se os macaenses voltam a falar a sua língua. O que interessa, nos dias de hoje, é a consciência que ela existiu e que teima em manter-se viva.* Explica o autor porquê: *qualquer cultura necessita de referências, de valores, de memória. O Patuá ocupa um lugar essencial na memória macaense, pois como língua que foi, ela resume tudo o que foi e o que é a alma macaense* (idem 6).

O que está aqui em causa, hoje, é a sua importância como elemento de identificação na construção de uma identidade de grupo, mas o que foi central no seu desaparecimento foram questões de escolha pessoal e que, mais do que opções culturais, foram os constrangimentos sociais que estiveram na base das lógicas de afastamento desenvolvidas.

Não sendo idênticos os constrangimentos que se colocam hoje relativamente ao português, são no entanto da mesma natureza – inscrevem-se mais no eixo social do que no cultural das dinâmicas locais.

Entre os mais jovens, é consensual a apresentação da língua portuguesa como atributo cultural importante na definição dos macaenses enquanto grupo étnico distinto, contudo quando se fala em questões de escolha linguística estes jovens são unânimes ao referir que para terem um futuro profissional e uma integração no mercado de trabalho local é imprescindível o domínio da língua chinesa.

Um jovem macaense, que havia concluído o ensino secundário, dizia-nos a propósito do mercado de trabalho duas questões interessantes: a primeira, que considerava que na geração dos seus pais era relativamente fácil encontrar um emprego, nomeadamente na função pública, com boa remuneração mesmo com baixas qualificações, enquanto na sua geração a situação já é completamente diferente – para além de existir maior concorrência no mercado de trabalho, também o emprego na função pública deixou de ser atrativo pois noutras áreas de atividade, nomeadamente na indústria do jogo, as remunerações são muito mais elevadas; a segunda, que no que respeita às línguas, considera que em termos profissionais o mais importante é dominar o mandarim e o inglês, embora em alguns departamentos governamentais ainda seja necessária a língua portuguesa, nomeadamente na área jurídica, mas as áreas de aplicação desta língua são atualmente mais reduzidas e tendem a reduzir ainda mais no futuro, não se revelando, portanto, estrategicamente adequado investir nesta língua sem que o mesmo se faça em relação ao mandarim.

Dito de outra forma, se atualmente os jovens macaenses sentem a necessidade de se dedicarem à aprendizagem da língua chinesa para progredirem profissionalmente, constituindo-se esta língua como central em processos de mobilidade social ascendente, na geração dos seus pais e avós era o português que possibilitava o desenvolvimento de processos no mesmo sentido.



*Nota conclusiva*

Podemos encontrar um denominador comum entre os aspetos valorizados quando se promove a identidade cultural de Macau e a dos macaenses: produto da história e do convívio de dois grandes povos, sendo frequentemente convocados quando se consideram os aspetos que caracterizam a Região, fazendo referência a Macau como ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, surgindo este segmento da população como uma espécie de prova viva desse encontro.

em retirar às línguas, neste caso à portuguesa, a sua dimensão cultural e o seu significado enquanto instrumento usado no estabelecimento de distinção relativamente “ao outro”, portanto a sua instrumentalização em processos de construção de identidades, não podemos deixar de referir outras dimensões que se situam mais no eixo das dinâmicas sociais do que das culturais.

Machado afirma em relação à etnicidade, e com o que concordamos em absoluto, que a sua separação em dois eixos analíticos, o cultural e o social, só tem interesse do ponto de vista operativo uma vez que as dimensões associadas a cada um não deixam de ser igualmente do domínio do outro (2002:217).

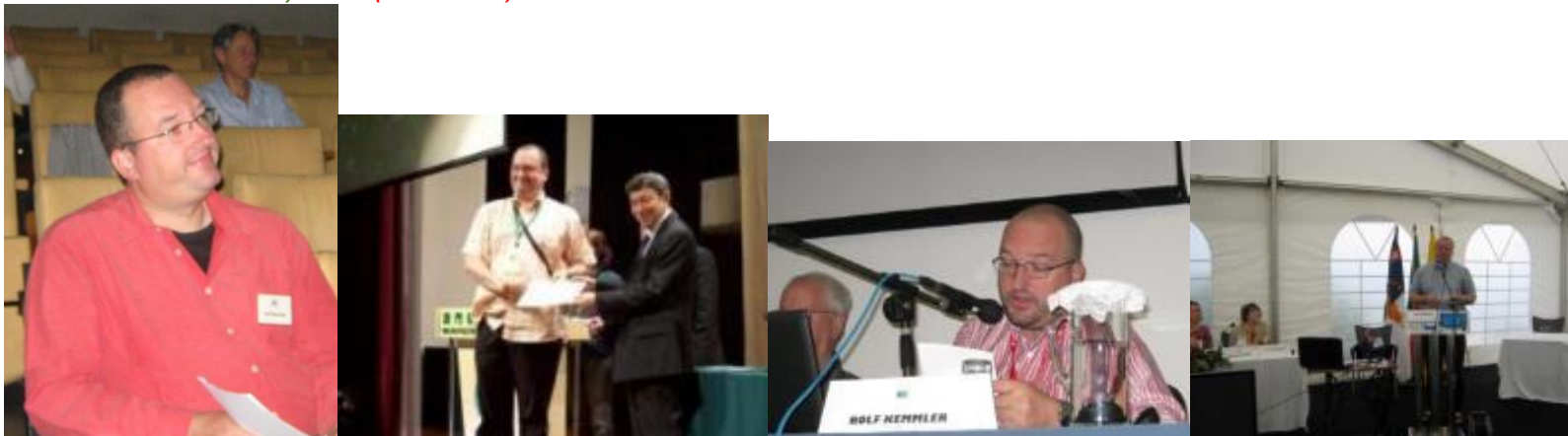
Também uma análise dos movimentos linguísticos não dispensa um entendimento semelhante – as dinâmicas linguísticas têm tanto de cultural como de social e a investigação desenvolvida sugere que as últimas terão um peso mais significativo nas escolhas efetuadas por aqueles que desenvolvem lógicas de aproximação ou de afastamento em relação ao português.

Ainda que com o decorrer do tempo outros elementos possam ir ganhando saliência na construção de uma identidade macaense, ainda que se possam ir acentuando lógicas de afastamento aos tão consensuais marcadores culturais lusófonos e ainda que com o passar das gerações se verifiquem maiores manifestações de identificação com a cultura chinesa afigura-se-nos, contudo, que, a curto prazo, esta minoria não irá abdicar do seu capital de distintividade, assumindo-se os marcadores identitários de matriz portuguesa de elevado significado simbólico para este segmento da população (narrativas de pertença e de identificação).

*Bibliografia*

- Cabral, João de Pina e Lourenço, Nelson (1993), *Em Terra de Tufões. Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, Macau, Instituto Cultural de Macau.
- Castells, Manuel [1996] 2001), “Paraisos Comuns: identidade e significado na sociedade em rede”, in *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, O Poder da Identidade*, Vol. 2, Trad. Klauss Brandini Gerhart, S. Paulo, Editora Paz e Terra.
- Correia, Ana Cristina Rouillé (1999b), “Macau, Macaenses e Língua Portuguesa”, in *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 7, Lisboa, Instituto Camões, pp. 119-124.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, António Firmino da (2002), “Identidades Culturais Urbanas em Época de Globalização”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17, N.º 48, pp. 15-30.
- Grosso, Maria José (1999a), “O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa”, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Texto policopiado.
- Lima da Costa, Francisco (2005), *Fronteiras da Identidade: macaenses em Portugal e em Macau*, Lisboa, Fim de Século.
- Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Ngai, Gary (1994b), “A Identidade Cultural de Macau: a sua Preservação e Desenvolvimento antes e depois de 1999”, in *Administração, Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 35, Macau, Serviço de Administração e Função Pública, p. 61-76.
- Ngai, Gary (1996), “Macau – Ponte Especial de Ligação entre a China e o Mundo Latino”, in *Administração, Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 32, Macau, Serviço de Administração e Função Pública, p. 339-348.
- Ngai, Gary (1999), “A Questão da Identidade Cultural em Macau”, in *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 7, Lisboa, Instituto Camões, pp. 46-57.
- Patten, Alan (2001), “Political Theory and Language Policy”, in *Political Theory*, Vol. 29, n.º 5, Sage Publications, pp. 691-715.
- Pinto, José Madureira (1991), “Considerações sobre a Produção Social de Identidade”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 32, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 217-231.
- Senna Fernandes, Miguel de (2005), *O Patuá*, documento policopiado, pp. 1-6.
- SILVA, Perpétua Maria dos Santos - A língua e a cultura portuguesas a Oriente: análise ao caso de Macau [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2011. Tese de doutoramento. [Consulta 20 de março de 2014] Disponível em [www:http://hdl.handle.net/10071/5879](http://hdl.handle.net/10071/5879) . ISBN 978-989-732-223-5.

51. ROLF KEMMLER, UTAD (VILA REAL) – ALEMANHA / AICL



BRAGANÇA 2010

MACAU 2011

MOINHOS 2014

Rolf Kemmler, Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014 é Doutoramento em Filologia Românica (Dr. Phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a Tese intitulada A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811), publicada em 2007. Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 com uma Tese intitulada Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa (publicada em 2001 como artigo na Revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações dedicadas à historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX, tendo-se mais recentemente dedicado a aspetos da Literatura de Viagens anglófona novecentista que se dedica aos Açores.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.**

**PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. MODERA SESSÕES**

**TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO E SEIA 2014, FUNDÃO 2015.**

TEMA 3.3. Os Açores Vistos Por Um Açoriano Na Diáspora: A Trip to the Azores or Western Islands (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1827-1873), Rolf Kemmler (Vila Real) \*

Em 1867, o empresário e então vice-cônsul de Portugal em Boston Manuel Borges de Freitas Henriques (1826-1873) publicou um livrinho com 137 páginas, intitulado A trip to the Azores or Western Islands. Nesta obra, bastante menos volumosa do que as outras do género que tinham sido publicadas anteriormente, o autor brinda-nos com quinze capítulos, escritos por ocasião de uma viagem de regresso ao arquipélago em 1866, realizada após a ausência de dezoito anos (Henriques (1867: 9).

Em continuação de estudos já realizados sobre obras anteriores, pretendemos apresentar como este autor de origem açoriana retratou as terras e gentes dos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel para o seu público anglófono nos Estados Unidos.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1867, Manuel Borges de Freitas Henriques (1826-1873), um empresário açoriano residente em Boston, que pouco depois viria a ser Vice-cônsul e Cônsul de Portugal, publicou um pequeno livro intitulado **A trip to the Azores or Western Islands**. Mesmo que o nosso autor se encontre um pouco fora do âmbito normal da presente série de estudos sobre a literatura de viagens anglófona por causa da naturalidade florentina do autor, cremos que o facto de a sua obra ter sido elaborada em inglês, sendo publicada para um público anglófono, faz com que esta se enquadra no âmbito das nossas investigações.

\*Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Nesta obra, com apenas 137 páginas, bastante menos volumosa do que as outras do género que tinham sido publicadas anteriormente, o autor brinda-nos com quinze capítulos, escritos por ocasião de uma viagem de regresso ao arquipélago em 1866, realizada após a ausência de dezoito anos (Henriques 1867: 9).

Em continuação de estudos já realizados sobre obras anteriores, pretendemos apresentar como este autor de origem açoriana retratou as terras e gentes dos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel para o seu público anglófono nos Estados Unidos.

## 2 O AUTOR MANUEL BORGES DE FREITAS HENRIQUES

*Nascido em Santa Cruz das Flores em 19 de novembro de 1826, Manuel Borges de Freitas Henriques era descendente de militares florentinos importantes. Terá emigrado para os Estados Unidos da América cerca de 1848, 121 onde permaneceu, com a exceção da viagem de que trata o seu livro, até à sua morte em 1873.*

Graças aos documentos publicados por George Monteiro (2010), conseguimos recentemente encontrar toda uma série de documentos anteriormente não aproveitados numa tentativa de biografia do nosso autor. Ficámos, assim, a saber que, desde pelo menos 1854 até 1864 trabalhou como tipógrafo (e ultimamente como chefe de equipa) em várias oficinas tipográficas de Cambridge e de Boston, servindo-se, durante aquele tempo, do nome americanizado 'William de F. H. Burgess'. Tendo sido envolvido como intérprete no processo penal contra o cidadão português José Bento de Dias em 1864, terá sido por esta altura que as autoridades portuguesas chegaram a reparar nele, de modo que passou a ser Vice-Cônsul de Portugal pelo menos desde 1868 e do Brasil desde 1871, passando a ser Cônsul de Portugal em Boston desde 1872.

Depois de uma vida breve mas de trabalho intenso, Manuel Borges de Freitas Henriques acabou por suicidar-se com pouco menos de 47 anos de idade, na sexta-feira, 17 de outubro de 1873 perto do seu escritório no porto de Boston.

Para além da obra que será objeto do presente artigo, Henriques ainda é autor de um pequeno guia de conversação intitulado *Fallais Inglez? ou Do you speak English? Un [sic!] manual para o uso de principiantes que querem aprender a fallar breve e praticamente, Com apontamentos na pronuncia ingleza* (Henriques 1866a). É-lhe igualmente atribuída a autoria de uma obra congénere sobre o português intitulada *Fallais Portuguez?, Or, Do You Speak Portuguese? A Pocket Manual* (Henriques 1866b). Desta última obra, se efetivamente chegou a ser publicada, não parece conservar-se qualquer exemplar.

## 3 A TRIP TO THE AZORES OR WESTERN ISLANDS (1867)

*Publicado pela livraria bostoniana Lee & Shepard (1862-1905, cf. Derby 1884: 518), a produção do livro do nosso autor foi processada por duas empresas que o mesmo chegou a conhecer no âmbito da sua atividade profissional como tipógrafo (cf. Kemmler no prelo). A composição tipográfica foi feita através de uma matriz estereotípica feita pela «Boston Stereotype Foundry, 4 Spring Lane» (Henriques 1867: [2]), num prédio em que Burgess trabalhou em 1864 (provavelmente para o tipógrafo Charles J. Roath). Já a impressão foi realizada numa das mais importantes oficinas tipográficas que na época existiam em Boston e arredores, nomeadamente na «Riverside Press: H. O. Houghton & Co.» (Henriques 1867: [2]), a empresa de **Henry Oscar Houghton (1823-1895)** em Cambridge, onde tudo leva a crer que o próprio autor terá trabalhado, pelo menos, entre 1856 e 1863.*

*Nada característico para uma obra publicada nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, encontramos um pequeno brasão da casa real portuguesa no rosto do livro, o que sugere que Henriques talvez já tenha exercido o cargo de Vice-Cônsul na altura da publicação do mesmo.*

### 3.1 A TRIP TO THE AZORES OR WESTERN ISLANDS (1867): O CONTEÚDO

*Ao longo das suas 137 páginas, o livrinho de Henriques apresenta um breve paratexto, bem como quinze capítulos que, na forma de um diário não datado, relatam as várias instâncias da viagem do autor pelo arquipélago e das observações que as mesmas suscitaram.*

No seu prefácio, o nosso autor oferece uma breve explicação da génese da sua obra:

#### *PREFACE.*

*THE material composing the greater part of this little volume was originally written to occupy some of the leisure moments of the Author, without a thought to its future publication. But the many questions proposed to him in social intercourse respecting the Azores have at length induced him to prepare the following pages in their present form, for the information of those who feel any interest in the subject. Most of the historical facts related were carefully revised and corrected from authentic sources during the writer's late sojourn at these Islands. That his labor may prove a source of some interest and entertainment to the reader is the sincere wish of*

*THE AUTHOR (Henriques 1867: 3-4).*

---

121 Henriques (1867: 9) afirma o seguinte sobre a sua partida do arquipélago: «Eighteen years had elapsed since I strained my sorrowful eyes to watch the last glimpse of its blue-tinted mountains, gradually receding into obscurity». Considerando que a sua afirmação é relativa ao verão de 1866, cremos lícita a conclusão de que terá emigrado por volta de 1848.

Como muitos autores de obras que se podem considerar como fazendo parte da literatura de viagens, Henriques afirma ter elaborado o seu diário para fins pessoais, tendo posteriormente adicionado outros elementos textuais com base em leituras secundárias. Mediante a sua *captatio benevolentiae*, o nosso autor faz questão de referir que teriam sido terceiros interessados que o teriam levado a publicar um livro.

Dado que os seus comentários não se circunscrevem a São Miguel, como a maioria das obras anteriores, apresentaremos os vários aspetos em que o nosso autor se manifesta sobre o seu povo de origem.

### 3.2 MOTIVO DA OBRA: PROMOÇÃO DO TURISMO E COMÉRCIO AÇORIANOS

**O longo do seu livrinho, Manuel Borges de Freitas Henriques alude em várias ocasiões às atividades comerciais que o levaram a empreender a viagem de que trata o seu livro. Sabemos pelo próprio autor que planeou toda a excursão desde o aluguer de uma escuna até à aquisição de passageiros e de carga para custear a viagem pelo arquipélago** (Henriques 1867: 10). No que respeita à carga do navio, informa o seguinte:

*The bulk of our cargo being lumber, for which, thus far, we had had no market, we left St. George for St. Michael in order to dispose of it (Henriques 1867: 71).*

Por não haver compradores em São Jorge para a madeira serrada trazida da América, Henriques explica ter decidido tentar a sua sorte com a venda desta mercadoria em São Miguel. Era esta, portanto, uma das duas receitas principais da viagem, sendo a outra explicitada quando o autor explica a razão pela qual não foi à Terceira e à Graciosa:

*I devote this chapter to a description of the last two islands, although they were not visited by us in this trip, for the simple reason that they could not furnish us so many emigrants as the others; the principal object we had in view, besides the sale of lumber, being to obtain as many passengers as we could (Henriques 1867: 73).*

O segundo ramo do empreendimento naval do nosso autor era, portanto, o de angariar emigrantes que quisessem fazer a viagem para os Estados Unidos. Se bem que não explicita os negócios de que tratou, é, no entanto, de crer que o comerciante, para além dos passageiros que pagavam a sua viagem, também terá tentado conseguir alguma carga para o regresso aos Estados Unidos:

*Well pleased was I, when, a few days afterwards, the familiar outlines of this island met my gaze. As soon as possible after landing, I transacted the last of the business for the trip, as I was to remain at Flores some time. When the passengers were on board, and everything ready for departure, I went to see them off and wish them God speed (Henriques 1867: 104).*

No que respeita, enfim, aos raciocínios que o terão levado a escrever a sua obra, Henriques pretende oferecer um relato simples e verdadeiro, distanciando-se dos exageros de outros viajantes, autores de diários de viagem:

*My aim in writing this little book has been to present the ideas suggested to me in my late visit to the Azores with simplicity and strict adherence to truth. I therefore have not exaggerated or wilfully misrepresented anything, as, unfortunately, many travellers do, although it can scarcely be said from malicious motives*

*Their judgment of the countries they visit is generally formed from the incompetent information they receive from ignorant or unreliable people, from a too-hurried sojourn, or their regarding things from a wrong stand-point (Henriques 1867: 115).*

É precisamente nas avaliações subjetivas incompetentes, infundamentadas e exageradas, muitas vezes baseadas no testemunho de pessoas pouco fiáveis e estabelecidas durante uma visita demasiadamente breve ao arquipélago, que Henriques identifica um dos maiores problemas deste tipo de relatos.

Mas o aspeto que realmente considera o mais digno de crítica é a atitude preconceituosa de autores que julgam toda uma nação com base naquilo que pensam ter observado numa pessoa ou numa classe de pessoas:

*Another thing which I have noticed is, the tendency that most people have to judge of the character of a whole nation by the few people belonging to it whom necessity or other causes compel to emigrate. Of course, such judgment cannot be correct, as, in reality, the best classes of a people, with but few exceptions, rarely settle in foreign countries, and one cannot properly form an estimate of those who merely visit his land. He must go abroad himself, and see them in their own homes, or, for the sake of politeness, at least, not make derogatory remarks in regard to them (Henriques 1867: 117).*

A leitura deste parágrafo até parece ser uma referência implícita aos comentários tecidos pelo escritor americano Mark Twain (1835-1910) no seu livro de viagens *The innocents abroad* (1869) que «[...] não consegue mesmo encontrar nada de positivo sobre os açorianos [...]» (Kemmler 2012: 185). Uma vez, porém, que a obra de Henriques já tinha sido publicada em maio de 1867, a sua crítica não se pode aplicar a Twain, cuja viagem no navio *Quaker City* somente se realizou no verão do mesmo ano de 1867 (cf. também Monteiro 2010: 450) mas sim à 'generalidade' de pessoas que costumam fazer juízos generalizadores desta forma.

A existência, enfim, de uma carta manuscrita publicitária, datada de 26 de abril de 1870, leva a pensar que o então Vice-Cônsul português estivesse a planear o estabelecimento regular de um evento turístico que envolvia as viagens de 60 pessoas aos Açores pelo preço de 300 dólares (Monteiro 2010: 455). Isto permite-nos considerar que o seu livrinho terá, antes de mais nada, sido elaborado com a intenção de promover a sua agenda turística de promover e explorar o turismo nos Açores.

Creemos que se pode encarar precisamente sob esta perspetiva as seguintes duas afirmações que se ocupam do interesse dos mercados nos Faial para fins turísticos, e do queijo, da carne da manteiga de S. Jorge, respetivamente:



*The markets are not remarkable but partake of that peculiarity of the country which makes them, perhaps, interesting to a visitor, though not so in a description. Many little things to be enjoyed must be seen, and with an eye upon their surroundings (Henriques 1867: 57).*

*This island produces, and exports to England, oranges of a good quality, and is famous for its cattle. The cheese made here is the best of the Azores, and compares well with the English and American. Butter is made in such quantities that, in 1864, one house alone in Lisbon received twenty thousand dollars' worth of this article in consignments (Henriques 1867: 67).*

Ambos os trechos visam promover aspetos singulares do comércio açoriano, que bem podiam ser do interesse dos leitores americanos do nosso autor – quer sejam potenciais turistas que vinham visitar as respetivas ilhas, quer sejam negociantes interessados em fazer negócios com produtos do arquipélago.

Para além destes produtos, Henriques chama a atenção para a produção do linho nos Açores, que, afinal, teria sido muito útil no fornecimento ao mercado americano aquando da Guerra Civil (1861-1865):

*Flax grows luxuriantly; but previous to the late civil war in this country, its cultivation had declined very much; the large quantities of linens and cottons imported from England and America had diminished the demand for it, both at home and in Brazil, where it had a good market when manufactured. But after the secession war was inaugurated, the cottons increased in price there, as they did elsewhere, to such a degree that the almost forgotten cultivation of flax received a new impetus, and it is now grown and manufactured to a greater extent than ever before. It is not only used for sheets, tablecloths, and other household linen, but is also worked up into beautiful patterns for gentlemen's summer wear, the coarser kinds being used by laboring people (Henriques 1867: 30-31).*

### 3.3 A ORIGEM DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

Logo no primeiro capítulo da sua obra, o nosso autor debruça-se largamente sobre a origem dos Açores e discute as três hipóteses então mais populares:

*The discovery of the various archipelagos in the Atlantic Ocean, about the middle of the fifteenth century, gave rise to a number of hypotheses advanced by philosophers and geologists of that age. From these we may gather the following three theories: First, that there was reason to suppose the Azores, Canaries, and Cape Verde Islands were the highest summits of a range, or ranges, of submarine mountains, encircling the globe from north to south; Second, that these islands were the fragments of the fabulous Atlantis, described by Plato; and, Third, that as vestiges of submarine volcanic eruptions were met with in nearly all of them, there was reason to believe they owed their origin to volcanic agents.*

*I unhesitatingly follow the first theory; though Plato's description of the Atlantis, after being divested of its pagan fictions, has but little of the incredible in it; and it is not only probable, but possible too, that such a continent did exist, and was destroyed by those agencies he mentions, leaving the archipelagos already mentioned as mementos of their overwhelming powers; for in many of the islands, but particularly in Flores, there are vestiges clearly indicating that formerly, as well as lately, parts of the island have sunk, or rather fallen away and disappeared in the sea (Henriques 1867: 13-14).*

As três hipóteses são a) que os arquipélagos dos Açores, das ilhas Canárias e de Cabo Verde fazem parte de uma cordilheira submarina; b) que estas ilhas correspondem a fragmentos da Atlântida e c) que são resultado de erupções vulcânicas.

Henriques não manifesta ter quaisquer dúvidas de abraçar a primeira hipótese, mas não o revolta a ideia da Atlântida de Platão. Já uma possível origem vulcânica do arquipélago é uma noção que o nosso autor rejeita liminarmente:

*But the marvellous idea set forth by the third theory, that these islands were thrown up from the bottom of the ocean by immense volcanos, I entirely repudiate, because islands purely volcanic, and thrown up by submarine fires, are generally formed of such loose materials that the sea, in a very short time, destroys them. They are composed of lava, sand, and other volcanic scorixæ, which have no adhesive power in themselves; they are sterile, unless mixed with vegetable earth; and, upon examination, it is evident that the quantity and position of these composite parts are entirely different from the soil of the Azores (Henriques 1867: 15).<sup>122</sup>*

Apesar de recusar a origem vulcânica dos Açores, Henriques não parece consciente da incoerência, quando ao longo do seu livro se vai referindo às atividades sísmicas e vulcânicas ocorridas no arquipélago através dos séculos.

### 3.4 ASPETOS DA CARATERIZAÇÃO DOS AÇORIANOS E DA SUA VIDA

Um dos primeiros assuntos que merece a atenção do nosso autor é o aspeto exterior dos habitantes do arquipélago. Para ele, o clima moderado nos Açores faz com que os seus habitantes sejam saudáveis, havendo, inclusive, muitas pessoas de idade avançada:

*Under the salubrious influences of such a mild and healthful climate, the Azoreans are, ordinarily, a vigorous and healthy race. In all the islands stout old men are seen, at the advanced age of seventy or eighty years, still supporting the fatigue and labor of the fields. The females, though budding into womanhood at thirteen and fourteen years of*

<sup>122</sup> O destino da Ilha Sabrina, que surgiu em 1811 e posteriormente sofreu erosão que a fez desaparecer, serve como exemplo a Henriques (1867: 16-19).

*age, retain their comeliness and bloom a long time, and do not fade into old women at so early an age as they do in this country. Mothers of half a dozen or more children very often look as fresh and youthful as American women of twenty years, although they may have seen their thirty summers or more. They are, in most cases, handsome, or rather lively and interesting, dark in complexion, and more resembling the daughters of the sunny south than those of the north (Henriques 1867: 23).*

Neste mesmo contexto ainda considera que as jovens mulheres e as mães de grandes famílias conseguem conservar a sua beleza e a sua juventude durante muitos anos graças ao clima, quando já as mulheres americanas costumam envelhecer mais depressa.

Também no que respeita ao trabalho manual, as mulheres açorianas de todas as camadas populacionais são descritas como extremamente prendadas, pois produzem os artigos de trabalho artesanal com excepcional destreza:

*Not only the ladies of rank and education, but many of the poorer class of girls, are dexterous with their fingers, and evince a deal of patience in executing some very difficult ornamental and useful work. They manufacture shawls, capes, veils, and other articles of ladies' apparel, from the fibres of the aloe, in black, white, and red. Open-work hose, of the very finest cotton; tidies and rigolettes; feather flowers; wreaths of sea-mosses and shells; bouquets and other ornamental work, they make from the pith of the fig-tree. In short, they succeed in nearly everything that is possible to be made by female hands, and the finish and perfection of their work are almost unequalled (Henriques 1867: 23-24).*

Creemos que estes dois parágrafos constituem uma inversão do que pudemos verificar em obras anteriores do género. Ao passo que Henriques não evidencia a já conhecida atitude preconceituosa dos demais autores anglófonos (provavelmente por fazer parte do mesmo povo descrito), o forte carácter elogioso destes elementos descritivos assemelha-se-nos quase a uma tentativa publicidária em favor da mulher açoriana e dos seus dotes, quer no atinente à sua beleza, quer ao seu trabalho manual.

Mas nem todas as características dos açorianos que Henriques descreve são assim tão marcadamente positivas:

*It is not surprising, that, born in a delightful country, with an excellent climate, the Azoreans should be inclined to indolence. They require to be stimulated by necessity to show their aptitude for any kind of application. In the sciences they manifest comprehension, genius, and talent; in navigation, intrepidity and firmness to face the fury and undergo the hardships of the stormy ocean; and in mechanics, ingenuity and activity. The reason why they have not attained to greater perfection in all these, is, that they have not the stimulus to animate and incite them to work, and that in their country have not been founded those institutions calculated to develop their talents and improve their faculties (Henriques 1867: 24-25).*

Sem chamar 'preguiçoso' ao seu povo de origem, Henriques oferece um comentário sobre a atitude geral do açoriano. Poucos adjetivos parecem tão açorianos como 'pachorrento', o que provavelmente será uma melhor forma de expressar a 'indolência' do nosso autor. Em jeito de explicação, explica a mesma pelo facto de os açorianos terem nascido 'num país agradável, com um clima excelente'. Estimulados, porém, para tarefas de maior importância, Henriques acredita que eles podem passar a demonstrar todas as qualidades que os podem elevar à grandeza – e se ainda não o fizeram, terá sido por falta de estímulo.

Num contexto semelhante que diz respeito aos pedintes do arquipélago que se manifestam após a atracagem dos navios nos portos açorianos, Henriques faz questão de explicar a situação algo demoradamente como se segue:

*ALMOST the first thing that attracts a stranger's eye after landing in the Azores is the great number of beggars that meet and importune him. Particularly, however, is this noticeable on a Saturday, the regular begging day in the islands.*

*It is an Azorean custom for every person of means to give alms to a certain number of beggars this last day of the week; so they will wait on the sidewalk or at the doors until served, and then quietly go off and beg elsewhere. This accounts for the greater numbers met with on Saturdays.*

*The beggars that I refer to are persons that crave a small pittance to scare away starvation and misery. They are neither a saucy nor greedy race, but will thank you heartily, and will pray for all God's blessings to be showered upon you, if you give them but five or ten reis, that is, half or one cent. At the same time, however, many will be very importunate until you do give them something. The fact that there are no poorhouses in the islands accounts for so large a number of the above class (Henriques 1867: 122-123).*

Com efeito, a descrição dos pedintes açorianos parece-nos algo semelhante àquilo que dois anos mais tarde veremos em *The Innocents Abroad* de Mark Twain.<sup>123</sup> No entanto, é de observar que Henriques tenta oferecer uma descrição que visa ser objetiva, isenta de qualquer noção humorística ou cínica que podemos ver nas palavras do autor americano.

Quanto à vida diária das pessoas das classes mais baixas, Henriques constata que a maioria das pessoas anda descalço. Constituem exceções dos habitantes do Pico, que usam sandálias e de cabedal, e as mulheres do Faial que usam tamancos ou galochas:

---

<sup>123</sup> Aquando da sua chegada ao Faial, é da seguinte maneira que Twain (1897: 51) descreve o assédio por parte dos mendigos no porto e na cidade da Horta: «The group on the pier was a rusty one – men and women, and boys and girls, all ragged, and barefoot, uncombed and unclean, and by instinct, education, and profession, beggars. They trooped after us, and never more, while we tarried in Fayal, did we get rid of them. We walked up the middle of the principal street, and these vermin surrounded us on all sides, and glared upon us; and every moment excited couples shot ahead of the procession to get a good look back, just as village boys do when they accompany the elephant on his advertising trip from street to street». No seu artigo sobre Twain e a realidade faialense no século XIX, Lobão (2011: 444-448) oferece uma breve vista de olhos sobre quem seriam estes mendigos e pobres no Faial oitocentista do autor americano.

*Most people of both sexes of the lower class in all the islands go barefoot, except in Pico, where the greater part of them wear raw-hide sandals, fastened round the ankles with leather thongs, probably to protect their feet from the extraordinary roughness of the volcanic scorixæ with which the soil is overspread. In Fayal many women wear wooden clogs, or galoches. Occasionally you see a barefooted damsel indulging in the luxury of a hoop-skirt, or a barefooted sire of some country village with a rather rusty beaver crowning his honorable gray head (Henriques 1867: 132).*

A nível geral, a caracterização pessoal que Henriques faz dos seus conterrâneos açorianos sai bastante generosa:

*They are affable, generous, and beneficent, but fond of public amusements, of ostentation, and pleasure. In many of the islands, particularly in country villages, there are still observed among many families that innocence and simplicity of life that characterized their ancestors. The respect they evince for religion is extreme; though among the higher classes many are met with who have a tendency to an irreligious free-thinking (Henriques 1867: 25).*

Sem querermos aventurar demasiadamente a nossa opinião pessoal, parece-nos que esta caracterização do povo açoriano (embora algo generalizada) talvez seja a mais genuína, de que os traços mais básicos ainda se podem reconhecer na população moderna do arquipélago.

Para além da boa disposição geral, o açoriano emigrado atesta aos seus conterrâneos um elevado grau de civilidade que assim diz não conhecer dos Estados Unidos:

*Not simply touching, but taking off the hat, and bowing, is quite universal and obligatory to show good breeding, not only to passers-by, but to persons – ladies in particular – at windows, whether you know them or not. From foreigners this is not expected; but the courtesy will be returned if they bow first. I have been amused quite often to think of the number of times necessary to doff my hat during the day in return to the little barefooted, three-year-old urchin, sidling along and looking askance at me as he raises his hat; or through every grade up to the white-headed old gentleman who bows to me from across the street (Henriques 1867: 136).*

Também aqui, as observações de Henriques vêm com uma dica prática: da parte dos estrangeiros não se espera o mesmo grau de civilidade, mas estes serão devidamente cumprimentados se acenam com a cabeça.

Semelhançamente, as classes mais altas do arquipélago, com especial relevo para a nobreza, merecem a avaliação francamente positiva do nosso autor:

*One extreme sends me to the other: from beggars to the nobility, or upper classes? among which are barons, counts, and viscounts, – gentlemen worthy of their titles, – who bear their honors with simple dignity and unostentatiousness. The educated, upper classes are endowed with sterling qualities; but it would be, perhaps, as wrong to form an idea of the standard of the national character from them, as it would be unjust to estimate it from the characteristics of the lower classes. The acquaintance and friendship of these gentlemen are generally attainable by persons of refinement and good sense without difficulty, and should be sought by those who wish to see and enjoy the best of life at the Azores. Many of them speak the English, but many more the French language. Affable and hospitable, they are ever ready to oblige, and render those courtesies that never fail of pleasing strangers (Henriques 1867: 123-124).*

Parece evidente que este trecho servirá sobretudo para contextualizar a alta sociedade açoriana, pois promete a um potencial turista que poderá contar com o bom acolhimento por parte de pessoas educadas e afáveis do mesmo estatuto social. Por mais que se perceba a intenção do autor que pretende atrair visitantes americanos abastados para a sua terra natal, cremos que a característica acolhedora dos açorianos (tal como se verifica ainda hoje numa visita ao arquipélago) não se terá limitado necessariamente só às camadas sociais mais afluentes.

Graças à sua história pessoal, pouco admira que Henriques seja o primeiro escritor anglófono a aproveitar da ocasião para manifestar-se sobre o impacto que a emigração tinha na sociedade açoriana de então:

*This island furnishes more emigrants than any of the others, excepting, perhaps, Flores. Women and young men form the principal portion of these. The former leave their homes hoping to better their fortunes, or to join friends already away; the latter quit them in order to avoid military service, though but a very small number of young men is required yearly by the home government.*

*There is another class of men who emigrate – those who, returning from whaling voyages or from the mines of California to visit their relatives and friends, find, in a short time, their inability to adapt themselves to their former quiet, monotonous life (Henriques 1867: 103-104).*

Na sua segunda visita a São Jorge, Henriques constata que esta ilha, junto com as Flores, estaria a perder mais habitantes à emigração, do que o resto do arquipélago. Entre os motivos para a perda da população de residentes, o autor identifica os motivos financeiro, social e militar, mas também o desejo de evitar a monotonia da vida insular. No entanto, também observa que não somente se dá a corrente migratória para fora do arquipélago, mas refere que todos os anos se verifica uma contracorrente dentro da qual um número considerável de açorianos regressa à terra nativa, trazendo consigo as 'riquezas amontoadas' na emigração americana ou brasileira:

*It is true that hundreds leave their homes; but it is also true that a great number return, every year, who have been absent divers lengths of time, and take home the gold and silver they have earned with incessant toil, not only in the mines of California and under the ardent skies of Brazil, but also in the adventurous voyages after whales, in regions none the more inviting (Henriques 1867: 28).*

### 3.5 NAMORO E CASAMENTO

Ao contrário dos demais visitantes do arquipélago do seu tempo, a sua naturalidade florentina facultava ao NOSSO autor uma perspectiva única, por ter a capacidade de avaliar o que estava a acontecer dentro da sociedade açoriana do seu tempo. Este facto permite-lhe fornecer aos seus leitores alguns factos sobre o namoro e o casamento no arquipélago:

*Marriage, and the preliminaries preceding and attending it, – subjects very interesting to the young of both sexes, and by many of them considered as another kind of amusement, – are not conducted in the same manner as in this republican country. A gentleman sees a lady who pleases and fascinates him. He manoeuvres to judge of her sentiments in regard to him, either by looks, signs, or the medium of a trusty servant. If convinced, after this trial, of her preference for him, his attentions commence by epistles, with perhaps an occasional stolen interview.*

*He is not permitted to visit the lady until he has asked her hand of her parents; after which, if consent be given, he is almost in honor bound to marry her. He is seldom, if ever, left alone with her, as some member of the family stays with the lovers during their tete-a-tete, which is never prolonged to a late hour. The chances he has to study her character are very few; but there is one thing in his favor, – the submission of a wife to her husband being quite a matter of course (Henriques 1867: 134-135).*

Com base na sua experiência pessoal – afinal, chegou a casar duas vezes enquanto vivia nos Estados Unidos – Henriques baseia os seus comentários sobre o namoro 'normal' nos Açores no facto de o processo ser bastante diferente na sociedade americana. Em primeiro lugar, a iniciativa parte sempre do homem. Assim, este, quando vê uma menina que o atrai, procura saber através de uma série de meios indirectos se a atração é recíproca. Sendo este o caso, pode começar a trocar cartas e ter encontros secretos, mas somente pode encontrá-la oficialmente quando já pediu a mão dela em casamento. Para Henriques, as desvantagens deste procedimento são óbvias, uma vez que o homem assim não chega a conhecer a mulher tão bem como devia... E onde é que o homem chega a enxergar pela primeira vez a sua futura amada? É nos bailes, que, afinal, constituíam o divertimento público por excelência (dentro da elite da sociedade mais abastada, entenda-se), podendo ser particulares ou organizados de forma pública:

*Balls are an amusement much esteemed by the islanders. These are given by private individuals or authorities, and the guests are invited. Tickets are never issued, nor is any remuneration expected, as the party giving the ball bears all expenses. There is a musical club at Fayal, called the Lyra, composed of young gentlemen, who give a party every month in the winter. Strangers are always invited to the first ball succeeding their arrival, after which they can join the club by paying a small monthly sum. Upon the arrival of the ladies from the dressing-room, they are conducted to seats in the hall by gentlemen in waiting in the ante-room, and are left there by themselves until the music strikes up. After the dance is over, the ladies walk round a few times with their partners; and upon taking their seats, the gentlemen leave for the ante-rooms again. The dances consist of the lancers, fancy-dances, and quadrilles. The quadrille is formed by as many couples as the room will hold on the four sides. The figures are hardly ever called, as everybody is supposed to know them (Henriques 1867: 133).*

Parece evidente que as noites dos bailes terão servido não somente como divertimento geral, mas também para que os homens solteiros pudessem ver pela primeira vez as mulheres com quem iam casar, mas também podiam – pelo menos tentar – ter uma ou outra conversa furtiva que de outra forma lhes estava vedada.

### 3.6 OBSERVAÇÕES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

No atinente à língua portuguesa, o nosso autor somente tece dois comentários bastante breves. O primeiro tem sobretudo a ver com o relacionamento entre o português e o espanhol:

*The Portuguese language, which resembles the Spanish so much that a person having a competent knowledge of the one, can, with little practice, readily understand the other, is spoken in all the islands. French and English are spoken to a great extent among the higher classes; and many young children are met with who speak both of these languages (Henriques 1867: 29).*

Henriques constata aqui a quase intercompreensão entre os falantes do espanhol e o português mas não se refere à divergência entre as variantes açorianas e o português continental que dificultará essa intercompreensão. Para além disso, realça a frequência do uso do inglês e do francês nas classes mais altas do arquipélago.

Tal como antes dele os irmãos Joseph e Henry Bullar em 1841 (cf. Kemmler 2015: 208), também Henriques chega a fazer algumas observações de natureza onomástica:

*Individuals are generally addressed by their Christian names, and sometimes by their middle or family names, as it may be. It is not seldom, too, that the second name is properly the family name, like my own, and the last one or two (for often persons have four or more names) are derived from the grandfathers, a sort of more comprehensive or widespread family name. Nicknames are almost universally used, especially among the lower classes, being derived from particular trades, remarkable incidents, places of residence, or striking personal accomplishments or blemishes (Henriques 1867: 24).*

Dentro de um parágrafo bastante sintético, o autor explica com que elementos onomásticos as pessoas são tratadas. Sem entrar em detalhe ao fornecer exemplos, refere igualmente o frequente uso alcunhas, adscrevendo-o sobretudo às camadas populacionais mais baixas.

## 4 CONCLUSÕES



Dentro da expressão anglófona do género da literatura de viagens que se debruça sobre o arquipélago açoriano ao longo do século XIX, o livrinho de Manuel Borges de Freitas Henriques (1826-1873) é uma obra singular, uma vez que conjuga o ponto de vista de um anglófono, residente em Boston, com a mundividência de um emigrante florentino que deixou o arquipélago depois da sua juventude.

Tendo trabalhado como impressor anteriormente à sua atividade por conta própria como comerciante, que reunia com os cargos de Vice-Cônsul de Portugal e do Brasil e mais tarde de Cônsul de Portugal, Henriques estava a planear a organização de viagens turísticas para o arquipélago, servindo-se, assim, do seu livro para fins publicitários. Para além disso, pretendia a promoção de bens produzidos nos Açores, de modo a estimular os comerciantes americanos a procurar os mesmos.

Na elaboração do seu diário, Henriques pretendia oferecer uma descrição objetiva e adequada, evitando avaliações injustas e infundamentadas. Mesmo assim, não podemos deixar de observar que ocasionalmente chegou a pecar contra esta regra autoimposta, o que cremos dever-se ao seu zelo de promover alguns dos elementos do povo açoriano e das suas características que considerava mais essenciais para o seu público americano.

Apesar disso, não temos dúvida de que a população açoriana se encontra descrita de forma muito mais objetiva e sem os preconceitos habituais dos viajantes anglófonos anteriores, nomeadamente Thomas Ashe (1813), John White Webster (1821), Edward Boid (1834) e os irmãos Joseph e Henry Bullar (1841).

##### 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Derby, J[ames] C[ephas] (1884): *Fifty Years Among Authors, Books and Publishers*, New York; London: G. W. Carleton & Co., Publishers; S. Low, Son & Co.

Henriques, M[anuel] Borges de F[reitas] (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

Henriques, M[anuel] Borges de Freitas (1866a): *Fallais Inglez? ou Do you speak English? Un manual para o uso de principiantes que querem aprender a fallar breve e praticamente, Com apontamentos na pronuncia ingleza*, Boston; New York: De Vries, Ibarra e C<sup>ia</sup>. Livreros Estrangeiros; Leyoldt & Holt, F. W. Christern, Geo. R. Lockwood.

Henriques, M[anuel] Borges de Freitas (1866b): *Fallais Portuguese?, Or, Do You Speak Portuguese? A Pocket Manual*, Boston: De Vries, Ibarra & Company.

Kemmler, Rolf (2012): «Notas sobre a perceção dos Açores no mundo anglofono novecentista I: Os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2012): *Atas / Anais do XVII Colóquio da Lusofonia (Lagoa, São Miguel, Açores): 30 de março a 3 de abril de 2012*, CD-ROM (ISBN 978-989-95891-9-3), ficheiro CD atas Lagoa 2012/atasXVIIlagoa2012.pdf, págs. 175-190.

Kemmler, Rolf (2015): «A população de São Miguel em *A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas* (1841)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2015a): *Atas / Anais 2014 XXIII Colóquio da Lusofonia: 27-31 março 2015 Fundão (Castelo Branco, Serra da Estrela, Portugal)*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-05-8), pasta 'DVD ATAS XXIII Fundao', ficheiro 'atas 2015 FUNDAO.pdf', págs. 201-212.

Kemmler, Rolf (no prelo): «O florentino Manuel Borges de Freitas Henriques, o tipógrafo William de F. H. Burgess, e o sonho americano do Cônsul português que se suicidou em Boston em 1873», artigo submetido: *Insulana* ISSN: 0872-6035.

Lobão, Carlos (2011): «A Horta de Mark Twain: Entre o Relance e a Realidade», em: *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* 20, págs. 437-451.

Monteiro, George (2010): «M. Borges de F. Henriques in the United States», em: *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* 19, págs. 443-461.

Twain, Mark (1897): *The Innocents abroad: The New Pilgrims' Progress, being some account of the steamship Quaker City's pleasure excursion to Europe and the Holy Land, with descriptions of countries, nations, incidents and adventures, as they appeared to the author*, Hartford, Conn: American Publishing Company.

##### 52. SANDRA PROSDÓCIMO, GIRA TEATRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



**TOMOU PARTE NOS SEGUINTE COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 17º LAGOA 2012**  
**PARTICIPA NAS SESSÕES DE TEATRO**

**53. SANTA INÊZE DA ROCHA NEIVA SOARES, INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE, RO GRANDE DO SUL, BRASIL - ASSISTENTE PRESENCIAL**



BRAGANÇA 2009

VILA DO PORTO 2011

É SÓCIA DA AICL. TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E DE BRAGANÇA 2009 SANTA MARIA 2011. FUNDÃO 2014

**54. SÉRGIO PROSDÓCIMO, DIRETOR GRUPO GIRA-TEATRO, SANTA CATARINA, ASSISTENTE PRESENCIAL**

**SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO** nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em 05 de novembro de 1966.

Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC;

Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: “A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas”, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro/São Paulo;

Atua como arte-educador no Núcleo de Arte Educação do MASC – Museu de Arte de Santa Catarina/FCC (Fundação Catarinense de Cultura);

Realizador de projetos de luz cênica em teatros e bandas; Ministra oficinas e *workshops* com o tema “A Poética do Corpo”; Músico; Ator; *Performer*;

Gestor cultural; Fundador e Diretor de expansão do Grupo Gira-Teatro. [prosilva2004@yahoo.com.br](mailto:prosilva2004@yahoo.com.br) / +55 48 9997 8290



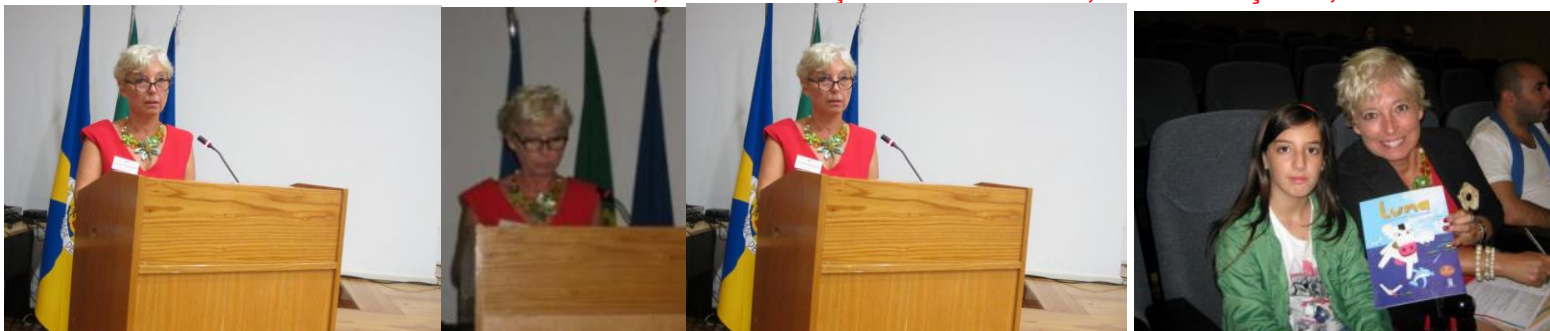
LAGOA 2009

TOMOU PARTE NOS SEGUINTE COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 17º LAGOA 2012

SÓCIO DA AICL. PARTICIPA NAS SESSÕES DE TEATRO

**55. SUSANA SILVA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

56. SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, *ESCRITORA AÇORIANA CONVIDADA*, S. MIGUEL AÇORES,



NO 22º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SEIA 2014.

SEIA 2014

**SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE**

Licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores

Pós-graduada em “Proteção de Menores – Prof. F. M. Pereira Coelho” pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade dos Açores

Mestre em Língua e Literatura Portuguesas, vertente Literatura Infantojuvenil, pela Universidade dos Açores

É técnica superior do quadro de pessoal da Direção Regional da Solidariedade e Segurança social, em Ponta Delgada.

Já publicou diversos contos infantis, diversos artigos em revistas e jornais e já foi coordenadora editorial de uma revista e de vários livros de Atas.

É AUTORA (ENTRE OUTRAS) DAS SEGUINTE OBRAS

2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,

2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, Ed DRIO - Direção Regional da Igualdade de Oportunidades

2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, Ed Instituto Ação Social

2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa, Edição Nova Gráfica

2008, Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores, Ilustrações André Laranjinha, Artes E Letras

2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª ed., Junta de Freguesia de Rabo de Peixe

2009, Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

2009, De outra cor, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO

2009, Um natal encantado, Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

2009, Sou diferente, sou fantástico, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, DRIO

2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, Ed SRTSS, DRIO

2010, O anjo do lago, Ilustrações Fedra Santos, Maia, Ed Livro Direto

2011, Minha querida avó., Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM

[http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07/doc\\_download/1862-caderno-26-susana-teles-margarido.html](http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07/doc_download/1862-caderno-26-susana-teles-margarido.html)

VER VÍDEO HOMENAGEM EM

<http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2028-homenagem-aicl-a-susana-margarido.html>





[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

ver vídeo homenagem em <https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

**SÓCIA DA AICL TOMA PARTE NAS SESSÕES DE POESIA,**

**APRESENTA LIVRO SAHAR, A RAPARIGA DO VÉU**

**PARTICIPOU NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014 E 23º FUNDÃO 2015**

**57. TATIANA SILVA, CORO DE CÂMARA MUS&CANTO + ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**58. TONI SILVEIRA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**59. VICTOR RUI DORES, ESCRITOR, GRACIOSA, CONVIDADO AICL**



**VICTOR RUI RAMALHO BETTENCOURT DORES** Nasceu no dia 22 de maio de 1958 na Vila de Santa Cruz da Ilha Graciosa, Açores.

Em 1968 fixou-se com a família na Ilha Terceira, onde permaneceu 1978, tendo um ano antes concluído o curso liceal no então Liceu Nacional de Angra do Heroísmo. Licenciado em Germânicas pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, é professor do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Manuel de Arriaga e, na cidade da Horta, desenvolve apreciável atividade cultural.

Com vários livros publicados, é poeta, romancista, contista, ensaísta, cronista, crítico literário, e, nos últimos anos, tem-se dedicado à etnomusicologia e à linguística. Colabora regularmente nos jornais, na rádio, na televisão dos Açores e da diáspora e está ligado à atividade teatral como ator e encenador.

Entre setembro de 1997 e julho de 2004 exerceu o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta.



## Atas 24º colóquio da lusofonia –

É, desde 1998, o representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação.

Poeta, escritor, ensaísta e crítico literário, dedica-se ainda à etnomusicologia e aos estudos etnográficos.

No campo da linguística, pesquisa, há mais de 20 anos, os sotaques, as pronúncias e as variantes dialetais das Ilhas açorianas.

Escreve crónicas para jornais e revistas regionais, nacionais e da diáspora e é assíduo colaborador da RTP/RDP AÇORES.

Está ligado à atividade teatral como ator (no grupo de teatro “Carrocel”, de que é também Presidente da Direção) e como encenador (no grupo de teatro “Sortes à Ventura”, da Escola Secundária Manuel de Arriaga, projeto pelo qual é responsável desde 1988 e para o qual escreveu e encenou cerca de quarenta peças).

Entre 2004 e 2007 foi membro da comissão editorial do Boletim do Núcleo Cultural da Horta.

É, desde agosto de 2004, Cidadão Honorário da Ilha Graciosa.

Em julho de 2006 a Câmara Municipal da Horta prestou-lhe homenagem pública pelo seu “contributo na promoção das artes e da literatura no âmbito da cultura local e regional”.

### OBRAS PUBLICADAS.

- 1978. Poemas De Fogo E Mar, Poesia, Horta, Angra Do Heroísmo, Ed autor
- 1979, Na Antologia Cadernos Coletivos De Poesia – Antologia Org. Emanuel Jorge Botelho – Raiz, Suplemento Cultural Do “Correio Dos Açores”, Ponta Delgada, 1 fevereiro 1979.
- 1981, in Antologia O Lavrador De Ilhas, De J H Santos Barros, Angra, DRAC, col Gaivota
- 1982, in Antologia Toda E Qualquer Escrita, De João De Melo, Lisboa, Ed. Vega
- 1983, in Antologia A Questão Da Literatura Açoriana, De Onésimo Teotónio Almeida, Angra, DRAC, col Gaivota
- 1984, in Antologia Poética Dos Açores, 2º vol., De Ruy Galvão De Carvalho, Angra, DRAC, col Gaivota,
- 1987. “Contos Infernais Ou A Efabulação Do Poder”. Ed Signo.
- 1987. Grimaneza, Ou Um Barco Chamado Desejo Contos”. In Jornal De Letras E Artes D.L.
- 1990, De algumas breves impressões sobre alguns escritores açorianos, Separata de Quarto Crescente nº 23, Angra
- 1990, Entre O Cais E A Lancha, Poesia Horta, Ed autor
- 1990, Histórias Com Peripécias, Edição Do Correio Da Horta,
- 1991, À Flor Da Pele, Poesia, Ed autor, Tipografia Correio Da Horta, ed. autor
- 1991, Sobre Alguns Nomes Próprios Recolhidos Na Ilha Graciosa, Ensaio, Separata Do Boletim Do Museu De Etnografia Da Graciosa
- 1994, Folheio Estes Silêncios... Atlântida, Angra Do Heroísmo; Instituto. Açoriano De Cultura. 39:2
- 1999, Histórias Com Peripécias, 2ª ed., Horta, Edição Do Correio Da Horta
- 1999, Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, De Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Ed. Instituto Camões.
- 2000, Açores, As Ilhas Ocidentais - Azores, The Western Islands, Álbum Fotográfico, Parceria com o fotógrafo Karl Heinz Raach, Angra Do Heroísmo, Blu Edições,
- 2000, in Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, org Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Seixo Publishers
- 2000, Bons Tempos, Crónicas, Ed. Do Correio Da Horta
- 2003, in Antologia On A Leaf Of Blue: Bilingual Anthology Of Azorean Contemporary Poetry, Tradução E Org. De Diniz Borges Institute Of Governmental Studies Press/University Of California, Berkeley
- 2003, A olhar para cima, filme, teatro
- 2004, A Casa Das Rugas, Lisboa, Campo Das Letras
- 2004, *Vitorino Nemésio e a cidade da Horta*, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 13
- 2004, in Antologia Nem Sempre A Saudade Chora – Antologia De Poesia Açoriana Sobre Emigração, Seleção, Introdução E Notas De Diniz Borges Edição Da Direção Regional Das Comunidades
- 2005, Fátima Toste, Porto Pim do meu encanto, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, João Gomes Vieira, O Homem e o Mar, os açorianos e a pesca longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Onésimo Teotónio de Almeida, Onze prosemas, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Cristóvão de Aguiar, Nova Relação de Bordo, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, A Valsa Do Silêncio, Horta, Ed autor, Nova Gráfica

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

- 2005, Sobre “Trasfega” de Cristóvão de Aguiar, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Sobre “Da Condição Humana em As Coisas da Alma, de João de Melo, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Na Antologia “Xx3x20” 20 Pinturas/20 Melodias/20 Poemas, Direção Regional Da Cultura, Açores
- 2007, in Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry, John M K Kinsella, Gávea-Brown Publications, Providence, Rhode Island Publications, Providence, Rhode Island
- 2009, A Graciosa Ilha, Álbum Fotográfico, parceria com o fotógrafo José Nascimento F. Ávila, Edição Câmara Municipal De Santa Cruz Da Graciosa, Nova Gráfica,
- 2010, Crónicas Insulares, Nova Gráfica, ed autor
- 2011, Crónicas Insulares, 2ª ed, Gráfica O Telégrafo, Horta, ed autor
- 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2014, Faial of the faias, tradução de Katharine F. Baker e Bobby J Chamberlain i
- No Prelo, Ilhas Do Triângulo, Coração Dos Açores A viagem de Jacques Brel,
- No Prelo, Mulher Nua Em Contraluz, Novela  
(Pré-publicação dos primeiros capítulos da novela **Mulher Nua em contraluz**, de Victor Rui Dores

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

VER VÍDEO HOMENAGEM EM

<https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

#### TEMA 1.1. DA MINHA GRACIOSENSIDADE

Sou graciosenses com muito orgulho e saudade. Um dia saí da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim. Esta é uma ilha que navega dentro de mim e que, de alguma forma, carrego às costas. Por isso mesmo criei, em 2006, o conceito da GRACIOSENSIDADE, por decalque de “açorianidade”, de Vitorino Nemésio, que, por sua vez, havia decalcado de “hispanidad” de Miguel de Unamuno.

GRACIOSENSIDADE é o meu apego, o meu amor incondicional, a minha identidade e identificação com a Ilha Graciosa e com o imaginário graciosense.

Na minha intervenção lançarei alguns olhares sobre a história, a geografia, a onomástica, os usos, costumes e tradições da Ilha Graciosa, sendo meu propósito caracterizar as marcas de uma maneira de ser e estar graciosenses.

#### *Da Minha Graciosidade*

Não é impunemente que se nasce na segunda mais pequena Ilha dos Açores, onde a terra é pouca, o mar é vasto e o sonho é enorme...

Por isso faço, desde já, uma declaração de interesses: sou graciosense com muito orgulho e saudade.

A Graciosa faz parte da minha memória primeira e do meu imaginário afetivo. Foi nesta ilha que despertei para a vida, para o mundo e para o conhecimento das coisas.

Saí um dia da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim – ela navega em mim, carrego-a dentro de mim. Por isso mesmo sinto o direito e o dever de reivindicar aquilo que, dentro e fora de fóruns de debate, tenho vindo a chamar de *graciosidade*, conceito que criei a partir de açorianidade, de Vitorino Nemésio. E a minha *graciosidade* é precisamente o meu apego e o meu amor incondicional pela Ilha Graciosa, é a minha marca de identidade e de identificação com o espaço graciosense.

A Graciosa, com 61 km<sup>2</sup> e 4.390 habitantes, é de todas as Ilhas dos Açores a menos montanhosa e húmida. “Ilha branca” lhe chamaram, ao que se julga saber devido à abundância de traquito, a rocha que vista ao longe terá dado a impressão de ser branca aos olhos dos nossos primeiros povoadores. Daí a toponímia da Ilha: Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

Esta ilha seduz o visitante pela sua paisagem feita de planuras, montes arredondados cobertos de árvores, vinhas entre paredes de pedra negra, campos de cultivo e a presença constante do mar. O conceito da Natureza intocada aplica-se aqui às mil maravilhas. Possuindo um dos mais ricos ecossistemas do mundo, a Graciosa é, desde 2007, Reserva da Biosfera declarada pela UNESCO.

Se o leitor quiser fazer uma “viagem ao centro da terra”, não se fique pelo Júlio Verne e vá visitar a inquietante beleza da Furna do Enxofre, fenómeno vulcanológico raro e geologicamente único no mundo. Trata-se de uma depressão existente no subsolo da Caldeira – cratera de um antigo vulcão – onde se dá um fenómeno de libertação de gases sulfurosos provenientes de uma massa fluída em permanente ebulição localizada no interior mais recôndito da caverna. Comunica com o exterior através de duas aberturas, e em 1939, na maior delas, foi construída por um simples mestre pedreiro, sob a orientação do tenente Manuel Severo dos Reis, uma imponente escadaria (em caracol) de acesso, em alvenaria aparelhada, hoje apontada como um exemplo feliz em termos de engenharia ambiental. Durante muito tempo, e antes da sua construção, quem quisesse conhecer a Furna tinha que descer amarrado pela cintura.

O naturalista Fouqué, em 1873, e o príncipe Alberto de Mónaco, a partir de 1879, foram os primeiros a estudar a Furna, chamando a atenção da comunidade científica internacional para o seu interesse e originalidade.

Descendo os 184 degraus da referida escadaria, deparamos com um profundo túnel com cerca de 100 metros de profundidade. No fundo, uma enorme gruta, com abóbada de 80 metros de altura, revestida de estalactites e um lago subterrâneo, de água fria e sulfurosa, com cerca de 130 metros de diâmetro e 15 metros de profundidade máxima.

Um assombro! “Catedral de lavas ínvias”, chamou Vitorino Nemésio a este assombro. (“Vulva vulcânica” lhe chamei eu num poema). E se Raul Brandão, na sua viagem efetuada pelo Açores em 1924, tivesse desembarcado na Graciosa, tenho a impressão que o livro *As Ilhas Desconhecidas* teria mais um capítulo...

Emoldurada por vistosos moinhos de vento, Santa Cruz, situada na costa norte e sede do concelho, é uma Vila pitoresca com ruas desafogadas e belos exemplares de edificação senhorial – soberbas casas solarengas que pertenceram a gente que, no século XIX, enriqueceu à custa das duas grandes produções da ilha: vinho e cereais. O traçado da rede urbana é harmonioso, reflexo de um desenvolvimento pensado e não caótico. No centro da Vila existem dois pauis (tanques) murados que se destinavam à recolha da água das chuvas e que noutros tempos eram utilizados como reservatório de água para o gado. Em frente, encontra-se uma ampla praça – Rossio – com um maciço de araucárias, ulmeiros e metrosíderos que oferecem beleza e frescura.

A hoje denominada Praça Fontes Pereira de Melo é o salão de visitas da Vila, espaço acolhedor de lazer e convívio, sendo de apreciar o empedrado artístico da sua calçada. E depois há a Igreja Matriz com fachada ornada por grossos motivos barrocos de pedra basáltica. O templo guarda os famosos Painéis Quinhentistas, possivelmente da autoria de Cristóvão de Figueiredo, valiosas peças com projeção nacional e internacional. Apesar das suas pequenas dimensões, a Graciosa possui atualmente 10 igrejas e 22 ermidas, o que constitui um importante património religioso.

A sul de Santa Cruz localiza-se São Mateus (Praia), numa zona plana e abrigada, estruturando-se a partir de uma via marginal que constitui o eixo de uma pequena estrutura urbana. Na rua marginal, defronte para a praia, existe uma linha bem organizada de edifícios, de cores claras e fachadas simples, dando um ar de homogeneidade ao conjunto.

A Praia alberga o porto de passageiros e carga da Graciosa, e o seu ilhéu reveste-se de especial importância como habitat de aves marinhas pelágicas.

As freguesias de Guadalupe e Luz são típicas povoações rurais com casas brancas rodeadas de campos de cultivo. Na Luz encontram-se as famosas Termas do Carapacho, descobertas em 1750, cujas águas (cloretadas, sódicas, sulfatadas e cálcidas) são recomendadas para tratamento de nevralgias, doenças reumáticas e de pele. Aqui se faz termalismo de excelência.

Os graciosenses cumprem, na sua ilha, ciclos e ritos ancestrais – nessa subtil fronteira que separa o sacro do profano. E, dotados de uma alegria de viver, mantêm bem vivas as tradições populares: uma especial apetência pela festa, pela folia e pela música, com um gosto muito especial por animadíssimos bailes de salão, sendo de destacar um peculiar baile antigo (baile mandado). Mas a ilha marca outras diferenças: possui uma onomástica *sui generis*; uma forte tradição pianística; o seu Carnaval (com nítida influência brasileira) é caso único em Portugal porque tem a duração de 3 meses e não de 3 dias...

E mais: existem duas cantigas populares genuinamente graciosenses: “José” e “Terceira”. A gastronomia é de primeiríssima água e a doçaria não tem igual: queijadas, pastéis de arroz, para já não falar das dulcíssimas meloas...

A Graciosa já teve mais vinho do que água. Por isso continuamos hoje a apreciar os seus brancos e verdes, bem como as aguardentes envelhecidas durante 14 anos em cascos de carvalho. E convém destacar a andaiá, bebida licorosa caseira, que tem origem no Brasil e foi trazida para a Graciosa no século XIX por emigrantes graciosenses.

De facto, uma ilha pequena como esta luta para ser diferente. Só mais três exemplos: a Graciosa é hoje a capital dos Açores no que à fotografia subaquática diz respeito; o município de Santa Cruz lidera o *ranking*, a nível nacional, de recolha seletiva de papel e cartão; a ilha está a dar passos decisivos nas energias renováveis.

Os graciosenses, no seu modo de viver pacato e ordeiro, são afáveis, alegres, hospitaleiros e comunicativos, sempre disponíveis para os comes e bebes... E esta é sem dúvida uma maneira de ser feliz.

Victor Rui Soares



**60. MONSENHOR (CARLOS FILIPE) XIMENES BELO, CONVIDADO AICL, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, TIMOR, PRÊMIO NOBEL DA PAZ 1966**



**DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO** (Uailacama, Baucau, Timor-Leste, 3 de fevereiro de 1948) é um Bispo católico timorense que, em conjunto com José Ramos-Horta, foi agraciado com o Nobel da Paz de 1996, pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste".

Quinto filho de Domingos Vaz Filipe e de Ermelinda Baptista Filipe, Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu na aldeia de Uailacama, concelho (hoje distrito) de Baucau, na costa norte do então Timor Português.

O seu pai, professor primário, faleceu quando o jovem Carlos Filipe tinha apenas dois anos de idade.

Os anos de infância foram passados nas escolas católicas de Baucau e Ossú, antes de ingressar no Seminário de Dare, nos arredores de Díli, formando-se em 1968.

Excetuando um pequeno período entre 1974 e 1976 -- quando esteve em Timor e em Macau --, entre 1969 e 1981, Ximenes Belo repartiu o seu tempo entre Portugal e Roma, onde se tornou membro da congregação dos Salesianos e estudou filosofia e teologia antes de ser ordenado Padre em 1980.

De regresso a Timor-Leste em julho de 1981, Ximenes Belo esteve ligado ao Colégio Salesiano de Fatumaca, onde foi professor e diretor.

Quando em 1983 se reformou Martinho da Costa Lopes, Carlos Filipe Ximenes Belo foi nomeado administrador apostólico da Diocese de Díli, tornando-se chefe da Igreja em Timor-Leste, respondendo exclusivamente perante o papa.

Em 1988, em LORIUM, Itália, foi consagrado como Bispo.



MAIA 2013

**4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005**

A nomeação de Ximenes Belo foi do agrado do núncio apostólico em Jacarta e dos próprios líderes indonésios pela sua aparente submissão.



No entanto, cinco meses bastaram para que, num sermão na sé catedral, Ximenes Belo tecesse veementes protestos contra as brutalidades do massacre de Craras em 1983, perpetrado pela Indonésia.

Nos dias de ocupação, a Igreja era a única instituição capaz de comunicar com o mundo exterior, o que levou Ximenes Belo a enviar sucessivas cartas a personalidades em todo o mundo, tentando vencer o isolamento imposto pelos indonésios e o desinteresse de grande parte da comunidade internacional.

A sua primeira entrevista a um órgão de comunicação, sob a ocupação indonésia, foi dada a Chrys Chrystello em agosto 1988 para a LUSA, RDP e TDM. Outras se seguiriam entre 1988 e 1993.

Em fevereiro de 1989 Ximenes Belo escreveu ao Presidente de Portugal, Mário Soares, ao papa João Paulo II e ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, reclamando por um referendo sob os auspícios da ONU sobre o futuro de Timor-Leste e pela ajuda internacional ao povo timorense que estava "a morrer como povo e como nação".

No entanto, quando a carta dirigida à ONU se tornou pública em abril, Ximenes Belo tornou-se uma figura pouco querida pelas autoridades indonésias.

Esta situação veio a piorar ainda mais quando o Bispo deu abrigo na sua própria casa a jovens que tinham escapado ao massacre de Santa Cruz (1991) e denunciou os números das vítimas mortais.

A sua obra corajosa em prol dos timorenses e em busca da paz e da reconciliação foi internacionalmente reconhecida quando, em conjunto com José Ramos-Horta, lhe foi entregue o Nobel da Paz em dezembro de 1996. (in *Wikipédia*)

*TEMA 3.8 - Bispos e sacerdotes açorianos em Timor-Leste, Dom Carlos Filipe Ximenes Belo*

Celebra-se no corrente ano de 2015 o quingentésimo aniversário da entrada das primeiras naus portuguesas nas povoações costeiras da Ilha de Timor. Ao longo de cinco séculos Timor-Leste e Portugal estiveram unidos por laços históricos, culturais e religiosos. E para a construção da lusofonia e do contacto entre os dois povos tiveram papel importante centenas de missionários portugueses: frades dominicanos (1556-1834); sacerdotes seculares das várias dioceses de Portugal Continental, Açores, Índia Portuguesa e Macau (1875-1975).

Para o relacionamento de Timor com o mundo exterior tiveram papel relevante mercadores de vários países. Vamos apenas apresentar três fontes principais: a chinesa, a holandesa e a portuguesa.

As primeiras referências a Ilha de Timor datam de 1225 e foram dadas por um inspetor chinês do comércio exterior, Chau-u-Kua, segundo o qual

*"Timor era um local rico em sândalo".*

A outra referência é do ano de 1350. Nesse longínquo ano um chinês de nome Tao-i-chin Lueh fez a descrição da Ilha de Timor.

*"Nas montanhas (de Timor) não crescem outras árvores que não sejam sândalo, que é muito abundante. É trocado por prata, ferro, chávenas, tecido e tafetás coloridos dos países orientais. Há na totalidade doze locais que se chamam portos".*

Os registos da dinastia Ming são eloquentes descrevendo Timor como uma ilha coberta de madeira aromática, tendo pelo menos dez locais de desembarque onde os mercadores chineses aportavam. Nessa mesma época foi aberta por marinheiros chineses, uma rota marítima direta para Timor. E a terceira referência data do ano 1430. Num manuscrito anónimo refere que a Ilha de Timor era o destino mais ao sul de cerca de 100 viagens. Nesse manuscrito, a palavra 'Timor' 'Ch'in-Wen' e Cupão (Kupang), a atual capital de Timor Ocidental, dizia-se "Chu-pang". Outra fonte ainda relata que

*"as montanhas de Timor estavam cobertas de árvores de sândalo, e o país nada mais produzia".*

Historiadores holandeses determinaram que na época do império javanês de Srivijaya (por volta do séc. X, d.C.) o sândalo de Timor era transportado até ao estreito de Malaca e daí, para Índia e China.

Os navegadores portugueses chegaram às Ilhas da Insulíndia, depois da conquista de Malaca, por Afonso de Albuquerque em Agosto de 1511. Depois da Conquista de Maca Albuquerque recebe do rei de Portugal, Dom Manuel I (1495-1521), ordens para enviar uma expedição às Ilhas Molucas a fim de determinar em que lado do meridiano se situavam e estabelecer relações com os governantes locais e assegurar o monopólio português sobre o comércio das especiarias (noz-moscada, cravinho da Índia, pimenta, canela e do sândalo).

Dos estudos feitos em vários documentos da época e outros posteriores, sabe-se que a rota pela armada de António de Abreu não incluía a Ilha de Timor. Por outro lado, os mercadores portugueses sabiam que de Timor provinha a madeira do sândalo branco, pois Jorge de Brito Patalim, governador de Malaca, numa carta dirigida a Dom Manuel I, em 6 de janeiro de 1514 afirmava: ~

*"A Timor quisera mandar e por não ter junco não foram esta monção, lá para o ano, prezando a Nosso Senhor irão lá para trazerem o sândalo; é muito boa navegação".*

Em carta da mesma data, e dirigida ao mesmo monarca, aquele governador de Malaca afirmava:

*"Timor é uma ilha de além de Java, tem muito sândalo, muito mel, muita cera, não tem juncos para navegar; é ilha grande de cafres, por não haver juncos não foram lá".*

Sobre a chegada dos mercadores portugueses a Timor, escreve o Comandante Humberto Leitão, na sua obra Solor e Timor

*”Pelo interesse que esta ilha esta merecendo ao capitão de Malaca, é crível que não deixasse de ser despachada, em fins daquele ano de 1514, um navio para Timor, que seria portanto, o primeiro a efetuar tal viagem levando capitão e tripulantes portugueses. Sendo assim, o navio deveria ter chegado a Timor em princípios de 1515”.*

Em 1516, conforme narra Geoffrey Gunn, chegaria o mercador Jorge Fogaça às águas de Timor para carregar o sândalo, e que pela recusa dos nativos, Fogaça teria usado força para obrigar o fornecimento da madeira.

Na sua *Obra Summa Oriental*, Tomé Pires escreve:

*“Os mercadores malaios dizem que Deus criou Timor para o sândalo, Banda para a noz-moscada e Molucas o cravo-da-índia e que estas mercadorias não se encontram em nenhuma parte do mundo”.*

Entretanto, no mês de janeiro de 1522, sulcava as águas de Timor a Nau Vitória comandada pelo espanhol Juan del Cano, proveniente das Filipinas e que depois de carregar as especiarias nas Ilhas Molucas, iria regressar a Sevilha. Esse facto deveu-se à necessidade de prover a tripulação de víveres.

O cronista italiano António Pigafetta relata no seu diário que na costa sul de Timor vivam quatro Reis que eram irmãos e governavam sobre as casas reais de Camenasse, Suai, Oebico e Liqikisa. Desde essa data até 1556, as crónicas lusas mantêm um grande silêncio sobre Timor. O centro do poder gravitava à volta de Malaca e Ambon. Presume-se que as naus continuavam a aportar as costas norte e sul da ilha em demanda do sândalo, mel e ouro. Também nada sabemos sobre o estabelecimento de feitorias nas povoações costeiras. Nestes quinhentos de encontro económico histórico, cultural e religiosos, tiveram papel importante nos séculos XIX e XX, Bispos e sacerdotes açorianos.

Foi em 1874, que a Santa Sé decidiu agregar à Diocese de Macau as Missões católicas de Timor. Um Bispo açoriano, natural da Ilha de São Jorge, tornou-se o primeiro Bispo de Macau e Timor. Embora nunca tivesse estado em Timor, mandou para aquela ilha, em março de 1875, sete missionários que deram vida as antigas Missões dos dominicanos.

Para este estudo, apraz-me registar a ação de três Prelado açorianos: Dom João Paulino de Castro, Dom José da Costa Nunes e Dom Jaime Garcia Goulart.

1. - Dom João Paulino de Azevedo e Castro

Em substituição do Bispo Dom José Manuel de Carvalho, a Santa Sé nomeou para Bispo de Macau, a 9 de Junho de 1902, o Padre João Paulino de Azevedo e Castro, então vice-reitor do Seminário de Angra (Açores).

Dom João Paulino nasceu na Vila de Lajes, Ilha do Pico, Açores, no dia 4 de Fevereiro de 1852. Era filho de Amaro Adriano de Azevedo e Castro, que ao tempo era administrador do concelho e abastado proprietário, e da senhora Dona Maria Albina de Azevedo e Castro.

O senhor Amaro Adriano faleceu a 13 de outubro de 1899, com a idade de 77 anos, deixando sete filhos, entre os quais se contava o futuro Bispo de Macau. A esposa do senhor Amaro, Dona Maria Albina, faleceu no dia 29 de outubro de 1879, com 59 anos de idade, um mês depois de ter tido a satisfação de assistir à primeira missa de seus dois filhos João Paulino e Francisco Xavier.

O jovem João Paulino cursou a instrução primária na Vila natal, depois frequentou o Liceu da Horta (Faial). Tinha então 17 anos e, terminados aqui os estudos, matriculou-se na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, doutorando-se em Teologia, em julho de 1879.

Foi ordenado presbítero em Angra, no dia 31 de Agosto de 1879, pelo Bispo de Angra do Heroísmo, Dom João do Amaral. Lecionou no Seminário de Angra, regendo as cadeiras de filosofia, Teologia, História Eclesiástica e Direito Canónico. Em 1888, foi nomeado reitor do Seminário, a que ele deu grande desenvolvimento material e moral, elevando o número de alunos para 150.

Com a transferência do Bispo Dom José Manuel de Carvalho para a Diocese de Angra, ficou vaga a sede episcopal de Macau. Para aquela Diocese o rei de Portugal, Dom Carlos I, propôs à Santa Sé o nome do reitor do Seminário de Angra.

Sua Santidade o Papa Leão XIII, a 9 de Junho de 1902, pelas bulas, confirmou Dom João Paulino como novo Bispo de Macau.

Aos dias 27 de Dezembro, foi sagrado Bispo na Igreja de São Francisco, então anexa ao Seminário. Foi Bispo sagrante Dom José Manuel de Carvalho, assistido pelo deão do cabido Dr. Reis Fisher e por monsenhor Ferreira, cónego da sé e protonotário apostólico.

Por alvará de 4 de janeiro de 1903, o novo Bispo constituiu o cónego Francisco Pedro Gonçalves, antigo missionário em Timor, seu bastante procurador para em seu nome tomar posse da cadeira episcopal da Sé de Macau. Dom João Paulino partiu de Lisboa, em 23 de março de 1903, e chegou a Macau no dia 4 de Junho do mesmo ano, tomando logo a seguir posse pessoal da Diocese. A 17 de julho de 1903, publicava e fazia distribuir a sua primeira pastoral ao clero.

Em 1904, vai a Singapura e lança a primeira pedra da Igreja de São José da Missão Portuguesa. Em 1905, Dom João Paulino visitava a longínqua possessão de Timor. Neste território entabulou negociações com o governador da colónia para a criação de uma escola agrícola, que seria entregue à direção dos Salesianos, mas a implantação da República veio transtornar os planos.

Ao longo do ano de 1917, Dom João Paulino vinha sofrendo de uma doença grave, que suportava com muita resignação. Em consequência dessa doença, viria a falecer no dia 17 de Fevereiro de 1918, na residência da Penha, em Macau. O corpo foi sepultado na gruta da Penha, sendo mais tarde trasladado para a sua terra natal, Lajes, na Ilha do Pico;

## Atas 24º colóquio da lusofonia –

os restos mortais repousam no cemitério das Lajes. Dom João Paulino de Azevedo e Castro governou a Diocese de Macau durante 18 anos, desde 19 de Fevereiro de 1903 até 17 de Fevereiro de 1918. Deixou, além dos vários documentos, a obra Os Bens das Missões Portuguesas na China.

### 2.1. O Bispo Dom João Paulino de Azevedo e Castro e as Missões de Timor

Por provisão de 17 de julho de 1903, fundou o “Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau”. O Prelado criou esse órgão oficial da Diocese para que “*servisse para o clero se orientar de interesses emanados da Santa Sé e todo o movimento religioso da Diocese a par de outros assuntos de caráter geral*”.

Em relação às Missões de Timor, o Bispo de Macau deu todo o impulso, com o aumento do número de sacerdotes e o aumento do pessoal docente nas escolas. Incentivou a abertura de Missões e a construção de capelas e igrejas e de edifícios escolares.

Apoiou o aumento de pessoal missionário. Por portaria régia, foram nomeados missionários saídos do Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim; muitos deles foram destinados para a colónia de Timor.

Em Agosto de 1905, Dom João Paulino realizava a sua primeira visita pastoral ao distrito de Timor. Embarcou de Hong Kong no navio Empire, da Companhia “Eastern” Austrália. Depois de seis dias de viagem, o Empire aportava na baía de Díli, na manhã de 16 de Agosto. No dia 24 de Agosto, visitou a Igreja Matriz, onde rezou a missa e crismou 300 pessoas. Dois dias depois voltou ao Colégio de Santa Júlia e de São José e crismou 120 meninas. Nas semanas sucessivas, o Bispo percorreu a colônia e visitou algumas Missões, rezando a missa e administrado o sacramento da confirmação.

No dia anterior, 30 de outubro, fez publicar o decreto que corrigia a provisão de 15 de novembro de 1900, do Bispo Manuel de Carvalho, acerca da divisão do Território de Timor em duas Missões centrais. Em 1910, deu-se a proclamação da República em Lisboa e posteriormente a publicação da Lei da Separação, que trouxe consequências para Timor.

No dia 11 de novembro de 1906, chegava a Timor um dos missionários que iam permanecer no território um longo período: tratava-se do Padre Francisco António Durão Quintão. Uma vez chegado a Timor, foi colocado na Missão de Soibada, onde trabalhou até ao ano de 1907, em que foi transferido para a Missão de Lacluta. Após algum tempo, mudou-se para Luca e, em janeiro de 1908, foi transferido para Bobonaro; em 1910, foi transferido para Atsabe;

Em 1911, o Bispo de Macau, não podendo visitar Timor, delegou essa tarefa no visitador Padre José da Costa Nunes. Em 1912, deflagrou em Same a revolta conhecida como “Revolta de Manufahi”, desencadeada pelo régulo Dom Boaventura Fernandes.

Em 1916, o missionário de Alas, Padre Manuel Mendes Laranjeira, publicou uma Cartilha-Tétum, que foi adotada como método oficial para as escolas de Timor.

### 2.2. Decreto de 30 de outubro de 1905, sobre a divisão do território da colónia de Timor em duas circunscrições eclesiais.

No dia 30 de outubro, na sede da missão central, Dom João Paulino redigiu a provisão, corrigindo as áreas dos dois vicariatos, norte e sul. Foi este o teor da provisão:

*D. JOÃO PAULINO D’AZEVEDO E CASTRO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Macau, do Conselho de Sua majestade Fidelíssima, Bacharel formado na Sagrada Teologia pela Universidade de Coimbra &*

*Ao muito Reverendo Clero e fiéis das Missões portuguesas de Timor, saúde e bênção em Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador.*

*Tendo a experiência demonstrado que a divisão eclesial da Ilha de Timor, na parte sujeita ao domínio de Portugal, ordenada por Decreto do Nosso Antecessor Dom José Manoel de Carvalho, de saudosa memória, datada de 15 de novembro de 1900, não é a mais conforme às exigências do serviço das Missões, por causa das grandes distâncias e outras dificuldades de comunicações entre as sedes das duas circunscrições e algumas das Missões a ellas respetivamente sujeitas;*

*E entendendo que a melhor divisão será a que mais se coadunar não só com a divisão natural e condições topographicas da ilha, adotadas em parte para base de que até ao presente tem estado em vigor, mas também com a divisão politica e administrativa e com os melhoramentos materiaes que sucessivamente se estão realizando em ordem a estabelecer-se mais fácil e prompta comunicação entre os diferentes lugares:*

*Havemos por bem ordenar o seguinte:*

*art.º 1.º Subsiste a divisão do território portuguez da Ilha de Timor em duas circunscrições eclesiasticas, a do norte com a séde em Lahane nos suburbios de Dilly, e a do sul com séde em Soibada no Reino de Samoro.*

*art.º 2.º Uma linha divisória que se extenda longitudinalmente pelo extremo norte dos reinos de Bibiluto (ora extincto), Viqueque e suas jurisdições, Lacluta, Barique, Laclubar, jurisdições de Samoro, Turiscaí, Bibissuço, Tutuluro, Manufahi, Atsabe, Ermera, Mahubo, e voltando na direção do sul siga pelo extremo oeste de Deribati, Marobo, Lamaquitos e mais reinos que confinam com a fronteira hollandeza até Suai, marcará d’ora avante o limite entre as duas circunscrições, de sorte que todos os reinos situados entre a referida linha e o mar do sul ficarão pertencendo à circunscrição do sul e todos os demais, incluindo o d’Oe-cussi, à circunscrição do norte.*

*art.º 3.º Cada uma d’estas circunscrições constituirá para todos os effeitos um vicariato geral cuja séde será para cada um a da respetiva circunscrição.*

art.º 4.º À medida que as circunstâncias o permitirem ir-se-hão constituindo em cada uma das circumscrições novos centros de missão além dos já existentes, devendo cada missão ter uma área determinada para que os respetivos missionários saibam até onde lhes cumpre exercer o seu zelo e atividade em prol da difusão da religião, christianisação e santificação das almas.

*Registe-se para os devidos efeitos em Nossa Câmara Ecclesiastica.*

*Dada em Timor, em a Nossa residencia de Lahane, aos 30 dias de outubro de 1905.*

*+ João Paulino, Bispo de Macau*

*L.+ S.*

*Registado no livro competente.*

*Arced. Guilherme Francisco da Silva, Secretario da Câmara Ecclesiastica.*

Esta provisão foi passada em Timor, por ocasião da primeira visita pastoral do Bispo à colónia de Timor.

Com este decreto, ficaram assim agrupadas as Missões de Timor:

I – Vicariato do norte, com a sede na missão de Lahane, abrangendo as seguintes áreas ou territórios: 1. Missão de Lahane, escola e paróquia de Díli; 2. Missão de Manatuto; 3. Missão de Lacló; 4. Missões de Laleia e Vemasse; 5. Missão de Baucau, incluindo Fatumaca, Venilale e Ossú, e toda a zona leste de Lautém; 6. Missão de Maubara e Liquiça; 7. Missão de Fatomassi (Bazartete); 8. Missão de Oé-cusse.

II – Vicariato sul ou Contracosta, com a sede em Soibada, no Reino de Samoro, abrangendo as seguintes Missões: 1. Soibada; 2. Barique; 3. Viqueque; 4. Lacluta e Luca; 6. Bibissuço; 7. Alas; 8. Same; 9. Suro; 11. Bobonaro; 12. Lacló (Atsabe); 13. Ermera; 14. Fatubessi; 15. Balibó.

#### *2.1- Dom José da Costa Nunes*

Em Fevereiro de 1918 falecia em Macau o Bispo Dom João Paulino de Azevedo e Castro. Em 22 do mesmo mês, o cabido da sé nomeou Vigário capitular o Padre José da Costa Nunes, o qual em 1920 foi nomeado Bispo de Macau e de Timor.

Dom José da Costa Nunes era filho de José da Costa Nunes e de Dona Francisca Felizarda de Castro e nasceu a 15 de março de 1880 na Candelária, Ilha do Pico, Açores. Fez os estudos no Seminário de Angra. Frequentava o 3.º ano de Teologia quando o Bispo eleito de Macau, Dom João Paulino de Azevedo e Castro, o convidou a ir para Macau como seu secretário. Ali, feitos os exames, recebeu das mãos de Dom João Paulino, na capela do Paço Episcopal, o subdiaconado no dia 19 de julho de 1903; no dia 25, recebeu o diaconado, na Igreja de Santo Agostinho; recebeu a ordenação de presbítero no dia 26 de julho de 1903.

Celebrou a sua missa nova na mesma Igreja, no dia 31 de julho. Pela portaria régia n.º 160, foi nomeado missionário do Padroado Português do Oriente e missionário em Macau. Em 1906, com apenas 26 anos de idade, ficou Vigário-geral da Diocese de Macau, em substituição do cônego Gonçalves. Em 3 de abril de 1907, foi eleito governador do bispado, na ausência de Dom João Paulino.

Por provisão de 1 de julho de 1911, transferiu-se para Malaca e dali para Timor, a fim de ali visitar as Missões, em nome do Bispo da Diocese de Macau, visto este não poder fazê-lo pessoalmente. Visitou Timor desde julho até ao mês de Setembro de 1911. Em 6 de maio de 1915, foi nomeado vice-reitor do Seminário de Macau. Em 22 de Fevereiro de 1918, ficou Vigário capitular sede vacante. Em 23 de novembro de 1920, o governador de Macau comunica-lhe que, por decreto de 20 do mesmo mês, fora nomeado Bispo de Macau, sendo confirmado no Consistório de 16 de Dezembro de 1920.

Dom José da Costa Nunes recusa tal dignidade e, a fim de convencer a Santa Sé a aliviá-lo de tamanha responsabilidade, empreende uma viagem a Roma. Na audiência havida com o Papa, Bento XV não consentiu no propósito apresentado pelo Bispo eleito. Em 20 de novembro de 1921, é-lhe conferida a sagração episcopal na Matriz da Horta (Faial), sendo Bispo sagrante Dom Manuel Damasceno, Bispo de Angra. Em 4 de Junho de 1922, fazia a entrada solene na sede da Diocese, tomando posse dela no mesmo dia. Em 21 de março de 1924, parte para Hong Kong, e dali para Timor, em visita pastoral, e visitou algumas Missões do interior.

Antes de voltar para Macau, decidiu reunificar os dois vicariatos num só e nomeou um novo Vigário-geral. Deixou instruções para a fundação da Escola de Professores-Catequistas, do Colégio de Santo António de Dare, da Escola de Artes e Ofícios. Dom José da Costa Nunes realizou a segunda visita pastoral em 1926.

Uma das medidas que tomou foi a de entregar a Escola de Artes e Ofícios de Díli aos Salesianos. Em 1933, realizou a terceira visita pastoral a Timor. Em Junho de 1937, realiza a quarta e última visita às Missões de Timor. Contava o Bispo de Macau 60 anos e 9 meses quando, em 11 de Dezembro de 1940, Pio XII o transferiu de Macau para a Índia portuguesa como Arcebispo metropolitano e Patriarca das Índias Orientais.

#### *2.2. A sua ação pastoral em Timor*



Desde a proclamação da República em 1910 e desde a guerra de Manufahi (1911-1912), as Missões de Timor estavam num estado de estagnação. Dessa situação dá-nos conta o Padre Abílio José Fernandes, missionário em Timor e mais tarde Vigário-geral das Missões:

*“Quando em 1924 visitou Sua Excia Revma, pela primeira vez, como Prelado, as Missões de Timor, estas, devido a múltiplas causas, encontravam-se em estado deveras lamentável (...) As Missões de Timor estavam divididas em dois Vicariatos Gerais. Um abrangia a parte norte da Colónia, com a sede em Lahane, e outro, a parte sul, com exceção das Missões de Ermera e Batugadé, com a sede em Soibada. À frente do primeiro havia 20 anos, esteve um sacerdote de vida austera e impoluta, mas fisicamente incapaz de cavalgadas imprescindíveis para o bom governo das Missões. O Vigário-geral do sul muito mais novo, gozava de melhor saúde. Os missionários, escusado é dizê-lo, estavam meio abandonados... Em tais circunstâncias e atendendo ao meio dissolvente de tão afastado rincão do mundo português, não é de admirar o estado em que se encontrava o reduzido pessoal daquelas infelizes Missões. Eis, em poucas palavras, o estado em que o senhor Dom José encontrou estas Missões”.*

Dom José da Costa Nunes, que já tinha visitado as Missões de Timor em 1911 e como Vigário-geral da Diocese de Macau, acompanhava o desenvolvimento ou a estagnação daquela porção da Diocese através das cartas dos dois vigários-gerais de Lahane e de Soibada e iria dinamizar a atividade evangelizadora naquele território com várias e ousadas iniciativas.

Dom José da Costa Nunes fundou a Escola de Professores-Catequistas em Lahane (Dili), em 1924. E em 1936, fundou o Pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima, na Missão de Soibada.

Foi o Bispo Dom José da Costa Nunes que contribuiu para a criação de uma Diocese na Colonia de Timor.

### 3.- Dom Jaime Garcia Goulart

Dom Jaime Garcia Goulart era filho do Sr. João Garcia Goulart e da Sra. Dona Maria Felizarda Goulart. Nasceu na freguesia de Candelária, Ilha do Pico, Açores, em 10 de janeiro de 1908. Aos 13 anos de idade, em 22 de julho de 1921 deixou os Açores indo para Macau, onde frequentou o Seminário de São José.

Ainda aluno do 3.º Ano de Teologia passou a ser secretário do Bispo Dom José da Costa Nunes. Fez o 4º ano de Teologia no Seminário de Angra. Foi sempre aluno de exemplar comportamento e de distinto nível académico. Recebeu as ordens menores e o Subdiaconado em março de 1930 em Macau; o Diaconado em 4 de abril de 1931 na cidade de Angra.

No dia 10 de maio de 1931 recebeu a ordenação sacerdotal, das mãos do Bispo de Macau, Dom José da Costa Nunes, na Candelária do Pico, celebrando a missa nova na mesma freguesia. Foi nomeado missionário do Padroado Português do Oriente no dia 13 de janeiro de 1932. Depois de sacerdote continuou como secretário particular do senhor Bispo D. José da Costa Nunes e lecionando no Seminário e no Liceu de Macau.

No verão de 1933 acompanhou o Prelado na visita pastoral às Missões de Timor. Acabada a visita, manifestou o desejo de trabalhar em Timor. Foi colocado na Missão de Soibada como professor na Escola de Preparação de Professores-Catequistas e como Vigário cooperador da Missão. Mais tarde foi nomeado Superior da Missão de Soibada. Aqui, com a anuência do Bispo de Macau, fundou o pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de outubro de 1936.

Em 8 de setembro de 1937, foi transferido para Macau, voltando a exercer o cargo de secretário particular do Bispo e professor no Liceu (Educação Moral e Cívica) e no Colégio de Santa Rosa de Lima. Em dezembro de 1939, partiu para Portugal em gozo de licença graciosa. Nesse período passou por Goa, Lisboa e Évora consultando os arquivos e recolhendo elementos sobre a história das Missões de Timor. De regresso ao Oriente, foi transferido para Timor, como Vigário geral e Superior, com a nomeação de 22 de janeiro de 1940.

Em 18 de janeiro de 1941 foi nomeado pelo Papa Pio XII Administrador Apostólico da Diocese de Díli. Com a invasão do Território de Timor pelas forças estrangeiras, o Administrador Apostólico tomou a difícil decisão de mandar evacuar para Austrália os missionários e as irmãs canossianas. Encontrava-se Monsenhor Jaime Garcia Goulart na Austrália, quando o surpreendeu a notícia da sua eleição como Bispo da recém-criada Diocese de Díli.

Para a História da Diocese de Díli fica aqui registada a Bula pontifícia.

*Bula da eleição do Administrador Apostólico Jaime Garcia Goulart:*

Pio Papa. Servo dos Servos de Deus

*“Ao dileto filho, JAIME GARCIA GOULART, Administrador Apostólico da Diocese de Díli e Bispo eleito da mesma Diocese, saúde e bênção apostólica. O ofício do Supremo Apostolado pelo qual presidimos a todo o orbe católico, confiado à nossa humildade pelo Eterno Príncipe dos Pastores, impõe-nos o dever de cuidar com a máxima diligência de que presidam a todas as igrejas Prelados tais que saibam e possam apascentar salutarmente, dirigir e governar o rebanho do Senhor que lhe for confiado. Por consequência, como se encontra sem pastor a Igreja de Díli que nós erigimos como catedral sufragânea da Igreja de Goa bela bula munida de selo de chumbo “SOLEMNIBUS CONVENTIONIBUS” do dia quatro do mês de Setembro do ano de mil novecentos e quarenta, Nós, ouvido o parecer dos nossos Veneráveis irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, com autoridade apostólica, elegemos-te para ela e colocamos-te à sua frente como Bispo e Pastor e outrossim confirmamos-te plenamente o cuidado,*

*governo e administração da mesma Igreja com todos os direitos e privilégios, encargos e obrigações inerentes a este múnus pastoral. Queremos, porém, que, observando tudo o mais que é de direito e antes que recebas a consagração episcopal e tomes posse canónica da Diocese que te é confiada, faças profissão de fé católica e os juramentos prescritos, segundo as formulas estabelecidas, nas mãos dalgum Bispo católico da tua escolha que esteja em comunhão e graça da Sé Apostólica, com a obrigação de enviáres, o mais cedo possível, à Sagrada Congregação Consistorial, exemplares dos mesmos com a tua assinatura e a do Bispo e munida de selo.*

*Tendo em vista, além disso, a tua maior comodidade, permitimos-te que possas ser livre e licitamente consagrado Bispo fora de Roma por qualquer Bispo católico da tua escolha a que assistam outros dois Bispos católicos que estejam em graça e comunhão com a Santa Sé Apostólica. Pela presente Bula confiamos o múnus e mandato de te conferir a consagração ao Venerável Irmão Bispo que para tal escolheres. Determinamos, porém, estritamente, que antes de emitir a profissão e os juramentos de que acima falamos, nem tu ouses receber a consagração nem ta dê o Bispo que escolheres sob pena de incorrer nas censuras determinadas pelo direito se desobedeceres a este meu preceito.*

*Alimentamos, por fim, a firme esperança e confiança de que a Igreja de Díli será dirigida utilmente pelo teu desvelo pastoral e indefeso esforço, assistindo-te propícia a dextra do Senhor, e receberá, com o andar do tempo, maior desenvolvimento nas coisas espirituais e temporais.*

*Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos dez de outubro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco – ano sétimo do nosso pontificado.*

Bula do Papa Pio XII para os fiéis de Díli

A sagração episcopal realizou-se no dia 28 de outubro de 1945, na capela do Colégio Eclesiástico de S. Patrício em Manly, nos subúrbios de Sydney. Foi Prelado sagrante o delegado apostólico na Austrália, Arcebispo Dom Giovanni Panico, e atuaram como Bispos consagrantes Dom Norman Gilroy, Arcebispo de Sydney e Dom John Coleman, Bispo de Armidale.

Depois do armistício, a 9 de dezembro de 1945, Dom Jaime Garcia Goulart, o primeiro Bispo residencial, dava entrada na sua nova e destroçada Diocese. Perante a destruição de Timor, após três anos de ocupação nipónica, o Bispo com os seus colaboradores dispôs-se a construir a Diocese. Para essa ingente tarefa, executou o programa inscrito no moto das suas armas “Vince in bono malum” (Rom. 12,21).

Dom Jaime Garcia Goulart governou a Diocese de Díli até 1967, Fundou várias paróquias, abriu dezenas de escolas primárias, erigiu canonicamente o Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima em Dare (Díli).

Hoje, 2015, existem 3 dioceses (Díli, Baucau e Maliana). Em 2014 foi criada a Conferência Episcopal. Tudo isso é fruto da presença dos Bispos e sacerdotes açorianos nas Missões católicas de Timor.

Porto, 31 de agosto de 2015

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo



COM O BISPO DE ANGRA NO COLÓQUIO DA MAIA 2013

MAIA 2013

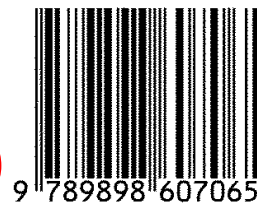


# XXIV COLÓQUIO DA LUSOFONIA

**SANTA CRUZ DA GRACIOSA** 24-27 setembro 2015

ISBN 978-989-8607-06-5

# ATAS/ANAIS



9 789898 607065 ISBN 978-989-8607-06-5